

Boletim Diocesano 2016-2019 Apresentação

Publica-se mais uma edição do Boletim da Diocese da Guarda. Nele queremos registar aqueles eventos e documentos que marcaram o fio condutor da vida da nossa Diocese ao longo dos três últimos anos, de 2016 a 2019.

Propõe-se este boletim chamar estes eventos à memória dos presentes, que neles intervieram de forma variada e também proporcionar memória futura a quantos hão-de continuar a vida e a obra da nossa Diocese e das suas instituições.

Ao longo destes três anos e na sequência da sua preparação que demorou mais de outros tantos, a Assembleia Diocesana de Representantes polarizou fortemente a nossa atenção. Realizou-se no primeiro deles. Com ela quisemos não apenas definir orientações pastorais concretas, mas também e até prioritariamente ensaiar o método do caminho sinodal, sabendo nós ser aquele que mais nos faz crescer em adulthood humana, espiritual e pastoral.

De facto, independentemente dos resultados práticos, o mais importante é envolver neles, o mais possível, todos os diocesanos. Perfilhamos a convicção de que só todos com todos, envolvidos na definição e implementação de objetivos comuns, cumprimos a missão evangélica para que estamos mandatados.

Nesse esforço por fazermos caminhada sinodal, demos alguns passos importantes, mas registamos o muito caminho que ainda temos pela frente. Tivemos oportunidade de verificar que o diálogo e a participação entre pessoas e entre instituições é caminho exigente, moroso e com dificuldades próprias, sobretudo quando tratamos assuntos que nos comprometem e obrigam a ensaiar caminhos novos, onde muitas das nossas certezas são postas em causa.

Por outro lado, não constitui para nenhum de nós novidade a resistência às mudanças, por mais elementares que elas sejam. E mesmo nós sacerdotes, diáconos e outros agentes pastorais somos capazes de perceber bem a necessidade de fazer certas mudanças, mas falta-nos, por vezes, a imaginação, a argumentação e a necessária insistência, a que podemos dar o nome de estratégia, para levar por diante opções feitas em sede própria (como é o caso da Assembleia Diocesana), as quais muitas vezes são inadiáveis

A carta pastoral apresentada no dia da Diocese celebrado a 2.6.2018, a partir das 89 proposições da Assembleia Diocesana, concretizou em cinco grandes eixos as opções pastorais que hão-de orientar a vida da Diocese,

ao longo dos próximos anos, a saber: a vida comunitária, a formação da Fé, a celebração da mesma, a pastoral da caridade e a responsabilidade missionária.

Por outro lado, o esforço de reorganização pastoral, quer contando com os territórios ou com a clara definição das competências dos diferentes serviços diocesanos e sua melhor articulação, quer ainda com a necessária e sempre melhor distribuição dos agentes pastorais, sobretudo dos sacerdotes, foi e continua a ser preocupação dominante no esforço de recepção da nossa Assembleia Diocesana.

Esperamos que, com o funcionamento dos novos arceprestados constituídos na sequência da proposta feita pela Comissão de Reorganização Pastoral da Diocese para o efeito nomeada, possamos começar a definir as novas unidades de ação pastoral, o que implica diretamente com a redistribuição dos serviços paroquiais no terreno, avançando assim para as anunciadas unidades pastorais.

Os serviços diocesanos, também já definidos nas suas competências e necessária articulação, exigem, por si mesmos, trabalho complementar para desenvolverem a sua ação na máxima proximidade com a ação pastoral desenvolvida na base e fazendo propostas que se lhes ajustem devidamente.

Portanto, saímos deste triénio com a obrigação acrescentada de motivar os fiéis das nossas comunidades atuais e as respetivas estruturas de ação pastoral para colaborarem, o mais possível, no esforço conjunto para a definição territorial das novas unidades pastorais em processo de constituição e a conseqüente reorganização dos respetivos serviços paroquiais.

Que Deus nos ajude, neste esforço por aplicar as proposições da nossa Assembleia Diocesana, a bem da vivência da Fé, do reforço da qualidade de vida das nossas comunidades e dos benefícios que às populações em geral, que ocupam conosco este interior do nosso país, com características muito próprias, somos chamados a prestar com a proposta dos valores do Evangelho.

27.4.2020

Ano de 2017

Introdução

O ano de 2017 foi principalmente marcado pelo acontecimento pastoral da nossa Assembleia Diocesana de representantes.

Na sequência da Assembleia Geral do Clero realizada em 2012, ficou a ideia de promovermos também uma assembleia diocesana, esta de representantes.

A partir do ano de 2014, foi iniciado o processo da sua preparação, recolhendo por toda a Diocese propostas que deveriam ser refletidas e votadas nesta assembleia.

Do conjunto das propostas feitas resultou um instrumento de trabalho (instrumentum laboris) que, na primeira parte do ano pastoral 2016-17, foi objeto de reflexão sobretudo nos conselhos pastorais arciprestais e diocesano e Presbiteral.

A partir desse conjunto de reflexões, a Mesa da Assembleia Diocesana, entretanto nomeada, preparou 3 conjuntos de proposições para serem avaliadas e votadas na Assembleia Diocesana,

Esta realizou-se em três sessões, nos meses de abril, maio e junho e dela resultaram 89 proposições votadas e provadas, as quais foram publicadas em livro próprio, juntamente com as atas de cada uma, onde constam também as percentagens das votações feitas.

Nas intervenções realizadas ao ritmo do ano litúrgico, destacam-se as seguintes

1. Mensagem para a Quaresma, com renúncia quaresmal destinada aos cristãos em dificuldade do Médio Oriente (Síria e Iraque).

2. Homília da Missa Crismal, na manhã de Quinta-Feira Santa, com acção de graças pelos padres que cumpriram 70 anos de sacerdócio – Manuel da Silva Ferreira e Bernardo Terreiro do Nascimento; 60 anos de sacerdócio – Joaquim Teles Sampaio, Virgílio Mendes Arderius, António Dias Domingos; 50 anos de sacerdócio – P. Frei César Pereira Pinto, capuchinho, que integrava a fraternidade dos Missionários Capuchinhos, então sediada em Pínzio; 25 anos de sacerdócio – João Barroso, Joaquim Pinheiro, José Dionísio, Paulo Jorge e Vítor Alago.

A nota do início do Advento e também de introdução ao ano pastoral retomou o assunto da Assembleia Diocesana para continuar, em espírito de caminhada sinodal, o avanço na recepção das 89 proposições da mesma Assembleia.

Dos principais eventos registados ao longo do ano, destacam-se a revisão do Bispo Diocesano, diante da Diocese sobre todo o 12º ano do seu ministério episcopal cumprido nesta Diocese, a Ordenação Sacerdotal do Rev. do Padre Bruno António Loureiro de Almeida Lopes; a celebração dos 150 anos de presença dos Missionários Espiritanos em Portugal e 98 de ligação à Diocese da Guarda, a comemoração do centenário da Aparições de Fátima. Sobre o drama dos incêndios, merece referência a

resposta muito positiva da nossa Diocese muito generosa em donativos a favor das vítimas.

Entre os assuntos temáticos contam-se a reflexão sobre o lugar da Família na Educação dirigida aos catequistas; a pedagogia da Mensagem de Fátima. Para o clero, registe-se a formação sobre a Concordata e outra sobre o acompanhamento das famílias à luz da exortação apostólica “Amoris Laetitia”.

Estas foram algumas das preocupações pastorais vividas ao longo do ano de 2017, que à frente vão especificadas e desenvolvidas.

1.Assembleia Diocesana

1.1. O desígnio da Assembleia Diocesana

O ano de 2017 ficou marcado pela realização da Assembleia Diocesana de representantes.

Esta foi proposta na sequência da Assembleia Geral do Clero realizada em 2012 e preparada a partir do ano de 2014.

Procurámos que essa preparação fosse feita em caminhada sinodal.

Fez-se, por isso, um primeiro levantamento de preocupações, o qual conduziu à elaboração do Instrumento de trabalho apresentado em setembro de 2016.

Este instrumento de trabalho, uma vez colocado nas mãos dos párocos e dos grupos paroquiais, procurou-se que fosse também analisado e comentado nos conselhos pastorais arciprestais, como igualmente nos serviços diocesanos e movimentos apostólicos para além de ter sido colocado na página da Diocese, abrindo assim a porta a intervenções livres sobre os assuntos nele versados e algumas houve.

Com as sugestões que vieram dos diferentes âmbitos onde o instrumento de trabalho foi analisado, a Mesa da Assembleia elaborou 3 conjuntos de propostas de proposições que foram sujeitas a cada uma das três sessões ordinárias da Assembleia, tendo havido discussão e votação de cada uma delas.

Essas proposições, em número de 89, com os respectivos votos em plenário e ainda as três atas referentes a cada um das sessões constam do documento final que foi presente à sessão extraordinária da assembleia realizada em 5 de outubro. Nesta sessão extraordinária pretendeu-se principalmente refletir formas de dar cumprimento à recepção da assembleia, no conjunto das suas 89 proposições, pela vida da Diocese e suas comunidades.

Incluímos, a seguir, alguma documentação que julgamos importante sobre a assembleia em cada um das suas três sessões ordinárias.

1.2.Assembleia diocesana em preparação próxima

Estamos em preparação próxima para a assembleia diocesana, que se realizará, em três sessões, nos meses de abril (29), maio (20) e junho (17).

Com esta assembleia de representantes de toda a Diocese da Guarda, a qual está a ser preparada desde há três anos, pretendemos responder a perguntas fundamentais, como as seguintes.

Que modelo de Igreja estamos a viver na nossa vida de Fé e nas nossas comunidades? E como vamos ajustar-nos cada vez mais ao modelo de Igreja que os Evangelhos propõem e o Concílio Vaticano II concretizou?

Outro conjunto de perguntas, a que pretendemos responder, nesta assembleia, vem da forma como estamos a transmitir a Fé, sobretudo às novas gerações. Perguntamo-nos como havemos de fazer das nossas comunidades verdadeiras escolas de Fé e como havemos de testemunhar aos que se encontram mais afastados da vida da Igreja os valores humanizantes que o Evangelho propõe, as comunidades devem viver e dos quais a sociedade em geral necessita.

Há um terceiro conjunto de perguntas para as quais a assembleia também vai procurar encontrar cominhos de resposta. São perguntas relacionadas com a celebração da Fé. Desde as assembleias dominicais, às celebrações de baptizados, casamentos e funerais, passando por festas de padroeiros e santos populares, além de outras realidades afins, como peregrinações, a valorização de santuários ou mesmo das devoções populares, estamos perante realidades do quotidiano da vida da Igreja sobre as quais os fiéis cristãos, mas também os menos comprometidos com a vida diária das nossas comunidades precisam de esclarecimentos e orientações para que tudo possa contribuir para o bem das pessoas e o fortalecimento da vida comunitária.

Por sua vez, a organização da vida interna das comunidades e a relação entre elas, assim como orientações para os diferentes ministérios que as servem, incluindo o ministério do pároco, reservado aos sacerdotes, precisam de critérios constantemente repensados para podermos responder às exigências da Fé e às mudanças sociais, que, como diariamente sentimos, está a ser vertiginosa.

Quisemos que esta assembleia fosse o ponto de chegada de um caminho feito em conjunto, caminho de reflexão e participação alargada a todos os fiéis, principalmente aos que desempenham algum ministério e também incluindo contributos de pessoas menos integradas na vida da Igreja. Assim procurámos dar resposta ao apelo do Papa Francisco, na exortação apostólica “Evangelii Gaudium”, para que os fiéis e as comunidades da Fé façam caminhada sinodal.

Com a ajuda de Deus, a nossa humildade e a nossa persistência, vamos procurar descobrir juntos, nas três sessões desta assembleia, os caminhos da Fé para o futuro próximo da nossa Diocese e de todas as suas comunidades.

Guarda e Casa Episcopal, 24.1.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

1.3. I sessão da assembleia

Realizada a 29 de abril de 2017, nas instalações do Seminário da Guarda
Início às 9H30 e encerramento às 17H00

Aprovou 20 proposições sobre a Igreja que somos.

Palavra de abertura

Rev. dos padres e diáconos

Estimados Religiosos e Religiosas ou fiéis em outras formas de especial consagração,

Caríssimos leigos e leigas, investidos em vários serviços na vida da igreja e vocacionados para a relação com o mundo,

Caros delegados a esta assembleia;

Irmãos em Cristo e amigos:

Convosco dou abundantes graças a Deus por estarmos, finalmente, na 1ª sessão da nossa assembleia diocesana.

Preparamo-la desde há quase quatro anos a esta parte.

E na sua preparação usámos um primeiro instrumento para oferecer a todos a possibilidade de se pronunciarem sobre as grandes questões que nos preocupam e motivar as nossas comunidades, particularmente através dos seus mais directos colaboradores, a participarem na caminhada que nos conduziu ao dia de hoje.

Esse primeiro instrumento foram os cadernos de orientação e deles o primeiro centrou-se na realidade da Igreja, tal como Jesus a fundou, o Evangelho a configura e o Concílio Vaticano II a rerepresenta, em termos ajustados aos tempos e à cultura de hoje. É desse mesmo assunto que vamos tratar principalmente na presente sessão da nossa assembleia.

Outro importante instrumento foi o documento preparatório, a que demos o nome técnico de “Instrumentum laboris” e que pretendeu assumir os pontos mais importantes das diferentes reflexões e comentários feitos na base, a partir dos referidos cadernos de orientação.

Este documento foi trabalhado nas diferentes estruturas de participação que precisamos de valorizar cada vez mais na nossa vida comunitária, a saber: a) os conselhos paroquiais e interparoquiais, os conselhos pastorais arcepresbiterais, o conselho pastoral diocesano e o conselho presbiteral.

Trabalho decisivo desempenhou até agora a mesa desta nossa assembleia diocesana quer na feitura do dito “Instrumentum laboris” quer na recolha das sugestões e comentários que chegaram das diferentes instâncias que o trabalharam. Com base nelas elaborou as 20 proposições que nos foram enviadas e constituem a base do nosso trabalho de hoje. Felizmente que foi possível a cada um de nós recebê-las em sua casa para as ler antecipadamente, reflectir e eventualmente dialogar sobre elas com mais alguém, podendo agora estar em condições de as analisar em grupo e votar em plenário.

Centrando-se estas 20 proposições no modelo de Igreja que nos cumpre viver e testemunhar nos dias de hoje, há grandes preocupações de fundo que vamos ter presentes ao analisá-las e votá-las.

Cito algumas delas e a primeira é que a Igreja, no quotidiano das nossas comunidades, para cumprir a sua vocação de viver e crescer “até à estatura do próprio Cristo”, como nos lembra o Apóstolo Paulo, precisa de ministérios variados e bem coordenados para assim podermos progredir na comunhão da Igreja servida pela comunhão dos ministérios. E ao ministério ordenado dos sacerdotes e dos diáconos, longe da pretensão de assumir todos os serviços, pertence-lhe suscitar outros ministérios, formá-los, acompanhá-los e coordená-los para o exercício das funções que lhes estão cometidas. Desta forma cumprimos a nossa identidade de, enquanto Povo de Deus, sermos todos iguais, isto é partilhando a mesma dignidade de filhos de Deus e todos diferentes, ou seja portadores de variados carismas e ministérios, como lembra o citado Concílio Vaticano II.

De facto, os ministérios existem não por causa de si mesmos e muito menos por causa das pessoas que os exercem, mas por causa da Igreja e da missão que lhe está confiada para serviço da própria comunidade humana. Por isso ninguém pode pretender ser chamado ao exercício de qualquer ministério para satisfazer gostos pessoais e para simples auto-promoção, ou para subir na hierarquia da importância social, como alguns pensam. De facto, por vontade do próprio Cristo, os ministérios, constituindo comunhão entre si, devem estar sempre e só ao serviço da comunhão da Igreja.

Outra grande preocupação que nos há-de acompanhar-nos nesta assembleia, a começar pela sua primeira sessão no dia de hoje, é que a

comunhão da Igreja constrói-se com a participação de todos, o que só se consegue através de um conjunto de instrumentos que são indispensáveis na nossa vida comunitária, porque, no dizer do Papa Francisco, nos colocam em constante caminhada de todos com todos em direcção à mesma meta.

Esses instrumentos são os conselhos já referidos, desde o conselho paroquial ou interparoquial até aos conselhos pastoral diocesano e presbiteral, passando pelos conselhos pastorais arciprestais. E a essa caminhada de todos com todos em direcção à mesma meta chama-lhe o Papa caminhada sinodal, uma expressão há muito assumida na vida da Igreja.

Por isso, a experiência de participação que até agora fizemos através destes mesmos conselhos, na percurso para presente assembleia é, já por si mesma, um primeiro fruto da caminhada sinodal em que nos envolvemos e que, nesta mesma assembleia e para além dela, queremos manter aprofundar.

Para isso precisamos de nos manter em constante reorganização dos nossos serviços, sejam os serviços centrais da Diocese, sejam aqueles que estão mais próximos das comunidades e das pessoas.

E esta é a terceira grande preocupação que vai percorrer transversalmente as várias sessões da assembleia, a começar desde já.

De facto, temos de saber reorganizar os espaços da vasta superfície da nossa Diocese da Guarda, à medida das reais necessidades das pessoas, das comunidades e do funcionamento dos próprios serviços; temos de saber aprofundar e otimizar a cooperação entre os vários serviços, a começar pelos sacerdotes entre si, com os diáconos e com os outros ministérios; e as próprias comunidades precisam de perceber que têm de saber cooperar mais, em vez de se fecharem sobre si mesmas e voltarem as costas umas às outras.

Sobre este assunto esperamos da assembleia indicadores reflectidos e assumidos que nos permitam avançar, de forma consistente no processo desta nossa reorganização.

Lembro ainda que a experiência já vivida da nossa comunhão em Igreja, mas sobretudo os apelos da mensagem da Evangelho para percorrermos e ajudarmos outros a percorrermos caminhos de humanidade cada vez mais consistente não são para meter debaixo do alqueire, utilizando a expressão bíblica ou mantermos prisioneiros dos nossos hábitos e tradições, mas sim para transmitirmos a outros, para comunicarmos, com a maior eficácia possível, também a ambientes que se situam fora do círculo mais restrito das nossas vivências de Fé. Daí a importância de

sabermos usar bem os meios de comunicação social ao serviço da evangelização, o que igualmente tem de nos preocupar nesta assembleia.

De facto, nós estamos aqui como delegados à assembleia diocesana, transportando connosco um mandato missionário recebido do próprio Jesus Cristo; mandato esse que o Papa Francisco concretiza, convidando-nos a ser cada vez mais uma Igreja em saída para as diferentes periferias da nossa sociedade; e com desejo e capacidade para nos tornarmos hospital de campanha, na medida em que as diferentes necessidades e sofrimentos das pessoas o exigirem.

Queremos, de facto, ser cada vez mais uma Igreja em comunhão para a missão, como se propõe, desde o seu início, a nossa caminhada sinodal.

Para isso, durante toda esta nossa assembleia, começando já na sua primeira sessão vamos procurar escutar bem as moções do Espírito Santo, para identificarmos os caminhos que Ele, de facto, nos aponta. Confiamos a Nossa Senhora, a Virgem Maria, no centenário das aparições de Fátima, todos os nossos trabalhos, pedindo-lhe, como lembra a oração, que nos ajude a progredir “no testemunho da comunhão, no espírito de serviço, na Fé ardente e generosa, na justiça e no amor aos pobres”.

29.4.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

1.4. II sessão da Assembleia

Realizada em 20 de maio de 2017

Nas instalações do Seminário da Guarda

Início às 9H30 e termo às 17H00

Aprovou 36 proposições sobre “Evangelizar para ser... pessoa e comunidade”

Palavra final desta sessão

Cumprimos hoje a 2ª sessão da nossa assembleia diocesana, desta vez sobre a Evangelização e a catequese.

Saúdo os sacerdotes e diáconos e todos os delegados a esta assembleia Diocesana, particularmente a mesa que nos apresentou o elenco das 33 proposições que temos diante de nós e presidirá aos trabalhos de discussão e votação das mesmas.

Preparámos durante todo um ano a definição destas 33 proposições através de um dos 3 cadernos de orientação intitulado “Evangelizar para ser pessoa e comunidade”.

Quisemos que a fonte inspiradora destas proposições sobre os caminhos de evangelização e catequese que precisamos de percorrer nas nossas comunidades fosse o Concílio Vaticano II, particularmente na sua constituição sobre a Divina Revelação “Dei Verbum”, pois o encontro pessoal com a Palavra de Deus é decisivo em qualquer desses caminhos. Está em causa a catequese de crianças, adolescentes, jovens e adultos, mas também o anúncio do Evangelho a pessoas e ambientes que, embora com muitas marcas de tradição cristã, se encontram afastados da vivência da Fé. Por isso, insistimos na importância da prática da lectio Divina.

Na linha das recomendações que o Papa Francisco nos faz, sobretudo com a exortação apostólica “Evangelii Gaudium”, procurámos valorizar o serviço da caridade com assistência aos pobres e marginalizados, como sendo o caminho que especialmente credibiliza o anúncio do Evangelho em suas variadas formas. Continua a ser verdade que a palavra nem sempre convence, mas o exemplo arrasta.

Ao mesmo tempo que procurámos alargar o mais possível ao conjunto da diocese o trabalho preparatório desta sessão da assembleia com base no referido caderno de orientações, orientámos as formações do nosso clero e outras também para a procura de caminhos renovadores da nossa evangelização.

Assim, fizemos uma formação do clero sobre renovação da catequese da infância e adolescência, no ano de 2014.

Para tal procurámos o contributo dos responsáveis por este sector da pastoral em duas dioceses com afinidades pastorais e sociais muito próximas da nossa – as Dioceses de Portalegre e Castelo Branco e a diocese de Vila Real.

E dessa formação ficaram as seguintes linhas de orientação:

1. A catequese é, primeiro que tudo, encontro com Cristo e sua Palavra
2. Para além de apostar na formação dos catequistas, precisamos de criar escolas de pais, pois a família é o lugar privilegiado de transmissão da Fé
3. O reduzido número de crianças que temos em muitas das nossas terras obriga-nos a adaptar os catecismos e o próprio itinerário da catequese a estas realidades e situações
4. As sessões de catequese não podem ser como as aulas das escolas oficiais. Por isso a descolarização da catequese a sua ligação à vida e às preocupações da comunidade foram outros indicadores importantes

5. Já depois desta formação, os nossos catequistas foram chamados a colaborar na preparação de uma carta pastoral publicada pela Conferência episcopal no passado mês de abril com o título de “A catequese – alegria do encontro com Cristo”

Outro assunto chamado para a formação do nosso clero foi o serviço de pregação e contámos para tal com a ajuda de dois sacerdotes dominicanos, no ano de 2016. Como sabemos, os dominicanos intitulam-se a ordem dos pregadores.

As 3 proposições sobre a homilia e a sua preparação que apareceram nesta sessão da assembleia foram também abordadas nessa formação do clero.

O Papa Francisco publicou, no ano passado, a aguardada exortação apostólica sobre a Família, com o título de “Amoris Laetitia”.

Ora as suas preocupações também estão refletidas pelo menos em 7 das proposições postas à nossa consideração nesta 2ª sessão da assembleia.

Por sua vez, já no início deste ano de 2017 também a formação do clero versou sobre aspetos da pastoral familiar tratados nessa exortação apostólica, com ajuda do Instituto de ciências da Família ligado à universidade de Salamanca. A pastoral familiar continua a interpelar-nos desde a preparação próxima e remota para o matrimónio até ao acompanhamento dos casais e das famílias.

O assunto da evangelização dos jovens está também presente nas proposições desta sessão da assembleia, o que acontece quando na vida da Igreja se prepara a realização de um Sínodo sobre “Os jovens, a Fé e o discernimento vocacional”. Todos somos convidados a participar nas respostas que devem ser dadas ao inquérito dos lineamenta preparatório deste sínodo. Está em causa a responsabilidade de todas as nossas comunidades e de cada um dos membros, nos processos de transmitir a Fé às gerações mais novas. Por isso queremos conjugar o esforço que hoje vamos fazer na discussão e votação das 3 proposições sobre o assunto com as respostas individualmente ou em grupo às perguntas dos lineamenta do Sínodo que, depois de tratadas, já foram colocadas na página da internet da nossa Diocese. Contaremos também com o contributo institucional dos nossos conselhos pastorais arciprestais e diocesano. na reflexão dos assuntos em causa e nas suas respostas às questões colocadas.

Estamos convidados a fazer caminhada sinodal sobre este assunto do Sínodo da Igreja Universal sobre os jovens.

E agora vamos abrir o coração à renovada luz do Espírito Santo e que Nossa Senhora, estrela da nova evangelização a todos nos dê uma santa audácia de

buscar novos caminhos para que a todos chegue a luz do Evangelho, como temos rezado na oração preparatória desta nossa assembleia diocesana.

20.5.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

1.5. III sessão da Assembleia Diocesana

Realizada em 17 de junho

Nas instalações do Seminário da Guarda

Das 9H30 às 17H00

Aprovou 33 proposições sobre “Celebrar a Fé com arte e com alma”.

Palavra final desta sessão

1. Cumprimos hoje a 3ª sessão da nossa assembleia Diocesana. E reunimos, das 3 sessões até agora realizadas, 89 proposições aprovadas, na sua maioria por unanimidade, as quais são recomendações que precisamos de implementar no futuro próximo.

Estamos agradecidos não apenas aos delegados, mas a quantos, ao longo destes 4 anos pastorais fizeram esforço por intervir na caminhada sinodal que nos conduziu às proposições que agora temos aprovadas. E lembramos neste momento principalmente cada Pároco com a sua equipa de colaboradores pastorais; cada Conselho Pastoral arciprestal; o Conselho Pastoral Diocesano O conselho Presbiteral e, por fim, o trabalho realizado pela Mesa da assembleia Diocesana.

2. Temos agora pela frente a tarefa de aplicar estas recomendações, ajustando-lhes o melhor possível as nossas práticas pastorais, corrigindo umas, potenciando outras ou introduzindo novas, quando as circunstâncias o aconselharem.

É, de facto, uma nova etapa do caminho sinodal em que nos envolveu a assembleia diocesana, que agora está à nossa frente. E para cumprirmos bem esta nova etapa, encontrarmos nas proposições aprovadas a recomendação de um novo modelo de paroquialidade. E apontam-se aí algumas linhas de concretização desse novo modelo de paroquialidade, entre as quais destaco as seguintes:

- Que se valorizem os arciprestados e os órgãos de participação, como os conselhos pastorais arciprestais.

- Que os presbíteros conjuguem mais e melhor o princípio da jurisdição com o da cooperação

- Que haja mais corresponsabilidade quer com as paróquias mais pequenas, carenciadas de meios humanos ou outros, quer com as paróquias que venham a ser confiadas a diáconos ou mesmo a leigos

- Que se caminhe para a criação de unidades pastorais

E apontam-se alguns critérios que definem as unidades pastorais, tais como os seguintes:

- . um pároco moderador
- . um mesmo programa pastoral
- . um conjunto comum de ministérios e serviços
- . um fundo comum de solidariedade

E a estes critérios podemos acrescentar outros, que já estão bastante estudados, tais como:

- . um conselho pastoral comum
- . um centro comum onde se reúne a documentação, se recebem as pessoas e se realiza a formação.

E como forma de continuarmos a fazer caminho conjunto para aplicação das proposições aprovadas é-nos feita a recomendação de que se crie “uma comissão diocesana multidisciplinar integrada por clérigos, religiosos e leigos para a elaboração de uma proposta de reorganização pastoral da Diocese”.

E esse é, de facto, o primeiro passo que vamos dar.

A essa comissão confiamos o encargo de:

1º) Estabelecer os critérios para que dos atuais conjuntos de paróquias que temos confiadas ao mesmo pároco possamos progredir para as desejadas unidades pastorais;

2º) Verificar se os nossos serviços diocesanos estão a responder bem ao que lhes é pedido, nomeadamente:

- a) os Secretariados estruturantes da pastoral diocesana, a saber – Liturgia, Educação cristã, serviço organizado da caridade, administração ligada à Cúria Diocesana
- b) os outros secretariados e departamentos
- c) analisar os diferentes movimentos, serviços e obras de apostolado que temos na Diocese para verificar se estão a cumprir a missão que

lhes é pedida e se não haverá outros movimentos de apostolado, entre os novos movimentos eclesiais, que nos estão a fazer falta.

Como disse, este é um trabalho que não parte de zero. E para o potenciar houve a preocupação de colher o sentir dos actuais arceprestes sobre os respectivos arceprestados, mas também sobre critérios de organização pastoral diocesana, de que se destacam os seguintes pontos:

1º) Atendendo já ao nosso presente pastoral, mas sobretudo tendo em conta o futuro, é necessário continuar a apostar na formação de coordenadores das assembleias dominicais na ausência do Presbítero (A D A P's).

2º) Cada um dos arceprestes deu indicação de caminhos a seguir no tecido dos actuais arceprestados para chegarmos às desejadas unidades pastorais, incluindo com a definição de centros de formação para a catequese da infância e adolescência. E temos boas experiências quanto à centralização dos serviços da catequese.

3º) Deram-me indicação de serviços comuns às diferentes paróquias e conjuntos de Paróquias que devem ser organizados a nível arceprestal, tais como CPM, CPB, Escola arceprestal de Ministérios.

4º) Para todos é um bem muito conseguido o funcionamento do respectivo Conselho pastoral arceprestal. E esse funcionamento deve manter-se regular, insistem os arceprestes.

5º) Verifica-se a sensação de que continua a ser difícil motivar as pessoas para a formação na Fé, mas também há recomendação de que a nossa prioridade de sacerdotes tem de ser a de formar as consciências, formar as pessoas na Fé. De facto, nós sacerdotes precisamos de continuar a cultivar a atitude de maior proximidade às pessoas e às famílias, sempre com a preocupação de educar.

6º) Insistiu-se também em que no nosso trabalho de sacerdotes temos de progredir na fidelidade a critérios pastorais comuns.

E sobre este assunto referiu-se que há mecanismos de correção fraterna que temos de saber aceitar e usar também entre nós sacerdotes

7º) Foi referido que cultivar a espiritualidade sacerdotal entre nós sacerdotes é a realidade mais decisiva para o êxito da nossa acção pastoral. E a esse propósito também foi sugerido que se motivem os párocos para escolherem viver em casas paroquiais com outros párocos e evitem assim viver sozinhos.

8º) Também as várias comunidades religiosas que temos espalhadas pela diocese estamos longe de conseguir a sua plena integração no conjunto da pastoral diocesana, o mais possível de acordo com o respetivo carisma. Este é também um desafio que se coloca à nossa reorganização pastoral.

9º) Temos muitos lugares de culto espalhados pela diocese, graças a Deus. Cada um deles com tradições ligadas a eventos determinados sobretudo a festas de santos padroeiros. Sem esquecermos as dificuldades inerentes, temos a responsabilidade pastora de os aproveitar o mais possível para a formação e para a celebração da Fé.

3. Para não correremos o risco de que as 87 proposições aprovadas nestas 3 sessões da assembleia diocesana passem às prateleiras e por lá fiquem à espera de que algum investigador, num futuro longínquo, as venha redescobrir, determina-se o seguinte:

1º) O nosso ano pastoral 2016-17 não vai terminar como é habitual no final do mês de Julho. Vamos prolongá-lo até ao mês de outubro próximo.

2º) Vai ser nomeada, nos próximos dias, a solicitada, “Comissão diocesana multidisciplinar, integrando clérigos, religiosos e leigo”, com mandato para apresentar uma reorganização pastoral da Diocese.

3º) Na nossa peregrinação diocesana a Fátima, calendarizada para os dias 23 e 24 de Agosto, apresentaremos a Nossa Senhora as 87 proposições aprovadas nesta assembleia, pedindo especial bênção para a sua aplicação.

4º) Convido os delegados da assembleia diocesana para uma 4ª sessão que não terá a finalidade de aprovar mais proposições, mas sim de refletir critérios de aplicação destas mesmas proposições incluindo o estabelecimento de prioridades. Para essa quarta sessão esperamos que haja já algum contributo da Comissão mandatada para pensar a reorganização pastoral da Diocese. Essa quarta sessão de assembleia diocesana realizar-se-á no dia 5 de Outubro próximo, sendo oportunamente convocada, enviando a respetiva agenda.

5º No domingo seguinte, dia 8 de Outubro, serão formalmente apresentadas à Diocese as 87 proposições juntamente com alguns critérios de prioridade na sua aplicação. Essa apresentação será feita em celebração que se realizará na nossa catedral com a melhor representação dos grupos de cooperadores pastorais de cada pároco que intervieram no processo sinodal, ao longo destes 4 anos. Que Deus nos ajude a levar por diante estes nossos propósitos.

Guarda, 17/06/2017

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

1.6.Primeira avaliação das três sessões da Assembleia Diocesana Secretariado Diocesano da Coordenação Pastoral, com o Presidente da Mesa da Assembleia Diocesana

1.Havia muita expectativa. Logo na primeira sessão houve um factor de desilusão – as reflexões dos grupos não chegaram ao plenário e não apareceram reflectidas nas proposições. De facto, o regulamento impôs limitações.

Daí o resfriamento das duas sessões posteriores, com entusiasmo decrescente, com a terceira sessão muito pouco participada. E os padres foram os grandes ausentes.

2. De facto não atingimos por inteiro os objectivos que definimos no início dos três anos de preparação da assembleia. Não se vê o que de novo colhemos do Concílio.

Foi clara, sobretudo na terceira sessão, a nota da insatisfação. Ficámos com a sensação de que durante os três anos de preparação não chegámos ao cerne do Concílio.

3.É facto que as ausências nas sessões plenárias da assembleia foram notórias, mas a participação no processo da preparação, desde o início dos três anos, foi também muito diminuta.

O facto é que temos estas proposições aprovadas, as quais são ponto de partida importante e que temos de aproveitar e valorizar.

4.Os trabalhos de grupo foram muito positivos, embora sem se terem reflectido suficientemente nas proposições. É bom que nos interroguemos sobre em que é que a metodologia não serviu.

5.O tempo foi pouco para cada sessão. Sobretudo nas reuniões dos moderadores sentiu-se falta de tempo e com a agravante de se saber que

o plenário estava à espera e nem as sessões musicais tranquilizaram os delegados. Além disso, é preciso acreditar e houve quem não acreditasse, a começar por padres.

6. Um dos aspectos positivos de processo de preparação da assembleia foi que em todos os arceprestados funcionaram os Conselhos Pastorais Arciprestais. Este factor é preciso continuar a valorizá-lo, no seguimento. Talvez lição a tirar deste processo de três sessões é que deveria haver um dia só para discutir todas as proposições; a seguir uma reunião de meio dia com os moderadores e um outro dia para discutir as proposições já modificadas com os contributos das reflexões dos grupos e votá-las.

7. Como está pedido na proposição 20ª da primeira sessão, deve ser constituída, de imediato, “uma comissão diocesana multidisciplinar... para organizar uma proposta de reorganização pastoral da Diocese”

8. Devem ser publicadas as proposições e as atas de cada uma das três sessões.

9. No dia 5 de outubro, na anunciada quarta sessão da assembleia:

3.1. será apresentada a comissão diocesana multidisciplinar pedida pela 20ª proposição da primeira sessão “não para aprovar mais proposições, mas para estabelecer critérios da sua aplicação e marcar o ritmo da sua recepção na Diocese”;

3.2. teremos o documento final da assembleia publicado, com as proposições aprovadas e as atas de cada uma das três sessões da assembleia diocesana, o qual será apresentado por três membros da Mesa da Assembleia Diocesana;

3.3. Será apresentado o programa pastoral para o ano 2017-18

3.4. foi elaborado programa desta sessão, com respectivo horário.

10. A proposta de haver no dia 8 de outubro uma celebração diocesana para apresentação das proposições foi substituída pela calendarização de uma outra celebração diocesana, que se realizará em 2 de junho de 2018, no encerramento do ano pastoral.

11. Este ano pastoral 2017-18 será vivido como um tempo de recepção por toda a Diocese, em clima de reflexão e oração, das proposições da assembleia.

12. Espera-se para o final deste mesmo ano pastoral 2017-18 uma carta pastoral do Bispo Diocesano com orientações pastorais para toda a Diocese, que vigorem nos próximos anos.

1.7. sessão extraordinária da Assembleia Diocesana
Dia 05 de outubro de 2017
No Seminário da Guarda
Das 9H30 às 17H00

PROGRAMA

Foi entregue o documento final da Assembleia Diocesana e apresentado pelos Rev.dos Padres Joaquim Cardoso Pinheiro, Manuel Alberto Pereira de Matos e José António Dionísio de Sousa)

Houve diálogo sobre o mesmo e sobretudo quanto a formas de levar as 89 proposições à vda da Diocese e suas comunidades.

Foi apresentada a Comissão Diocesana Multidisciplinar, pedida na proposição número 20 da Primeira Sessão da Assembleia Diocesana e também o Programa Pastoral 2017-2018.

Terminou com intervenção do Bisp Diocesano sobre a recepção das 89 proposições da Assembleia Diocesana.

2. Ao ritmo do ano litúrgico

2.1.Mensagem para a Quaresma

A QUARESMA: Tempo de conversão a Deus e ao outro

A Quaresma, com o número simbólico dos seus quarente dias, é convite de conversão a Deus, não só para recusarmos o pecado na nossa vida, mas também para fortalecermos a amizade com Ele. É o tempo favorável para intensificarmos a nossa vida espiritual, através dos meios tradicionais que a Igreja nos oferece, como são o jejum, a oração e a esmola, mas principalmente pelo acolhimento da Palavra de Deus que havemos de saber escutar, meditar e partilhar com mais assiduidade ao longo destes 40 dias.

A nossa conversão não ficaria completa se não incluísse a conversão ao outro que é, por si mesmo, sinal e presença de Deus para cada um de nós. Se, como sublinha o Papa na Sua mensagem, “fechar o coração ao dom de Deus que fala tem como consequência fechar o coração ao dom do irmão”, o contrário também é verdade. Quanto mais abrimos o coração a Deus mais sentimos necessidade de ir ao encontro dos irmãos, sobretudo dos mais fragilizados.

Para aprofundarmos o caminho da nossa conversão a Deus, precisamos que durante este tempo de Quaresma, haja momentos fortes, nas comunidades cristãs, de encontro com a Palavra de Deus. Por isso é importante que, de semana a semana, os grupos que preparam a liturgia dominical dediquem tempo significativo a ler a palavra de Deus própria desse domingo, a meditá-la, com ajuda de algum comentário, a partilhá-la e a contemplá-la em termos que possam motivar atitudes de vida nova. Recomenda-se que esta preocupação chegue não apenas aos grupos corais; mas também a grupos de leitores, de acólitos e de outros serviços paroquiais. O apoio de comentário pode ser aquele que é publicado semanalmente no jornal diocesano, procurando nós que seja colocado também no site da Diocese. Na medida em que se consolidar esta prática nas nossas comunidades, também as homilias dos sacerdotes e dos diáconos, sobretudo nas assembleias dominicais, sairão beneficiadas. Para aprofundar a nossa espiritualidade, neste tempo especialmente favorável, é bom que em cada arceparquato, dentro da nossa tradição diocesana, se organize pelo menos um retiro, que seja anunciado em todas as paróquias.

Não esqueceremos que esta quaresma precede imediatamente a celebração do centenário das Aparições de Fátima. E como lembra a carta pastoral da Conferência Episcopal sobre este centenário, a mensagem de Nossa Senhora aos três pastorinhos é uma bênção para a Igreja e para o mundo. E, como tal, interpela-nos para uma atitude orante diante da SS.ma Trindade. Convida-nos à contemplação, à compaixão e ao anúncio da Boa Nova, segundo o modelo das três crianças. Por sua vez, a presença e o olhar de Maria, como o sentiram os videntes, é mensagem de ternura e misericórdia que o mundo de hoje precisa, mais que nunca. E é bom lembrar que, no centro da mensagem de Fátima, está o convite à conversão para que a guerra pudesse acabar e a paz regressasse à vida das pessoas e das Famílias.

O Papa insiste, na sua mensagem, em que é preciso “abrir a porta do nosso coração ao outro, “seja ele o nosso vizinho, seja o pobre desconhecido.

Ora, todos nós, ao longo dos últimos tempos, temos sentido o drama dos refugiados que fogem da guerra que se instalou nas suas terras e insistentemente batem às portas da Europa, sobretudo atravessando as águas do Mediterrâneo, onde muitos milhares já perderam a vida.

É necessário encontrar formas de acolher estes irmãos nossos, mas é ainda mais necessário tentar que voltem a ter condições de vida nas suas terras.

No meio dos muitos dramas que afectam aqueles que fogem há o drama específico das comunidades cristãs do Iraque e da Síria que, sendo lugares com comunidades cristãs que remontam ao tempo dos apóstolos, agora estão em risco de desaparecer.

Só a título de exemplo, em 2003 havia 1 milhão de cristãos no Iraque, agora não chegam a 250 mil, muitos deles deslocados das suas terras e das suas casas.

Nos lugares onde se implantou o chamado Estado Islâmico, consta que os Jihadistas davam três saídas possíveis aos cristãos que ali viviam, a saber, ou deixa-

rem o cristianismo e converterem-se ao Islão radical que eles propõem, ou pagarem uma quantia mensal em dinheiro ou irem embora. Perante situações como estas, o Bispo de Mossul (antiga cidade bíblica de Nínive) desabafou assim: “Não há cristãos na minha diocese. Sou um Bispo sem diocese”. Mas acrescentava que surpreende a constância na Fé de muitos destes cristãos. Perante o quadro dramático das comunidades cristãs do Iraque e também da Síria, este ano vamos destinar-lhes a nossa renúncia quaresmal. E far-lha-emos chegar através da Fundação “Ajuda à Igreja que sofre” que o Papa Francisco expressamente convida a “fazer por todo o mundo uma obra de misericórdia”.
Guarda, 19-02.2017

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

2.2. Missa Crismal

Homilia

O Espírito Santo Está sobre mim; Ele me ungui e enviou para anunciar a Boa Nova aos Pobres e proclamar o dia da Graça do Senhor”.

Irmãs e irmãos, caros padres:

É com estas palavras do Profeta Isaías que Jesus se apresenta a si mesmo, na assembleia celebrante da sua terra natal, em Nazaré.

E a mesma unção do Espírito, que marcou a pessoa de Jesus, marca também todos os seus discípulos, por força do Baptismo e da Confirmação. Mas marca de modo especialíssimo aqueles que receberam essa unção reforçada no Sacramento da Ordem, ficando deste modo configurados com Cristo cabeça e pastor da Igreja.

Por isso, nos reunimos hoje, nesta manhã de Quinta - Feira Santa, em solene concelebração, para reafirmamos, com o Povo de Deus e perante Ele, a nossa identidade sacerdotal. Renovamos as nossas promessas sacerdotais, recordando o dia da nossa Ordenação. E com elas renovamos também a decisão de nos entregarmos, por inteiro, à celebração dos Santos Mistérios e ao Ministério da pregação e da

evangelização. Move-nos o desejo – e queremos também expressá-lo nesta concelebração – de vivermos unicamente para a causa de Jesus Cristo e da Salvação das pessoas. Queremos responder ao apelo que nos é feito de viver, em espírito de pobreza, com o indispensável e dar o máximo das nossas capacidades para serviço do Povo de Deus. E conforta-nos o facto de sentirmos que esse mesmo Povo de Deus se compromete connosco, pela oração e em diferentes cooperações, para levarmos a bom termo este importante propósito.

A Palavra de Deus convida-nos hoje a contemplar a Pessoa de Jesus cheia da força do Espírito Santo e enviado para cumprir o mandato missionário recebido do Pai. Ele é a testemunha fiel, o primogénito dos mortos, que fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, como diz o apocalipse de S. João. Jesus cumpre, assim, o sonho de Profeta Isaías, projetado numa nova Jerusalém, que já não precisa de sol e da luz do dia, porque iluminada, a partir de dentro, pelo mesmo Espírito de Deus. Esse sonho do Profeta Isaías é também para ser cumprido pela Igreja, a nova Jerusalém que de Deus pela qual Jesus entregou a sua vida. E a unção do Espírito que marca todos os seus filhos, enquanto discípulos de Cristo, por força dos Sacramentos do Baptismo e da Confirmação, é a grande força que a impele para cumprir o mandato sempre atual de anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a redenção aos cativos, a liberdade aos oprimidos e o ano da graça do Senhor. É também para ajudar a cumprir esse sonho na vida da Igreja que nós sacerdotes recebemos a unção espiritual do Espírito no dia da nossa Ordenação. Constituídos numa especial relação com Cristo Sacerdote e Pastor, recebemos o mandato para, em nome do mesmo Cristo, presidirmos à comunidade, celebrando os sagrados ministérios e distribuindo a todos os bens da Salvação, principalmente quando celebramos a Eucaristia ou o Sacramento da

Reconciliação. Por esta especial configuração com Cristo, lembra a “Ratio Fundamentalís” recentemente publicada com orientações para a formação sacerdotal, “o Presbítero é chamado a assumir em si os sentimentos e as atitudes do mesmo Cristo em relação à Igreja... Portanto dele se exige que seja capaz de amar as pessoas com um coração novo... chegando ao extremo do esquecimento de si mesmo... portanto, com dedicação plena, contínua e fiel” (nº39).

Como Sacerdotes, por conseguinte, assumimos diante de Cristo, o compromisso de ficarmos incondicionalmente ao serviço da sua Igreja, mesmo materialmente, vivendo do Povo de Deus e para o povo de Deus. E neste serviço incondicional, inclui-se a obrigação de ajudar o mesmo povo de Deus, nas circunstâncias atuais, a discernir os caminhos mais indicados para dar cumprimento ao sonho de Isaías a que nos reportamos. O perfil desses caminhos adaptados aos novos tempos é-nos assim apresentado pelo Papa Francisco na “Evangelii Gaudium”: uma Igreja sempre em saída missionária, uma comunhão de ministérios cuja referência única é Cristo que veio para servir e não para ser servido, todos envolvidos na tarefa da Evangelização, como também no esforço por conseguir a plena inclusão dos pobres; e tudo isto baseado numa espiritualidade forte. Para procuramos definir esses caminhos e aplicá-los à situação concreta da nossa Diocese, vamos realizar, em breve, a nossa assembleia Diocesana, para a qual pedimos a oração e o empenho de todos.

Ao reunirmo-nos hoje em solene concelebração para darmos graças pelo Ministério Sacerdotal, precioso dom de Deus à sua Igreja, não podemos deixar de lembrar a nossa grave responsabilidade quanto à promoção das vocações sacerdotais. Esta é uma responsabilidade que precisamos de fazer sentir cada vez mais a todas as comunidades e seus agentes da pastoral, começando pelo Bispo Diocesano, continuando em todos os

sacerdotes e diáconos e chegando aos catequistas e outros serviços das comunidades. Sobre formas de promover as vocações sacerdotais diz, a dada altura, a “Ratio Fundamentalís”, sobre a formação para o Ministério Sacerdotal que já citámos: “cada Igreja local assuma esse importante compromisso de prover ao acompanhamento dos adolescentes, promovendo novas abordagens e experimentando formas pastorais criativas” nº18. São essas formas Pastorais criativas que precisamos de pedir, por um lado aos responsáveis pelo nosso seminário e pré – seminário: e por outro às comunidades com seus responsáveis pastorais. De facto, a situação que temos atualmente, com 5 (cinco) seminaristas no Seminário Maior e uma dúzia de pré - seminaristas no pré - seminário, não pode deixar-nos sossegados e satisfeitos. O Senhor pede-nos mais. E pede-nos que intensifiquemos a oração pelas vocações sacerdotais, mas também nos pede que procuremos ensaiar novas formas de levar a proposta da vocação sacerdotal aos nossos adolescentes e jovens.

E agora, caros padres, irmãos e irmãs lembremos, em festiva acção de graças, os nossos irmãos sacerdotes que cumprem este ano 70, 60, 50 e 25 anos de Vida Sacerdotal.

Celebram 70 anos de Vida Sacerdotal os Reverendos Padres Manuel da Silva Ferreira e Bernardo Terreiro do Nascimento.

O senhor Padre Manuel Ferreira, depois de frequentar os seminários diocesanos foi ordenado pelo Senhor D. José Matoso, na capela do Paço Episcopal da Guarda em 22 de Fevereiro de 1947. Depois de exercer funções de pároco nos arciprestados da Guarda, Pinhel e Almeida, estudou filosofia em Roma, na universidade gregoriana, durante 3 anos e regressou para integrar a equipa educadora do Seminário Maior em 1965. A partir de então teve uma desenvolvida atividade docente, no Seminário,

mas também na Escola de Enfermagem e no Colégio de S. José e foi responsável pelo lar académico.

Cumpriu várias missões pastorais à frente de organismos diocesanos como a Cáritas a Ação Católica. Em 1984, regressou às responsabilidades paroquiais, no arciprestado da Guarda, tendo sido dispensado no ano de 1996. Desde então mantém-se disponível para ajudar pastoralmente na medida das suas forças físicas.

O senhor padre Bernardo Terreiro do Nascimento, depois de frequentar também os seminários diocesanos foi ordenado sacerdote em 7 de Setembro de 1947, na Guarda, pelo Senhor D. João de Oliveira Matos. Frequentou o Conservatório Nacional de Musica. Foi professor no Semanário Menor, primeiro e depois no Seminário Maior e também no Colégio de S. José. Tem o seu nome ligado ao ensino da música e à direção coral em estabelecimentos de ensino e fora deles, sendo autor da partitura de vários temas musicais, alguns deles publicados.

Celebram 60 anos de vida sacerdotal os Reverendos Padres Joaquim Teles Sampaio, Virgílio Mendes Arderius e António Dias Domingos. Foram ordenados pelo Sr. D. Domingos da Silva Gonçalves, os dois primeiros em 6 de abril de 1957 e o terceiro, em 28 de julho do mesmo ano.

O Sr. Padre Joaquim Teles Sampaio, depois de algum tempo ligado á vida paroquial em Manteigas, foi nomeado pároco da Freineda, em 1959 e em 1966 foi enviado para capelão das Forças Armadas, em Moçambique, passando a prestar serviço na Diocese da Beira, onde fez notável experiência missionaria. Enfrentou várias dificuldades, entre elas a de ter sido condenado à prisão. Regressou a Portugal em 1973, passando a prestar serviço no Patriarcado de Lisboa até que, em 2005 voltou à nossa Diocese e foi nomeado pároco in solidum das paróquias da vila de

Manteigas. Mantém-se actualmente capelão da Santa Casa da Misericórdia desta mesma vila.

O Sr. Padre Arderius começou o exercício do Ministério Sacerdotal como coadjutor de Seia para, em 1958, ser nomeado pároco do Teixoso. Em 1966 foi transferido para a cidade da Guarda, assumindo funções de pároco da Sé, que desempenhou até ao ano de 1990. Dedicou-se, a partir de então, ao desenvolvimento, nesta cidade, de várias obras sociais e no âmbito da educação e ensino superior, incluindo comunicação social. Fez percurso académico na universidade de Salamanca, na área da psicopedagogia. Em 2005 foi nomeado pároco de Aldeia do Bispo, arceparquial da Guarda.

O Sr. Padre António Domingos começou a sua vida sacerdotal em Trancoso, como coadjutor. Um ano depois foi nomeado pároco de paróquias do Vale do Mondego, arceparquial da Guarda. Em 1965 foi transferido para o arceparquial do Sabugal, começando como pároco da Nave, alargando, depois, a sua acção a outras paróquias do mesmo arceparquial, onde actualmente se encontra como pároco do Soito, Quadrazais, Vila Boa e Rendo

Celebra 50 anos de vida sacerdotal o Reverendo Padre Frei César Pedrosa Pereira Pinto, natural do concelho do Pombal e membro da comunidade dos Missionários Capuchinhos sediada em Pínzio. Professou, em votos perpétuos, na Ordem dos Missionários Capuchinhos, no ano de 1964 e foi Ordenado Sacerdote em Fátima pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, em 15 de agosto de 1967. No itinerário da sua preparação para o Ministério Sacerdotal fez curso de filosofia em Salamanca e de Teologia em Valência. É licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Antes de chegar à nossa Diocese no ano de 2015, para integrar a Fraternidade dos

Missionários Capuchinhos de Pínzio, desempenhou funções pastorais em Lisboa, até 1976; em Coimbra, onde foi superior da Fraternidade local dos Missionários Capuchinhos. Em Gondomar, foi diretor e professor do Externato Paulo VI. Regressou a Lisboa, passou de novo por Coimbra, pelo meio fez um ano sabático em Londres e foi nomeado pároco da Paróquia do Amial, no Porto. No arco das suas preocupações pastorais estiveram muito presentes a catequese e a pastoral juvenil.

Celebram 25 anos de vida Sacerdotal os Reverendos Padres João António Gonçalves Barroso, Joaquim Cardoso Pinheiro, José António Dionísio de Sousa, Paulo Jorge Oliveira do Carmo e Vítor Manuel Alago Lourenço. Todos Ordenados pelo Senhor D. António dos Santos, os três primeiros foram-no em 2 de Fevereiro de 1992 e os dois últimos em 5 de Julho do mesmo ano.

O Reverendo Padre João Barroso serviu pastoralmente durante os seus primeiros 10 anos de Padre as paróquias da Sé e S. Vicente na cidade da Guarda. Em 2002 foi nomeado Pároco de Loriga e atualmente é o responsável pastoral pelo conjunto de paróquias desta área geográfica, que inclui também Valezim, Sazes, Alvoco, Teixeira, Vide e Cabeça. Fez formação na universidade católica, na área pastoral catequética e foi responsável pelo departamento diocesano da catequese da infância e adolescência.

O Reverendo Padre Joaquim Cardoso Pinheiro, nos primeiros anos de sacerdote, esteve ligado ao Seminário do Fundão, estudou filosofia em Salamanca e lecionou no Seminário da Guarda acumulando as funções de Diretor Espiritual no referido Seminário do Fundão. De 2002 a 2006 foi pároco da Vila do Carvalho. Em 2006 foi nomeado Reitor do Seminário Maior da Guarda, funções que desempenhou até 2013, acumulando durante algum tempo também as de Diretor do Instituto Superior de

Teologia onde foi professor de filosofia. Em 2016 defendeu tese de doutoramento em Filosofia na universidade do Porto e foi nomeado pároco de Seia.

O Reverendo Padre José António Dionísio de Sousa, depois de Colaborar na equipa formadora do Seminário do Fundão, colaborou na equipa do Seminário da Guarda onde foi professor de Liturgia. Fez estudos de Liturgia em Paris. De 2003 – 2007 foi pároco in solidum das paróquias de Sé de S. Vicente. Também nessa data iniciou funções de Diretor adjunto do Secretariado Diocesano de Liturgia, sendo atualmente o seu Diretor. Em 2007 foi nomeado pároco das paróquias do Vale do Mondego e em 2016 pároco “in Solidum” da Paróquia de S. Miguel da Guarda juntamente com as paróquias do Jarmelo e Gonçalbocas. Foi professor de Liturgia no Instituto Superior de Teologia.

O Reverendo Padre Paulo Jorge iniciou o seu ministério sacerdotal como Vigário Paroquial em paróquias do arciprestado de Seia (Sandomil, S. Gião e Vide). Em 1996 assumiu responsabilidades de pároco das duas primeiras, alargando depois estas responsabilidades às paróquias vizinhas de Valezim, Cabeça, Loriga, Vila Cova de Seia e Várzea de Meruje.

No ano de 2007 foi dispensado de responsabilidades paroquiais para colaborar no Ordinariato das Forças Armadas e de Segurança. Desde 2016, com a cooperação do Reverendo Diácono Amadeu Duarte Gonçalves Antunes, cuida pastoralmente as paróquias de Paranhos da Beira, Tourais e Girabolhos.

O Reverendo Padre Vítor Manuel Alago Lourenço iniciou a sua vida Sacerdotal em Pinhel. Prestou serviço no Colégio de S. José de 1993 a 1994, ano em que assumiu responsabilidades paroquiais de Vila do Carvalho e S. José, arciprestado da Covilhã. No ano 2000 foi nomeado Diretor Espiritual do Seminário do Fundão e em 2002 assumiu responsabilidades de pároco na Vila de Figueira de Castelo Rodrigo, a

que se juntaram outras paróquias do mesmo arceparceiro no ano seguinte. Desde 2006 tem responsabilidade de Capelão da Santa Casa da Misericórdia de Figueira.

Guarda, 13.4.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2.3. Vigília Pascal /2017

Homilia

O Senhor Ressuscitou verdadeiramente, Aleluia!

Esta é a notícia da Páscoa, que queremos receber com alegria e transmitir com todo o entusiasmo da nossa vida.

Disse o anjo às mulheres, conforme ouvimos no Evangelho de hoje – “Sei que procurais Jesus Cristo, o Crucificado. Não está aqui. Ressuscitou, como tinha dito”.

E naquele momento tudo começou de novo.

As mulheres foram assim as primeiras testemunhas da Ressurreição. E correram a levar a notícia aos discípulos.

A confirmação do próprio Jesus não se fez esperar, pois lhes apareceu imediatamente a seguir, repetindo a notícia do anjo.

Cada Páscoa e, em particular, cada Vigília pascal é também para nós um novo começar, para nós e nossas comunidades, com o apelo a percorrermos nos tempos de hoje os mesmos caminhos que Jesus percorreu.

Celebramos a Vigília Pascal, a mãe de todas as vigílias. Preparámo-la ao longo de toda a quaresma, mas principalmente no tríduo pascal.

Com esta vigília, queremos celebrar festivamente a passagem do sofrimento e da morte para a vida nova em Cristo Jesus Ressuscitado. Ele que é a luz, luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo.

Daí o significado da Liturgia da Luz com que iniciámos esta Vigília. O Círio Pascal representa, de facto, Cristo Vivo e fonte de vida.

Também a leitura da Palavra de Deus, hoje especialmente abundante, pretende introduzir-nos no mistério do dinamismo do amor de Deus. Amor que cria o mundo e em particular o homem e a mulher; amor que liberta da escravidão do Egipto e de todas as escravidões do pecado, do sofrimento,

da morte; amor que acompanha, como aconteceu com o ministério dos profetas na vida do Povo; amor que perdoa; amor que restitui a vida, onde ela parece ter desaparecido.

Irmãos e irmãs,

É este percurso de iniciação ao amor e à vida que somos convidados a fazer, enquanto discípulos de Cristo, cujo estilo de vida nós queremos continuar, respondendo ao seu mandato – “como eu fiz, fazei vós também”.

Pelo Baptismo estamos configurados com Ele, na morte e na ressurreição, lembra-nos a carta aos Romanos, que obrigatoriamente todos os anos se lê na Vigília Pascal.

E hoje a nossa recordação do Baptismo vai mais longe, sendo todos nós convidados a refazer as promessas que, no dia do nosso baptismo, nós fizemos ou alguém fez por nós.

Daí a importância da Liturgia Baptismal, que dentro de momentos vamos reviver.

De facto, toda a quaresma foi um apelo para revermos os nossos compromissos baptismais e naquilo em que a eles não nos ajustamos fomos convidados a pedir perdão e a recebê-lo da misericórdia divina através do sacramento da Reconciliação, sacramento que a tradição cristã sempre considerou segundo baptismo.

A celebração da Eucaristia concluirá esta Vigília Pascal, fazendo memória da morte e ressurreição de Cristo e oferecendo-nos a oportunidade de voluntariamente nos inserirmos no movimento de passagem do sofrimento e da morte para a vida de ressuscitados no mesmo Cristo.

Celebrando a Ressurreição de Cristo é a vida que nós celebramos. Vida essa que tem a sua fonte em Deus, está entregue a à responsabilidade de cada um de nós e ao cuidado das comunidades; e que com a Ressurreição de Cristo encontrou novas oportunidades para se libertar de todos os constrangimentos, o principal dos quais é o pecado pessoal e também social, incluindo as condicionantes que limitam ou mesmo impedem a sua dignificação.

E ao falarmos da dignificação da vida humana, temos consciência de que hoje se vive uma autêntica revolução de mentalidades, nas formas como ela é promovida e defendida. E chamamos-lhe revolução, porque o que está em causa não a multiplicidade de desvios que fazem sofrer as pessoas e podem pôr em causa o futuro da própria humanidade, mas sobretudo o facto de se pretender que sejam considerados normais decisões e comportamentos que de facto não o são.

E um dos sinais desta revolução é que os agentes sociais e os próprios indivíduos pretendam decidir sobre o início e o fim da vida humana, nomeadamente quando se pretende fazer leis sobre o direito de o indivíduo pedir que lhe seja interrompida a sua própria vida. E faz-se passar a mensagem de que isso é respeitar a liberdade, na medida em que se trata de dar a morte a pedido.

A questão, porém é outra e bem diferente. Se alguém, em determinado momento da sua vida, pede a morte, é preciso averiguar as razões desse pedido. O mais fácil é dar-lhe a morte, em nome do princípio teórico da liberdade individual de escolha, mas o mais razoável e humanizante é averiguar quem ou que circunstâncias criam à sua volta o “inferno” que a leva a pedir a morte e procurar desfazer quanto possível esse “inferno”. Continuamos confiantes em que o valor da vida humana se há-de impor a todos os constrangimentos e também à ameaça da eutanásia, pois é disso que estamos a falar.

Celebremos a vida à qual a Ressurreição de Cristo vem trazer novas e maravilhosas oportunidades. Feliz Páscoa para todos vós e vossas famílias.

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2.4. No início do Advento

Nota pastoral sobre a Recepção da assembleia diocesana

A alegria de sermos discípulos de Jesus

1. Vocação e missão dos discípulos de Jesus

Estamos a começar um novo ano litúrgico, com o início do Advento e a aproximação do Natal.

E queremos viver este Advento e todo o Ano Litúrgico que ele inicia em processo de recepção da nossa assembleia diocesana.

Ora, o Advento sempre foi tempo favorável para aprofundarmos e fortalecermos a nossa relação com o Senhor Jesus, o desejado das nações, o anunciado pelos profetas dos tempos antigos.

Atendamos, agora, ao que nos diz o Evangelho de S. Lucas, quando apresenta a pessoa de Jesus, esse Jesus que cumpre todas as esperanças enraizadas nas profecias do Antigo Testamento, mas também os desejos mais profundos que não cessam de habitar o coração humano: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres e enviou-me a proclamar a libertação aos cativos

e a vista aos cegos; a mandar em liberdade os oprimidos e a proclamar um ano de graça do Senhor” (Luc. 4, 16-20).

Tudo isto, que é um oráculo de Isaías, se cumpre na pessoa de Jesus (v.21) e, com verdade, podemos acrescentar que é para se cumprir também em cada um de nós seus discípulos.

Assim, tal como Jesus, também nós fomos ungidos pelo Espírito Santo, no dia do nosso Baptismo. E a sua unção faz-nos filhos de Deus na comunhão da Igreja. Somos discípulos de Cristo e por isso, queremos aprender com Ele, sobretudo a segui-lo na sua maneira de viver.

E porque discípulos, somos enviados em missão, como Ele o foi pelo Pai, para evangelizar o nosso mundo, a começar pelos pobres, explicitamente referidos por S. Lucas.

Ora, como sabemos, pobres são os que não têm pão para a boca, mas também são outros que sofrem a doença, o isolamento ou o abandono, mesmo das pessoas que lhes são mais queridas. Estas e outras situações são as novas formas de pobreza que gritam diante de nós e chamam pela nossa atenção. O Papa Francisco fala no clamor dos pobres a que junta o clamor da própria natureza, que em si mesma é espelho de Deus, mas sujeita às constantes agressões pelos seres humanos. E perante estes clamores o verdadeiro discípulo tem de saber recusar a tentação da indiferença, como avisa o mesmo Papa Francisco. Cuidar de todos, principalmente dos que sofrem a doença ou outras limitações físicas, mas sobretudo os efeitos nefastos quer das injustiças sociais quer do abandono tem de ser a prioridade de todos os cristãos e comunidades cristãs. É num mundo assim que somos convidados como discípulos de Cristo a anunciar a alegria do Evangelho, expressão tão querido ao Papa, ou, como diz o Evangelho de Lucas acima citado, a proclamar o ano da graça do Senhor.

2. Discípulos de Jesus: à procura de caminhos para anunciar o Evangelho no mundo de hoje

Este é, de facto, o nosso programa, no qual todos os discípulos de Cristo são convidados a participar, sejam padres ou diáconos, sejam religiosos ou leigos.

Mas agora, como vamos pôr em prática este programa, de forma bem aplicada às pessoa e suas situações concretas?

Responder a esta pergunta foi o que pretendeu a nossa assembleias diocesana, realizada em três sessões, para concluir três anos de preparação, durante os quais quisemos colocar toda a Diocese em caminhada dita sinodal, ou seja todos com todos à procura das melhores formas para dar cumprimento ao nosso programa de evangelizar.

Dela resultaram as 89 proposições que estão a ser distribuídas e analisadas por toda a Diocese, num processo que queremos seja de verdadeira recepção.

Estas proposições distribuídas por três apartados interpelam-nos a todos, sobretudo nos seguintes pontos:

1º)As nossas comunidades cristãs têm de fazer profundas mudanças para viverem a sério a comunhão desejada por Cristo, para serem cada vez mais comunhão de ministérios ao serviço da comunhão dos fiéis e promoverem mais a corresponsabilidade sobretudo no que se refere à participação dos leigos, como recomenda o Concílio Vaticano II e o posterior Magistério da Igreja.

Dessas mudanças faz parte que as próprias comunidades não podem continuar fechadas cada uma sobre si mesma, mas têm de abrir-se à colaboração umas com as outras, com programas e acções comuns e maior partilha de serviços. Por outro lado, precisamos de rever com coragem o que devemos pedir aos sacerdotes, libertando-os de certas tarefas que podem e devem ser assumidas por leigos, a fim de eles se dedicarem ao que mais lhes pertence, a saber, formação e celebração da Fé e acompanhamento das pessoas.

2º)As proposições desta nossa assembleia sublinham que a Palavra de Deus tem de estar cada vez mais no coração dos fiéis e das comunidades. Por isso, precisamos de continuar a promover a meditação e partilha da Palavra, tendo como referência as leituras bíblicas de cada domingo. Por sua vez, o método chamado da “Lectio Divina”, apresentado de várias maneiras no processo de preparação da nossa assembleia diocesana, é para continuarmos a propor e a usar, cada vez mais, quer seja para os fiéis em geral, quer seja nas famílias e nos diferentes grupos, como associações e movimentos de apostolado.

De facto, a preparação da assembleia do domingo em cada família e nos diferentes grupos pela leitura partilhada da Palavra é importante objectivo para todos os nossos fiéis e comunidades, que não podemos deixar esquecer. E se a homilia dominical puder beneficiar deste esforço de encontro com a Palavra, o mais alargado possível, tanto melhor. Por sua vez, a transmissão da Fé, nas famílias e na catequese, mas também por outros caminhos, incluindo a homilia do domingo, é outra frente e mesmo aquela que mais nos desafia no momento actual.

3º) O último conjunto de proposições apela à nossa responsabilidade para continuarmos a cuidar bem a celebração da Fé. A Eucaristia dominical é o centro e a referência de todas as outras formas de celebrar a Fé. E por isso merece o maior dos cuidados quer na sua preparação quer na

celebração propriamente dita, dando a devida atenção aos diferentes ministérios nela implicados, desde a presidência aos serviços de leitores e de acólitos, passando pelo arranjo do espaço e dos ambientes. De facto, a vida dos fiéis e das comunidades, como recordam as normas, há-de partir da Eucaristia e a ela conduzir, sempre num processo de renovação pessoal e comunitária. E as outras formas de celebrar a Fé, quer em comunidade quer individualmente, precisam igualmente de ser cuidadas, para que em todas se espelhe aquela beleza que nos há-de conduzir ao encontro com Deus, pois, como é sabido, o caminho da beleza é dos mais preferidos nos tempos actuais para nos fazer chegar até Deus.

3. Discípulos de Jesus: comprometidos no processo de recepção da assembleia diocesana

Começamos um novo ano litúrgico e com ele um novo ciclo, no qual nos vai acompanhar especialmente o Evangelho de S. Marcos. Por sua vez, o Tempo do Advento que lhe abre a porta é tempo especialmente favorável para fortalecermos a esperança; esperança na vinda do Salvador Jesus Cristo e esperança no reino que Ele anuncia. Preparando o Natal, queremos motivar-nos a nós mesmos e às nossas comunidades para percorrermos juntos o processo de recepção das propostas que nos faz a nossa assembleia diocesana, avaliando em cada caso e tendo em conta as circunstâncias próprias de cada comunidade, quais são as prioritárias e quais são as que se podem executar a curto, médio e longo prazo ou se há mesmo alguma que não tem cabimento na vida concreta de determinada comunidade. Queremos também verificar como é que o método da caminhada sinodal que quisemos aplicar na preparação e realização da assembleia diocesana há-de continuar a inspirar as nossas formas de trabalhar em todas as comunidades, mesmo tendo em conta a nossa pobreza de meios humanos e outros.

Temos ainda de pedir às comunidade renovada abertura para compreenderem que os sacerdotes não podem nem devem continuar a fazer tudo o que era hábito fazerem há algumas décadas atrás. E isto não só porque eles são menos, mas também porque os leigos têm direito a ocupar os espaços que lhes pertencem na vida das comunidades. Aos sacerdotes precisamos de saber pedir principalmente o serviço da formação e acompanhamento dos leigos, ajudando-os a discernir as formas próprias de servirem as comunidades e preparando-os devidamente. Por exemplo, continuamos a verificar que é imperioso preparar ministros coordenadores das assembleias dominicais na ausência do presbítero. Também consideramos imperioso que, em cada arceprelado sejam definidos serviços comuns para várias comunidades, desde a formação de ministérios à catequese e outros, incluindo as

celebrações do domingo. Assim o exige também o reduzido número de habitantes que temos em muitas das nossas comunidades paroquiais e com tendência para diminuir ainda mais.

Há uma preocupação que temos de continuar a recomendar a todas as nossas paróquias, que é fazerem oração pelas vocações sacerdotais e ajudarem a descobrir aqueles que apresentam sinais de poderem vir a ser chamados para o exercício do ministério sacerdotal.

Existem, na Igreja, instrumentos que não podemos dispensar no processo de levar à prática estas e outras preocupações relacionadas com a recepção da nossa assembleia diocesana. E entre eles estão os conselhos pastorais paroquiais ou interparoquiais. Onde estes não existem formalmente criados, impõe-se que cada pároco faça encontros regulares com os seus mais directos colaboradores.

Estão também os conselhos pastorais arcepresbais, cada um deles presidido pelo respectivo arcepreste, segundo as normas que os regem e igualmente estão o Conselho Pastoral Diocesano e o Conselho Presbiteral.

Pretendemos, de facto, com ajuda destes instrumentos, cumprir o processo de recepção da nossa assembleia diocesana, nomeadamente procurando avaliar bem quais as propostas que já estamos a aplicar, que outras ainda não aplicamos mas podemos vir a aplicar, quais as prioridades também as dificuldades inerentes às mesmas.

Finalmente, não podemos esquecer que a comunhão verdadeira em Igreja nunca a poderemos conseguir sem que sejam respeitadas e aplicadas aquelas regras elementares de administração que graças a Deus temos registadas em livro próprio.

4. Conclusão

Todos somos de facto enviados em missão para dar cumprimento aos resultados da nossa assembleia diocesana e queremos sentir-nos animados na esperança de que esta mesma assembleia faça progredir todas e cada uma das comunidades na vivência da Fé e no serviço às pessoas e à sociedade em geral.

Que este Advento e o Natal que ele prepara a todos nos fortaleçam na esperança de chegarmos à desejada renovação pessoal e comunitária que a nossa Fé nos pede.

Guarda, 24.11.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2.5. Mensagem de Natal

Natal é a celebração do nascimento de um Menino, Jesus Cristo, que veio para salvar. Por isso, sendo Deus, assumiu a nossa condição de homens e mulheres, com todas as conseqüências de alegrias e esperanças, êxitos e fracassos, de sofrimento e de morte.

Essa é a mensagem do Presépio de Belém, mensagem de simplicidade, de pobreza e mesmo de alguma rejeição, que impressiona e confunde, que interpela as gentes de todos os tempos, idades e condições.

Ora, este gesto de Deus que sendo rico voluntariamente se faz pobre, sendo Senhor se faz pequenino e frágil para se tornar próximo de todos, sem excluir ninguém, é a grande interpelação dirigida aos poderes deste mundo. De facto, a lição do Presépio aponta os caminhos pelos quais se constrói o autêntico bem-estar das pessoas e a saudável vida comunitária, que constitui direito de todos.

É realmente de vida comunitária que as pessoas precisam e promovê-la é a principal obrigação de todos os constituídos em autoridade. A autêntica vida comunitária procura realizar a proximidade de todos a todos e a cada um, pede reconhecimento das capacidades e também dificuldades de cada pessoa e que lhe sejam criadas as necessárias condições para que as capacidades se desenvolvam e se coloquem ao serviço do próprio e do bem comum e as dificuldades possam ser superadas.

Ora, nós acabámos de viver a experiência coletiva dos incêndios de outubro último e de junho passado, o que foi um verdadeiro teste à nossa vida comunitária, sobretudo à capacidade de resposta de pessoas e instituições em situações emergentes como estas. Morreram pessoas em número e circunstâncias sem paralelo com situações anteriores. Muitas outras ficaram privadas de bens de primeira necessidade, como a habitação, mas também recursos dos quais depende a sua subsistência diária, como animais, agricultura e floresta. Perante este quadro de tristeza, sofrimento e algum desespero, alegra-nos a resposta pronta de pessoas e instituições que apareceram no terreno para acolher desalojados e prover às necessidades imediatas sobretudo de vestuário e alimentação a quantos perderam tudo.

Este é caminho para construir a vida comunitária que todos desejamos.

Mas também vimos algum distanciamento dos poderes constituídos tentando responder com medidas gerais a situações muito díspares, que, por isso, precisavam de respostas diferentes. Dou um exemplo. Visitei, no dia imediato ao desastre dos incêndios, uma povoação com duas pessoas sepultadas nos escombros das suas casas consumidas pelo fogo e uma outra povoação vizinha onde morreu um casal que deixou duas crianças – uma de 2 anos e outro de 7. Ora, tratar por igual uma pessoa que vivia sozinha em sua casa, por sinal bem relacionada com os vizinhos, cujos filhos estão emigrados no estrangeiro e o casal também vítima do mesmo incêndio, que deixou dois filhos menores, dando-lhes a mesma importância em dinheiro, sejam 70 sejam 70 vezes 7, como se a vida em alguma circunstância pudesse ser transacionável por valores materiais, é, no mínimo, um contra-senso. Por sua vez, ao lado, vivia uma outra família que perdeu dois tratores, o seu ganha pão.

Quem está mais habilitado para fazer a avaliação destas situações e dizer como podem ser devidamente resolvidas? A resposta só pode ser uma – pessoas e instituições que estão próximas e não o centralismo da administração pública, como aconteceu e está a acontecer.

Compreendemos, é certo, que se dê atenção prioritária às empresas afetadas pelos incêndios, das quais depende o emprego de muita gente. Mas, em contrapartida, custa-nos a compreender que serviços estatais como os que operam na agropecuária e na floresta, continuem quase indiferentes aos dramas de muitas famílias que perderam tudo e agora ninguém lhes diz como fazer para poderem aproveitar o que restou dos incêndios e sobretudo reordenarem os seus territórios e programarem um futuro diferente. São horas como estas, queira Deus não voltem a repetir-se, que põem à prova a capacidade e operacionalidade dos serviços aos quais compete marcar presença, mas, na hora da verdade, não estiveram lá. E a tutela respetiva parece também resignada à fatalidade acontecida sem nada, ou pouco, fazer para propor os novos caminhos que o dramatismo das situações de facto impõe.

O que se lhes pedia é que viessem para o terreno, colocar-se ao lado das pessoas, para as ajudar a salvar o que restou dos incêndios e a dar orientação sobre o futuro desejável para os nossos campos e as nossas florestas.

O Menino de Belém veio para salvar, abrindo caminhos de esperança nas relações entre as pessoas e destas com a natureza, para conseguirmos chegar à sociedade nova por todos ambicionada, mas ainda não conseguida.

A lição de Belém aí está e convida-nos para não desistir do esforço de procurar o que é mais importante, a saber: cuidar a boa relação de todos com todos para atingirmos patamares de vida comunitária verdadeiramente saudável.

Guarda, 5.12.2017

+Manuel Rocha Felício, Bispo da Guarda

3.Eventos

3.1. Doze anos ao serviço da Diocese da Guarda, no exercício do Ministério Episcopal

Faz hoje 12 anos que cheguei à Diocese da Guarda, como Bispo Coadjutor, nomeado ainda pelo Papa S. João Paulo II.

Fui muito bem recebido, apesar do frio que se fez sentir naquele dia e na semana que se lhe seguiu, durante a qual, nas minhas deslocações pela Diocese, cheguei sempre casa com temperaturas negativas, compensadas, é certo, pelo forte calor humano que encontrei nos sacerdotes e nos fiéis em geral.

É este o momento para dar graças pela forma como o próprio Deus tem atuado em favor do seu povo, através do ministério que me confiou; mas também tempo para fazer revisão das opções feitas e das iniciativas desenvolvidas; revisão principalmente sobre os objectivos definidos e atingidos ou não e sobre a forma como foram reunidos os meios humanos e materiais necessários para dar vida à nossa comunidade diocesana. Nesta minha revisão diante da Diocese, vou fixar-me no tempo que decorreu desde o último 16 de janeiro (2016).

1. Ao longo deste ano, a minha grande preocupação, como a de todo o nosso presbitério e outros agentes pastorais foi a de preparar o melhor possível a nossa assembleia diocesana, que, por graça de Deus, já tem as suas três sessões marcadas para os meses de Abril, maio e junho próximos.

Nesse sentido, procurámos fazer um esforço concertado para refletir com todo o Povo de Deus, mas principalmente com os nossos mais diretos colaboradores, as formas como estamos a celebrar a Fé, tal como nos dois anos anteriores tínhamos feito em relação à catequese e à nossa experiência de sermos Igreja. Pedimos que se fizessem chegar ao secretariado diocesano da coordenação pastoral as reflexões feitas nos diferentes grupos e instâncias de cooperação pastoral com os nossos párocos. Chegaram algumas reflexões, embora não com o número que nós desejávamos. Isto demonstra que temos de continuar o esforço de educar para a participação na vida das comunidades, a começar pela elaboração dos respectivos projectos e programas.

Nomeámos a Mesa da Assembleia Diocesana, com a missão de reunir todos os dados das reflexões feitas e elaborar o “Instrumentum Laboris” (documento de trabalho) preparatório da assembleia. Este documento foi, graças a Deus, já elaborado e apresentado à Diocese no dia 1 de outubro passado.

Pedimos que o mesmo “Instrumentum Laboris” seja trabalhado pelos conselhos pastorais arciprestais e também pelos colaboradores mais directos de cada pároco e que o resultado desse trabalho seja enviado à Mesa da Assembleia diocesana. Está em curso este processo para, com base nos seus resultados, serem elaboradas as proposições que serão presentes às 3 sessões da assembleia diocesana.

Estão definidos os delegados à mesma assembleia, pedindo-lhes nós que também se empenhem em reflectir o “Instrumentum Laboris”.

Distribuimos pela Diocese um formulário de oração a pedir a bênção de Deus para esta nossa assembleia, esperando que ela seja rezada regularmente em todas as comunidades paroquiais e outras.

Em todos este processo quisemos responder ao apelo do Papa Francisco que, na “Evangelii Gaudium”, nos desafia a fazer caminhada sinodal,

apelo que remonta ao Concílio Vaticano II, que, também no processo de preparação desta assembleia quisemos revisitarmos.

Que o Senhor nos ajude a aproveitar esta oportunidade para juntos discernirmos bem os apelos do Espírito para o presente e o futuro próximo da nossa diocese.

2. O Jubileu da Misericórdia convocado pelo Papa Francisco para comemorar o cinquentenário do Concílio Vaticano II motivou um programa abrangente que tocou todos os nossos arceparquias e paróquias. Definimos as Igrejas Jubilares dentro da Diocese. Para além da Sé Catedral da Guarda, Igreja Jubilar para toda a comunidade diocesana, indicou-se uma Igreja jubilar em cada um dos 15 arceparquias. Decidimos que em cada uma destas Igrejas e a partir dela houvesse um programa jubilar anunciado em todas as Igrejas do arceparquias. Com esse programa quisemos oferecer às pessoas em geral lugares e tempos de atendimento pelos sacerdotes, com ou sem sacramento da reconciliação. Quisemos que houvesse celebrações eucarísticas regulares, rotativamente presididas por cada um dos padres do respectivo arceparquias, com pregação centrada nas grandes preocupações do Jubileu sobre as quais foi indicada documentação apropriada; que houvesse tempos fortes de oração pessoal e comunitária, incluindo adoração eucarística e peregrinações. O sentido da peregrinação, o valor da indulgência ligada ao Jubileu e a prática das 14 obras de misericórdia, de acordo com as indicações da bula “Misericordiae vultus” foram sempre os assuntos tratados nos diferentes programas jubilares.

Cada arceparquias organizou pelo menos uma peregrinação jubilar presidida pelo Bispo Diocesano, em que se valorizaram os símbolos jubilares da peregrinação e da indulgência, com as condições requeridas e se fez o apelo para que as 14 obras de misericórdia – 7 corporais e 7 espirituais – façam parte dos programas de vida pessoal, familiar e mesmo comunitária.

Fizemos na catedral com a devida solenidade abertura e encerramento do ano jubilar.

3. Durante o ano de 2016, no mês de março, o Papa Francisco presenteou-nos com mais um documento de decisiva importância para a vida da Igreja e da sociedade em geral. Trata-se da exortação apostólica “Amoris Laetitia” (A alegria do amor), com suas orientações pastorais sobre a Família, resultantes do trabalho de dois sínodos convocados pelo mesmo Papa, um em 2014 e outro em 2015.

Esta exortação apostólica é um documento programático, que exige muito sobretudo de nós sacerdotes para atendermos bem as famílias, nas diferentes situações em que se encontram. Conjugando as preocupações

deixadas por esta exortação com as do “motu proprio” do mesmo Papa intitulado “Mitis Judex Dominus Jesus”, sobre processos de declaração de nulidade matrimonial anteriormente publicado (2015), sentimos que a nossa pastoral familiar tem de fazer esforço para se renovar. Por isso, depois de informação geral dada a todos os sacerdotes e diáconos, entendemos que devíamos oferecer-lhes uma formação mais detalhada e aprofundada sobre os assuntos tratados nestes dois documentos, em ordem a que a nossa pastoral ordinária os possa ter em conta nas circunstâncias diferenciadas de cada uma das famílias e também para que a pastoral familiar como tal possa aperfeiçoar as suas respostas às novas situações sobretudo as que aparecem envolvidas em maiores dificuldades.

Por isso, nos dias 2 e 3 de fevereiro teremos connosco três professores do Instituto de Ciências da Família da Universidade de Salamanca para nos ajudarem a perceber mais e melhor os novos problemas da vida em família e a descobrir caminhos de acompanhamento devido a cada caso.

4. Uma outra preocupação que nos acompanhou ao longo deste ano e vai continuar foi a procura de formas renovadas de responder convenientemente ao cuidado pastoral das nossas paróquias e conjuntos de paróquias.

Isto, quando diminui o número de sacerdotes, isso é verdade, mas quando também temos um número significativo de diáconos permanentes que queremos valorizar cada vez mais; e já começámos a formação de um novo grupo.

Além disso, foi nosso propósito, ao longo deste ano, lançar em todos os arceprestados a formação de coordenadores de assembleias dominicais na ausência do presbítero e, com essa finalidade, já temos definido e aprovado um programa que deve ser cumprido em quatro momentos, para formação doutrinal e prática destes coordenadores.

Também sentimos a necessidade de diversificar as respostas pastorais de acordo com os contextos diferenciados que temos. Por isso, começámos já a desenvolver esforços para termos programas específicos de pastoral de cidade.

É nossa sensação que há serviços, sobretudo na área da formação, incluindo a catequese, que precisam de ser centralizados no arceprestado. Para termos uma pastoral que responda à proposta de caminhada sinodal que nos é feita, nomeadamente de forma insistente pelo Papa Francisco, precisamos que funcione em cada arceprestado o seu Conselho pastoral Arciprestal e que cada pároco tenha também o seu conselho, com o qual partilha preocupações e que o ajude a tomar as decisões que se impõem.

Começam, assim, a desenhar-se algumas formas de renovar a nossa prática pastoral que não-de conduzir à desejada reorganização da Diocese, a qual, como é óbvio, nunca estará feita em definitivo.

Perante estes e outros desafios pastorais, ao longo deste ano, cresceu em nós a convicção de que só uma saúde muito forte dos nossos padres e dos outros agentes pastorais pode dar resposta adequada ao que legitimamente exige a nossa pastoral.

E quando falamos em saúde, queremos referir-nos à saúde física, mas também e sobretudo à saúde espiritual e àquela que se reflecte nas boas relações e na cooperação que tem de existir sobretudo em presbitério, com expressão visível em cada arciprestado, onde a jurisdição que cada pároco tem sobre a sua ou suas paróquias precisa de ser bem conjugada com a vontade de dar colaboração aos outros párocos e seus serviços. Estou convencido de que precisamos de saber conjugar cada vez mais e melhor, na nossa vida sacerdotal, dois princípios – o da jurisdição e o da cooperação.

Sinto que também os serviços diocesanos, nomeadamente secretariados, movimentos e obras de apostolado precisam de cuidar a saúde do seu dinamismo, ajustando continuamente as suas formas de actuar à realidade pastoral da nossa Diocese, sempre em mudança.

Tenho consciência de que precisamos de continuar a criar mais e melhores condições para que as 25 comunidades religiosas presentes na nossa diocese, a que acrescentamos as comunidades da Liga dos Servos de Jesus, possam cumprir plenamente o seu carisma específico ao serviço da pastoral diocesana. Os variados contactos que mantive com elas, ao longo deste ano, permitem-me dizer que temos, de facto, um grande potencial de dinamismo evangélico entre nós que está longe de ser plenamente aproveitado.

5. Refiro agora alguns acontecimentos que marcaram especialmente a vida da Diocese, neste último ano.

Para além das iniciativas ligadas ao Jubileu da Misericórdia e das acções integradas na preparação da assembleia diocesana, a que já fizemos referência, lembro as seguintes:

5.1. Houve três Irmandades da Santa Casa da Misericórdia que celebraram cinco séculos de vida, na nossa Diocese – as do Fundão, Gouveia e Sabugal.

5.2. A Fazenda da Esperança, criada, na nossa diocese, no arciprestado de Celorico da Beira (paróquia de Maçal do Chão) há 4 anos - Abril de 2012, depois de alguns percursos sinuosos com várias dificuldades

felizmente ultrapassadas, parece ter encontrado um caminho positivo. Durante o ano de 2016, houve diálogo muito sério com os responsáveis por este serviço, que começou no Brasil e ganhou dimensão internacional. E começaram a aparecer sinais de esperança. Trata-se de um serviço que pode ser oportunidade de recuperação para muitos que entraram por caminhos desviantes, mas também centro de espiritualidade para todos os que o desejarem aproveitar.

5.3. Foi importante a preparação e a participação na Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia (Polónia) na última semana de julho, que contou com mais de sete dezenas de participantes da nossa Diocese coordenados pelo Rev.do Padre Rui Miguel Manique Nogueira. Houve preparação e envio no Santuário de Nossa Senhora das Dores do Paul presidida pelo Bispo Diocesano, o qual também se deslocou a Cracóvia, em nome da Conferência Episcopal Portuguesa, para orientar três catequeses com grupos juvenis de língua portuguesa.

5.4. Dando continuidade a iniciativas do género em anos anteriores, a Diocese da Guarda recebeu, na última semana de Agosto e na Serra da Estrela, um grupo grande de famílias numerosas vindas de vários pontos do país, sobretudo Lisboa e Porto, para “um verão diferente”. Foi uma semana com programa variado de contactos com os segredos da serra, de acções de formação, e momentos fortes de espiritualidade. O Bispo diocesano viveu com eles uma tarde, tendo presidido á Eucaristia e participado numa das suas acções de convívio e formação.

5.5. Foi muito esperançosa participação da nossa Diocese no IV Congresso Eucarístico Nacional realizado em Fátima no mês de junho. O número de participantes coordenados pelos Rev.dos Padres António Luciano dos Santos Costa e Luís Miguel Pardal Freire, representou bem a forte ligação da nossa Diocese à adoração eucarística e esperamos que impulse a futura realização de um novo congresso eucarístico diocesano entre nós.

5.6. A Missão D. João de Oliveira Matos, criada em Angola pela Liga dos Servos de Jesus, com a presença permanente e comprometida de duas irmãs da mesma Liga, manteve uma escola a funcionar com 400 alunos, a qual se afirmou pela qualidade dos serviços prestados, durante o último ano lectivo, junto das outras escolas e da tutela local para o ensino. Isto, apesar de alguns problemas surgidos, logo no início do ano, que levaram ao afastamento compulsivo, pela via dos tribunais locais, do director e director adjunto.

A cooperação com a FEC (organismo da Conferência Episcopal Portuguesa) em ordem à formação de professores teve os seus efeitos positivos, os quais são reconhecidos pela tutela local do ensino. A deslocação que o Bispo diocesano lá fez, no ano de 2015, pretendeu abrir caminhos com vista a esta cooperação.

Para além da escola, a Missão D. João de Oliveira Matos tem tido participação importante nos trabalhos pastorais da paróquia local, com as suas muitas comunidades espalhadas por área bastante extensa. Destaca-se o trabalho na catequese, incluindo preparação de catecúmenos adultos para o baptismo.

6. Acontecimentos que aguardam o nosso empenhamento durante o ano de 2017

6.1. O primeiro deles é a realização da assembleia diocesana em três sessões. Dela esperamos sugestões reflectidas para definir os caminhos pastorais que a nossa diocese há-de percorrer nos próximos tempos.

6.3. A celebração do centenário das aparições de Fátima é outro acontecimento que nos há-de mobilizar. O nosso movimento “Mensagem de Fátima” vai fazer-nos a suas sugestões e nós estaremos atentos. A vinda da imagem peregrina para percorrer o arciprestado de Seia, a partir do mês de março é importante contributo.

6.3. A peregrinação nacional de pessoas com deficiência a Fátima, em junho próximo, é outro acontecimento em que desejamos marcar presença. A nossa Diocese já tem estado envolvida nos retiros de doentes, em Fátima, idos de diferentes paróquias nossas; agora queremos que o esteja também nesta peregrinação.

Enquanto revemos o passado recente de há um ano a esta parte, pedimos a bênção de Deus para estes e outros eventos que temos em agenda.

16.1.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3.2.Ordenação sacerdotal

Em 18 de junho foi ordenado presbítero Bruno António Loureiro Almeida Lopes.

A solene celebração realizou-se às 16H00, na nossa Catedral.

Reproduz-se, a seguir, a homilia desta celebração

Homilia

Senhor D.S. António,
Sacerdotes concelebrantes e diáconos
Seminaristas

Estimado candidato à Ordenação Bruno António, teus pais e restantes familiares
Irmãos e irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo

Alegremo-nos, com esta Sé Catedral e toda a nossa diocese em festa, pela ordenação sacerdotal de mais um dos seus filhos. Consideramos este acontecimento e a celebração em que estamos a participar um verdadeiro presente de Deus e a garantia de que Ele está sempre connosco, apontando-nos os caminhos que devemos seguir para darmos cumprimento, nos tempos de hoje ao mandato missionário recebido do próprio Cristo.

Irmãs e irmãos é de grande transcendência o passo em frente que este nosso irmão Bruno António vai dar em direção ao único sacerdócio de Cristo. É verdade que todo o povo de Deus se torna, em Cristo e pelo batismo, um verdadeiro sacerdócio real. Porém o mesmo Jesus Cristo, eterno e único sacerdote, escolheu alguns discípulos para desempenharem na Igreja, em seu nome, o ministério sacerdotal ao serviço dos homens. Enviado pelo Pai, Ele mesmo enviou os Apóstolos por todo o mundo, a fim de continuar, por meio deles e dos Bispos que lhes haviam de suceder, a sua missão única de Mestre, Sacerdote e de Pastor. Ora acontece que os presbíteros, na ordem dos quais o nosso irmão Bruno António hoje vai entrar pelo sacramento da ordem sacerdotal, são constituídos cooperadores dos Bispos para serviço do povo de Deus, no exercício da tríplice missão de ensinar, santificar e governar. A passagem do profeta Isaías que acabámos de escutar dá-nos a verdadeira dimensão do serviço sacerdotal que vai ser confiado a este nosso irmão pelo Sacramento da Ordem.

Trata-se de um serviço a todo o povo de Deus cuja origem está no Espírito Santo, derramado em abundância sobre a pessoa do novo sacerdote através do sacramento da Ordem. Por isso, a unção com que vão ser marcadas as suas mãos após a oração consecratória não tem outra finalidade senão lembrara-lhe que, a partir de hoje ele é ungido do Espírito Santo por um novo título e como tal enviado, como lembra o profeta, para anunciar a Boa Nova, curar os corações feridos levar a redenção aos cativos e proclamar o ano da graça do Senhor. Pelo exercício do ministério sacerdotal que hoje lhe fica confiado, o luto na vida das pessoas será substituído pela alegria e os corações abatidos ganharão nova coragem. Estas são as razões de esperança que o mundo espera da Igreja e em particular de nós sacerdotes.

A nós sacerdotes está confiada a missão de interpretarmos da melhor maneira os verdadeiros sentimentos de Cristo, que também sentiu dor e aflição diante das necessidades das pessoas. É o caso que o Evangelho nos apresenta hoje. Jesus

percorria as aldeias e cidades, ensinando, pregando e curando; portanto, estando muito atento à vida real das pessoas que o procuravam para encontrar remédio para as suas múltiplas dores e necessidades. E Jesus não é insensível à realidade e às razões desta procura. Por isso tem o seguinte desabafo para quantos o seguiam mais de perto: “A messe é grande, os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da messe que mande mais trabalhadores para a sua seara”.

Irmãos e irmãs, este desabafo de Cristo para os seus mais diretos colaboradores vence as barreiras do templo e hoje é repetido para cada um de nós. A oração pelas vocações sacerdotais têm de ser por isso a nossa preocupação diária constante. Com a diminuição drástica das ordenações sacerdotais nos últimos anos, pensamos já ter entendido a mensagem que o mesmo Senhor dirige à sua Igreja de que é necessário conjugar bem o ministério sacerdotal com os outros ministérios, incluindo os ministérios não ordenados. Agora, escutando de novo o apelo de Cristo no Evangelho de hoje precisamos de reforçar a nossa oração para que o Senhor nos dê os sacerdotes necessários. Na verdade, todos sabemos que, sem eucaristia e sacerdotes que a celebrem as nossas comunidades perdem vitalidade e correm o risco de esmorecer. É certo que a nossa vida, tanto pessoal como comunitária, está sempre nas mãos de Deus, mas Ele pede o nosso empenho, e empenho redobrado, na promoção das vocações sacerdotais.

E nesta nossa oração precisamos de incluir também os sacerdotes que já o somos. Isto porque levamos embrulhado nas nossas muitas fragilidades o grande presente de Deus para todo o seu povo. Como nos lembra o apóstolo Paulo levamos connosco um tesouro maravilhoso, mas em vasos de barro. E isto para que sintamos que todo o bem realizado não é devido às nossas forças, mas tão só ao amor de Deus que opera em nós. Na próxima sexta-feira solenidade do Coração de Jesus é também jornada mundial de oração pela santificação dos sacerdotes. Confiamos por isso, à oração de todo o povo de Deus para que o nosso ministério sacerdotal seja cada vez mais rosto bem visível do único bom Pastor Jesus Cristo.

Estimado Bruno António, dentro de momentos vais dizer solenemente diante desta vasta assembleia que queres ser padre para cooperar com a Ordem dos Bispos apascentando o Povo do Senhor sob ação do Espírito Santo.

Vais prometer que exercerás dignamente o ministério da Palavra, sobretudo na pregação e na formação da Fé; e também que, através da oração e da celebração dos Santos mistérios serás instrumento de Deus para santificação de todo o Seu Povo.

E dir-nos-ás do teu propósito de viver o ministério Sacerdotal em união com Cristo, Sumo Sacerdote que, por nós se ofereceu ao Pai como vítima Santa. Alegramo-nos com este teu propósito hoje solenemente declarado de te consagrarestes inteiramente a Deus, com Cristo para Salvação das pessoas.

E a passagem bíblica da 1ª carta de S. Pedro hoje proclamada deixa-nos algumas recomendações plenas de oportunidade no acontecimento que estamos a viver.

São recomendações aos presbíteros, testemunhas dos sofrimentos de Cristo, mas também vivendo a alegria antecipada de participarem na sua glória.

E recomendações para apascentarem o rebanho de Cristo não por ganância, ou seja por qualquer desejo de lucro, mas tão só por espírito de serviço e de dedicação ao seu povo; não por qualquer espírito de domínio, mas segundo tão só o modelo do próprio Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para que todos tenham vida em abundância.

Estimado Bruno António, e dentro de momentos Pe. Bruno, depois da imposição de mãos de todos os sacerdotes presentes e depois da oração consecratória própria da Ordenação, o Senhor toma conta de ti de uma maneira especial. Nunca tenhas receio de seguir as orientações que Ele te for dando; orientações essas que terás de discernir no diálogo em Presbitério e com o teu Bispo. Lembra-te constantemente das palavras que vão acompanhar a entrega do cálice e da patena depois da oração consecratória : Toma consciência de que vais fazer, imita o que vais realizar e conforma a tua vida com o mistério da cruz de Cristo.

Interrompemos a leitura do Evangelho de hoje, com o desabafo de Jesus e o convite à oração pelas vocações. A seguir, encontramos o relato em que o mesmo Jesus escolheu os doze, chamando-os a cada um pelo seu nome e os envia com a seguintes recomendação: “Recebestes de graça, dai de graça.

Bruno António que a nossa vida de sacerdotes seja cada vez mais o cumprimento desta recomendação de Jesus, em clara rotura com as formas de viver comuns na cultura e no mundo de hoje. E a propósito, cito a escritora contemporânea – Sofia de Melo Breyner quando diz: “Porque os outros se compram e se vendem/e os seus gestos dão sempre dividendos/Porque os outros fazem cálculos/

Mas tu não

Mas tu não.

Que o nosso único dividendo seja sempre e só o louvor de Deus e o serviço dos irmãos

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

3.3. Missionários do Espírito santo

150 anos de presença em Portugal e 98 anos de ligação institucional à Diocese da Guarda

Na Igreja Paroquial do Fundão, foi celebrada a efeméride dos 150 anos de presença dos Missionários Espiritanos em Portugal a que juntámos o facto da sua ligação institucional à nossa Diocese desde há quase 100 anos (98 anos).

Realmente, essa ligação vem desde o ano de 1919, data em que o Sr. D. José Matoso dirigiu uma carta ao Geral dos Espiritanos, solicitando o envio de uma comunidade para o meio de nós. De imediato foi enviado um

sacerdote, o Rev.do Padre Teles, que passou a desempenhar funções de Director Espiritual no Seminário Maior da nossa Diocese. Em 1931, os Espiritanos criaram entre nós um seminário menor, com sede na Estação da Guarda, que perdurou até ao ano de 1944, tendo, por essa ocasião, sido transferido para a Régua (Godim).

Entretanto, em 1978, veio para o Fundão uma outra comunidade espiritana, com a finalidade de fazer animação missionária nas paróquias e aproveitando a oferta de uma casa que lhes fez uma família local.

Ao longo destes anos, houve 117 missionários do Espírito Santo que partiram da nossa Diocese e desses oito estão ainda no número dos vivos, dos quais dois participaram na celebração de acção de graças ontem realizada no Fundão.

A celebração foi presidida pelo Bispo ad Diocese, tendo nela tomado parte o Provincial dos Missionários Espiritanos em Portugal e mais sete outros membros da mesma congregação.

Guarda, 22.5.2017

+Manuel R, Felício, Bispo da Guarda

3.4.Centenário das Aparições de Fátima

a) Fátima, o Papa Francisco e a canonização de dois pastorinhos

Vamos viver, nos próximos dias 12 e 13, sexta e sábado, acontecimento único na vida dos portugueses, com a presença do Papa Francisco no Santuário de Fátima para a celebração do centenário das aparições e a canonização dos beatos Francisco e Jacinta.

Fátima há muito tempo que se impôs à Igreja, aos portugueses e ao mundo, pela força da mensagem trazida por Nossa Senhora aos três pastorinhos. Uma mensagem que convida as pessoas a arrepiarem de certos caminhos, aqueles que conduzem à guerra e a escolher outros, os da conversão e da oração, que levam ao fim da guerra e a construir a verdadeira paz.

Desde então, Fátima chama multidões de pessoas que ali se dirigem para encontrarem a alegria e a paz que só a relação com Deus nos pode dar. E descobrem que Nossa Senhora é o caminho certo para chegar a essa relação com Deus, mediada na pessoa de Seu Filho Único Jesus Cristo. Foi esta a experiência dos três pastorinhos, que esqueciam tudo e se entregavam à reconfortante presença de Deus. E a partir desta experiência reconfortante as suas vidas mudaram por completo, passando a ser entrega completa a Deus pelo bem da humanidade, com insistência

na conversão dos pecadores, na oração e na procura dos caminhos que levam ao fim da guerra e à paz.

O grande sinal que impôs o acontecimento de Fátima ao mundo foi a generosidade precoce de três crianças. De facto, por palavras e sobretudo por gestos verdadeiramente heroicos, que ultrapassam as capacidades normais de qualquer criança como eles, transmitiram com fidelidade o que Nossa Senhora lhes dissera, essa Senhora mais brilhante do que o sol, cuja imagem ficou para sempre gravada na sua memória. Mostraram-se dispostas a dar a vida por amor a Deus e pelo bem da humanidade.

Esta experiência das 3 crianças contagiou as pessoas, desde o início, justificando o entusiasmo pela peregrinação a Fátima. Mais de 40 mil peregrinos caminham a pé pelas estradas de Portugal em direcção àquele santuário, onde se aguarda um milhão para participarem nas celebrações presididas pelo Papa Francisco, que incluem a canonização dos beatos Francisco e Jacinta.

Fátima é, de facto, grande sinal de esperança para o mundo do nosso tempo, que julga ter tudo, mas lhe falta o essencial; aquele essencial que Nossa Senhora ali transmitiu há um século e os pastorinhos testemunharam com o gesto heroico da entrega das suas vidas.

9.5.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Visita da Imagem Peregrina a Seia

No ano centenário das aparições de Fátima
Acolhemos a Visita da imagem peregrina

Estamos a preparar a celebração do centenário das aparições de Fátima, que, por graça de Deus, vai ser presidida pelo Papa Francisco, nos dias 12 e 13 de maio próximo.

Já tivemos em 2015 uma visita da imagem peregrina a toda a nossa Diocese da Guarda, durante 15 dias, passando por cada um dos 15 arciprestados, sem todavia ter podido ir a cada uma das paróquias, o que agora louvavelmente se pretende para o arciprestado de Seia, como preparação próxima para a celebração do centenário das aparições.

Fátima é, de facto, um grande sinal de esperança para o nosso tempo. As aparições, primeiro do Anjo Custódio de Portugal e depois de Nossa Senhora, entre maio e outubro, foram e continuam a ser uma grande bênção para a Igreja e para o mundo, particularmente para o nosso país e a realidade da Igreja em Portugal e nas nossas paróquias.

Sendo uma bênção, estas aparições são também uma interpelação para que a mensagem do Anjo e depois de Nossa Senhora aos pastorinhos, longe cair em saco roto, produza abundantes frutos de conversão na nossa vida pessoal, na vida das nossas famílias e das nossas comunidades. De facto, cada um de nós há-de sentir-se, com esta visita da imagem peregrina e com a celebração do centenário das aparições, verdadeiramente interpelado a corresponder ao chamamento de Deus, a combater o mal a partir do mais íntimo de si mesmo, enfim, a compreender o sentido da conversão e do sacrifício em favor dos outros, como fizeram os três pastorinhos, na sua pureza e inocência. Estamos a ultimar a preparação da nossa assembleia diocesana, que se realizará em três sessões, nos meses de abril, maio e junho, coincidindo, por isso, com a celebração deste centenário. Que a oração dirigida sempre ao Senhor de todos nós e do mundo, através de Nossa Senhora, Sua e nossa Mãe, nos ajude a encontrar os caminhos da Fé que o Evangelho aponta e o mundo de hoje reclama.

Guarda, e Casa Episcopal, 24.1.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3.5. o drama dos incêndios

a)Um apelo à generosidade dos fiéis e comunidades
Guarda, 19.10.2017

Às comunidades cristãs da diocese da Guarda

Estimados irmãos e irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo:

A vaga de incêndios do último domingo deixou muito sofrimento espalhado pelas nossas terras.

Perderam a vida quatro pessoas residentes dentro da nossa Diocese e pelo menos mais uma também morreu, quando fugia do fogo, a partir de uma das nossas paróquias. Rezamos pelo eterno descanso destas cinco pessoas, duas das quais (marido e esposa que deixaram filhos menores) já acompanhei ao cemitério, depois de presidir à missa de corpo presente. Mas os dramas não se ficam por aqui.

Contactei pessoas que perderam a casa e praticamente tudo o que tinham lá dentro. Outra que perdeu o ganha pão – o tractor com que trabalhava. Sei de outras que perderam os animais que eram o seu sustento; outras ainda ficaram com alguns animais, mas agora, com tudo ardido, não têm que lhes dar a comer.

É de facto muito o sofrimento gerado pelo drama dos incêndios. Queremos agora ajudar as pessoas, respondendo para já às suas necessidades imediatas, com o que é o caso de falta de roupa para vestir, de alimentos indispensáveis, de fogão e gás para os cozinhar ou alguma ração para os animais.

Peço, por isso, à nossa Caritas Diocesana para, em colaboração com os párocos, identificar este tipo de necessidades imediatas e lhes responder no imediato. Para isso e para já, dispõe de um fundo de maneio, no valor de cinco mil euros.

Esta importância obviamente não chega para responder às necessidades e, por isso, peço a generosidade das pessoas em geral para, com os seus donativos, poderem engrossar este fundo em ordem a podermos responder a todas as necessidades mais urgentes.

Os donativos devem ser dirigidos a Caritas Diocesana da Guarda, quinta de Nossa senhora do Mileu, 6300-586 Guarda.

Em nome de quantos sofrem as consequências do drama dos incêndios, agradeço a generosidade dos donativos.

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Agradecimento à Diocese
5.8.2017

Estimados irmãos e irmãs em Cristo:

As minhas saudações fraternas, no Senhor Ressuscitado e Vivo no meio de nós.

Dou, com todos vós, abundantes graças a Deus pela onda de solidariedade generosa que está a passar pelos fiéis e pelas comunidades cristãs da nossa Diocese, nas respostas ao apelo de ajuda às populações vítimas dos incêndios que assolaram o nosso país, desde 17 de junho, particularmente às famílias das pelo menos 64 vítimas mortais do incêndio de Pedrógão e concelhos limítrofes. Até este momento foi enviada à Caritas Nacional, para apoio a estas vítimas, conforme solicitado pela Conferência Episcopal Portuguesa, a importância de 65 mil euros, fruto da partilha generosa de muitos fiéis e comunidades cristãs da nossa Diocese. Que Deus seja louvado e a comunhão entre os irmãos saia reforçada com gestos como este.

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4.Assuntos temáticos

a)A família, primeira escola, onde se educam os filhos
Comunicação aos catequistas

Na exortação apostólica “Amoris Laetitia” (a alegria do amor, o Papa Francisco convida os pais para assumirem corajosamente a responsabilidade de educarem bem os seus filhos e nos seguintes termos – “de modo consciente, com entusiasmo, de modo razoável e apropriado (n.259)

1. A Família é o lugar da educação por excelência

Também há outros lugares de educação, como a escola, a catequese, a própria sociedade com seus hábitos, leis e tradições. Mas nenhum substitui este que é o primeiro de todos.

Sendo assim, da Família e particularmente dos pais espera-se apoio para as convicções e boas práticas dos filhos, como também correção naqueles que lhes são contrárias. Isso supõe acompanhamento dos filhos, procurando guiá-los na descoberta dos seus próprios caminhos. Sim, porque, à partida, não há caminhos feitos, mas cada um há-de descobrir o seu próprio caminho.

1.1.Como em todo o processo educativo, os pais ou quem os substitui ou complementa precisam de conhecer e cuidar os diferentes agentes que influenciam os filhos. Por exemplo, precisam de saber quem lhes oferece a ocupação dos tempos livres, a diversão e o entretenimento ou quem lhes entra em casa através dos ecrãs dos sofisticados meios de comunicação que hoje existem.

1.2.Por isso é necessária vigilância constante, porque o abandono nunca é fonte de saúde. Vigilância aqui não significa policiamento, mas ter momentos de diálogo e encontro com os filhos, falando-lhes com simplicidade e carinho das coisas importantes e daquilo que lhes é transmitido nos atuais e potentes meios de comunicação. Todos sabemos que estes meios estão programados não tanto para a promoção pessoal das nossas crianças e jovens, mas para servirem interesses de terceiros, geralmente escondidos. Falando eu com alguém adulto que estava a utilizar as redes sociais ao lado de um adolescente, o adulto comentava que a publicidade aparecida no écran do adolescente era diferente daquele que aparecia no seu écran.

Este tinha publicidade de carros e viagens turísticas enquanto àquele era oferecida a compra de vídeo-jogos. Vê-se por aqui que quem programa e mente informação não o faz sem interesse.

1.3. O mundo da comunicação pelas novas tecnologias – oportunidade e dificuldade

Como lembra o Papa na exortação “*amoris laetitia*”, as novas tecnologias da comunicação tanto podem ajudar no processo educativo como prejudicá-lo.

Assim, podem ser úteis para possibilitar os contactos à distância, para aumentar os conhecimentos, pois hoje há sobre todas as coisas alguma informação na rede ou para o acesso a notícias em tempo real.

Todavia, criam algumas dificuldades, como é o caso das seguintes: afastam as pessoas, em vez de as aproximar; geram situações de isolamento, tornam muitas vezes sobretudo as crianças e adolescentes apáticos e desligados da vida real. Hoje já se tem em conta o síndrome da dependência em relação a estes meios e algumas vezes recomendam-se terapias para os ultrapassar.

Em qualquer das hipóteses, nunca as novas tecnologias e sobretudo a ligação à Internet poderão anular a necessidade do diálogo mais pessoal e profundo que requer a presença e o contacto físico.

Disso está consciente o próprio marketing. Contaram-me há dias, que uma grande multinacional, com 70 engenheiros informáticos a trabalhar para ela só num dos seus escritórios no Porto, ia prescindir do escritório e colocar todo este pessoal a trabalhar em suas próprias casas. Mas não prescindiria de promover visitas regulares aos seus clientes, mesmo a distâncias tão grandes como do Porto à China ou ao Japão. Também sobre as oportunidades e dificuldades que estas novas tecnologias trouxeram para a educação das gerações mais novas, gosto de citar aqui os posicionamentos de uma professora universitária americana. Esta, nos princípios dos anos 90 do século passado, quando surgiu a Internet publicou um trabalho de natureza científica saudando esta grande novidade tecnológica para o mundo da ciência, da cultura e mesmo da vida ordinária das pessoas. Recentemente publicou outro artigo também cientificamente fundamentado, para dizer que se enganou e quase pedindo desculpa às pessoas por ter constituído para as induzir em erro. É que, conclui ela, as novas tecnologias e em particular a Internet não podem substituir, no processo educativo, as relações humanas e o diálogo interpessoal. Diga-se, para efeitos de compreensão que o segundo pronunciamento desta professora universitária surgiu numa nova etapa da sua vida, quando passou a ser mãe e com responsabilidade de educar os filhos.

2. Os pais e o acompanhamento dos filhos enquanto seus primeiros educadores

A primeira missão dos pais é acompanhar os filhos, procurando estar atentos a eles para lhes criar todas as condições que eles precisam para crescer em verdadeira e total humanidade.

E do número dessas condições fazem parte as materiais. É preciso garantir-lhes alimentação, vestuário, saúde física, e caminhos de formação escolar e académica. Mas estas condições não chegam.

Assim, é responsabilidade dos pais cuidar da saúde dos seus filhos que é mais do que a saúde física, mas tem também as dimensões espiritual e relacional que não podem ser esquecidas.

Pertence-lhes procurar conhecer o caminho que cada um dos filhos está a fazer ou não. Precisam de se perguntar pela alma deles, procurando saber dos seus projetos de vida e das suas convicções.

Quando um filho surpreende os pais ao apresentar-lhes projetos novos que brotam da sua liberdade, mesmo rompendo com os esquemas dos mesmos pais, esse está no bom caminho. Este filho precisa, é certo, de ser acolhido, acompanhado, valorizado nas razões válidas do seu projeto; como também precisa de ser acautelado em algumas razões menos válidas ou em consequências previsíveis menos positivas, ou então nas dificuldades de encontrar os meios necessários para a sua realização.

Este diálogo, com tempo dos pais para os filhos e disponibilidade dos filhos para estarem com os pais, é o caminho de educação em família. É o melhor caminho para entrarem no mundo dos filhos, que será sempre outro mundo diferente do deles e portanto envolvendo sempre alguma dificuldade o encontro destes dois mundos. E não podemos ignorar a tentação do abandono dos filhos no seu próprio mundo, mesmo que os pais possam apresentar razões de falta de tempo, excesso de trabalho, horários muito desencontrados ou outros. Uma coisa é certa – abandono é sempre abandono e não traz nada de sadio, mesmo que preenchido com mil prendas, incluindo os mais apetecíveis dos filhos.

Neste processo de acompanhamento dos filhos pelos pais, se por um lado há que evitar a atitude do abandono que acabámos de referir, também é reprovável a obsessão dos pais pelo percurso pessoal dos seus filhos e o excesso de controlo. Em vez disso, há que desenvolver a sabedoria de promover a sua liberdade amadurecida, o que só se consegue ajudando a definir convicções próprias e objetivos também próprios. A isto chama-se constituir o seu próprio projeto de vida.

3. A formação moral no seio da família

Partimos do princípio de que a formação moral, ou seja nos valores essenciais à vivência e conveniência humanas, é dimensão essencial da educação.

Por sua vez educar consiste principalmente em promover liberdades responsáveis, capazes de escolher por si mesmas com sensatez e inteligência.

Ora, a formação moral precisa de regras básicas de comportamento e, antes disso, de orientação para as consciências.

Todavia, os princípios gerais, os códigos e as regras estabelecidas que muitas vezes fazem parte das tradições e do sentir geral das sociedades, mais do que

serem conhecidas, precisam de ser assumidas no projeto pessoal de vida de cada um. E aqui surge a dificuldade de motivar as crianças e os jovens para a definição do seu projeto pessoal de Vida.

Por isso, para além de ensinar as regras morais e as lembrar recorrentemente, num processo que se costuma chamar educativo, o Papa Francisco insiste em que a formação moral, nos valores, tem de ser mais indutiva do que dedutiva, ou seja tem de se fazer mais a partir de situações vividas do que a partir dos códigos previamente definidos.

E aqui os afetos contam muito. Por isso é necessário saber treinar, nas relações em famílias, a disposição afetiva para o bem, a qual deve complementar o juízo correto de cada um sobre as situações e mesmo o facto de saber com clareza o que se deve fazer.

Este treino dos afetos na prática do bem ajuda a criar hábitos cada vez mais amadurecidos, que, por si mesmos completam o juízo e as disposições interiores de cada um. O processo de maturação de cada pessoa pede que os seus comportamentos sejam regularmente avaliados pelo próprio, mas também no espaço familiar, com participação dos pais. E nessa avaliação, a pergunta será sempre sobre se nos comportamentos se refletem os valores assumidos nas convicções pessoais e refletidos nos bons hábitos de cada um a que também chamamos virtudes.

Em mtodo este processo educativo de construção da própria personalidade, a liberdade tem sempre lugar central. Liberdade que é algo de grandioso na vida de cada pessoa mas também sempre necessitado de formação permanente.

Formar a liberdade e a consciência pessoal não se consegue apenas com a apresentação de regras morais, mesmo as mais indiscutíveis. O caminho faz-se através de propostas, motivações, aplicações práticas, apresentação de modelos, grandes símbolos, revisões do modo de agir, mas sobretudo através do diálogo paciente e persistente que ajude a clarificar e desenvolver os princípios interiores estáveis devidamente assumidos e a transformá-los progressivamente em prática espontânea do bem.

Em todo este processo, não pode faltar a correção fraterna.

Em si mesma a correção pretende ajudar a criança e o adolescente a perceberem que as más ações têm sempre consequências más com repercussão na vida em sociedade. E que é obrigação de quem faz o mal corrigir, na medida do possível, essas consequências, sobretudo na vida dos outros e da sociedade, nem que seja só pedindo desculpa.

Por sua vez, a correção há-de ser sempre feita com amor, o que levará o corrigido a sentir-se bem pela consideração em que é tido e pela forma como é levado a sério. Por isso há que afastar sempre todas as formas de ira ou retaliação. Pelo contrário, a paciência levará sempre em conta a perceção dos

limites e das fragilidades próprias da idade, neste caso das crianças e dos adolescentes.

Um problema que normalmente surge nos processos educativos e também nas famílias é a dificuldade de conjugar a disciplina com o dinamismo pessoal e interior dos educandos.

Aqui é preciso saber evitar dois extremos. Nem fechar o educando nos limites dos seus próprios desejos e inclinações, permitindo-lhe sentir-se com direitos, mas sem deveres; nem lhe impor simplesmente os deveres entendido como construção alheia.

E voltamos à necessidade de ajudar sempre o educando a construir os seus juízos pessoais e as suas disposições interiores dentro daquilo a que já chamámos o seu projeto pessoal de vida.

Esta é a aposta onde se ganha ou se perde a pessoa humana em qualquer processo educativo.

E nunca podemos esquecer que a educação para os valores, base da formação moral, será sempre um processo lento, gradual para se chegar a comportamento devidamente correto e ajustado, e, assim conduzir à verdadeira maturação da liberdade.

E a Família foi e será sempre a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade. Como também é o âmbito da chamada socialização primária, chega-se da aprendizagem da relação com o outro, na escuta, na partilha, na capacidade crescente de ajudar, respeitar e conviver, e mesmo suportar as imperfeições alheias. Enfim, é o lugar por excelência onde se treina o reconhecimento mútuo.

4. A família espaço natural da educação da sexualidade

Começamos por concordar com o Papa Francisco quando diz que é difícil educar na sexualidade num tempo em que se tende a banalizar e empobrecer a mesma sexualidade. (280)

Mas continua a sua atual a recomendação do Concílio Vaticano II quando fala na necessidade de uma educação sexual positiva e prudente oferecida às crianças e adolescentes à medida que eles vão crescendo e tendo em conta os progressos da psicologia, da pedagogia e da didática. (gravissimum educationis, 1)

A preocupação do Papa Francisco perante a recomendação clara do Concílio justifica-se, porque a educação sexual só resulta quando feita num contexto da educação para o amor e para a doação mútua.

Daí a necessidade de criar contexto de pudor são, embora haja muitos a entenderem que isso é coisa de outros tempos. Todavia continua a ser verdade

que o pudor resguarda, protege a interioridade, evitando que a pessoa se transforme em objeto.

Voltando ao contexto atual em que frequentemente se trata este assunto, não podemos concordar com que educação sexual seja igual a “sexo seguro” ou então a necessidade de “se proteger”. Isto como se a vinda de uma criança, resultado do exercício da sexualidade humana, se pudesse equiparar à vinda de um qualquer inimigo.

Por sua vez continua a revelar atitude irresponsável propor aos adolescentes o exercício de qualquer forma de sexualidade descomprometida; isto como se tivessem já a maturidade, os valores, o compromisso mútuo e os objetivos próprios do matrimónio. Infelizmente o que se está a passar em várias instâncias que tinham obrigação de olhar a sexualidade de outra maneira.

O caminho da autêntica educação sexual tem de ser outro, ou seja promover a atenção e o cuidado mútuo, a ternura respeitosa e a comunicação com as pessoas rica de sentido. Dando estes passos com respeito por cada uma das etapas da vida a união sexual no matrimónio aparecerá como sinal de um compromisso totalizante e enriquecido por todo o caminho anteriormente feito.

Uma coisa é certa, a linguagem do corpo para ser verdadeiramente significativa requer aprendizagem paciente de modo a permitir interpretar e educar os próprios desejos em ordem a entrega, à doação pessoal sem reservas dentro do matrimónio ou mesmo fora dele.

Faz parte de uma educação sexual sadia também aceitar e valorizar a diferença sexual como dinamismo de enriquecimento na complementaridade. A igualdade do género hoje tão propalada não pode significar querer eliminar as diferenças físicas e outras entre o masculino e o feminino do ser humano, como alguns pretendem.

Respeitar e valorizar as diferenças do masculino e do feminino é o único caminho para dignificar o ser humano enquanto tal.

5. A transmissão da Fé no seio da Família

A Família foi e há-de continuar a ser o lugar privilegiado para ensinar as razões e a beleza da Fé; o lugar onde se experimenta a oração e se desperta para o serviço dos outros.

Neste processo de transmitir a Fé, o testemunho dos pais baseados na experiência do encontro com Deus, ou simplesmente de o procurarem e sentirem a necessidade d’Ele, é fundamental.

A Fé é um dom de Deus a cada um, mas os pais são o instrumento de que Ele se serve, tornando-os verdadeiros administradores deste dom superior aos seus filhos.

Daí que o exemplo dos pais seja determinante. Por isso é fundamental que os filhos vejam de maneira concreta como para seus pais a oração é realmente importante. E juntamente com a oração outros valores de Fé ou por ela potenciados hão-de passar também para os filhos, como são a solidariedade para com os pobres, abertura à diversidade das pessoas e o respeito por ela, o respeito pela criação, a solidariedade moral e material para com as outras famílias, o empenho na promoção do bem comum, particularmente pela prática das obras de misericórdia corporais e espirituais.

Por estes caminhos as famílias serão verdadeiramente escolas de valores humanos, sociais e da Fé, progredindo na sua vocação a serem Igrejas domésticas e fermento evangelizador da sociedade.

Termino citando a relatio final do Sínodo de 2015 sobre a catequese familiar, quando diz: “De grande ajuda é a catequese familiar enquanto método eficaz para formar os pais e torná-los conscientes da sua missão como evangelizadores da sua própria família”. (287)

27.1.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) No centenário das Aparições
atualidade da mensagem de Fátima

O. Introdução

Cumpre-se este ano o centenário das aparições de Fátima. E este acontecimento não é apenas importante, porque no dia em que foi anunciada a vinda do Papa Francisco, a hotelaria esgotou para sul até à capital e para norte quase até às nossas cidades.

Nem o é apenas pelo volume de pessoas que mobiliza para as estradas a caminho de Fátima. É importante sobretudo porque os sentimentos dos portugueses ficaram profundamente tocados pela mensagem que a Virgem Maria transmitiu ao mundo através dos três pastorinhos, dois deles já beatificados e á espera da canonização e a terceira também com processo que a põe a caminho dos altares.

1. Os acontecimentos

Há cem anos, quando Nossa Senhora de Fátima apareceu a estes três pastorinhos, o contexto nacional e internacional era dramático. Portugal atravessava uma crise política, religiosa e social profunda e a Europa

estava, como nunca antes acontecera na sua longa história, mergulhada numa guerra mundial, com envolvimento do nosso país.

A 13 de maio desse ano, as três crianças foram testemunhas da primeira aparição de Nossa Senhora, que elas qualificaram de “uma Senhora mais brilhante do que o sol”, no cimo de uma azinheira. Convidou-as a deslocarem-se àquele lugar nos 6 meses seguintes e ao longo desta série de encontros, comunicou-lhes uma mensagem de misericórdia e paz, que de imediato começou a mobilizar as pessoas para se deslocarem àquele lugar. Alguns espontaneamente davam crédito ao testemunho das crianças; outros levantavam dúvidas, outros ainda manifestavam-se contra, procurando desvalorizar o acontecimento e chegou mesmo a haver perseguição das mesmas crianças por iniciativa das autoridades administrativas locais. A última desta série de aparições, segundo a imprensa da época, teve a presença de cerca de 70 mil pessoas, umas crentes e outras em atitude crítica para presenciarem o anunciado milagre do Sol, que também foi relatado pela imprensa. Dos 3 videntes dois faleceram pouco depois, em 1919 e 1920, à 3ª, a Irmã Lúcia, disse-lhe expressamente aquela senhora “mais brilhante que o sol” – “tu ficas cá mais algum tempo para implantar no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração”. Este mais algum tempo durou até ao ano de 2005.

2. Como foi recebido o acontecimento de Fátima

A partir de Outubro de 1917 o Povo não deixou de acorrer àquele local, mesmo durante o silêncio reservado da autoridade eclesiástica. Logo em 1919 foi lá construída uma capela respondendo, assim, ao pedido da Senhora. Esta capela foi dinamitada em Março de 1922, voltando a ser reconstruída no ano seguinte. Só em 1930, a autoridade eclesiástica local, o Bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva, depois de concluída uma investigação por ele ordenada, declarou como digna de crédito as aparições, ficando assim oficialmente autorizado o culto católico naquele lugar, em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Atendamos agora, postos os factos históricos, à atualidade da mensagem de Fátima.

Desde muito cedo, os portugueses encontraram no Santuário de Fátima, tendo como referência a Capelinha, primeiro e depois a basílica de Nossa Senhora do Rosário benzida e inaugurada no ano de 1953, como que uma casa comum onde se sente o acolhimento maternal. Aí se dirigem multidões de pessoas que experimentam, de facto, neste Santuário um local de acolhimento, compreensão, conforto, perdão e força de renovação na sua vida pessoal, familiar e comunitária. Podemos, por isso, dizer que o Santuário de Fátima se converteu no

coração espiritual de Portugal e a comprovação disso mesmo temo-la no entusiasmo recentemente despertado na população em geral do nosso País quando a Imagem de Nossa Senhora de Fátima percorreu Portugal inteiro do Minho ao Algarve e também as regiões da Madeira e Açores, de 13 de Maio de 2015 a 13 de Maio de 2016, dentro do programa comemorativo do centenário das aparições. Durante estes 100 anos, popularizaram-se as peregrinações a Fátima, mesmo a pé. Vários são os concelhos do nosso país em que as autarquias se empenharam em definir e marcar os itinerários, alguns deles assinalando também os caminhos de Santiago. Da diocese da Guarda,

3

a partir de vários pontos, contaram-se recentemente pelo menos 6 dezenas de grupos que partem em peregrinação a pé para Fátima, por ocasião do 13 de Maio. Estes e outros factos autorizam-nos a concluir que a peregrinação a Fátima revitaliza a Fé de muitos crentes, suscita a conversão de outros, torna possível que muitos indiferentes redescubram o valor e a força do Evangelho. De facto, Fátima tornou-se o maior centro de espiritualidade do nosso país, incluindo reflexão da Fé e dinamização cultural, sempre na procura das melhores respostas para as grandes inquietações da atualidade.

Fátima para além de importante ativo na formação dos valores da Fé com suas consequências humanizantes e de impacto na vida em sociedade, afirma-se como interpelação ao mundo inteiro para os valores da paz e do desenvolvimento.

Assim, foi de facto o convite à oração e ao compromisso com a construção de paz, a partir de Fátima, que sacudiu as consciências em geral no início do século passado, quando se sentiam as consequências trágicas da guerra mundial. É neste contexto de guerra e grande agitação social que Nossa Senhora de Fátima pede, através dos pastorinhos, às pessoas em geral a oração do Rosário pela paz e anuncia para breve o fim da guerra. E pede conversão a todos em geral para que não ocorresse outro conflito ainda pior. Sabemos, agora, que aconteceu outro conflito ainda pior – a II guerra mundial. E utilizando a análise do Papa Francisco, as guerras, longe de pararem, de facto fazem-nos assistir, na atualidade, a “uma terceira guerra mundial por episódios”.

Face a estes acontecimento, que perturbam a vida das pessoas e das comunidades, nos nossos dias, a mensagem de Fátima, na interpretação do mesmo Papa Francisco, é apelo a “não nos deixarmos

cair na indiferença, diante de tanto sofrimento que percorre o mundo de hoje;

De não nos deixarmos cair na indiferença diante do mal tantas vezes banalizado”.

De facto, a mensagem de Fátima remete-nos para uma experiência universal e permanente, a saber: o confronto entre o bem e o mal que continua no coração de cada pessoa, nas relações sociais, no campo da política e da economia, no interior de cada país e a à escala internacional.

E cada pessoa, perante a mensagem de Fátima, nos vários contextos em que se vive este confronto entre o bem e o mal, é desafiada a combater o mal a partir do mais íntimo de si mesma, a compreender o sentido da conversão pessoal de vida com repercussão ajustada na vida em

4

sociedade, a viver a sacrifício em favor dos outros como o fizeram as 3 crianças das aparições de Fátima.

3. Mensagem de Fátima – Pedagogia de um itinerário

Dissemos que Fátima surgiu no contexto de uma grande instabilidade para a Europa e para o mundo

Enunciámos o percurso histórico em que a Igreja em Portugal acolheu e valorizou o acontecimento de Fátima.

Referimos algumas interpelações que a mensagem de Fátima fez e continua a fazer ao mundo em geral sobretudo com o objetivo de construir a paz com base no reconhecimento do valor das pessoas, da sua dignidade e do respeito pelos seus direitos fundamentais.

Apresento agora o itinerário pedagógico que a mensagem de Fátima nos propõe.

O primeiro passo deste itinerário é o reconhecimento de Deus como centro da vida das pessoas e da vida do mundo, como a grande referência dos valores que hão-de orientar a vida dos indivíduos e da própria sociedade. Por isso, no centro da Mensagem de Fátima está a experiência profunda de Deus que os pastorinhos fizeram e que modificou por completo as suas vidas. Essa experiência descreve-a a Irmã Lúcia nas suas Memórias, com os seguintes termos: “ A presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia até privar-nos do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo”. Por isso eles repetiam

continuamente a oração dirigida à santíssima Trindade, que o anjo lhes ensinou, entrando assim em atitude de adoração, fonte de profunda felicidade e alegria.

O segundo passo é envolver os outros neste processo.

Os pastorinhos não pararam no passo da contemplação de Deus fonte de felicidade e alegria para as suas Vidas. Foram ajudados pela Senhora a olhar à Sua volta e ver tantas necessidades na vida das pessoas e a deixar-se mover de compaixão por elas. Por isso, ficam decididos a sacrificar as suas vidas pela conversão dos pecadores. E diante de tantas misérias humanas, que então existiam como hoje continuam a existir. Lúcia, que haveria de ficar cá mais algum tempo, como disse a Senhora, passou a sua vida a anunciar ao mundo a misericórdia divina, através da devoção ao Imaculado Coração de

5

Maria. E toda a sua vida de religiosa recolhida num convento foi dizer Ao mundo que o segredo da felicidade é viver no amor.

Outro elemento marcante do itinerário da mensagem de Fátima é o convite à conversão dirigida às pessoas em geral.

Este convite parte da constatação de que o mal é uma realidade generalizada e gera constante sofrimento na vida das pessoas. Abandonar os caminhos do mal e entrar pelos caminhos do bem é a palavra de ordem da mensagem de Fátima.

Sendo assim, ela denuncia as diferentes expressões do mal existentes no mundo moderno que provocam nas pessoas tanta dor e injustiça. Nessa linha reprova os mecanismos que conduzem à guerra, denuncia o ateísmo que teima em querer apagar as pegadas de Deus neste mundo, denuncia os poderes económicos que buscam o interesse só de alguns em prejuízo dos pobres e dos mais débeis, denuncia a perseguição, umas vezes declarada outras vezes nem tanto, contra a Igreja naquilo em que a sua mensagem se opõe aos ídolos criados pelos interesses humanos. E isentos desta crítica da mensagem de Fátima não estão os membros da mesma Igreja, quando se deixam levar pela tentação do comodismo, da busca do poder e até da corrupção. Por isso, o Papa Bento XVI, dizia, a caminho de Fátima, no ano de 2010, que o sofrimento da Igreja vem também do pecado que existe dentro dela, pelo que necessitamos de aprender a penitência, aceitar a purificação e pedir perdão (no encontro com os jornalistas, em 11/5, durante o voo que o transportou para Fátima).

4. Resumindo os traços da Espiritualidade de Fátima

O grande objetivo da mensagem de Fátima é a identificação com os sentimentos do próprio Cristo que entregou a sua vida em sacrifício voluntário para reparação dos males existentes no mundo.

Mais do que denunciar erros e pedir sacrifícios ela propõe que cada um se empenhe na promoção e defesa do bem dos outros, mesmo que tal lhe exija sacrifícios. Foi por isso que os 3 pastorinhos despertaram na responsabilidade para a consciência de que não podiam abandonar os pecadores na sua culpa ou os que sofrem no seu sofrimento. Como mais tarde irá dizer a Lúcia: não podiam ir felizes para o céu sozinhos, sentiam que não podiam ser felizes sem os outros. Também hoje o convite á conversão e à reparação

6

continua a desafiar o mundo, as pessoas em geral a não se deixarem anestesiar pela resignação diante da banalização do mal, e pede a todos para combaterem a muito generalizada indiferença diante dos sofrimentos que nos cercam.

Trata-se de proposta de um caminho de purificação e motivação pessoais em direção à solidariedade e à boa relação entre todos. E a raiz desta espiritualidade promotora de comunhão entre pessoas e comunidades encontramos-na na pessoa de Cristo que veio não para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida para que todos possam ter vida em abundância.

Sendo assim, a mensagem de Fátima constitui, por si própria, um verdadeiro hino de esperança para o mundo. Aquela Senhora, mais resplandecente do que o sol, não trouxe medo às crianças nem fez previsões apocalípticas. Chamou a atenção para os erros que estavam a ser cometidos no mundo e suas consequências, mas sobretudo propôs uma visão positiva do futuro baseada no convite à conversão,

que também está no núcleo da mensagem de Cristo no Evangelho.

Em dezembro último, num documento publicado para ajudar a preparar o centenário de Fátima, a Conferência Episcopal Portuguesa apontava o seguinte caminho à Igreja em Portugal para serviço de toda a comunidade portuguesa - Na medida em que se deixa habitar pela mensagem de Fátima, ela pode oferecer ao mundo a luz de Deus que preenche o coração da Virgem mãe, custódia da inabalável esperança no triunfo do amor sobre os dramas da história.

Também nós queremos participar neste triunfo do amor sobre os dramas da história, como pede a mensagem de Fátima.

11.03.2017

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

c) Formação sobre a Concordatas

Realizou-se, no dia 16 de fevereiro uma acção de formação sobre a concordata da 2004. Decorreu no Seminário da Guarda, das 10 às 17H00. Foi orientada por um canonista, Rev.do Cónego Álvaro Bizarro, do Patriarcado de Lisboa e pelo Dr. José Luciano Marcos, especialista em direito administrativo e que tem estudado a mesma Concordata e acompanhado a sua aplicação. Dos muitos assuntos abordados e das respostas a questões colocadas, destacam-se os seguintes pontos:

1. A Concordata, como acordo de direito internacional que é entre dois Estados – o Estado Português e a santa Sé – prevalece sobre o direito interno do Estado Português, incluindo a constituição da República.
2. Reconhece a personalidade jurídica das instituições da Igreja Católica, como as Dioceses, as paróquias, os Seminários e outras, incluindo a sua organização interna, de acordo com o Direito Canónico.
3. Reconhece o Direito Canónico e a receção do mesmo nos tribunais, na medida em que por ela são reguladas as instituições canónicas criadas pela Igreja Católica. O mesmo se diga da legislação criada pela conferência Episcopal ou mesmo a legislação diocesana.
4. As pessoas jurídico canónicas são autónomas, com os seus órgãos de governo próprios, com as suas finalidades específicas.
5. O Bispo Diocesano tem a obrigação de exercer a vigilância sobre todas as pessoas jurídico-canónicas da sua Diocese. Para isso, obedece às disposições do Direito Canónico e conta com a colaboração dessas mesmas pessoas canónicas.
6. Quanto a fiscalidade, as instituições canónicas estão isentas de impostos no exercício das suas atividades específicas. Os que as servem, nomeadamente os sacerdotes, não estão isentos de IRS ou outros impostos. O desconto para a segurança social, de acordo com a lei civil, é feito sobre importâncias distintas daquelas que são recebidas para efeitos de remuneração.

7. Ainda quanto às pessoas canónicas: Estão isentas de impostos na sua atividade específica; estão isentos de IMI os espaços onde exercem a sua atividade específica. Quando há dúvidas sobre esta utilização, é preciso justificar nas Finanças; é uma obrigação de quem as administra inventariar e registar o património. Sobre os Centros Sociais Paroquiais:
- a) A Igreja precisa de assumir papel mais pró-ativo, com programas de formação e defendendo os interesses das suas instituições sociais; b) Precisa de garantir-lhes apoio técnico e contabilístico, mas também jurídico e de proximidade nas relações com as instituições estatais; c) precisa sobretudo de formar para a defesa da identidade das suas instituições. O motu próprio de Bento XVI “Intima natura Ecclesiae” pode ser um bom instrumento de trabalho para atingir este objectivo; as direcções destas instituições assumem a responsabilidade pela gestão das mesmas, incluindo responsabilidade criminal por atos que possam ser considerados dolosos.
8. Quanto a festas: a) Quando há procissões, é preciso comunicar à autoridade da autarquia; b) O mesmo se diga para o caso de uma celebração em espaço público; c) é recomendável fazer um seguro de responsabilidade civil para cada festa; d) a comunicação das manifestações públicas (procissões ou mesmo celebrações) não deve assumir a forma de pedido, mas de simples comunicação, como manda a lei civil.

d) Pastoral do acompanhamento das famílias

Jornadas da formação do clero da Guarda em 3.2.2017

Orientadas por especialistas vindos do Instituto Superior de Ciências da Família, da Universidade Pontifícia de Salamanca, nomeadamente, os professores Alfonso Fernández Benito, José Ramón Mateos Lorenzo Federico Aznar Gil e deixaram-nos as seguintes orientações-

Primeiro, foi-nos apresentado o “Evangelho da Família” presente na “Amoris Laetitia”, envolvendo o amor conjugal, fonte de comunhão e de vida, mas também de responsabilidade e empenho dos pais na educação dos filhos. A comunidade familiar, incluindo a família alargada, é um bem social de primeira e fundamental importância, como também a base da vida das nossas comunidades cristãs vocacionadas para serem cada vez mais famílias de famílias.

Depois, especial atenção mereceram as várias formas de fragilidade que afectam muitas famílias. E foram consideradas situações familiares que

pedem o nosso acompanhamento pastoral, como são os casos de uniões de facto, dos casamentos civis e sobretudo dos divorciados recasados que se encontram ligados a um anterior casamento canónico, cuja nulidade não foi provada e declarada. Principalmente sobre esta última situação dos divorciados recasados, lembraram-se as recomendações da exortação apostólica para estes casos, a saber, acompanhar, discernir e integrar a fragilidade. Para lhes dar cumprimento, nós sacerdotes temos de ter em especial atenção, na nossa responsabilidade de acompanhamento pastoral, os seguintes pontos:

1. Informar o melhor possível as famílias implicadas sobre as orientações da Igreja e caminhos possíveis para superar estas situações;
2. Prepararmo-nos como sacerdotes e pastores para acompanhar os que se dispõem a fazer itinerário de discernimento sobre a sua situação;
3. O itinerário de discernimento pede sempre encontros regulares com o acompanhante pastoral e durante um tempo suficiente que permita, por um lado, explicar à pessoa as propostas da doutrina da Igreja sobre o Evangelho da Família e por outro ajudá-la a descobrir qual é a vontade de Deus, na sua situação concreta;
4. Para este itinerário o Papa recomenda que a pessoa implicada faça um sério exame de consciência, tendo em conta, entre outros, os seguintes pontos:
 - 4.1. Como se comportou com os filhos quando a primeira união entrou em crise;
 - 4.2. Se houve ou não tentativas de reconciliação;
 - 4.3. Como ficou a situação do cônjuge abandonado e se houve injustiças não resolvidas;
 - 4.4. Que consequências teve a nova relação sobre a restante família e sobre a comunidade dos fiéis;
 - 4.5. Que exemplo ou falta dele oferece a nova relação aos jovens frente à decisão pelo matrimónio.
5. No mesmo processo, há-de ser tida em conta a estabilidade conjugal na nova união, o bem dos filhos, assim como o bem da comunidade cristã, para tomar uma decisão pessoal, honesta e responsável, diante de Deus e aceite pela autoridade, quanto às formas de integração nessa comunidade, nomeadamente sobre os distintos serviços que nela pode assumir, em comunhão com os outros irmãos na Fé.
6. Finalmente, há que levar em conta, para a formulação do juízo pessoal, a existência de factores existentes que possam atenuar, agravar ou mesmo desculpar por completo. Em função deles, é possível que uma pessoa possa estar em situação objectiva de pecado sem ser subjectivamente culpável.

Sobre o “motu proprio” do Papa Francisco que introduz modificações no processo canónico de declaração da nulidade matrimonial, foram feitas principalmente duas sugestões:

1. Que nós sacerdotes procuremos fazer chegar aos implicados a informação sobre o itinerário possível para averiguar e eventualmente declarar a nulidade do matrimónio anteriormente celebrado;

2. Que acompanhem os que decidem introduzir a causa da nulidade do matrimónio, nomeadamente ajudando a preencher o libelo respectivo para eles entregarem no Tribunal Eclesiástico.

Temos consciência de que há casos de matrimónios nulos cujos implicados não se interessam em colocar a respectiva causa no Tribunal Eclesiástico.

3.2.2017

5. Programa pastoral e nomeações

5.1. Ano pastoral 2017-18

Tempo de recepção para os resultados da assembleia diocesana

Durante quatro anos, quisemos preparar, da melhor maneira, a nossa assembleia diocesana, que se realizou, em três sessões, ao encerrar o último ano pastoral.

À nossa frente está agora a tarefa de acolhermos, da melhor maneira, as 89 proposições nela aprovadas como propostas para definir os caminhos do futuro da nossa Diocese.

Este ano 2017-18 pretendemos que seja principalmente tempo para levar a cada uma das nossas comunidades a preocupação e o desejo de acolher, segundo a sua própria medida, as propostas feitas nas 89 proposições. Procuraremos que esta acolhimento seja realizado em clima de oração, na certeza de que “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os construtores”. Por isso, cada conjunto de paróquias e cada um dos actuais arciprestados serão chamados a participar neste esforço. E desse esforço conjunto surgirão certamente mais alguns indicadores para as opções pastorais que, em documento próprio, a apresentar no fim deste ano pastoral, o Bispo Diocesano apontará à Diocese.

Pede-se por isso, a melhor participação das comunidades e conjuntos de comunidades e de todas as estruturas diocesanas neste esforço de recepção aos resultados da nossa assembleia. Oportunamente será apresentado o calendário das iniciativas que levarão o Bispo Diocesano ao encontro de cada pároco e do conjunto pastoral que lhe está confiado e também ao encontro de cada um dos actuais arciprestados e seu

conselho pastoral arciprestal para que as mesmas preocupações sejam reflectidas, assumidas e transformadas em oração, pois o nosso futuro pastoral depende essencialmente da abertura ao Espírito Santo. Desta reflexão e oração não vão estar ausentes as grandes preocupações da Igreja universal, sobretudo a preocupação com os jovens, a Fé e o discernimento vocacional, objecto do próximo Sínodo dos Bispos marcado para outubro de 2018. Por isso a oração pelas vocações estará sempre presente em cada um dos nossos encontros.

Simultaneamente queremos adiantar o esforço de reorganização pastoral da Diocese expressamente pedido logo na primeira sessão da assembleia. Por isso, a comissão nomeada para o efeito trabalhará, ao longo deste ano, com vista a fazer as suas propostas, conforme lhe está pedido.

Vamos todos abrir o coração à passagem de Deus pela nossa vida pessoal e comunitária para que os resultados da assembleia diocesana se cumpram da melhor maneira.

Guarda, 4.9.2017

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Nomeações para responsabilidades paroquiais e outras

1. Rev.dos Padres Bruno António Loureiro Lopes e Joaquim António Morais Martins: Párcos “in solidum” de Benquerença, Meimoa, Meimão e Vale da Senhora da Póvoa, sendo moderador o Rev.do Padre Joaquim António Morais Martins. Agradecemos ao Rev.do Padre Eduardo Jorge Nunes Mendes o trabalho realizado como pároco das duas últimas e desligamo-lo desta responsabilidade.

2. Rev.do Padre Eduardo Jorge Nunes Mendes: Pároco de Soito e Quadrazais. Agradecemos ao Rev.do Padre António Dias Domingos o serviço prestado como pároco destas duas paróquias, responsabilidade da qual o desligamos, aceitando a sua disponibilidade para continuar como colaborador pastoral do Pároco.

3. Rev. dos Padres José António Dionísio de Sousa e Hélder José Tomás Lopes: párcos “in solidum” das paróquias de Santa Maria e S. Martinho (Covilhã), sendo moderador o primeiro. Agradecemos aos Reverendos Padres Carlos Manuel Dionísio de Sousa e Agostinho do Nascimento Rafael o serviço prestado como párcos “in solidum” desta paróquia, responsabilidade da qual os desligamos. Aceitamos agradecidos a colaboração que este último puder continuar a prestar como cooperador

pastoral. Agradecemos aos Rev.dos Padres Henrique Manuel Rodrigues dos Santos e Fernando Brito dos Santos o serviço prestado como párocos “in solidum” da Paróquia de Santa Maria e desligamo-los desta responsabilidade.

4. Rev.do Padre Hélder José Tomás Lopes – Pároco das paróquias de Boidobra e Peso, substituindo o Rev.do Padre Carlos Manuel Dionísio de Sousa, que desligamos desta responsabilidade paroquial e a quem agradecemos os serviços prestados.

5. Rev.do Padre José António Dionísio de Sousa: Pároco de Vila do Carvalho e S. José, substituindo o Rev.do Padre Henrique Manuel Rodrigues dos Santos, que desligamos desta responsabilidade paroquial e a quem agradecemos os serviços prestados. Para o serviço pastoral nestas duas paróquias continua nomeado o Rev.do Diácono José Manuel A. Malaca.

6. Rev.do Padre Carlos Manuel Dionísio de Sousa: Pároco de S. Gião, Sandomil, Vila Cova de Seia, Carragosela e S. Tiago. Agradecemos ao Rev.do Padre António Carlos dos Santos Martins os serviços até agora prestados como pároco destas paróquias, responsabilidade da qual o desligamos.

7. Rev.do Padre Henrique Manuel Rodrigues dos Santos: Pároco das paróquias de S. Miguel da Guarda, Gonçalbocas e S. Pedro e S. Miguel do Jarmelo. Como seu cooperador pastoral é nomeado o Rev.do Diácono António Bernardino Santos Diogo, que fica desligado das responsabilidades pastorais até agora exercidas no arciprestado do Rochoso. Agradecemos aos Rev.dos Padres António Carlos Marques Gonçalves e José António Dionísio de Sousa o serviço de párocos “in solidum” destas paróquias até agora prestado, responsabilidade da qual os desligamos.

8. Rev.do Padre Luís Marques de Brito, dos missionários da Consolata e com autorização do seu Superior Provincial: administrador paroquial das paróquias de Sameice, Santa Eulália, Travancinha, Torrocelo, Folhadosa e Várzea de Meruje, com a cooperação do Rev.do Padre Luís Manuel Cardoso Nunes. Substitui o Rev.do Padre Nuno Maria Almeida Silva, que é dispensado deste serviço paroquial para um tempo sabático que ele pediu.

9. António Carlos dos Santos Martins: Pároco das paróquias de Gonçalo, Seixo Amarelo, Vela, Benespera e Ramela, integrando também a equipa

do Seminário da Guarda. Substitui o Rev.do Padre Joaquim Álvaro Bastos na responsabilidade de administrador paroquial das duas primeiras, a quem agradecemos os serviços prestados e desligamos desta responsabilidade; substitui o Rev.do Padre Serafim da Conceição dos Santos Reis nas últimas três, a quem agradecemos os serviços prestados e que desligamos desta responsabilidade para se dedicar ao serviço do Pré-Seminário, substituindo nesta missão o Rev.do Padre Hélder José Tomás Lopes, a quem agradecemos os serviços prestados.

10. Rev.do Padre António Luciano dos Santos Costa: administrador paroquial das paróquias do Vale do Mondego (Pero Soares, Vila Soeiro, Misarela, Faia, Cavadoude Aldeia Viçosa, Vila Cortês do Mondego e Porto da Carne), com a colaboração dos serviços paroquiais da Sé e S. Vicente (Guarda). Desligamos o Rev.do Padre José António Dionísio de Sousa das funções de pároco destas paróquias, agradecendo-lhe os serviços prestados.

11. Rev.do Padre Jacek Cesari Baginski, dos Missionários do Verbo Divino, com apoio da comunidade religiosa dos sacerdotes de que é superior, sediada no Tortosendo e com a devida autorização do seu Superior Provincial: administrador paroquial, das paróquias de Paul, Erada, Casegas e Sobral de S. Miguel, substituindo o Rev.do Padre Fernando Brito dos Santos, que desligamos das responsabilidades de administrador paroquial destas paróquias e a quem agradecemos os serviços prestados.

12. Rev.do Padre Joaquim Cardoso Pinheiro: Pároco da paróquia de Sabugueiro, substituindo o Rev.do Padre António Carlos dos Santos Martins, que desligamos destas funções e a quem agradecemos os serviços prestados.

13. Rev.do Padre Hugo Alexandre Pichel Martins: Pároco da paróquia de Tamanhos Agradecemos ao Rev.do Padre Alfredo Marques Gabriel os serviços prestados a esta paróquia durante muitos anos.

14. Rev.do Padre José Manuel Martins de Almeida: administrador paroquial das paróquias de Vide-entre-Vinhas, Cortiçô da Serra e Salgueirais, dando continuidade ao serviço pastoral do Rev.do Cónego Carlos Augusto Pina Paula, que o Senhor chamou a si no mês passado.

15. Rev.do Padre Víctor Manuel Paiva Ramos - Capelão da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários Egitanenses

16. Rev.do Cónego Manuel Alberto Pereira de Matos - membro do Conselho de Administração da Fundação José Carlos Godinho Ferreira de Almeida, na qualidade de vogal.

Ano de 2018

Introdução

Toda a nossa Diocese viveu o ano de 2018 fazendo um primeiro esforço de recepção da Assembleia Diocesana.

Depois de ter sido feita uma primeira apresentação a cada Pároco e seus mais diretos colaboradores e ter sido pedido o sentir dos Conselhos Pastorais Arciprestais, foi apresentada a carta pastoral, pedida pela mesma Assembleia, com o título de *Guiados pelo Espírito, Igreja em renovação*, a qual elenca os principais eixos das orientações pastorais saídas da mesma Assembleia.

O Dia da Igreja Diocesana, em dois de junho, com o qual praticamente se encerrou o ano pastoral 2017-18, foi momento de especial significado dentro deste processo de recepção. O encontro dos movimentos e obras de apostolado, da parte da manhã e a celebração na Sé, da parte da tarde, com cortejo de entrada participado por representantes dos arciprestados com suas insígnias, foi sinal muito positivo. Por sua vez, a apresentação da carta pastoral no final da celebração manteve vivo o desejo de continuar o esforço de aplicação das proposições em toda a Diocese.

A abertura do ano pastoral 2018-19, feita no final do mês de setembro, voltou ao assunto da recepção da assembleia, insistindo principalmente em dois pontos – o reforço da nossa responsabilidade missionária e a insistência em dar especial atenção à formação na Fé, principalmente no âmbito da catequese de infância e adolescência. A acentuação do esforço por motivar a responsabilidade missionária no programa pastoral para esse ano, teve em conta o facto de coincidir com o ano missionário proposta pela Conferência Episcopal, em preparação do especial outubro missionário pedido pelo Papa Francisco em 2019.

A renúncia quaresmal deste ano anunciado na mensagem para a Quaresma destinou-se para apoiar a construção de uma cantina na Guiné Bissau, numa missão dirigida pelos Padres Franciscanos também para ajudar famílias vítimas dos incêndios do ano anterior.

Na Missa Crismal da manhã de Quinta-Feira Santa foram assinalados os jubileus sacerdotais de Padres que cumpriam 60 anos de sacerdócio – o Padre José Júlio Esteves Pinheiro; 50 anos – os Padres Manuel Alberto Pereira de Matos e Casimiro Mendes Serra, 25 anos – os Padres José

Carlos Figueiredo Boto, Carlos Manuel Dionísio de Sousa e Nuno Maria Almeida Silva.

Entre os eventos mais marcantes ocorridos ao longo deste ano contam-se a Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa, para Bispo de Viseu; o falecimento de D. António dos Santos e a elevação de D. António Augusto dos Santos Marto à dignidade de Cardeal.

I. Ao ritmo do ano litúrgico

1. Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus

Iniciamos um novo ano e saudamos, com ele a nova oportunidade que nos é dada para juntos construirmos a sociedade nova que todos desejamos e Deus tem pensada desde sempre.

O primeiro dia do ano é, desde há 50 anos a esta parte, o dia mundial da paz e a liturgia da Igreja coloca-o sob a especial proteção de Nossa Senhora, com o título de Santa Maria Mãe de Deus.

É habitual nos últimos dias do ano que termina fazer um balanço do que nele aconteceu de bom e de menos bom; e nos primeiros dias do ano novo apontar os caminhos que consideramos os melhores para todos e mesmo algumas previsões do bem que queremos promover ou de mal para evitar.

Para todos nós estes são também momentos de exame de consciência, em primeiro lugar, para nos perguntarmos se aproveitámos bem as oportunidades que nos ofereceu o ano que terminou e depois para nos motivarmos a fim de colocarmos as capacidades que Deus nos deu ao serviço próprio e dos outros contribuindo assim para construir a desejada sociedade nova.

Queremos começar bem o novo ano e por isso colocamo-lo sob a proteção e a bênção de Deus. É da bênção e da proteção de Deus para todo o Povo de Israel que nos fala o livro do Êxodo que acabámos de escutar. E a oração pronunciada sobre o Povo é para nós meditarmos e repetirmos – “O Senhor te abençoe e te proteja...o Senhor volta para ti o seu olhar e te conceda a paz”. E sabemos que a promessa de Deus se cumpre sempre também em nós e nas nossas sociedades. Esta bênção de Deus cumpriu-se definitivamente nos tempos com que se inicia o novo testamento e tem um nome, que é Jesus. Como diz a carta aos Gálatas – “Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei...para nos tornar seus filhos adotivos”.

Jesus é, de facto, a grande bênção de Deus para toda a humanidade. Uma bênção que se prolonga na nossa vida pessoal e comunitária, com o dom do

Espírito Santo, que nos ensina a chamar a Deus com o nome de Pai, porque, de facto, somos Seus Filhos. Por isso, Ele diz em nós e connosco, o “Aba, Pai”.

E nós somos hoje de novo chamados a reconhecer, no Menino de Belém, a grande bênção de Deus para toda a humanidade, como o fizeram os pastores. Eram gente simples e pobre, mas souberam descobrir, com a ajuda dos anjos, que os acordaram e lhes deram indicações certas, naquele Menino deitado numa manjedoura e embrulhado em panos, como qualquer outro, o grande dom de Deus para toda a humanidade. E por isso não puderam calar o que lhes ia no coração. Quando o viram, começaram a contar o que os Anjos lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E regressaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto.

Esta continua a ser a alegria de todos aqueles que, pela Fé, encontraram o Senhor e não a podem guardar só para si; precisam de a comunicar e de a celebrar. Está aqui a base do impulso missionário que faz parte do verdadeiro discípulo. Este aprende com o Mestre, sobretudo a segui-lo e depois sente-se obrigado a comunicar, com entusiasmo, a alegria de ser discípulo com todos os efeitos que ela tem na sua vida pessoal e mesmo comunitária.

E nossa Senhora, a Mãe de Jesus, diz-nos como todo este processo se desenvolve na vida do verdadeiro discípulo, do qual ela é o modelo. Tudo começa no segredo de cada coração que se deixa apaixonar pelo Mestre. Também ela guardava todas estas coisas em Seu coração, o que há-de acontecer com todos os outros discípulos.

Celebramos hoje, como dissemos, pela 51^a vez, o dia mundial da paz, uma iniciativa começado pelo Papa Paulo VI.

Na sua mensagem para este dia, o Papa Francisco coloca à consciência do mundo, a começar pelos mais responsáveis pela sua condução, o grave problema dos migrantes e sobretudo dos refugiados.

Como ele lembra, há no mundo atualmente 250 milhões de migrantes e destes 22 milhões e meio são refugiados.

Para todos começa por deixar votos de paz, lembrando aos governantes, que é sua responsabilidade “acolher, promover, proteger e integrar” estas pessoas que, por razões variadas, saem das suas terras e rumam a outros destinos à procura de melhores condições de vida.

Claro que é sobretudo o drama dos refugiados que o preocupa, como deve preocupar as sociedades em geral. E aponta o dedo à ferida, no que toca aos refugiados, citando o Papa São João Paulo II que indica como grande causa deste drama “uma sequência infinda e horrenda de guerras conflitos, genocídios, limpezas étnicas”, fenómenos que se multiplicaram ao longo de todo o século XX e, como constatamos, não terminaram no século XXI. Ainda recentemente na sua visita à Ásia Central, mais propriamente ao Mjuntma (antiga Birmânia) e depois ao Bengladesh, o Papa Francisco convidava a repensar o que está acontecer com a etnia do Roringia, expulsos de uns territórios e recusados em outros e

enfrentando diariamente o grande drama de não terem pátria e serem rejeitados por todos.

Nesta sua mensagem o Papa convida também a uma atitude acolhedora para os migrantes que não têm estatuto de refugiados, mas deixam as suas terras à procura de uma vida melhor, com novas oportunidades de trabalho e também de formação e educação. Quantas vezes, a migração é também imposta pela degradação das condições ambientais que torna a vida impossível, como são as secas recorrentes no continente africano.

Quaisquer que sejam os motivos que levam as pessoas a deslocar-se das suas terras para outros destinos, lembra o Papa, há que evitar ideologias e políticas que vêm, à partida, no migrante um perigo e um inimigo que temos de afastar a todo o custo, como se de tal, em exclusividade, dependesse a segurança nacional e o bem estar dos naturais dos países de acolhimento.

A atitude tem de ser outra, que o Papa identifica com um olhar contemplativo sobre as vantagens e novas oportunidades que os migrantes trazem aos países de acolhimento. De facto, os migrantes nunca chegam de mãos vazias. Pelo contrário vêm com coragem, com as suas capacidades próprias, energias e aspirações, acompanhados dos tesouros da sua cultura.

Para definir o tal olhar contemplativo com que havemos de saber compreender os migrantes, o Papa apela ao modelo bíblico da nova Jerusalém, a cidade de portas sempre abertas a todas as populações que nele entram livremente e a enchem com as suas riquezas (Is. 60 e Apc 21)

Este olhar contemplativo leva-nos a considerar os migrantes como mais uma e nova oportunidade para juntos trabalharmos em prol da casa comum onde há sempre lugar para todos e todos contam com a participação de todos.

A terminar, desejo aqui deixar a experiência de refugiado de uma criança de 8 anos, nascida em Aleppo (Siria) que ela própria relata assim: “ O meu nome é Bana e sou um refugiado. Como milhões de outras crianças, eu saí do meu país e perdi muitas coisas, a começar pela minha casa. A guerra foi o que eu vivi durante a maior parte da minha vida. Em vez de irem para a escola as crianças permanecem em campos de refugiados, sem alimentos, sem remédios, sujeitas ao perigo das bombas que caem a todo o momento. Senti o que era a paz pela primeira vez na minha vida quando fugi de Aleppo. Agora que fui recebida na Turquia com a minha família, posso ir à escola e brincar sem ouvir as bombas. Mas o mais importante é acabar com as guerras. Sem paz, haverá sempre refugiados.”

Este é o testemunho, na 1ª pessoa de uma criança de 8 anos que nos ajuda a compreender tantos dramas repetidos nas águas do mediterrâneo ou em países sem lei onde a exploração dos mais fracos não tem limites.

Que o novo ano a todos inspire os caminhos para pôr fim a tanto sofrimento.

1.1.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2. A Quaresma - apelo à conversão

A assembleia diocesana, que se encontra agora em processo de recepção nas comunidades da nossa Diocese, aponta-nos caminhos de mudança e de conversão.

O tempo da Quaresma, que vamos iniciar, é especialmente favorável para recordarmos os seus apelos e vermos como lhes havemos de responder na nossa vida e na vida das nossas comunidades.

Ora, na imposição das cinzas, gesto simbólico com que tradicionalmente se inicia a Quaresma, vamos escutar palavras como estas: “Lembra-te homem que és pó e em pó te hás-de tornar” e também “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”. Se o primeiro apelo nos remete para o reconhecimento da nossa finitude e do carácter passageiro da vida no tempo, o segundo convida-nos a olhar o futuro com esperança. E é mesmo a esperança que queremos cuidar especialmente nesta Quaresma. Ora, a esperança não se confunde com futilidades, tais como a ilusão do dinheiro ou os falsos remédios para muitas desilusões, sejam elas drogas, lucros fáceis ou simplesmente a satisfação ilusória dos apetites imediatos.

Convém aqui lembrar o que nos diz o Papa Francisco, na sua mensagem para esta Quaresma, sobre a ganância do dinheiro, que apaga o amor, seguindo-se-lhe a recusa de Deus e com ela a recusa de quantos se julga poderem ameaçar seguranças e bem estar, sejam elas o bebé, o idoso doente, com a tentação da eutanásia, o estrangeiro, ou o próximo que, por qualquer motivo, pode ser considerado peso.

A Quaresma propõe-nos um caminho de conversão e renovação que nos faz descolar de situações desordenadas como estas e avançar para atitudes novas apostadas sobretudo em promover a dignidade, a liberdade e a capacidade de amar, nas pessoas. Para progredirmos nesse caminho de conversão, a sabedoria secular da Igreja adianta os remédios da oração, do jejum e da esmola.

Sobre a oração, desejamos lembrar aqui o apelo do Papa Francisco para vivermos nos dias 9 e 10 de março (sexta e sábado), mais uma vez, a iniciativa “24 horas para o Senhor”. É bom que, na nossa Diocese, em cada arceparquial, haja pelo menos uma Igreja aberta durante estas 24 horas consecutivas para adoração e Sacramento da Reconciliação.

A esmola fortalece sempre a experiência da comunhão que, como discípulos de Cristo, somos chamados a viver em Igreja. A renúncia quaresmal é boa oportunidade para cumprir esta recomendação.

Pelo jejum não só partilhamos a experiência dos que não têm o necessário para matar a fome, mas sobretudo sentimos ao vivo que nem só de pão vive o homem. Ao longo da Quaresma, há dois dias de jejum obrigatórios recomendados pela disciplina da Igreja: Quarta-Feira de Cinzas e Sexta-Feira Santa, em que celebramos a morte de Cristo.

Este ano a nossa renúncia quaresmal tem duas finalidades.

Uma delas é apoiar a construção de uma cantina escolar, na Guiné-Bissau. Trata-se de uma missão católica, situada nos arredores de Bissau, com valências de hospital, leprosaria, escola e uma aldeia onde são recolhidos leprosos rejeitados pelas famílias. Esta construção está a ser feita pelo Instituto Social Cristão Pina Ferraz, instituição da nossa Diocese sediada em Penamacor, que também está a angariar os fundos necessários.

A outra finalidade é ajudar famílias que foram afectadas pelos incêndios na área da nossa Diocese. Até agora foram ajudadas, através da Caritas Diocesana, 18 famílias que ficaram sem equipamentos agro-pecuários, incluindo estábulos, vedações, alfaias agrícolas e motores de rega. O apelo que oportunamente fizemos teve resposta muito generosa e pronta, que nos permitiu gastar nestas ajudas quarenta mil euros. Mas há ainda várias famílias à espera de serem ajudadas.

Temos a certeza de que a melhor recompensa de tudo o que damos é mesmo a alegria de dar com generosidade.

Guarda, 8.2.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. Missa crismal de Quinta – Feira Santa Sé da Guarda 2018

Homilia (com embargo até às 10H30 de 29.3.2018)

“O Espírito do Senhor está sobre mim; Ele me ungiu e enviou para anunciar a Boa Nova aos Pobres e proclamar o dia da Graça do Senhor”.

Irmãs e irmãos, caros padres:

É com estas palavras do Profeta Isaías que Jesus se apresenta a si mesmo, na assembleia celebrante da sua terra natal, em Nazaré.

E a mesma unção do Espírito, que marcou a pessoa de Jesus, marca também todos os seus discípulos, por força do Baptismo e da Confirmação. Mas marca de modo especialíssimo aqueles que receberam

essa unção reforçada no Sacramento da Ordem, ficando deste modo configurados com Cristo cabeça e pastor da Igreja.

Por isso, nos reunimos hoje, nesta manhã de Quinta - Feira Santa, em solene concelebração, para reafirmarmos, com o Povo de Deus e perante Ele, a nossa identidade sacerdotal. Renovamos as nossas promessas sacerdotais, recordando o dia da nossa Ordenação. E com elas renovamos também a decisão de nos entregarmos, por inteiro, à celebração dos Santos Mistérios e ao Ministério da pregação e da evangelização. Move-nos o desejo – e queremos também expressá-lo nesta concelebração – de vivermos unicamente para a causa de Jesus Cristo e da Salvação das pessoas. Queremos responder ao apelo que nos é feito de viver, em espírito de pobreza, com o indispensável e dar o máximo das nossas capacidades para serviço do Povo de Deus. E conforta-nos o facto de sentirmos que esse mesmo Povo de Deus se compromete connosco, pela oração e em diferentes cooperações, para levarmos a bom termo este importante propósito.

A Palavra de Deus convida-nos hoje a contemplar a Pessoa de Jesus, cheio da força do Espírito Santo e enviado para cumprir o mandato missionário recebido do Pai. Ele é a testemunha fiel, o primogénito dos mortos, que fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, como diz o Apocalipse de S. João. Jesus cumpre, assim, o sonho de Profeta Isaías enunciado na primeira leitura. Ora, cumprir esse sonho do Profeta Isaías é também a missão da Igreja, pela qual Jesus entregou a sua vida e lhe deixou o mandato sempre actual de anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a redenção aos cativos, a liberdade aos oprimidos e o ano da graça do Senhor. É também para ajudar a cumprir esse sonho na vida da Igreja que nós sacerdotes recebemos a unção espiritual do Espírito no dia da nossa Ordenação. Estamos, desde então constituídos numa especial

relação com Cristo Sacerdote e Pastor, para presidir à comunidade, celebrar os sagrados mistérios e distribuir a todos os bens da Salvação, principalmente quando celebramos a Eucaristia ou o Sacramento da Reconciliação.

Essa relação especial com Cristo Pastor, assente no Sacramento da Ordem, traz consigo a especial obrigação de ajudar o povo de Deus, nas circunstâncias atuais, a discernir os caminhos mais indicados para dar cumprimento ao sonho de Isaías a que nos reportamos. E no que a estes caminhos novos diz respeito, é, em primeiro lugar, a nós sacerdotes que se dirige a nossa assembleia diocesana, em processo de recepção por toda a Diocese. Ela pede-nos coragem e espírito de inovação para sabermos implantar hábitos de caminhada sinodal, em que todos com todos procuramos os caminhos mais ajustados para viver e anunciar, nas circunstâncias actuais e nos nossos meios, o Evangelho de Jesus Cristo.

Neste dia de louvor e acção de graças pelo dom do Ministério Sacerdotal não podemos deixar de lembrar a nossa grave responsabilidade quanto à promoção das vocações sacerdotais. Esta é uma responsabilidade que precisamos de fazer sentir cada vez mais a todas as comunidades e seus agentes da pastoral, começando pelo Bispo Diocesano, continuando em todos os sacerdotes e diáconos e chegando aos catequistas e outros serviços das comunidades. Sobre formas de promover as vocações sacerdotais, lembramos o que diz a “Ratio Fundamentalis”: “cada Igreja local assuma esse importante compromisso de prover ao acompanhamento dos adolescentes, promovendo novas abordagens e experimentando formas pastorais criativas” (nº18). São essas formas pastorais criativas que precisamos de pedir, por um lado aos responsáveis pelo nosso Seminário e Pré – Seminário; e, por outro, às comunidades com seus responsáveis pastorais, a começar por todos nós sacerdotes.

A propósito, desejo colocar nesta Eucaristia que estamos a concelebrar uma intenção que invariavelmente levo comigo para a celebração eucarística com cada sacerdote nas visitas que lhes estou a fazer sobre a recepção da assembleia diocesana, que é a seguinte: pela santificação dos sacerdotes e pelas vocações sacerdotais.

E agora, caros padres, irmãos e irmãs, lembremos, em festiva acção de graças, os nossos irmãos sacerdotes que cumprem este ano 60, 50 e 25 anos de Vida Sacerdotal.

Celebra 60 anos de vida sacerdotal o Rev.do Padre José Júlio Esteves Pinheiro, ordenado pelo Sr. D. Domingos da Silva Gonçalves em 20 de julho de 1958. Iniciou a sua ação pastoral como presbítero com funções de coadjutor na Covilhã, primeiro (Paróquia da Conceição) e depois no Sabugal. A partir do ano de 1985 foi destacado para o serviço dos emigrantes portugueses em França, onde fez também percurso académico, no ensino universitário, até ao grau de doutoramento. De regresso ao País e à Diocese, desenvolveu variada e importante atividade docente, como professor do Ensino Superior, incluindo da Universidade Católica. Concomitantemente continuou a dar colaboração a vários párocos através da Diocese, desempenhou funções de delegado diocesano para a cultura e na assistência movimentos.

Celebram 50 anos de vida sacerdotal os Reverendos Padres Casimiro Mendes Serra e Manuel Alberto Pereira de Matos. Ambos foram ordenados pelo Sr. D. Policarpo da Costa Vaz em 4 de agosto de 1968.

O primeiro iniciou o seu serviço pastoral de presbítero no arciprestado de Alpedrinha, passando por Mata da Rainha, Orca e Zebras. 19 anos depois, assumiu funções de pároco de Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do

Cabo, no arceprelado do Fundão e das quais foi desligado há um ano, continuando pároco “in solidum” de Castelejo, Telhado e Souto da Casa. O segundo iniciou o seu percurso de presbítero no arceprelado de Trancoso, primeiro e depois no de Pinhel. Licenciou-se na Universidade pública e prestou serviço docente no ensino oficial. Depois de fazer licenciatura em Pastoral na Universidade Católica em Lisboa foi chamado a trabalhar no Seminário Maior, primeiro como membro da equipa formadora e professor, e depois como Reitor, a partir de 1994 e até 2006. Entre os muitos cargos que lhe foram confiados destacam-se a liderança da equipa que preparou na Diocese o Congresso de Leigos de 1988, a direcção da Escola Teológica de Leigos, desde essa data; como capitular, a presidência do Cabido da Sé. Foi nomeado Vigário Geral em 2006, funções que acumula com a administração paroquial de Panoias, Santana de Azinha e João Antão, no arceprelado da Guarda. Entretanto, e dentro do seu percurso académico, em 2002 fez doutoramento em Teologia na Pontifícia de Salamanca, com uma tese sobre o Pai Nosso e desde então publicou vários livros, o último dos quais sobre o problema do fim e do sentido da existência e da história.

Celebram 25 anos de vida Sacerdotal os Reverendos Padres José Carlos Figueiredo Boto, Carlos Manuel Dionísio de Sousa e Nuno Maria Almeida Silva.

Todos foram ordenados pelo Sr. D. António dos Santos, embora em datas diferentes.

Assim, O Rev,do Padre José Carlos Figueiredo Boto foi ordenado no dia 2 de fevereiro de 1993. Foi nomeado para a equipa formadora do Seminário do Fundão ainda antes de ser ordenado presbítero e em 1995 foi transferido para a atividade paroquial no arceprelado de Gouveia, onde se mantém atualmente, com a responsabilidade das paróquias de Vinhó

Nespereira, Vila Ruiva, Vila Cortez e Figueiró. Tem no seu percurso pastoral o serviço de capelania do Centro de Saúde de Gouveia.

O Rev.do Padre Carlos Manuel Dionísio de Sousa foi ordenado em 11 de julho de 1993. Começou a sua atividade como presbítero no arcepresbiterado de Trancoso, onde se manteve até ao ano de 1999, desempenhando funções de vigário paroquial em Trancoso e depois pároco de Freches e Carnicães. Em 1999 foi nomeado para funções paroquiais no arcepresbiterado do Fundão, onde serviu várias paróquias, entre elas Silvaes, Castelejo e Souto da Casa. Em 2006 foi chamado para a Equipa Formadora do Seminário Maior da Guarda, com funções de Vice-Reitor, e acumulando as responsabilidades do Pré-Seminário, de arcepresbiterado, de capelão do estabelecimento prisional da Guarda. Depois de formação complementar na Universidade Pontifícia de Salamanca em teologia Pastoral, assumiu funções de Pároco de S. Martinho na Covilhã e outras paróquias do mesmo arcepresbiterado, passando também a fazer parte do Secretariado Diocesano de Coordenação Pastoral. Em 2017 foi transferido para o arcepresbiterado de Seia, com as paróquias de Santiago, Carragosela, Sandomil, Vila Cova e S. Gião.

O Rev.do Padre Nuno Maria Almeida Silva foi ordenado em 8 de dezembro de 1993. Pertenceu á equipa formadora do Seminário do Fundão ainda antes da ordenação sacerdotal e, em 1994, foi nomeado administrador da Paróquia do Paul, acumulando com outras paróquias do mesmo arcepresbiterado da Covilhã. Cinco anos depois foi transferido para o arcepresbiterado de Seia, onde foi pároco de várias paróquias e capelão hospitalar do hospital Nossa Senhora de Assunção de Seia, até ao ano de 2017, em que, a seu insistente pedido, foi autorizado a dedicar algum tempo ao serviço pastoral de comunidade de emigrantes portugueses na Alemanha, mais propriamente na arquidiocese de Freiburg. Integrou o

Departamento de Património Cultural da Diocese da Guarda e frequentou a Universidade Pontifícia de Salamanca.

Louvemos o Senhor pelas maravilhas que Ele continua a realizar através dos nossos sacerdotes e, por intermédio de Maria Rainha do Clero, peçamos-lhe a graça de correspondermos sempre, cada vez mais e melhor, à confiança que em nós deposita.

Guarda, 29.3.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4. Natal de Jesus - Igreja em missão

Jesus nasceu, segundo a genuína tradição, num presépio, nos arredores de Belém, portanto fora da cidade, por não haver para Ele lugar nas hospedarias.

A festa de Natal existe para celebrar este acontecimento, com toda a sua importância para a salvação das pessoas e do mundo.

Jesus é, de facto, o salvador, jubilosamente anunciado pelos anjos cantando “glória a Deus nas alturas”, alegremente visitado pelos pastores que pernoitavam nas redondezas e depois adorado pelo reis magos, vindos de longe com seus presentes e guiados pela estrela.

Foi assim que o Filho Único de Deus iniciou o cumprimento da missão que o Pai lhe confiou.

Assumiu a nossa condição humana até às últimas consequências, incluindo a rejeição, o sofrimento e a morte.

E, durante toda a sua vida na terra, saiu, de mil maneiras, ao encontro das pessoas para as compreender nas suas situações de vida e as ajudar a superar as dificuldades que são de todas, sem exceção, embora diferentes de umas para as outras.

Assim, qual bom pastor, partiu ao encontro da ovelha perdida, sabendo que a alegria do reencontro com Deus e com as razões de viver que ele inspira nada as pode substituir.

Como bom samaritano, não fez como o sacerdote, o levita e tantos outros que, invocando as mais variadas razões e muitas delas válidas, passaram ao lado e ao largo. Não. Ele parou, olhou, encheu-se de compaixão e agiu de imediato em favor daquele que jazia prostrado na berma da estrada e já meio morto.

Hoje é a nossa vez.

Enquanto discípulos deste grande Mestre, cumpre-nos continuar a sua missão, no momento atual, fazendo bem sem olhar a quem.

De facto, a lição do presépio conjugada com os imperativos da hora atual desafia-nos a ser Igreja em saída para as periferias existenciais do nosso tempo, a fim de aí continuarmos a obra salvadora, verdadeiramente humanizadora, do mesmo Jesus.

E nestas periferias aonde a missão nos conduz e que estão mais perto de nós do que muitas vezes imaginamos, aparecem-nos situações muito variadas.

Um das vezes é a pobreza mais ou menos extrema, onde faltam os bens materiais elementares a pedir-nos respostas adequadas. Apesar dos objetivos do milénio, que pretendiam reduzir para metade a pobreza no mundo até 2015, infelizmente entre nós ainda há muito que fazer, neste combate.

Outras vezes são o abandono e o isolamento em que, infelizmente se encontram muitas pessoas nos nossos meios, porque filhos e outros familiares mais ou menos próximos tiveram de partir à procura de meios de vida que aqui não encontram. Esta é uma realidade crescente entre nós e tem levado as forças do ordem pública a reforçar o cuidado com a defesa de pessoas e bens.

Sabemos, porém, que nada pode substituir a relação de proximidade, sobretudo a familiar.

Há ainda periferias feitas de pessoas que estão à margem, sem que lhes falte pão para a boca ou outros meios materiais. Falta-lhes, sim, a necessária inserção na vida social e comunitária, ou porque não têm trabalho, ou porque vêm de outros ambientes e culturas ou por qualquer outra razão. A lição do presépio convida-nos a percorrer sempre caminhos que conduzam à plena inclusão social de todas as pessoas, mesmo daquelas que, por circunstâncias várias, deixaram a sua pátria e a sua cultura de origem e batem agora à nossa porta. Também temos casos destes muito perto de nós, uns passantes e outros que se fixam em maior ou menor permanência.

Não podemos também esquecer que temos hoje significativo número de pessoas, sobretudo adolescentes e jovens, que têm tudo e às vezes até demais, mas falta-lhes o essencial que é a relação interpessoal e comunitária, sobretudo em família, capaz de os desafiar à ousadia de tomarem a vida em suas próprias mãos e fazerem as escolhas certas.

O recente Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional desafia os jovens, com apoio da Igreja e da sociedade, a ousarem tomar decisões para a vida.

A lição do presépio convida-nos para a grande missão de ajudar a que todos encontrem o sentido de vida que o Menino de Belém veio anunciar.

Guarda, 13.12.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

II. Eventos Pastorais

1. 13 anos ao serviço da Diocese da Guarda,

Faz hoje 13 anos que cheguei à Diocese da Guarda, como Bispo Coadjutor, nomeado ainda pelo Papa S. João Paulo II.

É este o momento para dar graças pela forma como o próprio Deus tem actuado em favor do seu povo, através do ministério que me confiou; mas também tempo para fazer revisão das opções feitas e das iniciativas tomadas; revisão principalmente sobre os objectivos definidos e atingidos ou não e sobre a forma como foram reunidos os meios humanos e materiais necessários para dar vida à nossa comunidade diocesana.

Nesta minha revisão diante da Diocese, vou fixar-me no tempo que decorreu desde o último 16 de janeiro (2017).

Ao longo deste ano, a minha grande preocupação, como a de todo o nosso presbitério e outros agentes pastorais foi a assembleia diocesana, que, por graça de Deus, se cumpriu em três sessões, nos meses de abril, maio e junho. Elaborou-se o instrumento de trabalho (“Instrumentum laboris”), que foi analisado e comentado nos conselhos pastorais arceprestais e no conselho pastoral diocesano, como também no conselho presbiteral. Constituiu-se a mesa desta assembleia diocesana, que, a partir dos contributos recebidos das várias reflexões feitas sobre o instrumento de trabalho, elaborou as propostas das proposições que foram apresentadas, discutidas e votadas na assembleia. Para esta assembleia diocesana foram convocados 220 delegados, que se pretendeu serem representantes de cada conjunto de paróquias confiado ao mesmo pároco, dos diferentes secretariados e departamentos da pastoral diocesana, dos diferentes movimentos, serviços e obras de apostolado existentes na Diocese, dos vários níveis etários que compõem as nossas comunidades cristãs e ainda com alguns representantes da sociedade civil.

A assembleia diocesana realizou-se em três sessões, nos dias 29 de abril, 20 de maio e 17 de junho, respectivamente. Na primeira sessão, os delegados pronunciaram-se sobre o modelo de Igreja recomendado pelo Vaticano II e que queremos ser, sendo aprovadas 20 proposições. Na

segunda, aprovaram-se 33 proposições sobre a Palavra de Deus na vida pessoal e das comunidades e sobre a responsabilidade de evangelizar. Na terceira sessão, os delegados pronunciaram-se sobre a celebração da Fé e sua renovação e aprovaram 36 proposições.

Após a assembleia, a grande preocupação do Bispo Diocesano, assim como dos sacerdotes, dos diáconos e outros agentes da pastoral passou a ser o esforço de promover a recepção destas proposições nas várias comunidades da Diocese. Nesse sentido apontou a sessão extraordinária da mesma assembleia realizada em 5 de outubro passado e agora está a constituir a razão das visitas pastorais em curso que o Bispo Diocesano faz a cada pároco e seu conjunto paroquial. Está prometido que este ano pastoral encerrará com a apresentação à Diocese de uma carta pastoral, em que o Bispo indica prioridades pastorais e traça linhas de rumo para a pastoral diocesana nos próximos anos.

A reorganização pastoral da Diocese é outro assunto ligado à assembleia diocesana, mas que já nos preocupa desde há alguns anos. Nesse sentido foram feitas consultas variadas, tendo havido pronunciamentos dos arceprestados e também do Conselho Pastoral Diocesano. A pedido da assembleia, foi constituída uma comissão diocesana com o encargo de elaborar uma proposta de reorganização pastoral da Diocese. Foram-lhe entregues todos os dados existentes fruto das várias consultas anteriormente feitas e está-lhe pedido que essa proposta de reorganização tenha em conta conjuntos de paróquias, cada um deles confiado ao mesmo pároco que devem evoluir para constituírem unidades pastorais. Por sua vez, os arceprestados hão-de ter condições para serem verdadeiras instâncias de pastoral intermédias entre a Diocese e as Paróquias. Esta proposta de reorganização será oportunamente sujeita ao Conselho Pastoral Diocesano e ao Presbiteral e ainda ao Colégio de Consultores da Diocese, antes de ser aprovada e promulgada.

A Pastoral familiar motivada pela exortação apostólica “Amoris Laetitia” do Papa Francisco, fruto dos trabalhos de dois sínodos, em 2014 e 2015, que foi publicada em março de 2016, como não podia deixar de ser, esteve também no centro das nossas preocupações. Por isso, orientámos as jornadas de formação do clero realizadas nos dias 2 e 3 de fevereiro, para este assunto. E pedimos ajuda ao Instituto Superior de Ciências da Família da Universidade Pontifícia de Salamanca, que nos enviou três professores. Deste trabalho resultou um conjunto de orientações pastorais

para o acompanhamento das famílias, que agora precisamos de, com o empenho de todos, pôr em prática.

A aplicação da concordata, acordo entre o Estado Português e a Santa Sé, assinado em 2004, que regula as relações entre as instituições da Igreja e as instituições civis foi também objecto de estudo pelo nosso clero. Para o orientar tivemos, durante um dia, connosco dois peritos vindos de Lisboa que nos ajudaram a clarificar pontos concretos da relação das nossas instituições canónicas com os órgãos da sociedade civil, nomeadamente em duas áreas – a fiscalidade e os acordos para serviços determinados, principalmente com a segurança social.

2017 foi o ano do centenário das aparições de Fátima. A vinda do Papa Francisco nos dias 12 e 13 de maio foi o ponto alto que a nossa Diocese também viveu intensamente e com grande entusiasmo tanto pelos que puderam deslocar-se a Fátima acompanhando o Bispo Diocesano quer por outros que o não puderam fazer, mas acompanharam pela comunicação social. A Casa Abrigo da nossa Diocese, em Fátima como também a Casa de Nossa Senhora do Rosário de Fátima da Liga dos Servos de Jesus não tiveram mãos e medir para acolher os peregrinos. A canonização dos dois pastorinhos Francisco e Jacinta ficou na nossa memória. Para marcar o simbolismo deste centenário esteve também entre nós o Bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto, no dia 4 de novembro, a pronunciar uma conferência, dentro da jornada promovida pelo Movimento Mensagem de Fátima da nossa Diocese.

A Escola da Missão D. João de Oliveira Matos, em Angola, promovida pela Liga dos Servos de Jesus exigiu especial atenção quer do Conselho da Liga quer do Bispo Diocesano. Algumas dificuldades surgidas no ano lectivo anterior levaram o Bispo Diocesano e a Coordenadora Geral da Liga dos Servos de Jesus a deslocar-se a Angola, no mês de março, durante uma semana, para dialogarem “in loco”, quer com as duas irmãs da Liga que a acompanham de perto, quer com algumas autoridades locais ligadas ao sistema da educação escolar, quer sobretudo com o Bispo da Diocese de Sumbe. No diálogo estabelecido com este ficou claro o que pretendemos desta Escola, a saber, que seja uma Escola Católica, que se afirme pela qualidade do ensino, também porque a Escola do Magistério local a escolheu como lugar de estágio para os futuros professores, que possa primar por uma boa organização que promova o seu corpo docente, sobretudo através da formação permanente e ainda

que os pais e encarregados de educação se sintam devidamente correspondidos na confiança que depositam na Escola. O Bispo de Sumbe concordou em assumir a condução do processo desta escola enquanto escola católica e, de imediato, comprometeu-se a nomear um director capaz, que também corresponda aos requisitos colocados pela lei local em matéria de educação escolar.

Lembramos agora alguns acontecimentos mais marcantes deste ano:

O primeiro deles foi a ordenação sacerdotal de um novo padre para a nossa Diocese, o Rev.do Padre Bruno António. Consideramos este o sinal por excelência que o Senhor nos dá de que continua a acompanhar-nos e a velar pelas nossas comunidades.

A realização de dois cursos de cristandade, um de homens, com 17 cursistas e outros de mulheres com 19. Como sabemos, o movimento dos cursos de cristandade marcou profundamente a espiritualidade e o apostolado na nossa Diocese. Durante vários anos esteve adormecido. Esperamos agora a sua revitalização.

Foi assinado com a Direcção Regional da Cultura do Centro o acordo para a construção do órgão de tubos da Sé da Guarda. Está neste momento a ser constituída a comissão de acompanhamento deste processo que esperamos venha a dotar a nossa Sé deste valioso instrumento para a dignificação do culto, mas também para bem da cultura na nossa cidade.

Também se iniciou diálogo com a Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela com vista a estabelecer um acordo que permita por um lado completar a inventariação do nosso património de arte sacra e por outro elaborar roteiros e outras formas de fazer a sua apresentação para poder ser fruída por quem nos visita. O nosso museu de arte sacra na Guarda, assim como outros espaços museológicos também de arte sacra que já temos espalhados pela Diocese e mais alguns que desejamos criar são importantes pontos de apoio neste projecto de valorização da nossa arte sacra.

Assinalámos, em data oportuna, o centenário do nascimento do Bispo D. Manuel Damasceno que foi Bispo de Angra do Heroísmo, com a colaboração da Câmara Municipal da Covilhã, sua terra natal, e de familiares do mesmo.

Acontecimentos que prevemos para o ano que vem

Esperamos concluir este ano pastoral, conforme está pedido e também prometido, com uma carta pastoral em que o Bispo Diocesano

indica um conjunto de opções pastorais realizáveis que possam marcar o futuro próximo da nossa Diocese, tendo em conta as proposições da assembleia diocesana.

A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Manteigas celebra 400 anos de existência, durante o ano de 2018..

O Sínodo sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional, marcado para outubro próximo, desafia a nossa pastoral e, por isso a formação permanente do clero que temos marcada para os dias 6 e 7 de fevereiro próximo vai centrar-se na pastoral juvenil e para orientar esta formação convidámos peritos ligados aos Salesianos, cujo carisma é mesmo a educação da juventude.

No horizonte da nossa pastoral para este ano continuam as orientações sobre acompanhamento das famílias saídas das jornadas de formação do clero do ano passado, completadas por indicações sobre o mesmo assunto vindas tanto da Conferência Episcopal como dos encontros regulares dos Bispos do Centro.

Não temos ainda no nosso Seminário e mesmo no Pré-Seminário os candidatos de que precisamos. Por isso, o assunto das vocações sacerdotais tem de continuar a preocupar muito as nossas comunidades, com seus agentes pastorais, mas principalmente os sacerdotes do nosso Presbitério, em permanente diálogo com os sacerdotes do Seminário e o Diretor do Pré-seminário. Este é sempre assunto presente em todas as visitas pastorais que o Bispo Diocesano está a fazer a cada pároco e seu conjunto paroquial sobre a recepção da Assembleia Diocesana.

Para responder às necessidades pastorais das nossas comunidades cristãs precisamos de continuar o esforço de conjugar da melhor maneira o trabalho dos nossos sacerdotes entre si e com os diáconos permanentes, mas também com os vários ministérios laicais, exigindo-se especial empenho na preparação dos leigos para os vários serviços que lhes são pedidos.

Partimos para o novo ano muito confiados no conforto que o Senhor da Messe não nega a quem se dispõe a segui-lo com Fé e entrega decidida. E contamos com a bênção maternal de Maria Santíssima.

Guarda, 16 de janeiro de 2018
+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2.Cinco anos de pontificado do Papa Francisco

Hoje é dia de acção de graças pelo pontificado do Papa Francisco. Um Papa vindo do fim do mundo para colocar as periferias no centro, tanto das preocupações da Igreja como da própria sociedade. O seu discurso directo sobre as mais variadas situações, onde não faltam os neologismos surpreendentes, a sua forma original de tratar os assuntos e a proximidade que revela todo o seu estilo de vida são originalidades de que a Igreja e a própria sociedade estavam a precisar. As propostas que nos faz tanto nas suas duas exortações apostólicas (*Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*) como na encíclica *Laudato si*, de facto, não deixam ninguém indiferente. No primeiro documento, faz, é certo, um programa para a vida interna da Igreja com considerações inovadoras, mas não deixa de inquietar os grandes da nossa sociedade, quando, por exemplo, diz expressamente que “esta economia mata”. E à Igreja diz-lhe, com clareza meridiana, que não existe por causa de si, daí a obrigação de ser sempre uma Igreja em saída ao encontro das mais variadas periferias. No segundo e terceiro documentos lembra à Igreja, mas também à sociedade em geral dois assuntos determinantes para o presente e para o futuro da Humanidade, que são a família e a defesa das natureza em ordem ao ideal de juntos construirmos neste mundo uma casa comum para todos. Ao abrir portas, nos últimos dias, para a canonização do Papa Paulo VI e do Bispo sul-americano Oscar Romero, deu mais uma importante indicação, para dentro e para fora da Igreja, da sua aposta nas grandes reformas que é necessário fazer. Sem ignorar as dificuldades que as reformas sempre envolvem, o Papa Francisco não tem desistido de as levar por diante. São exemplos a reforma da Cúria Romana e o esforço por combater os grandes males que continuam a existir no interior da Igreja, o mais falado dos quais, na comunicação social, tem sido o problema da pedofilia. Hoje é dia para dar graças a Deus pelo Pontificado do Papa Francisco e também de oração para que as dificuldades que estão a aparecer não o demovam do propósito de levar a verdadeira reforma à vida da Igreja, dos cristãos e da própria sociedade.

13.3.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3.Dia Diocesano da Família

Mensagem

Estamos a celebrar o Dia Diocesano da Família no encerramento da semana nacional da vida, em que fomos todos convidados a considerar o bem intocável da vida humana, desde a concepção até ao seu fim natural; isto, quando se anuncia uma votação parlamentar com vista a legislar sobre a eutanásia.

Sem famílias felizes e bem constituídas, que sejam verdadeiro santuário da vida e do amor, não será possível defender este valor fundamental. Saudamos, por isso, todas as famílias que vivem nas diferentes comunidades desta Diocese da Guarda. Desejamos fazer-lhes sentir que as estimamos e manifestar-lhes o nosso apreço pelo bem inestimável, que, com a sua comunhão de amor e vida, estão continuamente a oferecer à sociedade. Queremos dizer-lhes que estamos com elas, também nos seus momentos mais difíceis, incluindo as várias fragilidades que não raro as atingem.

O Dia Diocesano da Família é já uma celebração anualmente esperada por todos nós.

Com ele, o Secretariado Diocesano da Família está empenhado em congregar as famílias em geral, a começar pelos casais mais novos, para lhes dizer e ajudar a experimentar quanto bem delas espera uma sociedade que precisa de ser verdadeiramente humanizada; e também quanto as famílias cristãs podem contribuir para uma vida comunitária intensa e de qualidade.

De facto, verificamos que na nossa sociedade há um grande défice de vida comunitária, porque as pessoas, muitas vezes, são tratadas como números, e, pior ainda, em muitas circunstâncias, simplesmente como números contribuintes. Para além disso, multiplicam-se as situações de abandono sobretudo das pessoas mais fragilizadas.

Precisamos todos de pedir às nossas famílias que dêem o seu melhor contributo para desfazer este défice, sobretudo através da experiência do encontro entre si, para partilharem situações de vida e procurarem em conjunto as melhores soluções para os problemas que forem surgindo.

É nosso propósito ir ao encontro de todas e cada um das famílias. Para isso já pedimos a cada pároco que, no seu conjunto paroquial, procure a colaboração de pelo menos um casal para poder conhecer o melhor possível as suas famílias. E, depois, também vamos procurar que, em cada arceparquato, haja um serviço de apoio às famílias com propostas de encontro e formação capazes.

Saudamos o nosso Secretariado Diocesano da Família, ao qual está confiada a tarefa de acompanhar estas várias iniciativas.

Confiamos a Nossa Senhora, neste mês de Maria, as nossas famílias e pedimos para todas elas a bênção de Deus

Guarda, 20 de maio de 2018
+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4. Profissão solene da Irmã Ana Francisca da Trindade: 27/5/2018

1. Hoje é um domingo que toda a Igreja reserva para contemplar o Mistério do nosso Deus, que é amor uno trino e como tal sempre desejoso de fazer vida de comunhão com todos nós e nossas comunidades.

De facto, como lembra a 1ª leitura bíblica que escutámos, extraída do Livro do Deuterónimo, o Senhor é o único Deus e não há outro.

Este único Deus deixou-se experimentar pelo Seu Povo, ao longo da história, de muitas maneiras. E hoje continua a deixar-se experimentar por cada um de nós, sabendo que a experiência de Deus e do Seu amor infinito é a maior força de renovação que podemos acolher na nossa vida. E a experiência leva espontaneamente ao compromisso com a Sua vontade.

Mas Deus não se impõe a ninguém e, por isso mesmo, alguns dos que com Ele viveram uma vida inteira, ainda duvidaram, como refere o Evangelho de hoje. Todavia sempre que abrimos as portas da nossa vida à sua vinda e à vinda do seu Espírito, nada em nós fica igual. Passamos a chamar-lhe nosso Pai, sendo seus filhos, segundo o modelo que é Jesus e consequentemente herdeiros com Ele, na medida em que aceitamos o mesmo caminho que Ele percorreu, pela cruz à ressurreição. Porque discípulos do mesmo Cristo sentimos que o seu mandato é também para nós – ide e ensinai; batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, como lembra o Evangelho hoje mesmo escutado.

2. Todos nós, porque batizados, somos igualmente enviados e também a Irmã Ana Francisca de Maria e da Trindade que hoje faz a sua Solene Profissão Religiosa, como carmelita descalça neste mosteiro da Santíssima Trindade.

Também nós cantamos de alegria porque a Irmã Ana Francisca é, de facto, como lembrávamos hoje mesmo na oração de Laudes celebrada neste mesmo local, às 6H30 da manhã, a primícia ou seja o primeiro fruto das muitas vocações de especial consagração no carisma carmelitano ou noutra que, assim o esperamos, o mesmo Senhor nos vai enviar.

E partilhamos, desde já, os teus bons propósitos, Irmã Ana Francisca de Maria e da Trindade, que são pautas para cada dia da semana e envolvem, como nos dizes em documento distribuído a esta assembleia, as seguintes atitudes:

- . Consciencializar-me de que estou habitada por Deus
- . Descobrir que Deus mora nas outras irmãs

- . Dar conta da presença de Deus em cada coisinha;
- . experimentar a presença de Deus em todas as horas do dia
- . Deixar que a presença de Deus tenha sinais concretos na minha vida
- . Sentir que sou um Sacrário
- . Ir ao encontro de Deus.

É programa ambicioso, mas em que vale a pena apostar, partindo da certeza de fundo de que só Deus basta e tudo o mais que nos possa acontecer só tem valor a partir da experiência de Deus.

Foi longo o caminho que te trouxe até aqui, até a celebração jubilosa da tua Solene Profissão Religiosa em que estamos a participar. E certamente foi um caminho cheio de surpresas, de altos e baixos, de avanços e recuos; um caminho em que tu foste sempre a protagonista, mas onde contou muito o acompanhamento que te garantiram os teus pais e o teu irmão, os amigos e as amigas que encontraste no teu caminho, algumas a precederem-te também no percurso da especial consagração; a tua comunidade paroquial e o teu pároco e finalmente o encontro com a comunidade das carmelitas deste mosteiro da Santíssima Trindade e o acompanhamento espiritual e discernimento vocacional que o Senhor aqui te ofereceu. Damos hoje abundantes graças a Deus pelo teu percurso vocacional e também damos os parabéns a quantos te ajudaram a abrir este caminho, em especial os teus pais e teu irmão, a tua Paróquia e o seu Pároco; e particularmente os teus diretores espirituais e as formadoras que encontraste neste convento da Santíssima Trindade.

Mas o caminho de resposta à interpelações de Deus – é isso a vocação, não termina aqui, com a tua solene Profissão Religiosa. Ele continua, agora numa nova etapa, que não pode ser identificada com a simples mudança da cor do véu, de branco para preto.

Esse caminho, agora como carmelita, nesta comunidade do Mosteiro da Santíssima Trindade ou noutra, será sempre o de testemunhares a alegria do encontro com Deus, segundo a tua e nossa certeza de que só Deus basta. Será também o de fazeres tuas as grandes preocupações e mesmos os dramas das pessoas e do mundo, com a certeza de que a vida contemplativa te fará sentir, como ninguém, os grandes anseios e interrogações que habitam o coração humano; poderás estar mais presente na vida do mundo, nos teus exercícios de diálogo com Deus e em comunidade, do que muitos que vivem a mundanidade sem reservas. O teu testemunho e partilha de preocupações serão, como esperamos, importante serviço às pessoas do nosso tempo, jovens e menos jovens, com mais ou menos responsabilidades, nas comunidades cristãs ou mesmo fora delas. O decisivo será sempre ajudá-las, pelo

testemunho de oração e de vida, mas também pela palavra, a identificarem bem as interpelações que Deus lhes faz e a responderem com clarividência e generosidade.

Sabemos que, com a tua solene profissão religiosa, nos vais dizer que aceitas o desafio de Deus – também dirigido a todos os discípulos – de morrer para o mundo e ressuscitar para a vida nova em Cristo Ressuscitado. E nós, em oração, pedimos ao Senhor para que esse desígnio, em sua radicalidade, se cumpra sempre na tua vida, para teu bem pessoal e crescimento da comunidade carmelita em que participas, para bem da Igreja e da própria sociedade.

Termino com Palavras de Isabel da Trindade, numa carta dirigida a uma outra Francisca, jovem de Dijon então com 19 anos, onde se refere à “morte do homem velho para nos tornar livres, felizes e semelhantes a Cristo”. E continua: “Conscientes da nossa grandeza, seguiremos Cristo nossa imagem e modelo e, associados à Sua paixão pela Igreja, poderemos aproximar-nos da nossa eterna predestinação” (Isabel da Trindade – Obras Completas, p. 131).

Que isto se cumpra na tua vida, Irmã Ana Francisca de Maria e da Trindade e possas experimentar o que ela também diz: “Encontrei o meu céu na terra, porque o céu é Deus e Deus é a minha alma”.

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

5. Dia da Igreja Diocesana, em 2.6.2018

a) Convite

Como consta no nosso calendário anual, vamos celebrar o Dia da Igreja Diocesana no dia 2 de junho, sábado da próxima semana.

O programa será o seguinte:

De manhã, com início às 10H30, no Centro Apostólico (Guarda) – encontro com secretariados, movimentos, serviços e obras de apostolado, sob orientação do Coordenador Diocesano da Pastoral, Rev.do Padre Jorge Manuel Pinheiro Castela.

De tarde, a solene celebração diocesana, na Sé, com apresentação da prometida carta pastoral sobre a recepção da Assembleia Diocesana.

Às 15H00, haverá concentração no Largo da Misericórdia, seguindo-se cortejo da procissão de entrada, em direcção à Sé.

O cortejo organizar-se-á por arceprestados, quanto possível ostentando cada um os respectivos lenços com cores próprias e acompanhados das respectivas bandeiras.

A seguir, solene Eucaristia na Sé.

Antes da bênção final, será apresentada a carta pastoral referida.

Com esta celebração queremos começar uma nova etapa no nosso percurso pastoral, depois da Assembleia Diocesana, que procurámos preparar e realizar e agora queremos aplicar em caminhada sinodal.

Neste cortejo da procissão de entrada, a ordem para ser seguida é a seguinte: 1. Cruz e lanternas; 2. Arciprestados por ordem alfabética e com as respectivas insígnias; 3. Diáconos; 4. Sacerdotes; 5. Bispo Diocesano, com Vigário Geral e Coordenador Diocesano da Pastoral.

A cor dos paramentos é a verde.

Guarda, 21.5.2020

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Apresentação da Carta Pastoral sobre a receção da Assembleia Diocesana

Guiados pelo Espírito Santo, Igreja em renovação

0. Da introdução destacamos: “Preparámos a nossa assembleia diocesana durante 3 anos, à luz do Concílio Vaticano II e dos últimos documentos do papa Francisco. Convocámos, depois, duzentos e vinte delegados para as suas três sessões nas quais foram aprovadas 89 proposições. Dedicámos o ano pastoral 2017-2018 a um primeiro esforço de receção da mesma assembleia nas nossas comunidades, durante o qual tive oportunidade de fazer um encontro com cada um dos nossos párocos e seus principais colaboradores.

I – Critério pastoral e destinatários

A carta identifica os destinatários e aponta como critério de acção pastoral o Espírito Santo e a sua acção no hoje da Igreja, a vontade de Jesus seu Fundador, a necessidade de educar para a renovação

1. Sobre o Espírito Santo, fonte da desejada renovação das nossas comunidades

1.1. O Pentecostes

No dia de Pentecostes encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. Sempre foi prática comum os discípulos reunirem-se com regularidade; geralmente no primeiro dia de semana, isto é, no domingo, como continua a acontecer nas nossas assembleias dominicais

A Igreja fica, assim, a partir do Pentecostes, interpelada para a missão que não tem fronteiras, porque é universal.

1.2. Carismas e ministérios suscitados pelo Espírito Santo

O Espírito Santo guia a Igreja despertando nela os carismas e serviços ou ministérios necessários à vida de cada uma das suas comunidades.

De facto, como lembra o Apóstolo Paulo na I Carta aos Coríntios (cap. 12, 3-13), o Espírito Santo é a força que faz despertar em cada comunidade os diversos carismas e ministérios, na medida em que distribui a cada um dos fiéis dons diferentes, sempre para serviço do bem comum. O modelo utilizado por Paulo para dizer a acção do Espírito Santo na vida da Igreja e, particularmente em cada uma das suas comunidades, é o do corpo humano animado interiormente por um princípio de vida, que costumamos chamar a alma.

1.3.O Espírito Santo e o mandato missionário

O Espírito Santo guia a Igreja também na medida em que preside ao cumprimento do mandato missionário dado por Jesus aos seus discípulos.

Nós queremos sentir que o Espírito Santo é realmente o condutor e o animador de toda a vida da Igreja, e concretamente desta nossa Diocese da Guarda e das suas comunidades. Todo o esforço de renovação que queremos continuar a fazer só terá resultados se acontecer na abertura de todos nós e nossas comunidades à luz e à força do Espírito Santo.

2. Sobre o que Jesus quer da Sua Igreja

Nós sabemos que Jesus, pelo testemunho da Sua Palavra, quis expressamente que a missão recebida do Pai fosse continuada na Igreja que Ele próprio fundou. Por isso, como Mestre da Fé, preparou cada um dos discípulos, mas cuidou principalmente o Colégio dos Doze, constituindo a Pedro como sua cabeça.

Em todas as comunidades há a obrigação de cumprir o mandato de Jesus para:

- a) Aprender e ensinar o Evangelho (ser assíduos ao ensino dos apóstolos);
- b) Celebrar o louvor de Deus, principalmente na fração do Pão (Eucaristia), mas também em outras formas de oração;
- c) Praticar a caridade, crescendo na vida comunitária, sob inspiração do espírito Santo.

3. Quanto a educar para o espírito e a vontade da renovação

3.1. Imperativo da renovação

Queremos fazer nosso o sonho do Papa Francisco materializado numa “opção missionária capaz de transformar tudo” (EG, 27) e também na atitude da “saída missionária como paradigma para toda a Igreja” (EG, 15) ou ainda na atenção ao apelo que ultimamente nos faz para cumprirmos, em 2019, um especial Outubro Missionário.

3.2. Dimensões da desejada renovação

O Espírito Santo, na medida em que nos deixarmos guiar por Ele, transforma, em primeiro lugar, a nossa maneira de pensar, oferecendo-nos os dons da Ciência, do Entendimento e da Sabedoria; trabalha o nosso coração, orientando-nos principalmente nas grandes decisões que temos de tomar e para isso nos concede o dom do Conselho; ajuda-nos a levar à prática as boas decisões e para isso nos dá o dom da Fortaleza. E também nos garante o clima de proximidade, boa relação e segurança, nas opções que precisamos de tomar, muitas delas ao arrepio da mentalidade dominante e, por isso, nos confere os dons da Piedade e do Temor de Deus.

II – Opções pastorais para os próximos tempos na nossa Diocese

Depois desta Assembleia e á luz das suas proposições, sentimos ter pela frente um longo caminho a percorrer, nomeadamente nos pontos que vão ser a seguir enumerados.

1. Cuidar a vida comunitária nas nossas comunidades

1.1. Sobre os ministérios ordenados (cf. Prop. nº4 do 1º conjunto)

a) Sentimos que é urgente estimular em todos nós sacerdotes e diáconos, mas também nos outros ministérios e nas próprias comunidades o entusiasmo pela promoção das vocações sacerdotais, pelo nosso Seminário e Pré-Seminário

b) A santificação dos sacerdotes e a procura de uma espiritualidade sacerdotal forte continuam a ser o fator decisivo em qualquer processo de renovação pastoral. Por isso, levei esta intenção para todos os encontros que tive, ao longo deste ano, com cada pároco e seu conjunto pastoral.

c) Aos Diáconos Permanentes pede-se-lhes que cuidem a Diaconia da Palavra, a Diaconia da Liturgia, a Diaconia da Caridade, a que acrescentamos também a Diaconia da Administração.

1.2. Quanto aos outros ministérios (cf. Prop. 7 e 8 do 1º)

a) É necessário que cada comunidade, com a condução do Pároco, identifique aqueles que precisa, procure as pessoas indicadas para o seu exercício, lhes faça o devido convite e lhes garanta a formação e o acompanhamento necessários ao bom desempenho da sua missão.

b) Todos os ministérios – os ordenados e os não ordenados – precisam de viver entre si a comunhão coordenada pelo sacerdote para poderem servir bem a comunhão da Igreja.

1.3. Comunhão entre comunidades

Por sua vez, é preciso promover entre as comunidades também relações de comunhão, sobretudo nos conjuntos paroquiais confiados ao mesmo ou a vários párocos.

Isso implica partilha de ministérios e serviços, nomeadamente serviços de formação, a começar pela formação de formadores e celebrações, incluindo a celebração Eucarística Dominical. Isto sem prejuízo de dar a devida atenção e fazer atendimento a todas as pessoas, a começar por aquelas que, por razões de limitação de mobilidade, não podem deslocar-se.

1.4. Construir comunidades em processo de caminhada sinodal.

Depende muito da atitude de cada pároco, do arcepreste e do Bispo Diocesano, na maneira como cuida os seus órgãos de aconselhamento, previstos na legislação canónica, que se cumpra este belo desígnio de caminhada sinodal. De facto, ao Pároco com o seu conselho pastoral paroquial ou interparoquial ou simplesmente apoiado na sua equipa pastoral; ao arcepreste, dinamizando o Conselho Pastoral Arciprestal e ao Bispo Diocesano constituindo e motivando o Conselho Pastoral Diocesano pertence a grande responsabilidade de manter e aprofundar continuamente o autêntico espírito da caminhada sinodal.

2. Cuidar a formação da Fé esclarecida e comprometida

A formação da Fé de todos os fiéis e a todos os níveis tem de ser a nossa grande aposta.

2.1. A centralidade da Palavra de Deus na nossa vida pessoal e comunitária

Grupos bíblicos, assembleias de famílias que fazem oração alimentadas pela Palavra de Deus (cfr. Prop. 32 do 3º conjunto), mas também outras formas de

“lectio divina”, que podem ser a partilha em grupo da Palavra que é proclamada em cada assembleia dominical, são bons instrumentos para procurarmos chegar a este encontro vivo e vital com o Senhor presente na Sua Palavra.

2.2.A catequese da infância e adolescência

Este sector da formação é um daqueles que se apresentam, nas nossas paróquias e conjuntos de paróquias, como sendo uma rede consideravelmente montada e organizada, atendendo sobretudo ao número de catequistas espalhados por toda a Diocese; isto sem prejuízo de atendermos à renovação que também nele se impõe. Por isso, a formação, motivação e acompanhamento dos catequistas há-de ser merecer a nossa especial atenção.

2.3.A Evangelização dos jovens e das famílias.

a) Precisamos de criar em cada arciprestado um serviço organizado de apoio aos jovens, que passa por propostas de formação e acompanhamento daqueles que vivem mesmo em paróquias e conjuntos de paróquias de dimensão mais reduzida. E como sabemos que os jovens não-de ser os verdadeiros evangelizadores dos jovens, através destes havemos de procurar chegar a outros que não

b) Temos consciência de que precisamos de criar um serviço organizado de apoio às famílias mais fragilizadas com base nas informações que fomos recolhendo destes contactos de proximidade feitos nas paróquias e conjuntos de paróquias.

2.4. Que cada uma das nossas comunidades cristãs se transforme em escola de Fé.

Que cada Paróquia ou conjunto de Paróquias se empenhe quer em motivar os seus fiéis para participarem nos programas de formação organizados a nível diocesano e arciprestal quer em organizar iniciativas próprias de formação, aproveitando para tal principalmente os tempos fortes do Advento e da Quaresma.

3. Cuidar a celebração do louvor de Deus e a espiritualidade de discípulos de Cristo

3.1.A centralidade do domingo

Nós hoje temos de saber cuidar a centralidade do domingo e da Eucaristia (cfr. Prop. 8 a 10 do 3º conjunto). Para isso, como recomenda a nossa assembleia diocesana:

a) Precisamos de saber dar formação ao povo de Deus sobre a importância do domingo e da Eucaristia;

- b) E de não multiplicar excessivamente as missas, pois temos de ter a coragem de nunca sacrificar a qualidade à quantidade;
- c) Mas, nos lugares e tempos paroquiais onde não for possível celebrar a Eucaristia, valorize-se a Celebração Dominical na Ausência do Presbítero (ADAP).

3.2. O Sacramento da Confissão e o acompanhamento espiritual dos fiéis

Em resposta ao convite da Assembleia Diocesana, vamos empenhar-nos para:

- a) Valorizar o Sacramento da Reconciliação ou da Penitência, definindo os espaços e os horários nas nossas comunidades, com essa finalidade e devidamente anunciados (Prop. 17, 3º).
- b) Valorizar o acompanhamento espiritual como bom complemento deste Sacramento. (Prop. 20 do mesmo conjunto).

3.3. Outras oportunidades de acompanhamento espiritual

- a) A preparação para os sacramentos, principalmente o Sacramento do Batismo e o Sacramento do Matrimónio, quanto possível com ajuda de equipas de leigos (cf. Prop. 12, 3º).
O CPM e o CPB são instrumentos muito recomendáveis e mesmo necessários.
- b) As exéquias em que as pessoas vivem especiais situações de dor e fragilidade.
- c) As festas religiosas. Algumas vezes, e não poucas, constituem dificuldade. Mas precisamos de as saber aproveitar como oportunidade de evangelização e celebração da Fé.
- d) Aniversários de pessoas e instituições, inaugurações e bênçãos e mesmo tradições mais marcantes dos diferentes lugares.
- e) Os retiros, através da nossa Diocese, têm uma notável tradição, que precisamos de saber recuperar.
- f) Grupos e movimentos de espiritualidade voltados para o ensino e a prática da oração (cfr. prop. nº 33 do 3º conjunto).

4. Educar para a responsabilidade missionária

A nossa Assembleia desafia-nos a progredir para uma Igreja diocesana, comunidade de comunidades, em missão (Prop. 10 e 11, 1º). E concretiza esse apelo convidando-nos a implantar um novo dinamismo missionário em toda a Diocese, nomeadamente criando núcleos de dinamização missionária nas paróquias e conjuntos de Paróquias, que não só apontem o horizonte da missão “ad gentes”, mas também outros territórios mais próximos de cada um de nós e nossos

ambientes, sabendo que “a acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, 15).

5. Responsabilidade da pastoral da caridade organizada.

A Evangelização implica necessariamente o compromisso com os pobres (Prop.31 a 36 do 2º conjunto).

Todas as comunidades cristãs, para cumprirem a sua responsabilidade eclesial total, precisam de dar atenção aos mais carenciados e terem serviços que detetem as situações indesejáveis e procurem, com envolvimento de toda a comunidade, dar-lhes as repostas adequadas.

4.1. Equipas arciprestais pluridisciplinares ao serviço dos pobres

Sublinha-se a recomendação de serem criadas equipas arciprestais pluridisciplinares para identificar as situações especiais de carência (Prop. 36, do 2º conjunto).

4.2. Pastoral da saúde

Cada comunidade paroquial ou interparoquial, tomando como ponto de partida os ministros extraordinários da comunhão, a que é aconselhável agregar outras pessoas, deve ter o seu grupo de apoio aos doentes.

Cumpra-se identificar situações antes do Hospital, acompanhar no Hospital em contacto com o capelão e acompanhar no regresso do Hospital. Pertence-lhe também preparar os doentes para o Sacramento da Santa Unção.

Concluindo

Como nota final, refira-se que, para responder à proposição nº 20 do 1º conjunto, há uma equipa mandatada para pensar a reorganização pastoral da Diocese, que oportunamente apresentará o resultado dos seu trabalho.

Entretanto, queremos, desde já, começar a responder às orientações pastorais propostas nesta carta.

Pelo exposto nesta carta, sentimos que temos pela frente um longo caminho a percorrer. Desejamos animar-nos mutuamente nesta caminhada e sobretudo contar com a luz e a força do Espírito Santo. Conforta-nos a promessa de Jesus aos seus discípulos – Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.

Com a graça de Deus e a protecção de Maria Santíssima, sentimo-nos motivados para avançar com a recepção desta nossa Assembleia Diocesana

Guarda, 2 de Junho de 2018

Resumo feito pela Coordenação Pastoral Diocesana

6. Centenário da Casa do Menino Jesus, Covilhã

Eucaristia de ação de graças na Igreja dxe S. Pedro

(extrato da Homilia)

Celebramos 100 anos de vida da Casa de Menino Jesus, nascida nesta cidade da Covilhã, decorria o ano de 1918.

Damos graças a Deus pelo seu Fundador, Revdo Cónego Anaquim, que daqui partiu para Lisboa, aí se ordenou sacerdote para serviço do Patriarcado.

Mas não se esqueceu da sua terra Natal, a Covilhã, que nesses tempos atribulados da I Guerra Mundial vivia momentos especialmente difíceis. Muitos soldados tinham sido mobilizados para a guerra e havia muitas crianças abandonadas ou entregues a suas mães sem condições para as alimentarem e educarem.

Perante tal situação, este bom filho da sua terra, Sr. cónego Anaquim, tomou a iniciativa de criar uma instituição de acolhimento a crianças abandonadas.

Não teve sempre o nome que hoje tem – Casa do Menino Jesus. Mas desde sempre aqueles que continuaram o sonho do fundador souberam respeitar e valorizar os princípios evangélicos e cristãos que inspiraram o mesmo fundador e continuaram a dar-lhe o necessário suporte. E o nome da instituição – Casa do Menino Jesus é também ele um importante legado que as sucessivas direções têm sabido respeitar.

Desejamos lembrar e dar graças a Deus pela congregação religiosa das Irmãs Reparadoras de N^a Sr^a de Fátima que serviu esta instituição durante décadas.

Também uma palavra de reconhecimento nos merece a comunidade dos Padres Jesuítas, que tem a seu cuidado a Paróquia de S. Pedro, em cuja Igreja Paroquial nos encontramos.

A sua forte ligação à Casa do Menino Jesus tem permitido que o espírito e os valores da instituição dêem os devidos frutos no serviço prestado às crianças e jovens mais vulneráveis da nossa sociedade ali acolhidas.

Desejamos também, nesta hora de festa, manifestar o nosso apreço à atual direção e aos outros órgãos de governo da instituição pela sua dedicação à Casa do Menino Jesus, para bom serviço dos meninos e

meninas que nela estão a ser acolhidos. Manifestamos-lhes o nosso apreço, porque têm de ser ao mesmo tempo mães e pais, professoras e professores e cuidadores de todas e cada uma delas e deles nas mais variadas situações. E todos sabemos como os percursos educativos e de crescimento das pessoas nunca são lineares, mas sempre com muitas surpresas e nem todas agradáveis. Também, por isso, lhes estamos todos muito reconhecidos. Pois, sobretudo nestas instituições, há problemas diários a que é preciso dar solução no imediato, o que exige muita dedicação e disponibilidade aos responsáveis.

E a verdade é que crianças abandonadas não existiram só nos tempos da I Guerra Mundial ou em outros tempos de crise. Elas estão aí todos os dias, a bater-nos à porta. O abandono de crianças e jovens é talvez o maior problema do nosso tempo e o mais evidente sintoma da crise da sociedade que atravessamos. Isto porque o abandono das crianças e jovens não se manifesta apenas na falta de alimentação e outros meios de subsistência, como aconteceu nos tempos do Sr. Cónego Anaquim, nesta cidade da Covilhã.

Temos crianças e jovens abandonados, com todos os meios materiais ao seu alcance e até em excesso.

De facto, há abandono sempre que não existe relação de acompanhamento que leva ao amadurecimento das personalidades. E essa proximidade e acompanhamento em família, com os pais, irmãos e outros familiares, é dos maiores défices que atingem a nossa sociedade atualmente. Como também falta, muitas vezes, relação de acompanhamento nos outros processos educativos, seja a escola, sejam outras instituições sociais que deviam sempre educar para projetos válidos de vida, que o próprio é chamado a escolher e a viver com fidelidade.

E nós sentimos que a Casa do Menino Jesus, inspirada nos valores humanos e cristãos do seu fundador, deseja ser uma proposta alternativa na nossa sociedade para preencher muitos destes vazios. Por isso, peço, nesta hora, a Deus uma bênção especial para quantos têm nas suas mãos a responsabilidade de a conduzir. As 37 crianças e jovens em risco que acolhe, em protocolo com a Segurança Social, em regime de Lij, mas também as 90 crianças que acolhe em seus serviços de creche e jardim infantil são tão só os meios mais visíveis de cumprir a nobre missão de oferecer à sociedade jovens bem preparados para assumirem responsabilidades em toda a linha.

Ficam por dizer as componentes mais decisivas deste acompanhamento, nomeadamente daqueles que frequentam as escolas públicas médias e superiores.

Por isso é que celebrar o seu centenário, para a Casa do Menino Jesus, não pode ser apenas olhar o passado e congratular-nos com a notável obra feita, mas também e sobretudo dar qualidade ao presente de olhos postos no futuro.

Peço a Deus, nesta hora, uma especial bênção para toda a instituição, incluindo direção e outros órgãos de governo, mas também amigos e voluntários e principalmente os funcionários para que tal aconteça. Às jovens e aos jovens da Casa do Menino Jesus, que ontem, no jantar de festa, tiveram presença muito dignificante, desejo também dar-lhes os parabéns pela instituição que os acolhe e acompanha e dizer-lhes quanta esperança a sociedade neles coloca para ajudarem a desfazer tantos desequilíbrios e sofrimentos que continuam a atingi-la e a fazer sofrer as pessoas.

Que Deus a todos nos abençoe e ilumine.

Covilhã, 17.6.2018

+Manuel Rocha Felício, Bispo da Guarda

7. Capela de Nossa Senhora do Ar Torre da Serra da Estrela

Convite para recepção e entronização da sua imagem

Como sabemos, na Torre da Serra da Estrela existe, desde 1962, uma capela dedicada à Senhora do Ar, construída por iniciativa da Força Aérea.

A Força Aérea retirou-se daquele espaço na década de 1970 e, desde então, as instalações, desocupadas, foram entregues ao Estado que, por sua vez, as concessionou ao “Turismo da Serra da Serra”.

Depois de vários contatos, a mesma Força Aérea, virá, no próximo dia 25 do corrente, quarta feira, entregar, de helicóptero, às 10 horas, de novo, a Imagem de Nossa Senhora do Ar para na mesma capela se retomar o culto público.

Esperamos, em breve, ter reunidas todas as condições para se retomar esse culto público, com regularidade, naquela capela.

Convidamos por isso a participar nesta recepção.

18 de julho de 2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

8. Santa Casa da Misericórdia de Manteigas 400 anos a praticar a caridade

400 anos é muito tempo na vida de qualquer instituição, poucas sendo aquelas que se orgulham de celebrar esta efeméride.

Hoje honramo-nos de estar aqui para celebrar essa data redonda quatro vezes centenária, na vida da Santa Casa da Misericórdia de Manteigas

Como irmandade que é, feita de irmãos comprometidos com a prática da caridade cristã, esta Santa Casa encontra no Evangelho a fonte inspiradora de toda a sua actividade. Como sabemos, as irmandades ou confrarias foram e são, em primeiro lugar, uma iniciativa da Igreja, ao longo dos seus 20 séculos de história, porque com elas sempre desejou promover a participação dos fiéis através de corpos intermediários, em iniciativas capazes de dar corpo ao compromisso com os valores do Evangelho.

E é isso o que acontece também com esta associação de fiéis ou irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Manteigas.

Como associação de fiéis que é, de acordo com a lei canónica, a Santa Casa da Misericórdia de Manteigas tem a sua autonomia própria, com órgãos de decisão, governo e fiscalização, que garantem o seu funcionamento, no empenho por cumprir e ajudar a cumprir as 14 obras de misericórdia.

Felizmente que, ao longo destes 400 anos, muitas foram as generosidades de pessoas e instituições que através da Irmandade desta Santa Casa quiseram fazer chegar aos mais necessitados o conforto que lhes faltava.

E por isso a Santa Casa da Misericórdia de Manteigas dispõe de um notável património que lhe permite desenvolver serviços importantes de assistência social aos mais necessitados, sobretudo através do Lar, do centro de dia e do apoio domiciliário e da cantina social; mas também de apoio à saúde sobretudo com o pavilhão preparado para cuidados continuados, verdadeiro hospital de retaguarda. Além disso os actos regulares de culto, dentro de uma sã tradição que acompanha os seus 400 anos de

vida, de acordo com o respectivo compromisso estatutário, são momentos importantes na vida da instituição.

É verdade que prestar ajuda aos mais necessitados é, em si mesmo, verdadeiro acto de culto, segundo o Evangelho. Mas sobretudo há tempos e lugares especiais que esta Irmandade sabe cuidar, com apoio do seu capelão. Não foi por acaso que as comemorações destes 400 anos começaram com uma celebração de acção de graças na Igreja da Misericórdia, monumento seiscentista e que remete para outra Igreja que remonta ao século XIII. Esta primeira Igreja terá sido mesmo o centro a partir do qual se desenvolveu a vida e o tecido habitacional desta vila.

De facto, não podemos menosprezar a importância que esta instituição quatro vezes centenária teve e continua a ter na vida social da vila de Manteigas. O volume dos serviços oferecidos à população em geral, o número de empregos criados e mantidos para garantir o funcionamento destes serviços, o valor do património que mantém na sua posse, cuida e procura apresentar a residentes e visitantes, enfim, os valores evangélicos que procura interpretar da melhor maneira, a todos os níveis dos seus programas e actividades, são bens inquestionáveis que tornam cada vez mais apetecível viver em Manteigas ou pelo menos escolher esta terra como destino turístico

Agora, se a celebração desta data de 400 anos da Misericórdia de Manteigas, cumpridos a fazer bem sem olhar a quem é importante como memória que recorda especiais acontecimentos vividos, não o é menos enquanto oportunidade para seguir em frente e olhar o futuro com esperança.

E é mesmo de esperança que se trata, quando esta Santa Casa se empenha em levar conforto a tantos que dele necessitam. E porque a esperança vai faltando em muitas pessoas e ambientes das nossas sociedades atuais, mais se torna necessário o trabalho que está a ser desenvolvido pelas santas casas e outras instituições congéneres. A proximidade de todos e de cada um, o conhecimento e reconhecimento das pessoas e seus mundos muito próprios, o acompanhamento de casos concretos constituem das atitudes mais importantes nos dias de hoje para gerar dinamismos novos de vida em sociedade e, por isso, novas razões de esperança.

É este caminhar com as pessoas na máxima proximidade, atendendo a todas e a cada uma e respondendo às suas necessidades reais, que podem não ser aquelas que estão tipificadas nas programas pré-definidos e decididos pelas instâncias oficiais, que mereceu e continua a merecer o apoio de muitas pessoas e instituições, incluindo da administração pública, através das instâncias competentes.

Em dia de festa como aquele em que celebra os seus 400 anos de vida, à Santa Casa da Misericórdia de Manteigas desejamos que continue a abrir cada dia que passa horizontes novos às gentes desta terra através não só do seu valioso património material, mas sobretudo o imaterial, como é o da prática das 14 obras de misericórdia.

19.10.2018

+Manuel R. Felício

III. Ministério sacerdotal

1. IX Simpósio do Clero

Apelo ao crescimento na responsabilidade sacerdotal

“O Padre, ministro e testemunha do Evangelho” foi o tema escolhido para o 9º simpósio do clero, que decorreu em Fátima de 3 a 6 do corrente mês de setembro.

Foram três os sub-temas de fundo escolhidos para este simpósio, que reuniu 450 padres vindos de todas as dioceses portuguesas, a saber: 1º) a formação do clero –a inicial preconizada na nova “Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis” recentemente aprovada e publicada pela Santa Sé e a formação permanente; 2º) O Padre ministro e testemunha da Palavra; 3º) o celibato sacerdotal. Acrescenta-se-lhes uma primeira intervenção do Prefeito da Congregação do Clero sobre o Ministério Sacerdotal no magistério do Papa Francisco.

Para além destes assuntos, que necessariamente são recorrentes nas preocupações de todos os presbitérios, durante o simpósio houve partilha de muitas experiências, umas que surgiram nas diferentes mesas redondas previstas no programa, outras, nos contactos informais havidos entre os sacerdotes das diferentes dioceses.

Os dez padres presentes do nosso Presbitério com o Bispo Diocesano sentimos que também entre nós estes assuntos precisam de ser cada vez mais dialogados e partilhados. Viemos com a convicção reforçada de que o Presbitério se há-de construir passo a passo, com o empenho de todos, com propostas renovadas, que podem ser estas ou outras e com vontade de enfrentar corajosamente os problemas inevitáveis que aparecem no exercício do nosso ministério, uns vindos de fora outros de dentro de nós e dos nossos presbitérios.

Desta forma, este IX simpósio do clero, que também celebrou os 25 anos decorridos desde o primeiro que se realizou em Portugal, foi apelo ao

exercício da responsabilidade, a todos os níveis, de todos nós sacerdotes e nas relações de qualidade que havemos de saber construir entre nós.

16.9.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2. Seminários para formar discípulos missionários **Semana dos Seminários de 11 a 18 de novembro**

Vamos viver, na próxima semana, de 11 a 18 do corrente mês de novembro, a Semana dos Seminários.

Este ano, sintonizando com o Ano Missionário, preparatório do Outubro Missionário /2019 proclamado pelo Papa Francisco, pede-se aos seminários que formem os candidatos ao Sacerdócio para serem discípulos missionários. De facto, todo o batizado tem essa vocação e aqueles que se preparam para o Ministério Sacerdotal devem tê-la em grau acrescido.

O Presidente da Comissão Episcopal “Vocações e Ministérios”, D. António Augusto Azevedo, na mensagem que escreveu para esta semana, lembra-nos que todo o candidato ao ministério sacerdotal é um discípulo que se propõe fazer caminho de discernimento e preparação para participar como pastor na missão que Jesus confiou à Igreja”. E enuncia, a seguir, os diferentes agentes que têm de estar empenhados neste processo de formação em seminário, a saber: O Bispo Diocesano e o seu Presbitério, as equipas formadoras dos seminários, os professores de Teologia e outros colaboradores dos Seminários e ainda as famílias, as paróquias e outras realidades eclesiais.

Pedimos, por isso, que, ao longo desta semana, se faça, em toda a nossa Diocese, oração intensa pelas vocações sacerdotais e que principalmente os sacerdotes procurem identificar os adolescentes e jovens com perfil para poderem ser acompanhados em Seminário ou Pré-Seminário, no processo do seu discernimento vocacional.

Neste momento, a nossa Diocese tem no Seminário Maior Interdiocesano dois seminaristas e mais dois que, fora do Seminário, procuram ultimar o seu currículo académico em Teologia, o que ainda não conseguiram; tem um estagiário recentemente ordenado diácono que se prepara para, com a graça de Deus, ser ordenado Sacerdote no próximo mês de junho e ainda três candidatos que ultimam o Pré-Seminário e se dispõem a entrar no Seminário Maior Interdiocesano em setembro próximo.

Como é óbvio, estes dados são em si mesmos preocupantes, pois não nos dão esperança de que as novas gerações de sacerdotes possam substituir aqueles que terminam o seu serviço sacerdotal à Igreja, pelo menos fazendo tudo o que eles faziam e como eles o faziam. Mas

constituem também forte apelo ao empenhamento de todos nós, Igreja Diocesana, na promoção as vocações sacerdotais.

5.11.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa

a) Saudação ao novo eleito Bispo de Viseu

E o Senhor passou novamente pelo Presbitério da Guarda.

E chamou o nosso Padre António Luciano dos Santos Costa para o fazer Bispo da Diocese de Viseu.

Damos-lhe graças por esta Sua palavra, que é também de apreço e distinção dirigida à nossa Diocese e em particular ao seu Presbitério. Acompanhamos o novo Bispo de Viseu com a nossa oração.

Sabemos que ele leva do meio de nós, em primeiro lugar, a experiência de Vigário Episcopal para o Clero, ao longo dos últimos sete anos, em que procurou viver a proximidade com todos e cada um dos nossos sacerdotes; leva a sua competência própria no mundo da pastoral da saúde, demonstrada de muitas maneiras, a última das quais como capelão do Hospital Sousa Martins integrado na ULS-Guarda; leva principalmente a sua dedicação como pastor de várias comunidades paroquiais, ao longo das três décadas de Ministério Sacerdotal que viveu connosco.

Parte em resposta à chamada do Senhor, que sempre nos surpreende, como surpreendeu Abraão, para ir ao encontro do desconhecido, mas reconfortado com a promessa de que “Deus providenciará”.

E assim acreditamos nós também que Deus providenciará não apenas para encontrarmos quem o substitua nas muitas tarefas pastorais que lhe estão confiadas, mas também e principalmente com o despertar de novas vocações sacerdotais, que venham trazer renovada esperança às nossas comunidades agora especialmente interpeladas pela assembleia diocesana em processo de recepção.

A Ordenação Episcopal está marcada para o dia 17 de junho, às 16H00, na nossa Sé da Guarda e o início da sua actividade pastoral como Bispo de Viseu para o dia 22 de julho.

Que Deus seja louvado.

Guarda, 3 de maio de 2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Preparação da Ordenação Episcopal de D. António Luciano

A Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa, como já foi tornado público, está marcada para o dia 17 de junho próximo, na nossa Sé da Guarda.

Desejamos aproveitar oportunidade desta Ordenação Episcopal para, com toda a Diocese, darmos graças a Deus pelo dom do Ministério Sacerdotal e crescermos todos no redobrado empenho pela promoção das vocações sacerdotais.

Para preparar este ato que ficará a ser mais um importante marco na vida da nossa diocese, nomeámos uma Comissão que está assim constituída:

1. Padres Manuel Alberto Pereira de Matos – Vigário Geral e Presidente; Carlos Alberto Correia Lages, Pároco da Sé; Carlos Manuel Dionísio de Sousa – Pároco da Paróquia do Ordinando; Serafim da Conceição dos Santos Reis – do Seminário;
2. Dr. Reis Pereira, Enf^a Claudina e Enf. Ester – da ULS (Guarda).
3. Doutor José Rosa – professor na Universidade da Beira Interior.

Esta Comissão Organizadora está mandatada para tratar, entre outros, os seguintes assuntos:

1. Cuidar a logística necessária para a celebração litúrgica – espaços da Sé, incluindo som e imagem, utilização da via pública na procissão de entrada da Misericórdia para a Sé, prever lugares de estacionamento para quem vem de fora, fazer os contactos necessários com as autoridades locais, sobretudo autárquicas e de segurança.

2. Acompanhar a aquisição das insígnias episcopais;

3. Cuidar da melhor maneira o acolhimento aos convidados.

Quem quiser dar a sua colaboração na preparação e realização deste evento, pode contactar qualquer um dos seus membros.

A preparação e acompanhamento da celebração litúrgica está confiada ao nosso Secretariado Diocesano da Liturgia.

Desde já confiamos à protecção de Maria Santíssima, neste seu mês de maio, todos os esforços que queremos fazer para, com este evento, dignificar a Missão do Sacerdote e, em particular, o Ministério Episcopal e pedimos todas as bênçãos de Deus para o novo Bispo, a quem vai ficar confiada a vizinha Diocese de Viseu.

5.6.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

c) Orientações para a preparação próxima da Ordenação Episcopal de D. António Luciano

Naqueles dias, os Apóstolos, com Maria Mãe de Jesus, permaneceram reunidos em oração, aguardando a chegada do Espírito Santo.

Também nós queremos viver esta semana, em especial atitude de acolhimento ao Espírito que vem para nos guiar e nos ajudar a viver intensamente o acontecimento de graça que é a Ordenação Episcopal de D. António Luciano para toda a nossa Diocese.

E queremos, primeiro, louvar o Senhor pelo dom maravilhoso da Vocação Sacerdotal. De facto, Jesus confiou a Missão que recebeu do Pai a toda a Sua Igreja; mas a alguns chamou-os e chama-os para estarem numa especial relação com Ele, interpretando, nos dias de hoje, o serviço do Bom Pastor à frente da Igreja e das suas comunidades.

Queremos, por isso, confiar-lhe o nosso Seminário e o nosso Pré-Seminário e também o Seminário Vocacional que ainda não temos.

Queremos rogar-lhe pela santificação dos sacerdotes que já o somos, graças ao Sacramento da Ordem e agradecer-lhe a novidade do dom do Diaconado Permanente, que Ele concede à nossa Diocese desde há 10 anos a esta parte. E pedir-lhe que nos ajude a exercer a necessária vigilância sobre formas renovadas de valorizar este Ministério na vida das nossas comunidades.

Também nos preocupam os ministérios não ordenados e outros serviços necessários à vitalidade das nossas comunidades. De facto, constitui grande responsabilidade para todos nós promover nas comunidades os ministérios e outros serviços de que elas precisam, com os três passos de chamar, formar e acompanhar todos aqueles e aquelas que, sob inspiração do Espírito, se dispõem a responder à chamada. Sobretudo desejamos tudo fazer para que todos eles, bem coordenados, vivam a comunhão entre si para depois serem promotores de comunhão nas comunidades; e sobretudo as poderem ajudar a crescer sempre na responsabilidade missionária. Usando as palavras do Papa Francisco, que sejam comunidades em saída, mais preocupadas com o serviço ao mundo do que com a sua auto-preservação.

Finalmente, queremos que na nossa oração esteja presente, de forma especial, o novo Bispo, que parte do meio de nós para servir a Igreja Diocesana de Viseu, mas também para, integrado, a partir de agora, no Colégio Episcopal, viver a corresponsabilidade com a vida da Igreja Universal.

Que estas preocupações estejam presentes em todas as nossas formas de oração, ao longo desta semana, sobretudo na celebração da Eucaristia.

E o Senhor, que é rico em generosidade, distribuirá a todos nós, particularmente ao novo Bispo, a abundância dos seus dons.

11.6.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

d) Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa
Sé da Guarda, 17.6.2017

Homilia

Irmãos e Irmãs

Saúdo-vos a todos fraternalmente na alegria e na Esperança do Senhor Jesus Cristo ressuscitado e vivo no meio de nós.

Saúdo, de forma especialíssima, o nosso Irmão António Luciano que hoje, recebendo a plenitude do Espírito Santo, e revestido com os seus dons, vai ficar especialmente configurado com Cristo para exercer o ministério Episcopal.

De facto, pela imposição de mãos dos Bispos presentes ele é constituído cabeça e pastor de uma Igreja particular, neste caso, a Diocese de Viseu, mas também e ao mesmo tempo membro do Colégio Episcopal e portanto corresponsável com a Igreja no seu todo.

De facto, para cumprir o maravilhoso desígnio de salvação dirigido a todas as pessoas, povos e nações, Deus enviou o Seu Filho Único, que inaugurou o anúncio da Boa Nova, vivendo entre nós e partilhando a nossa condição. Quis depois que essa Sua Missão fosse continuada pelo ministério dos Doze, constituídos em Colégio Apostólico, presidido pelo Apóstolo Pedro. Estes, por sua vez, transmitiram aos seus sucessores, pela imposição de mãos e a oração, o mesmo mandato recebido do Senhor Jesus. Por isso, os Bispos, cada um a presidir à sua Igreja particular e todos constituídos em colégio episcopal transportam consigo a responsabilidade de garantir a Tradição da Fé que nos vem dos Apóstolos e por eles do próprio Jesus Cristo. E cumprem esta missão quer quando cada um deles preside à Igreja particular quer quando, em comunhão com os outros Bispos, em colégio episcopal presidido pelo Sucessor de Pedro, vivem a corresponsabilidade pela condução de vida da Igreja universal.

Jesus Cristo é, de facto, o único Bom Pastor, como lembra o Evangelho de S. João que escutámos.

Hoje, através dos Bispos e seus colaboradores mais diretos, a começar pelos que com eles partilham o Sacramento da Ordem mas também de outros ministérios e serviços, é o mesmo Cristo quem continua a pastorear a Sua Igreja.

Sendo assim, na pessoa do Bispo, rodeado principalmente dos seus presbíteros e diáconos, é o mesmo Jesus Cristo que está presente para

continuar a anunciar o Evangelho, a oferecer-nos os mistérios da fé e a conduzir-nos através da história, em peregrinação, rumo à pátria eterna.

E enquanto único Bom Pastor, Jesus Cristo diz aos Bispos e seus colaboradores quais as posturas que hão-de assumir para construção da vida da Igreja e a conduzirem pelos caminhos da salvação.

Ora, a Sua Palavra hoje escutada no Evangelho de S. João é clara e vai direta ao assunto, quando nos diz: “O Bom Pastor dá a vida pelas Suas ovelhas”. É mesmo essa disposição de dar a vida que em breve, tu, irmão D. António Luciano nos vais manifestar, respondendo à pergunta: “Queres consagrar-te até à morte ao Ministério Episcopal?”.

Contrariamente ao mercenário, que explora as ovelhas e as abandona, o Bom Pastor conhece-as e é conhecido de cada uma delas. Lembrando recomendações do Papa Francisco, o Pastor que o é de verdade procura estar próximo das suas ovelhas para as acompanhar de perto e defendê-las dos lobos que tentam desgarrar o rebanho (cf. Evg. 17, 1).

E se estamos preocupados com os fiéis que constituem o tecido das nossas comunidades, não o podemos estar menos com os que estão fora. É o próprio Cristo quem nos alerta, ao dizer: “Tenho ainda outras ovelhas que não estão neste redil e preciso de as reunir”. E aqui, todos nós Bispos nos sentimos interpelados pela pergunta que vai ser feita ao que hoje é ordenado, nos seguintes termos: “Queres, como bom pastor, procurar as ovelhas dispersas e conduzi-las ao redil do Senhor?”

Sempre, mas hoje mais do que nunca, é para nós urgente “primeirar” a responsabilidade missionária da Igreja, usando a expressão muito própria do Papa Francisco.

Concretizando ainda mais, como Bispos responsáveis pela condução das nossas Igrejas particulares e corresponsáveis pela vida da Igreja universal, temos a especial obrigação de despertar em nós, como também nos nossos mais diretos colaboradores e nos fiéis em geral, o dinamismo missionário. Não queremos uma Igreja à defesa, mas sim uma Igreja empenhada em cumprir o Sonho do Papa Francisco, colocando todas as suas capacidades mais ao serviço da evangelização do mundo atual do que da sua auto-preservação (7.Eg, 27).

O especial Outubro missionário de 2019 proclamado pelo Papa Francisco bem como o especial ano missionário (2018-2019) declarado pela Conferência Episcopal Portuguesa constituem também para nós Bispos forte interpelação.

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou” – escutámos nós na leitura do Profeta Isaías.

De facto o Espírito Santo ungiu a Pessoa de Cristo e presidiu ao cumprimento de toda a Sua missão messiânica de evangelizar os pobres,

consolar os aflitos e de proclamar o ano da justiça divina, que substitui o luto pela alegria.

Hoje o mesmo Espírito Divino, como cantaremos em breve, pela imposição das nossas mãos, desce abundantemente sobre o novo Bispo, fazendo dele verdadeiro Sacerdote do Senhor, servidor da Nova Aliança estabelecida em Cristo Jesus.

Sim, é para servir que o Senhor hoje te faz Bispo, Irmão D. António Luciano, como lembra o Pontifical Romano de Ordenação Episcopal, nos seguintes termos: “O Episcopado significa trabalho e não honra; e o Bispo, mais do que presidir tem obrigação de servir”.

E nesse serviço inclui-se o tríplice múnus de ensinar, santificar e governar. Sendo assim, e sobre o múnus de ensinar ressoa em nós, particularmente neste momento, a exortação do Apóstolo dirigido a seu discípulo Timóteo: Proclama a Palavra, a tempo e fora de tempo; exorta com toda a paciência e doutrina.

Quanto à função de santificar que nos está confiada, nós Bispos vamos escutar hoje de novo o convite para perseverar na oração a Deus Pai Todo-poderoso em favor do Povo Santo de Deus e a exercer a plenitude do Sacerdócio com toda a fidelidade.

Na Ordenação Episcopal é-nos também entregue a missão de governar em ordem à edificação do Corpo de Cristo que é a Igreja, permanecendo em unidade com a Ordem dos Bispos e sob a autoridade do Sumo Pontífice (P.R., n.40)

Por isso, compreendemos a recomendação que o Pontifical Romano faz ao novo Bispo na hora da Sua Ordenação Episcopal, com os seguintes termos – “Com amor paterno e fraterno, ama todos quantos Deus confia ao ter cuidado pastoral, sobretudo os presbíteros e os diáconos que têm parte contigo no ministério de Cristo...exorta os fiéis a colaborarem contigo no trabalho apostólico e dispõe-te a ouvi-los de bom grado” (P.R., 39).

Aceitando e ponto em prática estas sábias recomendações, saberemos promover a verdadeira comunhão de ministérios, ao serviço da comunhão da Igreja dentro de cada uma das suas comunidades, como também das mesmas comunidades entre si, sempre focada no mandato missionário recebido do próprio Cristo.

Mas as palavras do profeta Isaías que hoje escutámos privilegiam, de facto, a atenção que temos de continuar a dar aos pobres, aos atribulados, aos prisioneiros, aos cativos necessitados de libertação, aos que se encontram envolvidos pelo luto da dor. Numa palavra, chamam a nossa atenção para as periferias da pobreza, mas também da dor e do abandono ou simplesmente da marginalidade, como são referidas pelo Papa Francisco.

Também nós Bispos hoje contigo, irmão D. António Luciano, queremos responder à pergunta que te vai ser assim feita:

“Queres ser, pelo nome do Senhor, bondoso e compassivo com os pobres, os deslocados e todos os que precisam?”.

Diante desta forte interpelação que a Liturgia nos faz, queremos escutar mais uma vez, palavras do Papa Francisco, lembrando a cada cristão e a cada comunidade cristã o encargo de serem instrumento do Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres para que possam integrar-se plenamente na Sociedade (Eg, 187).

Perante a experiência que Paulo nos conta na sua II carta aos Coríntios, também nós não esperamos facilidades no cumprimento da missão episcopal que o Senhor Jesus Cristo nos confia para, em Seu nome, pastorearmos a Igreja. Foram muitas as dificuldades que o Apóstolo experimentou e das quais nos dá testemunho, desde a perseguição, à perplexidade, passando pelo abatimento e pelo abandono.

Uma luz, porém, bastou para dar sentido a todos os seus sofrimentos e tribulações. Essa luz para ele e para nós hoje vem-nos da certeza da Ressurreição de Cristo, garantia da nossa Ressurreição, pois, como lembra a referida carta, “Aquele que ressuscitou Jesus também nos há-de ressuscitar com Ele e nos levará para junto d’Ele”. Sendo assim, saberemos compreender igualmente como os nossos sofrimentos são oportunidade para participarmos nos sofrimentos de Cristo.

Finalmente diante da mesma experiência de Paulo lembramos a nossa grande fragilidade, por levarmos em vasos de barro um grande tesouro, o tesouro do ministério que nos está confiado.

Cumpre-nos ao mesmo tempo, a obrigação de transformar as nossas múltiplas fragilidades em oportunidades para deixar brilhar em nós e em tudo o que fazemos a grandeza e a força do próprio Deus, única fonte de todo o bem que nós possamos realizar.

De facto, uma só coisa é necessária – Que Ele reine nos nossos corações, na vida da Igreja e na vida do mundo.

Que Deus seja louvado, Sua Mãe Maria Santíssima e nossa Padroeira, seja honrada com todos os santos, na comunhão da Igreja, para que o mundo creia.

Amén.

17.6.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

f) Ata da Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa

Aos dezassete dias do mês de junho do ano da graça de dois mil e dezoito, realizou-se na Sé da Guarda a Ordenação Episcopal de D. António Luciano dos Santos Costa, eleito Bispo da Diocese de Viseu.

Presidiu o Bispo da Diocese da Guarda, D. Manuel da Rocha Felício, e foram Bispos coordenantes o Arcebispo de Braga, D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, e o Bispo Administrador Apostólico da Diocese de Viseu, D. Ilídio Pinto Leandro. Estiveram também presentes Suas Excelências Reverendíssimas o Núncio Apostólico, D. Rino Passigato, representante de Sua Santidade o Papa Francisco, e muitos outros Bispos residenciais e auxiliares, elevado número de Reverendos sacerdotes concelebrantes e diáconos de várias dioceses, principalmente dos Presbitérios da Guarda e de Viseu.

O Povo de Deus congregou-se em grande número, com a presença de muitos religiosos e leigos e também de autoridades autárquicas, académicas, de saúde e de segurança, para além de representantes de instituições presentes na Diocese, tanto religiosas como civis e representantes da Comunicação Social

A Procissão de entrada iniciou-se, às dezasseis horas, na Igreja da Misericórdia, passando pela Rua do Comércio e Praça Velha. Ao entrar na Sé, o grupo coral entoou o cântico de entrada apropriado, enquanto o Presidente da Celebração e todos os Bispos e Sacerdotes concelebrantes e Diáconos ocupavam os respectivos lugares. Na saudação inicial, o Presidente começou por dar as boas vindas ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. Núncio Apostólico, através do qual, manifestou a Sua Santidade o Papa Francisco os sentimentos de fidelidade e amor filial, pessoais e de toda a Diocese da Guarda, aos Bispos presentes e coordenantes, Excelências Reverendíssimas e aos Reverendos sacerdotes concelebrantes e diáconos, particularmente aos do Presbitério da Guarda, de onde parte o novo Bispo, e aos do Presbitério de Viseu que o vão acolher como seu Bispo; saudou o Bispo Ordinando e seus familiares, as autoridades autárquicas, académicas, de saúde e de segurança presentes, nomeadamente Suas Excelências os Presidentes de Câmara da Guarda e de Seia e ainda as forças vivas da cidade e da Diocese presentes, assim como os representantes da Comunicação Social; e manifestou sentimentos de júbilo a toda a vasta assembleia pelo acontecimento que estava a ser vivido.

No momento apropriado, foi feita a apresentação do eleito, após o que Sua Excelência Reverendíssima o Núncio Apostólico leu a Bula Papal de nomeação do novo Bispo, tendo a assembleia manifestado o seu júbilo, com cântico apropriado.

À homilia, o Presidente, depois de lembrar alguns traços da figura do Bispo, como pastor da sua Igreja Particular e, enquanto sucessor dos Apóstolos e membro do Colégio Episcopal, corresponsável pela vida da

Igreja no seu todo, centrou-se nas leituras bíblicas proclamadas. E, a partir da Palavra de Deus, exortou o ordinando a cumprir fielmente as suas novas responsabilidades episcopais, nomeadamente no exercício do tríplice múnus de ensinar, santificar e governar o santo Povo de Deus.

Após a homilia, seguiu-se o rito próprio da Ordenação, destacando-se a imposição das mãos pelos Bispos presentes, a Oração de Ordenação e a entrega das insígnias episcopais.

Prosseguiu a celebração da Eucaristia com o novo Bispo a ocupar o primeiro lugar como concelebrante.

Antes da Bênção final, D. António Luciano dos Santos Costa percorreu a Assembleia, acompanhado dos dois Bispos coordenantes, abençoando todos os fiéis. Em seguida, dirigiu à assembleia a sua primeira alocução, na qualidade de Bispo Ordenado.

Esta Ata vai ser assinada por Suas Excelências Reverendíssimas o novo Bispo, o Bispo Ordenante principal e Bispos coordenantes, o Núncio Apostólico e por mim, Chanceler da Cúria Diocesana, que a redigi.

g) Voto de congratulação e de louvor

Pela Ordenação Episcopal de D. António Luciano

O Conselho Presbiteral da Diocese da Guarda, reunido em sessão ordinária no dia 25 de Maio do corrente ano de 2018, rejubila com a eleição de D. António Luciano dos Santos Costa para Bispo de Viseu. Damos graças a Deus por esta escolha que sentimos como mais um olhar particular que o Senhor da Messe e Bom Pastor teve sobre a nossa diocese e seu presbitério, chamando um dos nossos padres para o exercício do Ministério Episcopal.

Também sentimos que é um convite a toda a nossa Diocese para recordar a importância das vocações sacerdotais, assim como o empenho pelo chamamento e sua formação.

Igualmente consideramos que esta é mais uma ocasião para aprofundar a caminhada fraternal destas duas Igrejas diocesanas.

Deus seja louvado por tão grande dom!

O conselho Presbiteral da Diocese da Guarda

4.Falecimento de Sr. D. António dos santos

a) Notícia do falecimento de D. António dos Santos

Um Bispo amigo dos seus padres e próximo de todos

Às 19H30 do dia de hoje, 26 de março de 2018, faleceu, no Hospital Distrital da Guarda, D. António dos Santos, Bispo emérito desta Diocese da Guarda.

As exéquias solenes serão celebradas, na Sé da Guarda, quarta-feira, dia 28 do corrente, às 15H00, seguindo-se cortejo fúnebre para a sua terra natal, na Paróquia de Santo António de Vagos.

D. António dos Santos fez entrada solene nesta Diocese da Guarda no dia 2 de fevereiro de 1980, recebeu Bispo Coadjutor em 16 de janeiro de 2005 e foi aceite o seu pedido de resignação pelo Papa Bento XVI, em 1 de dezembro de 2005.

Depois dos tempos difíceis vividos pelo seu antecessor D. Policarpo da Costa Vaz, as vocações e as ordenações sacerdotais nesta Diocese da Guarda tiveram com D. António dos Santos significativo crescimento.

Chegou a ordenar só num ano 5 novos padres.

Também lhe devemos a decisão de promover a ordenação de diáconos permanentes, importante serviço que hoje é uma realidade na Diocese da Guarda.

Trouxe para a Diocese da Guarda a comunidade contemplativa das Irmãs Carmelitas, em meados dos anos 90 do século passado e mandou construir para elas o Convento da Santíssima Trindade.

A experiência pastoral de pároco e de vigário geral que trouxe da sua Diocese de origem, a Diocese de Aveiro, em muito ajudou o bom trabalho desenvolvido entre nós.

A Diocese da Guarda expressa-lhe, neste momento, profunda gratidão, sabendo nós que as suas últimas palavras também foram estas: “levo a Guarda no meu coração”.

Foi, de facto, um Bispo amigo dos seus padres e próximo de todos. Rezemos pelo seu eterno descanso.

26.3.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) A Diocese da Guarda agradece ao Sr. D. António dos Santos

Foram 25 anos de intenso trabalho pastoral ao serviço da nossa Diocese da Guarda, como seu Bispo.

Ordenou 37 novos padres para o nosso Presbitério.

Cuidou dos nossos seminários com exemplar dedicação, foi um apaixonado pelas vocações sacerdotais e, com sabedoria invulgar, procurou transmitir essa paixão aos sacerdotes e às comunidades.

Na fidelidade ao Concílio Vaticano II, que quis declarar logo na mensagem de abertura do seu ministério episcopal entre nós, pretendeu dar o devido lugar aos leigos na vida da nossa Diocese. Um dos sinais mais claros da

sua entrega a esta causa foi o Congresso Diocesano de Leigos, em maio de 1988, preparando a participação da Diocese no Congresso Nacional de Leigos, que se realizou em julho seguinte. E um dos bons frutos deste congresso foi a Escola Teológica de Leigos, que, ao longo de vários anos, manteve acesa a chama da formação de leigos quer para o ensino religioso quer para outras finalidades da pastoral.

O Concílio tinha restaurado o diaconado permanente e recomendava às dioceses para o integrarem de novo na vida das comunidades. E o Sr. D. António soube preparar também a nossa Diocese para dar este importante passo, que podemos considerar um passo qualitativo.

Os 800 anos da transferência da sede da nossa Diocese da Egitânia para a Guarda tiveram igualmente, sob a sua regência pastoral, condigna celebração. E o Jubileu do ano 2000 deixou importantes marcas positivas entre nós.

Devemos-lhe o mérito de ter trazido para a Guarda a Ordem Contemplativa das Carmelitas, agora sediada no convento da SS.ma Trindade, que ele mandou construir. E também acolheu um outro presente que foi a vinda de uma comunidade das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus e com elas o Hospital Psiquiátrico Bento Menni, inaugurado nos anos 90, na cidade da Guarda.

Durante o seu ministério episcopal foi iniciado e encerrado, na Diocese, o processo de beatificação/canonização do venerável servo de Deus D. João de Oliveira Matos, cuja conclusão, na fase da Cúria Romana, agora aguardamos.

Os últimos treze anos passou-os o Sr. D. António sob o peso da doença, que o obrigou a ficar afastado da vida pastoral da Diocese. Mas nem por isso deixou de nos dar o seu precioso contributo, quer na muita oração que continuamente fazia por nós, quer na generosa entrega do seu sofrimento e da sua vida pela nossa Diocese.

Aqui lhe queremos deixar o testemunho da nossa gratidão, enquanto o encomendamos à misericórdia divina com a nossa oração de sufrágio.

1.4.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

c) Exéquias de D. António dos Santos

Homilia

28.3.2018

O Sr. D. António dos Santos, que hoje confiamos, de modo particular, à misericórdia divina e esteve ligado a esta diocese da Guarda durante 38

anos, 25 dos quais como seu Bispo Diocesano, foi chamado, há menos de 48 horas, a viver a Páscoa de outra maneira.

Muitos foram os anos seguidos em que, nesta Sé, presidiu à celebração do Tríduo Pascal, à Missa Crismal de Quinta-Feira Santa e cantou o Aleluia da madrugada da Ressurreição.

Desta vez foi chamado a antecipar a celebração da Páscoa pelo Senhor que a tudo preside e também aos destinos da vida de cada um de nós.

Desejamos, nesta celebração exequial, acompanhá-lo, em oração de sufrágio, preparando-nos nós também para celebrar a Páscoa com Cristo morto e ressuscitado,

Nesta Quarta-Feira Santa, a Palavra de Deus convida-nos a contemplar a figura sempre misteriosa e desafiante do Servo de Deus.

Com ele, também nós nos queremos sentir verdadeiros discípulos que o mestre envia para levar alento aos abatidos, Como ele, não queremos nunca desistir da missão que nos está confiada, mesmo que nos sejam exigidos sacrifícios e quantas vezes incompreensíveis.

Como ele, queremos fazer valer também para nós a única garantia que nos pode dar segurança, ou seja, os auxílios que nos vêm do Senhor, que verdadeiramente é o advogado certo para as nossas causas.

Viver a Páscoa, como sabemos, é partilhar com Jesus o drama da sua Paixão.

E no Evangelho de hoje esse drama vem associado a uma grande contradição; precisamente aquela que se passa no momento alto da última Ceia com os seus mais directos amigos e colaboradores. De facto, na última Ceia concentra-se, por um lado, a maior densidade na relação de amor e compromisso de Jesus com os seus; mas, por outro lado, também lá está a traição que abre caminho para a sua condenação à morte ignominiosa da Cruz.

Ora, sabemos que contradições como esta não terminaram com o episódio relatado no Evangelho de hoje, mas elas replicam-se e, de forma particular, em variadas situações vividas hoje por muitas pessoas e também por aqueles que o mesmo Senhor chamou a uma colaboração mais directa com Ele, como são os sacerdotes.

E o Senhor D. António, nomeadamente nos 25 anos em que presidiu aos destinos da Diocese da Guarda, não fugiu à regra, de certo.

Mas olhando para trás, encontramos, na pessoa dele, muitos sinais da garantia experimentada pela figura do Servo de Javé; ou seja, a garantia que vem de Deus para quem se procura colocar sempre do lado dele.

Esses sinais são a valiosa obra pastoral realizada por D. António nesta nossa querida Diocese da Guarda

Assim, logo na mensagem programática, com que abriu o seu ministério episcopal nesta Diocese, em 2 de fevereiro de 1980, apontou três grandes opções que haviam de marcar a sua presença no meio de nós e foram elas, a saber:

- a) fidelidade ao Concílio Vaticano II,
- b) aproveitar da melhor maneira a tradição de Fé vivida nesta Diocese, desde longa data,
- c) percorrer caminhos de renovação comunitária, de corresponsabilidade eclesial e de serviço da caridade.

Cedo compreendeu e procurou fazer compreender que esta Diocese tinha de se preparar para viver com menos padres, o que dá a entender logo na primeira homilia da Missa Crismal de Quinta-Feira Santa na qual falou sobre “uma Igreja com menos clero chamada a renovar-se”.

O Congresso Diocesano dos leigos que ele convocou como ensaio preparatório para o Congresso Nacional dos Leigos realizado em julho de 1988 foi passo importante nesta caminhada de renovação, não só pelas orientações pastorais dele derivadas, mas também pela decisão nele tomada de criar uma Escola Teológica de Leigos. É expressiva uma das afirmações que o então Bispo Diocesano fez neste Congresso e nos seguintes termos: “O futuro da Igreja Diocesana está confiado a toda a Igreja Diocesana”. Por outras palavras, estava a antecipar a proposta de caminhada sinodal para que insistentemente nos convoca o magistério do nosso Papa Francisco.

A celebração dos 25 anos do encerramento do Concílio Vaticano II, no ano de 1990, é também oportunidade bem aproveitada por D. António dos Santos para procurar relançar a Diocese pelos caminhos da renovação conciliar. E propõe mesmo o que chamou “Decénio de renovação espiritual e pastoral da Diocese da Guarda”, que haveria de conduzi-la até ao jubileu do ano 2000. Este plano pastoral para 10 anos é formalmente aprovado e proclamado pelo Bispo Diocesano em dezembro de 1990.

Estas foram importantes opções que marcaram o magistério e a condução pastoral do Sr. D. António.

Ora, para este notável trabalho do Sr. D. António dos Santos na Diocese da Guarda muito contribuiu a experiência que ele trouxe da sua Diocese de origem, a Diocese de Aveiro, cujo actual Bispo aqui presente saúdo. Nessa bagagem vinham sobretudo alguns importantes contributos, que foram a sua experiência de pároco, a de Vigário Geral e de Bispo Auxiliar. E desejo agora acrescentar um outro não menos importante, que foi a preciosa colaboração do seu secretário particular, o Rev.do P. Cartaxo,

que veio também com ele de Aveiro e foi seu braço direito em todo trabalho desenvolvido nesta Diocese.

Aqui fica também o nosso agradecimento a esta Diocese irmã agora também servida por um Bispo que partiu deste Presbitério, D. António Moiteiro.

D. António entrou na Diocese da Guarda, quando esta vivia, há mais de uma década, acentuada crise das vocações sacerdotais. E o facto é que, com a sua entrega decidida, conseguiu abrir caminhos novos para chegar a uma situação bem diferente, pois, durante os seus 25 anos de Bispo da Guarda, ordenou 37 padres.

Cabe-lhe ainda o mérito de ter conduzido a Diocese para a opção pelo Diaconado Permanente, que hoje constitui importante ministério entre nós. Estamos-lhe profundamente gratos por ter conseguido trazer para a Guarda uma comunidade religiosa contemplativa da Ordem das Carmelitas, mandando construir para ela o convento da Santíssima Trindade.

Também não só a Diocese mas também a população em geral da Guarda lhe devem reconhecimento por ter acolhido as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus e, com elas, o Hospital psiquiátrico Bento Menni inaugurado em 1994.

Promoveu as celebrações do 8º centenário da transferência da sede desta Diocese da Egitânia para a Guarda com programa que se desenvolveu ao longo de todo o ano de 1999 de que se destaca o Congresso Histórico Teológico, preparando imediatamente o Jubileu do ano 2000.

Por estas e muitas outras razões, que nunca poderão ser devidamente contabilizadas por nós, damos abundantes graças a Deus. E nesta hora, que também tem o sabor amargo da despedida, desejamos prestar a nossa singela homenagem a D. António dos Santos, que, com sua forma própria de estar na vida e na acção pastoral, foi, de verdade, um pai para esta Diocese da Guarda e em particular para os seus padres.

Que Deus seja louvado.

28.3.2028

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

5. Um novo cardeal português – Sua Eminência D. António Augusto dos Santos Marto

Saudamos o novo cardeal português
Sua Eminência D. António dos Santos Marto

Alegramo-nos e damos abundantes graças a Deus pela nomeação de D. António dos Santos Martos, Bispo de Leiria-Fátima para o Colégio Cardinalício, hoje mesmo tornada pública.

Felicitemos vivamente não só o nomeado, que mereceu a escolha do Papa Francisco, mas também a Diocese de Leiria-Fátima e a Igreja em Portugal, por esta nomeação.

A visibilidade de Fátima e a sua importância para a pastoral da Igreja em Portugal e no mundo, bem demonstradas sobretudo a partir da celebração do centenário das aparições ocorrido há um ano, ficam, assim, devidamente reconhecidas.

Portugal passa, a partir de agora, a ter três cardeais, o que também é uma distinção para toda a nação portuguesa.

Acompanhamos Sua Eminência Reverendíssima, D. António dos Santos Marto, em ação de graças, nesta hora de júbilo, prometendo a nossa oração para o bom desempenho das novas responsabilidades que lhe passam a estar confiadas enquanto membro do Colégio dos Cardeais.

O Santo Padre anunciou também para o dia 29 de junho o Consistório em que os 14 novos cardeais hoje nomeados passarão a integrar o Colégio Cardinalício.

20.5.2018, Solenidade do Pentecostes

A Diocese da Guarda e o seu Bispo

6. Cardeal D. José Saraiva Martins celebra connosco 30 anos do seu Ministério Episcopal

No próximo dia 15 de agosto, desejamos celebrar com Sua Eminência o Sr. Cardeal D. José Saraiva Martins, na nossa Sé Catedral da Guarda, 30 anos do seu Ministério Episcopal.

A nossa Diocese está especialmente ligada à sua pessoa e à notável obra que desenvolve, ao mais alto nível, na vida da Igreja enquanto cardeal.

Daqui partiu, mais concretamente deste concelho da Guarda, onde nasceu e aqui volta com alguma regularidade, desta vez para nos dar a alegria de celebrarmos com ele, em acção de graças, o dom do Ministério Sacerdotal, no grau do Episcopado, que lhe está confiado.

Convido, por isso, para, ao fim da tarde do dia 15 de agosto próximo, na nossa Sé da Guarda, participarmos no seguinte programa:

16H30 – apresentação da sua biografia, em nova edição (pela editorial “Paulus”);

18H00 – Celebração da Eucaristia presidida por Sua Eminência;

A seguir, jantar de festa no nosso Seminário da Guarda.

Com os melhores cumprimentos e grato, desde já, pela presença,

Guarda, 31.7.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

7. Formação do clero: jornadas nos dias 6 e 7 de fevereiro

Neste ano do Sínodo sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional, orientámos a nossa formação para o cuidado pastoral dos jovens nas nossas comunidades e contamos com a orientação de dois membros da Sociedade Salesiana.

Os trabalhos decorreram no Seminário da Guarda, desde as 10H00 da Manhã até às 16H30, em ambos os dias.

Foi-nos lembrado o que é a pastoral juvenil e quais as suas tarefas e foram sublinhados os seguintes pontos.

1. A pastoral juvenil:
 - a) É uma acção da Igreja enquanto tal, com jovens, na evangelização e educação cristã;
 - b) O seu objectivo é sempre levar à opção pela Pessoa de Jesus Cristo;
 - c) Num um processo de maturidade humana e cristã da Fé e com compromisso, eclesial, apostólico e social.

2. O trabalho da pastoral juvenil implica:
 - a) Colocar a Pessoa de Jesus no centro de todas as actividades;
 - b) Saber abrir novos caminhos, sem perder a identidade cristã;
 - c) Que sejam sempre caminhos em Igreja e com a Igreja;
 - d) Contando com a colaboração de animadores competentes;
 - e) A intervenção na vida da comunidade nunca pode faltar;
 - e) A vertente da vocação e do discernimento vocacional também nunca pode faltar.

3. Quanto a estruturas da pastoral juvenil:
 - a) Foram lembradas as que existem a nível nacional, a saber: O Departamento Nacional da Pastoral Juvenil e o Conselho Nacional da Pastoral Juvenil.
 - b) Foram indicadas as que devem existir a nível das Dioceses, a saber: Departamento Diocesano da Pastoral Juvenil, o Conselho Diocesano da Pastoral Juvenil e Equipa Diocesana da Pastoral Juvenil.

4. Foram indicadas as seguintes prioridades para a pastoral juvenil na nossa Diocese:

a) Que haja um plano de pastoral juvenil, incluindo programa de formação de animadores;

b) Que haja estruturas de pastoral juvenil a nível diocesano, a nível arciprestal e a nível de paróquias ou conjuntos de paróquias;

c) Que a pastoral juvenil seja sempre conjugada com a catequese (de infância e adolescência), com a pastoral vocacional e com a pastoral familiar;

d) Que se dê especial atenção á pastoral juvenil nos centros com mais população e onde há escolas, sobretudo de ensino superior.

5. Tendo em conta estas indicações, o nosso Departamento Diocesano da Pastoral Juvenil e vocações recentemente criado, em resposta ao pedido feito na assembleia diocesana, tem agora pela frente as seguintes tarefas;

a) Elaborar um plano de pastoral juvenil para a Diocese, com ligações à pastoral vocacional e também à pastoral familiar;

b) Fazer funcionar o Conselho Diocesano da Pastoral Juvenil;

c) Constituir a Equipa Diocesana de Pastoral Juvenil

d) Organizar um programa de formação para animadores de grupos de jovens.

6. Concomitantemente e com empenho de todos nós, a começar pelos párocos, é necessário:

a) Cada arciprestado ter a funcionar o serviço da pastoral juvenil, e já temos alguns bons exemplos;

b) Cada pároco ter um grupo (se se trata de centro com mais população) ou alguém que esteja atento ao cuidado pastoral dos jovens, poucos ou muitos que existam; e, quando não podem ter grupo, que os jovens que existem sejam encaminhados para propostas existentes no arciprestado;

c) Fazer o acompanhamento dos jovens crismados, no pós-crisma imediato, o que tem de continuar a ser preocupação de nós todos.

Notas:

1. Pretendemos que a criação deste departamento da pastoral juvenil e vocações fosse resposta à recomendação da assembleia diocesana para unir pastoral juvenil e vocações.

2. Dois dos 3 sacerdotes que compõem a equipa deste departamento, desde o início de 2017 já trabalharam para promover a resposta da nossa Diocese ao inquérito preparatório do Sínodo sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional, que se realizará em outubro.

Guarda, 8.2.2018

+Manuel R. Felício, B. da Guarda

IV. Programa Pastoral e nomeações

1. Programa do no pastoral 2018-19: Missão e Diocese

Escolhemos duas palavras para definir o rumo do nosso programa pastoral ao longo do ano 2018-19. Uma delas é *Diocese*; outra é *Missão*. De facto, estamos todos empenhados em cuidar bem a nossa Diocese da Guarda, que estimamos e queremos ver cada vez mais rejuvenescida e motivada para cumprir o mandato missionário de Jesus Cristo. Desejamos que a beleza da mensagem evangélica se traduza claramente no entusiasmo das nossas decisões, tomadas, o mais possível, em caminhada sinodal. Queremos vê-la empenhada, no seu todo, em levar à prática o conteúdo das proposições definidas na nossa Assembleia Diocesana e que a carta pastoral intitulada *Guiados pelo Espírito, Igreja em renovação* pretende resumir e sistematizar.

A palavra *missão* remete-nos, em primeiro lugar, para a Pessoa de Jesus Cristo, Ele o primeiro missionário, porque enviado pelo Pai para conduzir o mundo pelos caminhos da salvação.

Lembra-nos, depois a nossa condição de batizados, porque discípulos deste Grande Mestre que é Cristo, o qual partilha connosco, como o fez com os primeiros discípulos, o Seu estatuto de enviado do Pai, enviando-nos também para anunciar a Boa Nova ao mundo de hoje.

Missão identifica particularmente a natureza da Igreja, saída da vontade de Cristo para prolongar no mundo, até ao fim dos tempos, o cumprimento do mandato missionário que Ele próprio recebeu do Pai.

Ser missionário, portanto, não é qualquer espécie de acrescento àquilo que por natureza os discípulos de Cristo são, como se apenas alguns especialmente entusiasmados coma missão entre aqueles que nunca ouviram falar de Cristo (“missão ad gentes”) tivessem direito a este título. Não. Ser missionário é o estatuto comum e permanente de todos os batizados.

Daí a razão de ser da nota pastoral recentemente publicada pela Conferência Episcopal Portuguesa, com o título de *Todos, tudo e sempre em missão*, sobre o Outubro Missionário de 2019 e o ano missionário (2018-19) que o pretende preparar.

Claro que a geografia da missão, sobretudo nos últimos tempos, está grandemente mudada, como nos lembrou o Papa Bento XVI, na visita que fez ao nosso país, em 2010, ao despedir-se da nação portuguesa, no Porto. De facto, os territórios da missão deixaram de ser apenas os territórios tradicionalmente classificados de “Missão ad gentes” para invadir os nossos ambientes, mesmo os mais envolvidos em muitas

tradições cristãs e para entrarem na vida das nossas comunidades locais, das nossas famílias e mesmo em muitas dimensões de cada uma das nossas pessoas. Sendo assim, o primeiro anúncio de Cristo e da Mensagem Evangélica, sendo prioridade nos territórios da “missão ad gentes” continua a ser o grande desafio nos ambientes de antiga tradição cristã, pedindo-nos, por isso, o empenho da reevangelização ou da nova evangelização.

Como ninguém pode dar o que não tem, para dar a conhecer a Pessoa de Cristo é preciso primeiro conhecê-Lo. Daí o esforço que havemos de saber fazer, ao longo deste ano pastoral, para levar a devida formação aos nossos catequistas e outros agentes da formação cristã, tendo sempre como horizonte o desejo de fazer das nossas comunidades verdadeiras escolas de Fé.

Que o Senhor Jesus Cristo e a proteção maternal de Nossa Senhora nos assistam, ao longo deste ano pastoral, para fazermos de toda a nossa Diocese, cada vez mais, verdadeiro instrumento da missão de Cristo no meio do mundo. Daremos, assim, a devida atenção ao convite que o Papa nos faz, com estas palavras: “Cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, está também ela chamada à conversão missionária” (EG, n. 30).

27.7.2018

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2.Abertura do ano Pastoral 2018-19

Saudação do Bispo Diocesano

Saúdo os Rev.dos Padres e diáconos e os seus cooperadores pastorais na obra de motivar sempre mais toda a nossa Diocese, no conjunto das suas comunidades e serviços para a caminhada sinodal. E por caminhada sinodal entendemos a participação de todos com todos na construção de comunidades vivas, atentas à voz do Espírito e a viverem da força da Palavra de Deus.

Foi em caminhada sinodal que quisemos preparar e realizar a nossa assembleia diocesana. Para continuarmos e aprofundarmos sempre mais a nossa caminhada sinodal sentimos o apelo das proposições da mesma assembleia, que a carta pastoral “Guiados pelo Espírito Santo, Igreja em renovação” pretende sistematizar e operacionalizar.

Por isso, o primeiro ato desta nossa jornada pastoral de abertura do novo ano é colocarmo-nos diante desta carta para identificarmos bem as propostas que ela nos faz, estabelecermos algumas prioridades e definirmos alguns

procedimentos comuns para que, passo a passo, sempre em caminhada sinodal, vamos rumo à grande meta que nos é proposta de sermos Igreja comunhão de fiéis, de serviços e de ministérios.

Agradeço desde já àqueles que acataram o convite para hoje, diante de nós, apresentarem a sua leitura do documento que é a carta pastoral.

Na realidade essa leitura vai ser diferente porque feita a partir de sensibilidades e preocupações, diferentes seja a de um jovem, para mais em vésperas do Sínodo sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional; seja de um casal, com experiência do mundo universitário; seja de uma religiosa, que conhece bastante bem a realidade da nossa Diocese; seja de uma dos nossos padres. Manifestamos por isso a nossa gratidão ao Tiago, à Irmã Deolinda, ao casal Marisa e Pedro e ao Padre Joaquim António por aceitarem colocar ao nosso serviço a sua leitura desta carta. Claro que o objetivo é estimularem que cada um de nós faça a sua leitura pessoal, a prazo mais largo, e de, imediato, possa intervir com as suas sugestões sobretudo para estabelecermos prioridades ajustadas às nossas comunidades e aos desafios que a sociedade todos os dias nos faz e de forma renovada.

Como diz a própria carta na introdução, ela pretende apresentar “algumas opções para a Diocese nos próximos tempos”. E nestes próximos tempos está incluído o presente ano pastoral e outros que se lhe vão seguir, sem definirmos já o seu número. O certo é que tanto o volume dos assuntos nela tratados como a complexidade que envolvem, pelo menos alguns deles, exigem tempo, motivação contínua e sobretudo uma espiritualidade forte para não arrefecermos na nossa caminhada sinodal. O retomar constante destes assuntos por cada Pároco com o conjunto dos seus colaboradores pastorais, o seu tratamento nos conselhos pastorais arceprestais, no conselho pastoral diocesano, no conselho Presbiteral e a Palavra de confirmação e orientação do Bispo diocesano são os instrumentos de que dispomos e que queremos usar bem para motivarmos cada vez mais a nossa caminhada sinodal, com a preocupação de levar à prática as prioridades, dentro destes assuntos, que definimos.

Durante este ano pastoral 2018-19, toda a nossa Diocese, no conjunto das suas comunidades, iniciativas e serviços, na fidelidade às orientações recebidas da assembleia diocesana e transmitidas nesta Carta pastoral “Guiados pelo Espírito, Igreja em renovação” pretende, por um lado fortalecer a sua responsabilidade missionária e, por outro promover a formação contínua da Fé.

Quanto ao desejo de fortalecermos a nossa responsabilidade missionária, recebemos indicação muito precisa do Papa Francisco que declarou o mês de Outubro de 2019 como “Outubro Missionário”. E a Conferência Episcopal

Portuguesa reforçou esta indicação, declarando o ano pastoral 2018-19 como “Ano Missionário”.

Ora, para responder a estes dois apelos vindos de cima que também fazem parte da Carta pastoral que hoje aqui nos congrega, desejamos ao longo de todo este ano 2018-19, levar a todo o Povo de Deus a consciência de que ser cristão é ser discípulo missionário, empenhado em cumprir o mandato recebido de Jesus. Teremos a preocupação também de fazer compreender aos fiéis em geral que a geografia da missão mudou. De tal maneira que terras de missão já não se encontram somente nos destinos a que habitualmente se dirigiram os muitos missionários que, por graça de Deus partiram das nossas terras, em tempo relativamente recentes, mas terrenos de missão também são os nossos ambientes, muitas pessoas que encontramos diariamente, muitas das nossas famílias e até dimensões da vida pessoal de cada um de nós.

Com ajuda do Secretariado Diocesano das missões temos o propósito de sensibilizar todos os nossos fiéis e comunidades para a responsabilidade missionária e que pelo menos em cada arciprestado, surja um centro missionário.

Sobre a formação permanente da Fé, preocupação que também dessejamos levar a toda a Diocese, ao longo deste ano partimos do princípio de que ela é obrigação de todos nós.

A Carta pastoral que hoje aqui nos reúne convida-nos a cuidar a formação da Fé esclarecida e comprometida.

E, por sua vez, a Conferência Episcopal Portuguesa dá-nos orientações concretas para a formação de formadores, a começar pelos catequistas.

Ora, como nós sabemos, o serviço da catequese, neste caso a catequese da infância e da adolescência, é de facto, aquele que, nas nossas comunidades paroquiais, oferece mais oportunidades para promover a formação não só das crianças e dos adolescentes, mas também dos pais e das famílias, incluindo os avós e outros.

Para além disso, de uma catequese bem conduzida depende, em grande medida, a participação na Eucaristia dominical como em toda a celebração da Fé.

Precisamos, por isso, que cada Pároco, com o seu conjunto paroquial, procure ter o seu programa de acompanhamento e formação dos catequistas. É esse o apelo da Conferência Episcopal Portuguesa com a proposta de programa de formação de catequistas que definiu na sua última assembleia plenária.

Mãos à obra é o que nos é pedido e nós queremos responder-lhe ao longo do ano pastoral que hoje inauguramos.

Seminário da Guarda: 22/9/2018

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

3. Ano pastoral 2018-19

Nomeações

Rev.do Padre Jorge Manuel Pinheiro Castela – Coordenador Diocesano da Pastoral

1. Rev.do Padre António Carlos Marques Gonçalves, administrador paroquial das paróquias de Pínzio, Safurdão, Atalaia e Carvalhal, no arciprestado de Pinhel, sendo seu cooperador pastoral o Rev.do Padre Abel, que recebemos vindo do Presbitério da Diocese de Sumbe, Angola. Substituí nestas funções o Rev.do Padre Joaquim Álvaro de Bastos, que das mesmas desligamos e a quem agradecemos os serviços até agora prestados.

2. Rev.do Padre Joaquim Álvaro de Bastos, administrador Paroquial das Paróquias do Mondego (Vila Soeiro, Pero Soares, Mizarela, Faia, Aldeia Viçosa, Vila Cortês do Mondego, Porto da Carne e Cavadoude), no arciprestado da Guarda, contado com o poio dos párocos e dos serviços paroquiais das paróquias da Sé e S. Vicente, bem como com outros colaboradores já anteriormente indicados, substituindo nestas funções Sua Exc^a Reverendíssima D. António Luciano dos Santos Costa chamado, por nomeação do Santo Padre, em 3 de maio último, à responsabilidade de Bispo de Viseu, tendo já assumido estas funções no passado dia 22 de julho.

3. Rev.do Padre Joaquim Cardoso Pinheiro, Pároco da Paróquia de S. Romão, no arciprestado de Seia, substituindo o Rev.do Padre José Moreira Martinho, que pediu para ser desvinculado desta responsabilidade e dela o desligamos, aceitando a sua disponibilidade para colaborar com o novo Pároco, na medida em que as suas forças físicas o permitirem. Agradecemos-lhe, desse já, toda a exemplar dedicação ao serviço desta Paróquia durante mais de seis décadas.

4. Rev.do Padre Rui Miguel Manique Nogueira, Pároco das Paróquias de Fatela e Alcaide, até agora confiadas ao Rev.do Padre Jorge Manuel Tavares Colaço, que desligamos dessa responsabilidade e a quem agradecemos os serviços prestados; Alcongosta, Donas e Valverde, até agora confiadas ao Rev.do Padre Américo da Encarnação Vaz, que, a seu insistente pedido, desligamos desta responsabilidade e a quem também agradecemos os serviços prestados. O Rev.do Padre Rui Manique cuidará esta paróquia em próxima colaboração com o Rev.do Padre Jorge Manuel Tavares Colaço.

5. Rev.do Padre Sérgio Diz Nunes, S.J., Pároco “in solidum” da Paróquia de S. Pedro, na Covilhã com os Rev.dos Padres também S.J., Rafael Fernando Melo e Castro Forjaz Morão e Manuel Freire Lobo Vaz Pato, sendo moderador o primeiro e continuando os dois últimos a missão que já lhes estava anteriormente confiada

6. Rev.do Padre Jacek Cesary Baginski, Reitor do Santuário de Nossa Senhora das Dores do Paul, com o encargo de dinamizar as ofertas de vida espiritual naquele lugar que dispõe de excelentes condições logísticas e ambientais.

7. Rev.do Padre Serafim da Conceição dos Santos Reis, da equipa do Seminário da Guarda, membro da equipa formadora do Seminário Maior Interdiocesano, em Braga, criado pelas Dioceses de Guarda, Lamego, Bragança e Viseu e que cumpriu o seu 5º ano de funcionamento.

8. Rev.do Padre Paulo José Sequeira Figueiró, que deixa as funções de 1º Reitor do Seminário Maior Interdiocesano, em Braga, continuando com as funções de Reitor do Seminário da Guarda, assume funções de Director da Casa Sacerdotal da Guarda, substituindo Sua Exc^a Reverendíssima D. António Luciano dos Santos Costa chamado, por nomeação do Santo Padre, em 3 de maio último, à responsabilidade de Bispo de Viseu, tendo já assumido estas funções no passado dia 22 de julho; Director do Pré-Seminário, coordenador da capelania das Irmãs Carmelitas - Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, na Guarda e coordenador da Capelania do Estabelecimento Prisional da Guarda, substituindo o Rev.do Padre Serafim, a quem agradecemos estes serviços até agora prestados.

9. Rev.do Padre José Carlos Figueiredo Boto, colaborador da capelania do Hospital Sousa Martins, com o Rev.do Padre Joaquim Álvaro de Bastos e substituindo Sua Exc^a Reverendíssima D. António Luciano dos Santos Costa chamado, por nomeação do Santo Padre, em 3 de maio último, à responsabilidade de Bispo de Viseu, tendo já assumido estas funções no passado dia 22 de julho.

10. Rev.do Padre João Rui Carrola Antunes, capelão da Santa Casa da Misericórdia de Almeida, colaborando com o Pároco de Almeida, Revd.do Padre Francisco Inácio Fernandes Vilar no exercício desta funções que até agora lhe estavam confiadas.

11. Rev.do Padre Luís Miguel Pardal Freire, Director do Jornal Semanário “Notícias da Covilhã”, substituindo nestas funções o Rev.do Padre Fernando Brito dos Santos, a quem agradecemos os serviços até agora prestados.

12. Rev.do Padre Henrique Manuel Rodrigues dos Santos, delegado diocesano para a pastoral da Cultura, substituindo neste cargo o Rev.do Padre José Júlio Pinheiro, do qual o desligamos, agradecendo-lhe todos os serviços até agora prestados.

13. O Serviço de mestre de cerimónias, nos pontificais especiais, sobretudo na Sé, presididos pelo Bispo Diocesano, fica confiado à Direcção do Secretariado Diocesano da Liturgia (Rev.dos Padres José António Dionísio de Sousa e Daniel José Tomé da Silva Cordeiro). Agradecemos a Deus os bons serviços anteriormente prestados pelo Rev.do Cónego Eugénio da Cunha Sérgio, que o Senhor a Si chamou e pelo qual fazemos oração de sufrágio.

14.Rev.do Padre Joaquim Álvaro de Bastos - Assistente espiritual da Associação dos Médicos Católicos Portugueses
Núcleo Diocesano da Guarda.

15. Rev,do Padre João António Gonçalves Barroso, Pároco de Alvoco da Serra – Presidente da Comissão Administrativa da Capela de Nossa Senhora do Ar,
Torre da Serra de Estrela

16. Rev.do Padre Ângelo Miguel Nabais Martins - director do Centro Missionário da Diocese da Guarda, com sede no Seminário da Guarda.

17. Maria José Soares dos Santos – Presidente da Direcção do Centro Paroquial de assistência de Nossa Senhora das Dores do Paul

18. Cátia Alexandra ramos Marques Lopes, técnica superior da Caritas Diocesana da Guarda, - Coordenadora Diocesana de emergência, para atuar, no respeito pelas orientações da Autoridade Nacional da Protecção Civil, em ações quer de informação e formação, quer de intervenção, cabendo ao Presidente da Direcção da mesma Caritas Diocesana a superintendência no exercício desta função. Note-se que a Caritas Diocesana já tem experiência, nomeadamente no que respeita a combater as consequências dos incêndios do ano de 2017, dentro do espaço da Diocese da Guarda.

19. Rev.do Padre Paulo José Sequeira Figueiró - Diretor do Pré-Seminário ou Seminário em Família da Diocese da Guarda; coordenador do serviço pastoral da capelania das Irmãs Carmelitas - Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, na Guarda; Diretor da Casa Sacerdotal da Diocese da Guarda.

20. Rev.do Padre Manuel Alberto Pereira de Matos - Assistente Eclesiástico da Fraternidade Nun'Álvares, na Região de Guarda.

21. Rev.do Padre Jacek Cesary Baginski, Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Anunciação do Paul - Reitor do Santuário de Nossa Senhora das Dores, sito nesta mesa Paróquia.

22. Equipa promotora do Órgão da Sé - Padres Manuel Matos, José Luís Farinha, Daniel Cordeiro, José Geada, José Prata, Carlos Lages, Francisco Barbeira;
Senhores José Prata , Dr. Manuel Rodrigues, Dr. Manuel Luís, Dr^aLudovina, Dr. João Mendes Rosa

23. Professor Doutor Fernando Carvalho Rodrigues - Presidente do Conselho de Curadores da Fundação José Carlos Godinho Ferreira de Almeida.

Ano de 2019

Introdução

O ano de 2019, de que a seguir se apresentam referências a alguns eventos distribuídos por cinco apartados, esteve principalmente marcado pelo esforço de dar aplicação à proposta de reorganização pastoral da nossa Diocese apresentada logo no mês de janeiro pela comissão multidisciplinar para o efeito nomeada ainda no ano de 2017, imediatamente a seguir à Assembleia Diocesana e a pedido da mesma.

Esta proposta foi apresentada nas jornadas de formação para o clero que tiveram lugar no mês de fevereiro, onde também foram refletidos e aprofundados os pressupostos e os critérios teológicos e pastorais que lhe estão subjacentes e devem acompanhar a sua implementação. Ajudou-nos neste esforço o Rev.do Padre Tiago Freitas, do Presbitério de Braga, que defendeu recentemente tese de doutoramento na área das unidades pastorais ou Colégios de Paróquias.

Este esforço de apresentação foi, a seguir, continuado através da Diocese, nomeadamente em cada arciprestado, pedindo-se a reflexão do

respetivo Conselho Pastoral Arciprestal, em assembleias diocesanas dos serviços pastorais e depois também dos movimentos e obras de apostolado, para além de contributos de párocos com a suas equipas de colaboradores sobre o mesmo assunto.

Estes e outros dados de apresentação da proposta estiveram presentes nos Conselhos Pastoral Diocesano e Presbiteral realizados no mês de junho.

Todo este percurso permitiu que fosse decretada a constituição dos novos arciprestado e também dos serviços diocesanos de pastoral, após parecer favorável do Colégio de Consultores.

Quanto á constituição das unidades pastorais foi consensualmente entendido que essa deveria ter lugar num segundo momento, no terreno, e com a cooperação o mais direta possível dos novos arciprestados e suas estruturas de aconselhamento e decisão .

Esse decreto foi apresentado nos Conselhos Pastoral Diocesano e Presbiteral de novembro, teve parecer favorável do Colégio de Consultores e, no final do ano de 2019, ficou pronto para ser publicado.

O ritmo do ano litúrgico, trouxe-nos, com o é habitual, a mensagem da Quaresma, muito centrada na responsabilidade missionária de todo o discípulo de Cristo, tendo a nossa renúncia quaresmal sido orientada para satisfazer vários pedidos que nos chegam para apoiar a missão “ad gentes”.

Por sua vez, a jornada sacerdotal da manhã de Quinta-Feira Santa permitiu fazer especial ação de graças pelos jubileus sacerdotais dos sacerdotes que cumprem 70 anos – Padres Álvaro do Nascimento Terreiro, José Moreira Martinho, José Soares Coelho; 60 anos – Padres António Brás Carreto, António Carlos Dias Gama e Fernando Brito dos Santos; 25 anos – Padres Américo Real Barroca, Carlos Manuel Gomes Helena, Francisco Pereira Barbeira e Jorge Manuel Tavares Colaço.

Entre os eventos pastorais mais significativos ocorridos ao longo deste ano de 2019, destacam-se a participação na Jornada Mundial da Juventude, no Panamá, no mês de janeiro, com a responsabilidade de orientar uma catequese, a participação numa escola de verão sobre direitos humanos organizada pela Conferência Europeia das Igrejas (KEK), no Estoril, com uma intervenção sobre “Liberdade de expressão e populismo”, esta em nome do departamento do ecumenismo da Conferência Episcopal.

Acontecimento especialmente marcante para a nossa Diocese e para o nosso Clero foi a Ordenação de um novo sacerdote, o Rev.do Padre Daniel Barroso e também a Ordenação de 4 diáconos permanentes.

Acrescentamos-lhes duas saudações, uma dirigida ao novo cardeal português, Sua Eminência D. José Tolentino e outra ao novo Núncio Apostólico, D, Ivo Scapolo.

A natureza das IPSS de inspiração cristã e a preocupação com a sustentabilidade das instituições que fazem ação social no nosso interior foram duas preocupações maiores que registamos. Acrescentamos-lhe outra, sobre o “Trabalho digno e a dignidade do trabalhador, à luz da Doutrina Social da Igreja.

A abertura do ano pastoral 2019-20 foi feita em pleno especial outubro missionário. Por isso teve como tema de fundo “O Papa Francisco e a Missão”, assunto desenvolvido pelo Rev.do Padre Vítor Hugo Mendes, brasileiro e a concluir tese de doutoramento na Universidade de Salamanca. Seguiu-se apresentação do plano pastoral para o ano 2019-20, que pretende ser o primeiro de um triénio centrado sobre a pastoral dos jovens e da família, que nos conduzirá até à celebração da Jornada Mundial da Juventude, no ano de 2022, em Portugal.

I - Ao ritmo do ano litúrgico

1. Mensagem para a Quaresma - 2019

Vamos viver esta Quaresma dentro do ano missionário proposto pela Conferência Episcopal Portuguesa para toda a Igreja em Portugal; e preparando o Outubro Missionário/2019 declarado pelo Papa Francisco.

Ora, todos sabemos que a Quaresma é sempre um tempo especial para as comunidades e seus fiéis procurarem ir ao mais fundo da sua identidade, que é serem discípulos de Cristo e, portanto missionários. E não nos referimos apenas aos que, um dia, deixaram as suas terras – e temos disso muitos e bons exemplos na nossa Diocese – geralmente ligados a algum Instituto Missionário e partiram em missão “ad gentes”. De facto, a responsabilidade de sair em missão ao encontro de todos sem excluir ninguém para anunciar a Boa Nova de Cristo é de todos os batizados.

Como lembra a carta pastoral da CEP, datada de 2010, “Como eu fiz, fazei vós também”, a Europa é terreno de missão “ad gentes”. Por isso, não nos basta conservar as comunidades já existentes como estão. É necessário, mesmo inadiável, levantar-se e partir em missão (cf. N°11). E para cumprir este mandato de Cristo, cada um dos Seus discípulos tem de saber assumir o caminho de que Ele próprio nos deu o exemplo, a saber: caminho de pobreza, de obediência, de serviço e de imolação até à morte.

Seguindo este Seu caminho, saberemos vencer as tentações de nos limitarmos ao que ainda julgamos ter de seguro nas nossas comunidades e tradições de Fé, pois isso seria morrer a prazo (cf. N°23).

Queremos, nesta Quaresma assumir, com o máximo empenho, as seguintes propostas que o Papa Francisco faz para o Outubro Missionário/2019, como são apresentadas na Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa “Todos, tudo e sempre em missão” de 2018, nº 7:

1. Aprofundar o nosso encontro vivo e pessoal com Cristo, única fonte do verdadeiro dinamismo missionário;

2. Reforçar o nosso testemunho de Fé, inspirados nos modelos de santidade e de martírio que a Igreja nos propõe;

3. Relançar o nosso entusiasmo pela formação em matérias decisivas para a vivência e transmissão da Fé, como são a catequese, a Bíblia, a espiritualidade e mesmo as matérias propriamente teológicas;

4. Assumir a recomendação que nos é feita de praticarmos a caridade missionária, com renúncias a favor da ajuda material para os trabalhos da evangelização, quer nas Igreja novas quer nas de mais antiga tradição.

Ora, em resposta sobretudo a esta última recomendação que o Papa Francisco nos faz, a nossa renúncia quaresmal é dirigida, este ano, para iniciativas de formação missionária, sendo metade destinada aos nossos organismos diocesanos de evangelização e outra metade para apoiar várias iniciativas de missão “ad gentes” que nos estão a solicitar apoios.

Para vivermos esta Quaresma verdadeiramente empenhados no reforço da nossa responsabilidade missionária, pede-se a todos os sacerdotes, diáconos e outros agentes pastorais que tomem como fonte de inspiração das suas várias iniciativas quaresmais os dois documentos da Conferência Episcopal Portuguesa referidos, a saber: “Como eu fiz, fazei vós também” (2010) e “Todos, tudo e sempre em missão” (2018).

Pede-se ainda a cada arciprestado que organize o seu retiro ou recolção de pelo menos um dia, durante esta Quaresma, devidamente anunciado, quanto possível sobre a nossa responsabilidade missionária. O Bispo Diocesano também está disponível para tomar parte em iniciativas destas combinando com os respectivo arcipreste.

A Maria, Mãe da Igreja e Rainha das missões, pedimos que nos ensine e ajude a tornar a Igreja toda missionária e a fazer de cada paróquia, que é a Igreja a residir no meio das casas de seus filhos e filhas, uma casa aberta e feliz, verdadeiro átrio da fraternidade.

Guarda, 24.2.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2. Quinta-Feira santa

Homilia da Missa Crismal

Estimados Padres:

Louvemos o Senhor pelos compromissos sacerdotais que hoje renovamos.

Na passagem do Evangelho de S. Lucas que acabámos de escutar, depois de ler a profecia de Isaías, Jesus diz – “cumpriu-se hoje mesmo a passagem da Escritura que acabais de ouvir”.

Ora este hoje de Jesus é também o hoje de cada um de nós sacerdotes, que Ele chamou para o seguirmos mais de perto e podermos agir na sua pessoa, *in persona Christi*.

Jesus é, de facto, aquele sobre o qual repousa em plenitude o Espírito do Senhor. É o enviado de Deus para proclamar e cumprir o ano da Graça do Senhor, o dia e a hora da justiça divina. E o programa desse dia está bem definido pelo profeta, pois trata-se de anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os corações atribulados, levar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros.

Foi este o programa com o qual Jesus se apresentou e que hoje também nós queremos fazer o nosso programa, porque é o programa da própria Igreja.

Situando-nos ainda dentro do mesmo anúncio profético, nós sentimo-nos naturalmente visados, quando lá se diz – “Sereis chamados Sacerdotes e Ministros do nosso Deus”.

A Pessoa de Jesus que, segundo o Evangelho, cumpre a profecia, é a referência e o modelo do nosso Ministério sacerdotal; mais do que isso, Ele está presente em nós mesmos e em tudo o que por força do Ministério Ordenado, nós fazemos. Sendo a testemunha fiel, o primogénito dos mortos, aquele que pelo seu sangue nos libertou do pecado e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus Seu Pai, como nos diz o Apocalipse, indica-nos o caminho por onde havemos de hoje ser seus ministros. Nele e pela união com ele, temos a segurança e todas as garantias de que precisamos para o exercício do Ministério que nos está confiado.

Estimados padres, estamos a viver mais uma manhã de Quinta-Feira Santa, em solene celebração da Missa Crismal que nos leva ao coração do Ministério Sacerdotal que nos está confiado desde o dia da nossa Ordenação. Mergulhamos, assim, na nossa identidade como sacerdotes de Cristo e membros do Presbitério ao qual Ele confia a responsabilidade por esta porção do seu povo que é a Diocese da Guarda.

Queremos, por isso, lembrar hoje pontos essenciais da nossa identidade sacerdotal e as consequências que daí advêm para a nossa vida e para o serviço que nos é pedido e nós queremos prestar com dignidade.

E o primeiro desses pontos essenciais é a nossa íntima e profunda ligação à Pessoa de Jesus Cristo, sumo e único Sacerdote e Bom Pastor. De facto, enquanto Ministros Ordenados, somos portadores de uma configuração especial com Cristo, por força do Sacramento da Ordem, a acrescentar àquela original e primeira configuração que nos vem do Sacramento do Baptismo. Por isso, dizemos e com verdade que a Ordenação habilita o presbítero para agir “in persona Christi”, tendo este agir o seu ponto culminante no momento da consagração do Pão e do Vinho, que repete as palavras e os gestos de Cristo na Última Ceia.

De facto, nós enquanto sacerdotes nascemos da Eucaristia, como também, por vontade do mesmo Cristo, não há Eucaristia senão através do serviço sacerdotal. Portanto não existe Eucaristia sem sacerdócio como não existe sacerdócio sem Eucaristia. Concluimos, assim, que há uma específica reciprocidade entre Eucaristia e Sacerdócio, reciprocidade essa que tem origem no Cenáculo. Estamos, de facto, diante de dois sacramentos que nascem juntos e que continuam indissociavelmente ligados até ao fim dos tempos.

Estimados padres, se hoje louvamos o Senhor pela grandeza do Ministério que nos está confiado, apesar das nossas limitações e mesmo pecados, também rezamos, com todo o Povo de Deus não apenas pela nossa santificação, mas também para que não falem à Igreja os sacerdotes de que ela precisa.

De facto, sobretudo durante os últimos anos, temos vindo a sentir que é insuficiente o número de sacerdotes de que dispomos para darmos a devida resposta às crescentes exigências da evangelização e da missão, como também para o cuidado pastoral dos fiéis e das comunidades. No nosso Seminário não temos, neste momento, os seminaristas de que efetivamente precisamos e este é um facto que não podemos arredar das nossas preocupações de sacerdotes.

Mas também a verdade é que esse facto não pode diminuir a nossa confiança no Senhor da Messe, sabendo nós que as vocações são sempre um dom de Deus que nós temos a obrigação de pedir incessantemente. À oração impõe-se acrescentar a clareza da nossa doação pessoal, enriquecida pela oferta silenciosa do testemunho e mesmo do sofrimento diante de situações que muitas vezes temos dificuldade em gerir.

Este é, de facto, o primeiro e mais eficaz meio da pastoral vocacional em ordem ao Ministério Sacerdotal.

Olhemos agora de modo especial para o Senhor Jesus na Última Ceia a instituir a Eucaristia, mas também o Sacramento que faz de nós seus ministros no Sacerdócio.

É este o momento indicado para tomarmos consciência de que a partir daí o mesmo Jesus não se cansa de procurar e chamar os que ele livremente deseja escolher. Aqui está a origem e a fonte perene da verdadeira pastoral das vocações.

E nós, Sacerdotes, dessa mesma pastoral vocacional somos os primeiros responsáveis, procurando os melhores caminhos para descobrir, acompanhar e ajudar todos os que ele deseja associar ao seu Sacerdócio para saberem responder generosamente ao seu convite. De facto, e convém lembrá-lo hoje de forma especial, da nossa fidelidade pessoal a Cristo, do amor que nutrimos pela Eucaristia e do fervor com que a celebramos e a devoção com que a adoramos depende em muito que haja respostas generosas ao convite que Jesus continua a fazer. Isto porque só sacerdotes enamorados da Eucaristia são capazes de comunicar aos adolescentes e jovens de hoje o entusiasmo para se entregarem generosamente à mesma causa.

De facto, antes e acima de qualquer outra iniciativa de promoção vocacional está o testemunho da nossa fidelidade pessoal ao serviço do Povo de Deus e às promessas sacerdotais que fizemos no dia da nossa Ordenação e hoje vamos renovar.

A este testemunho precisamos de acrescentar o convite explícito, como nos lembra o Papa Francisco na exortação apostólica sobre os jovens publicada há poucas semanas. Nela nos recomenda para nos atrevermos a dizer a cada jovem que se interrogue sobre a possibilidade de seguir este caminho (nº275).

Este dia e esta celebração são também o momento próprio para lembrarmos e darmos graças pelos jubileus sacerdotais dos irmãos sacerdotes do nosso presbitério que este ano cumprem 70, 60 e 25 anos de Ministério sacerdotal.

Assim cumprem 70 anos de vida sacerdotal os nossos irmãos Padres Álvaro do Nascimento Terreiro, José Moreira Martinho e José Soares Coelho. Todos frequentaram os seminários diocesanos. Dois foram ordenados pelo Sr. D. Domingos da Silva Gonçalves e um pelo Sr. D. José Alves Matoso.

O Rev.do Padre Álvaro do Nascimento Terreiro depois da Ordenação sacerdotal serviu a nossa Diocese durante uma dúzia de anos e a seguir foi enviado para o serviço de capelão militar, no ano de 1962. A partir de 1967, com residência em Lisboa dedicou-se a ações de formação na área da psicologia e pedagogia, incluindo orientação vocacional, tendo para esse efeito procurado formação académica complementar na Pontifícia Universidade de Salamanca e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada

em Lisboa. Presentemente distribui o seu tempo por Lisboa e por Almeida, sua terra natal.

O Rev.do Padre José Moreira Martinho começou por exercer o Ministério na cidade da Guarda como coadjutor na Sé e S. Vicente. Um ano depois, foi nomeado pároco de S. Romão, funções que exerceu até setembro do ano passado. Pelo meio desempenhou várias outras funções, como arcepreste, director diocesano do Apostolado da Oração, além de pontualmente ter servido pastoralmente outras paróquias do arceprestado de Seia. O apoio à Liga dos Servos de Jesus, assim como a variadas instituições locais de ensino e acção social e outras são notas marcantes da sua presença nesta paróquia de S. Romão e no arceprestado de Seia, onde continua a residir.

O Rev.do Padre José Soares Coelho iniciou a o exercício do Ministério no arceprestado de Gouveia, mais propriamente nas paróquias de Rio Torto, Lagarinhos e Nespereira, onde permaneceu mais de 30 anos. Em 1986 foi nomeado pároco de Paranhos da Beira e Tourais, vindo a acumular com Girabolhos. Foi dispensado de responsabilidades paroquiais no ano de 2016 e agora, residindo em Gouveia, continua a colaborar em várias iniciativas pastorais, nomeadamente acompanhando equipas de casais.

Cumprem 60 anos de vida sacerdotal os Rev.dos Padres António Brás Carreto, António Carlos Dias Gama e Fernando Brito dos santos. Todos frequentaram os seminários diocesanos e foram ordenados pelo Sr. D. Domingos da Silva Gonçalves.

O Revd.do Padre António Brás Carreto iniciou o Ministério sacerdotal imediatamente a seguir à Ordenação na Paróquia de Alvalade, acumulando depois com Avelãs de Aambom e Rocamondo. Em 1964 foi nomeado Pároco de Aldeia da Ponte e em 1976 passou a estar ao serviço do Patriarcado de Lisboa, onde lhe foram confiados vários serviços pastorais entre eles o de administrador paroquial de da Paróquia de S. Vicente de fora onde se encontra sediado a Cúria Patriarcal. Presentemente continua em Lisboa, a residir na Casa Sacerdotal do Patriarcado.

O Rev.do Padre António Carlos Dias Gama iniciou o exercício do Ministério sacerdotal na Paróquia de Juncais, arceprestado de Gouveia e três anos depois foi nomeado pároco da Capinha, acumulando depois com Escarigo. Dispensado das funções paroquiais, assumiu o serviço da capelania da Santa Casa da misericórdia do Fundão. Pelo meio, ficaram as funções de docente nas escolas do Fundão, tendo, assim, prestado valiosos serviços a muitos adolescentes e jovens.

O Rev.do Padre Fernando Brito dos Santos teve o exercício do Ministério sacerdotal desde o início ligado à Paróquia da Conceição na Covilhã, onde começou como coadjutor. São importantes marcas dos muitos

serviços que prestou as de assistente diocesano da JOC e LOC, a responsabilidade pelo departamento diocesano da pastoral juvenil, a as funções de chefe de redação primeiro e depois de diretor do Notícias a Covilhã, a direção do centro cultural e social da Covilhã e ainda as de arcepreste e de membro do Cabido da Catedral e do Colégio de Consultores da Diocese. A sua relação com a Juventude esteve também marcada pelos muitos anos em que foi professor nas escolas da Covilhã.

Cumprem 25 anos de vida sacerdotal os Rev.do Padres Américo Real Barroca, Carlos Manuel Gomes Helena, Francisco Pereira Barbeira, José Manuel Dias Figueiredo e Jorge Manuel Tavares Colaço. Foram todos ordenados pelo Sr. D. António dos Santos; os 4 primeiros no dia 10 de julho e o último no dia 8 de dezembro e todos frequentaram os seminários diocesanos. Enquanto o mais numeroso dos últimos anos, podemos considerar este grupo de sacerdotes uma grande bênção para a nossa Diocese.

O Rev.do Padre Américo Real Barroca durante os primeiros três anos de exercício do Ministério, desempenhou funções em Paróquias do arceprestado da Guarda e também de capelão militar. Em 1996 foi nomeado Pároco das seguintes paróquias do arceprestado do Sabugal – Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Forcalhos e Lageosa, vindo depois a alargar a seu cuidado pastoral a outras e contando atualmente com um outro sacerdote seu cooperador pastoral. Desempenha também funções de assistente da Caritas diocesana.

O Rev.do Padre Carlos Manuel Gomes Helena desempenhou funções paroquiais, desde o início, no arceprestado de Celorico da Beira, acumulando com as de Notário do Tribunal Eclesiástico. Em 1996 foi nomeado Pároco, nesse mesmo arceprestado, de Açores e Fornotelheiro, alargando depois a outras, do mesmo arceprestado, a sua responsabilidade pastoral. Depois da licenciatura em Direito Canónico pela Universidade Católica Portuguesa, foi nomeado juiz do Tribunal Eclesiástico e desempenha presentemente funções de Vigário Judicial do mesmo Tribunal.

Em 2016 foi nomeado pároco de Via Franca das Naves, Póvoa do Concelho, Moimentinha, Granja, Vale de Mouro, Feital e Vilares, no arceprestado de Trancoso.

O Rev.do Padre Francisco Pereira Barbeira, depois de algum tempo como prefeito do Seminário do Fundão, foi nomeado em 1996, Pároco de Vale de Estrela e Famalicão da Serra, acumulando depois com Fernão Joanes. Concluiu a licenciatura no Instituto Superior de Ciências Religiosas da UCP, fez Mestrado em Comunicação Social na Universidade Pontifícia de

Salamanca, no ano de 2001 e desde 2003 está ligado ao Jornal “A Guarda”, primeiro como chefe de redação e atualmente como diretor. É vice-presidente da Assembleia Geral da Associação de Imprensa de inspiração cristã, orienta a Casa *Veritas* e é diretor do Secretariado Diocesano das Comunicações Sociais.

O Rev.do Padre José Manuel Dias Figueiredo desempenha, desde o início funções paroquiais no arciprestado de Alpedrinha. Tendo começado nas paróquias de Alameda e S. Vicente da Beira, acumulou depois com Ninho do Açor e pontualmente serviu outras paróquias do mesmo arciprestado. Desempenha também funções de arcipreste e de assistente diocesano do CNE.

O Rev.do Padre Jorge Manuel Tavares Colaço iniciou o exercício do Ministério no arciprestado do Rochoso, foi depois integrado na equipa formadora do Seminário do Fundão. Voltou à Guarda como pároco de Aldeia do Bispo Alvendre, Rocamondo, Avelãs de Ambom e Vila Franca do deão. Cuidou depois de Ramela, Benespera e Vela. Foi ecónomo do Seminário da Guarda e durante algum tempo acompanhou os seminaristas maiores do nosso Seminário ao Instituto Superior de Teologia, então sediado em Viseu. Em 2006 foi nomeado Pároco do Fundão, acumulando depois com outras funções como Capelão da Santa Cada da Misericórdia do Fundão, arcipreste, ecónomo do Seminário do Fundão. Alargou pontualmente a sua ação pastoral a outras paróquias do mesmo arciprestado.

Louvemos o Senhor, nesta Concelebração de Quinta-Feira Santa, pela graça que nos concede de também nela renovarmos as nossas promessas sacerdotais.

18.4.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. Vigília Pascal 2019 - Homilia

Irmãs e irmãos:

Naquela primeira madrugada da Ressurreição, era o primeiro dia da semana e o dia seguinte à celebração da Festa da Páscoa para os judeus, ao romper da manhã, as mulheres foram ao sepulcro de Jesus, levando consigo os perfumes próprios das cerimónias fúnebres.

Acompanhemos nós também estas mulheres, deixando-nos surpreender por aquilo que as surpreendeu a elas e deixando-nos envolver pela decisão que elas tomaram diante de tamanha surpresa.

De facto, contra todas as expectativas, encontraram a pedra de entrada removida e o sepulcro vazio. Entraram, mas não viram lá o corpo de Jesus, o que as deixou perplexas e sem palavras.

Apareceram-lhes dois anjos, em vestes resplandecentes, que as amedrontaram. Disseram-lhes palavras que mais inquietas as deixaram, como foram as seguintes: “Porque buscais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou”.

Alegremo-nos também nós irmãos, nesta Vigília Pascal, com as mulheres que, de facto, não entenderam a mensagem que lhes estava a ser transmitida. Foi uma surpresa tão grande que não dava entender.

Também nós hoje temos de continuar o nosso esforço de compreensão desta grande novidade que está no centro da nossa Fé, da nossa identidade cristã, enquanto baptizados e discípulos de Cristo. Por isso, juntamente com as mulheres queremos deixar-nos conduzir pela explicação que esses homens vestidos de branco as ajudaram a encontrar. Apelaram à sua memória para recordarem o que o mesmo Jesus lhes tinha dito, em terras da Galileia, ao avisá-las, como aos outros discípulos, de que o seu caminho passava por ser entregue às mãos dos pecadores e ser crucificado, mas ao terceiro dia havia de ressuscitar. E foi mesmo esta recordação sugerida pelos anjos que as levou a iniciar o processo da Fé na Ressurreição do Senhor Jesus.

E não perderam tempo, pois, como diz o mesmo Evangelho de S. Lucas, correram a contar tudo aos apóstolos, assim como a todos os outros.

Claro que o sucesso desta sua decisão de partirem, a correr, para contar tudo aos apóstolos não foi imediato. Aos apóstolos estas palavras pareciam um desvario, ou seja uma coisa sem sentido e, por isso, não acreditaram. Mas, pelo sim pelo não, Pedro foi averiguar o que se passava e correu ao sepulcro. Constatou que o corpo de Jesus não estava lá, mas somente as ligaduras. Voltou admirado com o que viu, mas sem se dizer que acreditou logo.

Hoje, ao celebrarmos esta Vigília Pascal, damos graças a Deus pelas primeiras testemunhas do acontecimento que inaugurou os novos tempos do Reino anunciado por Jesus, isto é a sua Ressurreição.

Não podemos deixar de registar que as primeiras testemunhas foram mulheres, que já tinham acompanhado Jesus durante a sua vida pública, nomeadamente na Galileia. E foram elas as que transmitiram esta novidade aos apóstolos.

Alegremo-nos e demos graças, porque, se nós hoje vivemos a Fé no Senhor Ressuscitado, devemos-lo a estas primeiras testemunhas do sepulcro vazio, depois às primeiras experiências das aparições de Jesus e à Igreja nascente reunida à volta dos apóstolos que acreditou e encontrou meios de transmitir às gerações futuras esta Fé no Senhor Ressuscitado.

Irmãos e irmãs:

Somos discípulos deste Senhor Jesus vivo e fonte de vida. E essa é também aquela nossa condição que recordamos e vamos reafirmar, dentro de momentos, com a renovação das promessas do nosso baptismo.

Escutámos a carta de S. Paulo aos Romanos, que é sempre lida na Vigília Pascal e nos dá a verdadeira chave de leitura da importância do nosso Baptismo e da razão de ser das promessas que nele fizemos ou alguém fez por nós e hoje renovamos, de viva voz, perante a comunidade. De facto, reafirmamos hoje, de novo, que pelo Baptismo estamos configurados com Cristo, sendo sepultados com Ele na sua morte e também ressuscitados com Ele para uma vida nova. E a explicação do apóstolo continua. Bem sabemos que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo para que fosse destruído o corpo de pecado e, com o mesmo Jesus Cristo, vivamos uma vida nova para Deus.

Fica, assim, delineado o que nós somos, discípulos de Cristo e com ele configurados, desde o dia do nosso baptismo e também o programa que havemos de cumprir.

A Festa da Páscoa, com a novidade de Cristo Ressuscitado e vivo no meio de nós, inicia-se hoje, na Vigília Pascal, continua no Domingo e Páscoa da Ressurreição e durante toda a semana pascal, que é um domingo continuado. Depois, todo o tempo pascal, até ao domingo de Pentecostes, nos convida a manter viva a chama da Fé na Ressurreição de Cristo com todas as implicações na nossa vida pessoal e comunitária, tanto no interior da Igreja como na sociedade que também é a nossa..

Vamos, por isso, procurar que o tempo pascal seja para nós oportunidade bem aproveitada para entrarmos por caminhos de renovação, primeiro pessoal, a partir do nosso interior, e depois com efeitos visíveis nas nossas relações

Celebrar a Páscoa é imperativo para intervir na construção do mundo novo inaugurado por Jesus Cristo. E esse mundo novo não é nem a restauração do passado, como se do tradicionalismo e das seguranças passadas quiséssemos fazer o nosso seguro de vida; nem é, pelo contrário, embarcar em qualquer utopia de futuro que seria só para aliviar as dores e curar as desilusões do presente.

Queremos, sim, pela ligação à Pessoa de Cristo Ressuscitado, cultivar o verdadeiro e legítimo sonho que se pode definir como Deus a sonhar em nós, ajudando-nos a experimentar neste mundo que é passageiro as certezas do mundo que há-de vir, eterno; certezas essas, porém, muito diferentes daquelas que, em geral, este mundo nos propõe.

E cito, para terminar, um caso ilustrativo desta diferença.

Um dia, interpelaram a Madre Santa Teresa de Calcutá, dizendo-lhe que o seu esforço pelas ruas daquela cidade a recolher moribundos não passava de uma gota de água no oceano. Pois recolhia por dia 2 ou 3 e os

moribundos eram às centenas. Portanto não valia a pena fazer tanto esforço.

Resposta de Madre Teresa, agora Santa Teresa de Calcutá: “Não vim para aqui à procura de êxito, mas tão só para tentar espelhar o amor infinito de Deus , onde há lugar para todos, mesmo para aqueles que eu não tenho capacidade para socorrer”.

Que esta resposta de Madre Teresa nos inspire as melhores formas de vivermos com determinação esta Páscoa.

20.4.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4. É Natal - Vamos ao Presépio

Entrámos no mês do Natal.

E, de repente, tudo, à nossa volta, mudou de cor, com a memória a transportar-nos àquelas pessoas e àqueles ambientes que mais marcaram e continuam a marcar as nossas vidas.

Tudo isto acontece, porque houve um Menino que nasceu em Belém, há dois mil anos, fora da cidade e numa manjedoura.

O Papa Francisco, logo no 1º dia do mês do Natal, resolveu deslocar-se ao lugar onde foi construído o primeiro presépio, há 800 anos e, a partir de lá, dirigir ao mundo uma mensagem sobre o que significa este “Sinal Admirável”.

Diz-nos ele que este é um sinal admirável, porque nos anuncia o mistério profundo da Encarnação do Verbo e sobretudo constitui sempre uma forma genuína de propor, com simplicidade e beleza, a Fé Cristã. Manifesta a ternura de Deus, porque o criador resolve descer até à pequenez da criatura. É, por isso mesmo, apelo a seguirmos pelo caminho da humildade, da pobreza, do despojamento, a exemplo de Jesus e a encontrá-lo nos irmãos e irmãs mais necessitados.

O Presépio coloca-nos também diante do encanto da Sagrada Família, modelo de todas as famílias chamadas a ser santuários da vida e do amor.

Falando de famílias, falamos da fonte da vida; vida que começa pequenina, cresce, desenvolve-se até à maturidade; vida que passa por etapas variadas, como são a infância, a adolescência , a juventude, a idade adulta, até ao termo natural da existência sobre a terra.

Todas estas etapas são importantes, mas algumas requerem mais atenção, porque envolvidas em maior fragilidade e dependência, como são sobretudo as do princípio e do fim.

Às vezes, surge a tentação do abandono e até mesmo da rejeição das pessoas, sobretudo na primeira e na última das etapas da vida, ou porque vêm incomodar ou porque passaram a ser um peso.

A mensagem do Menino de Belém é clara e diz-nos que a vida é sagrada em todas as suas etapas. Por isso, quer o aborto quer a eutanásia ou quaisquer outras formas de atropelo à vida não podem ter lugar em sentimentos verdadeiramente humanos.

Mas não basta recusar teoricamente os atropelos à vida. Precisamos de saber organizar-nos para darmos respostas convincentes às necessidades variadas que se multiplicam à nossa volta. Entre as respostas mais ajustadas estão as instituições de apoio social, geralmente de iniciativa privada, que têm acordos de cooperação com a administração pública.

Todos conhecemos a importância destas instituições nos nossos meios, principalmente por duas razões. Uma delas é que as populações, percentualmente mais envelhecidas do que nos grandes centros, precisam delas. A outra é que em muitas das nossas terras elas são a única oferta de emprego.

Mas a verdade é que elas estão a passar por dificuldades acrescidas, principalmente devido às exigências da legislação em vigor e porque as reformas dos seus utentes, em geral, são muito reduzidas e têm diminuído no seu poder de compra. Por sua vez, os apoios estatais, de facto, têm diminuído igualmente, mesmo quando os montantes se conservam os mesmos, sabendo nós que os encargos não param de subir.

O que tem acontecido é que muitas destas instituições estão hoje a viver de poupanças próprias, que puderam fazer quando os apoios eram mais significativos.

É chegado o momento, por isso, de a tutela do Estado dialogar a sério com estes serviços e considerá-los caso a caso, para ajudar a encontrar caminhos de sustentabilidade, onde eles já não existem ou estão em perigo.

Este é, de facto, um caminho de cooperação que tem história feita entre nós, com resultados muito positivos e que a população precisa de que não seja interrompido.

O Natal e a mensagem de Belém, ao colocar os mais pobres no centro das nossas atenções, exige que não fiquemos parados mas nos esforcemos conjuntamente por procurar as soluções mais ajustadas.

Que a bênção do Menino de Belém seja o grande presente do nosso Natal.

12.12.2019

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

II - Eventos Pastorais

1. 14 anos ao serviço da Diocese da Guarda No Ministério Episcopal

Cumprem-se hoje catorze anos sobre o dia em que dei entrada nesta nossa Diocese da Guarda, nomeado Bispo Coadjutor do Sr. D. António dos Santos pelo então Papa e agora São João Paulo II.

Era domingo, um dia muito frio, como frios foram todos os dias que se lhe seguiram, em que praticamente sempre saí e entrei em casa com temperaturas muito negativas. Mas esse frio era largamente compensado pelo calor humano e de Fé que se sentia nas pessoas em geral e em particular nos Sacerdotes do nosso Presbitério que me acolheram.

Hoje pretendo fazer, diante da Diocese, um balanço do último ano aqui vivido, desde o dia 16 de janeiro passado.

Assim, todo o ano de 2018 foi marcado pelo esforço conjunto de fazer recepção da nossa Assembleia Diocesana, que se realizou a meio do ano de 2017. Pretendemos, com esse esforço, levar ao conhecimento de toda a nossa Diocese as proposições aprovadas nessa Assembleia e, em jeito de caminhada sinodal, identificar, o melhor possível, quais as prioridades a ter em conta na aplicação dessas proposições.

Para cumprirmos esse propósito, ao longo do ano, contactei com cada um dos nossos sacerdotes, presidi à celebração da Eucaristia concelebrada por cada um deles, no espaço da sua acção pastoral e também me encontrei com a sua equipa de colaboradores pastorais.

Trouxe comigo importantes registos de dados colhidos nestes encontros.

Por sua vez, em cada arciprestado, reuni com o respectivo Conselho Pastoral Arciprestal e também com o conjunto dos conselhos pastorais para os assuntos económicos vindos de cada paróquia.

Estes encontros tiveram sempre como referência por um lado as proposições da assembleia diocesana e, por outro, as realidades humanas, sociais e pastorais de cada um dos lugares. Contribuíram, em muito, para definir as linhas orientadoras da carta pastoral programática pedida na Assembleia Diocesana.

Essa carta saiu com o título de “Guiados pelo Espírito, Igreja em renovação” e foi apresentada na Sé da Guarda aquando do dia da Igreja Diocesana, em 2 de junho passado.

Pretendeu esta carta, assinada pelo Bispo Diocesano definir as linhas orientadoras que deverão integrar os diferentes programas pastorais anuais dos próximos tempos.

Sendo assim, para o programa pastoral do ano em curso escolhemos dois pontos indicados nessa carta, a saber: apostar na formação de formadores, principalmente os nossos catequistas da catequese da Infância e Adolescência e também motivar os fiéis e as comunidades para a consciência das responsabilidades missionária.

Desta forma, sintonizamos também com duas preocupações da Igreja em Portugal que são as seguintes: reforçar a formação dos catequistas e viver o ano missionário declarado pela Conferência Episcopal preparatório do especial outubro missionário decidido pelo Papa Francisco.

Na tentativa de dar cumprimento a este programa pastoral, até agora, o Departamento Diocesano da Catequese da Infância e Adolescência e o Bispo Diocesano fizemos encontros por arciprestados com o respectivo clero e depois com os seus catequistas. Neste momento só falta fazer, num dos arciprestados, o encontro com os respectivos catequistas.

Tenho de considerar este percurso muito positivo, com muitos catequistas desejosos de progredir na sua formação e reforçar a qualidade do serviço que prestam. Foi sublinhado, em todos esses encontros, quer com os sacerdotes e diáconos quer com os catequistas que a notável rede de catequistas que temos, por graça de Deus, instalada por toda a Diocese pode ser um dos melhores instrumentos que devemos saber aproveitar para renovação das nossas comunidades. E saiu também reforçado o desejo de que isso aconteça com o melhor empenho quer dos sacerdotes e diáconos quer dos catequistas. Foram feitas importantes sugestões sobretudo para o acompanhamento e formação contínua dos mesmos catequistas e também para aplicar o programa de formação aprovado pela Conferência Episcopal.

Uma outra preocupação que nos acompanhou, ao longo de todo este ano foi dar cumprimento ao pedido feito na nossa assembleia diocesana para nos envolvermos numa justa reorganização pastoral de toda a Diocese. A pedido da mesma Assembleia Diocesana, foi nomeada uma comissão para esse efeito que se espera a todo o momento possa apresentar os dados da sua reflexão e propostas. A etapa seguinte será, tanto quanto possível em caminhada sinodal, levar esta proposta à apreciação das diferentes instâncias de aconselhamento e decisão da Diocese para que oportunamente possam ser dadas orientações chanceladas pelo Bispo Diocesano sobre esta matéria.

Do conjunto dos eventos pastorais que tiveram lugar ao longo deste ano, destacam-se os seguintes.

No dia 17 de junho, vivemos o acontecimento especialmente marcante para toda a nossa Diocese que foi a Ordenação Episcopal de D. António Luciano, agora Bispo de Viseu.

Em outubro, coincidindo com a solenidade do aniversário da dedicação da nossa Catedral, foi ordenado o diácono Daniel, que esperamos, por graça de Deus, seja ordenado Sacerdote ainda durante o ano em curso.

No nosso Mosteiro do Carmelo da Santíssima Trindade, celebrou a sua solene profissão religiosa a Irmã Ana Francisca, que podemos considerar a primícia vinda da nossa Diocese para esta Ordem Religiosa contemplativa, fundada entre nós no ano de 1994.

Também nos despedimos do Sr. D. António dos Santos, que o Senhor entendeu por bem chamar a si no dia 26 de março passado. A Diocese fica-lhe profundamente agradecida e garante-lhe a sua oração de sufrágio.

Em sintonia com o Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional, que se realizou em outubro passado, as jornadas de formação permanente do nosso clero foram, este ano, sobre o acompanhamento pastoral dos jovens.

Pessoalmente, acompanhei, durante seis dias, em Taizé, em agosto passado, um grupo de jovens alunos que frequentam as aulas de educação moral e religiosa católica na nossa Diocese, com alguns dos seus professores.

Também a denominada “Missão País” esteve entre nós, em dois lugares diferentes, durante este ano. Trata-se de grupos de jovens universitários que dedicam pelo menos parte das suas férias para irem em missão, e vieram até aos nossos meios, trazendo consigo o testemunho da Fé e do serviço à comunidade, particularmente aos jovens. E ao longo do ano em curso está previsto recebermos mais três conjuntos destes jovens universitários.

Em meados de novembro, durante uma semana, os institutos missionários ad gentes (IMAG) fizeram a sua assembleia geral na nossa Diocese, mais propriamente em Gouveia, no Seminário dos Missionários de S. João Baptista. Registe-se que este evento se deu em pelo ano missionário preparatório do especial outubro missionário de 2019.

Continuam a ser preocupações minhas e de toda a nossa Diocese, entre outras as seguintes:

Cuidar o melhor possível o nosso Seminário e a pastoral das vocações sacerdotais, pois de outro modo a saúde das nossas comunidades necessariamente tem de se ressentir. Sem sacerdotes verdadeiramente empenhados em servir o Povo de Deus segundo o Coração de Cristo, não pode haver autêntico crescimento na vida da Fé.

Continuar a criar todas as condições para que os nossos sacerdotes possam responder às necessidades verdadeiras dos fiéis e das comunidades da Diocese, quer pela formação teológico-pastoral, quer pela vida espiritual, quer também pelo aprofundamento da cooperação entre eles, progredindo no espírito de vida em Presbitério. Os sacerdotes da nossa Diocese que participámos no último simpósio do clero realizado em Fátima, nos primeiros dias de setembro, trouxemos motivação para progredir neste caminho de vida em presbitério.

O serviço dos nossos diáconos permanentes é outra realidade pastoral relativamente nova que precisamos de continuar a otimizar para que aos fiéis e às comunidades não falte a ajuda e o acompanhamento de que precisam. O novo grupo de candidatos ao diaconado, em formação, é importante razão de esperança.

Desejando fazer da nossa vida diocesana cada vez mais uma caminhada sinodal, sentimos a obrigação de valorizar cada dia mais os órgãos de participação, aconselhamento e decisão, como são os conselhos pastorais diocesano, arceparcial e paroquial ou inter-paroquial e ainda os grupos de colaboradores pastorais de cada pároco.

Queremos empenhar-nos para que os diferentes serviços diocesanos, a começar pelos secretariados da acção pastoral sejam devidamente operativos no apoio à pastoral paroquial e interparoquial e sentimos também necessidade de que os movimentos apostólicos que já temos procurem rever a sua acção e programas para se ajustarem da melhor maneira ao que exigem os novos tempos. Queremos também discernir quais os novos movimentos de acção pastoral que nos estão a fazer falta e empenharmo-nos na sua criação.

Finalmente, não posso deixar de referir outra preocupação, que é a gestão do nosso património para serviço da acção pastoral. Hoje estamos a sentir dificuldades acrescidas sobretudo quando se trata de procurarmos novas finalidades para património, geralmente muito valioso, que recebemos passado e que foi pensado e utilizado para finalidades que hoje já não se justificam.

Rezamos para sermos cada vez mais, ao longo do ano que temos à nossa frente, “guiados pelo Espírito, Igreja em renovação”, como propõe a carta pastoral apresentada à Diocese no passado dia da Igreja Diocesana

Guarda, 16.1.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

2. Jornada Mundial da Juventude - catequese

Tema desta catequese: “Sou a serva do Senhor”

Todos estamos, agora mesmo, a representar, na nossa memória, a cena de Maria de Nazaré, em sua casa, nas tarefas domésticas, como acontecia com as jovens da sua idade, e, de repente aparece a surpresa: Um anjo – S. Gabriel – que lhe anuncia uma novidade surpreendente – vais ser Mãe do Salvador. Alguma confusão passou por todo o seu ser; mas com total confiança na Palavra do Anjo, que era a Palavra de Deus, responde com decisão – Aqui estou. Sou a serva do senhor.

O Papa Francisco, que apontou para esta Jornada Mundial da Juventude o modelo de Nossa Senhora, em sua atitude de resposta pronta à saudação do Anjo – “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a Tua Palavra”, fala-nos, a propósito desta atitude de Maria, no que ele chama “a revolução do serviço”.

De facto, como repete a expressão popular, quem não vive para servir não serve para viver.

Mas o mesmo Papa Francisco acrescenta um ponto muito importante que dá verdadeiro sentido a essa “revolução do serviço” que é o seguinte: para prestar bom serviço aos outros é preciso ter a coragem de entrar, primeiro, em diálogo com Deus, no silêncio do nosso coração. E nesse diálogo silencioso, ter a coragem de fazer uma e outra vez a pergunta – “Senhor que queres de mim”, em atitude escuta, como o fez Maria. Depois é preciso mais uma outra coisa – trazer esse diálogo interior para o diálogo com mais alguém da nossa confiança que nos ajude a discernir o que Deus pede a cada um de nós.

O que Deus quer de cada um é a sua vocação, a qual será sempre servir a comunidade e os outros por caminhos variados, seja no matrimónio, seja na vida consagrada, seja no sacerdócio.

Não esqueçamos nunca o que diz o Papa Francisco na mensagem para esta jornada mundial – “dar uma resposta afirmativa a Deus é o primeiro passo para ser feliz e fazer os outros felizes”.

Deixo uma nota pessoal. Quando presido à celebração do santo Sacramento do Santo Crisma e encontro uma jovem que se chama Beatriz – e isso acontece muitas vezes – naquele pequenino diálogo que estabelecemos, costumo dizer-lhe “não te esqueças que só tens de cumprir o teu nome – ser feliz e fazer felizes os outros. Mas também quando encontro algum com o nome de Manuel (eu também assim me chamo) não perco a oportunidade de lhe dizer – tens uma grande responsabilidade que é cumprir o teu nome “Deus conosco”.

Felizmente que temos bons exemplos a convidar-nos para, com a coragem de Maria, dizermos sempre sim a Deus. E são-nos propostos, nesta Jornada mundial da juventude, principalmente dois exemplos, dois nomes que são patronos desta jornada. Um deles é Santa Rosa de Lima;

o outro é S. José Santos del Rio; dois santos das Américas, a primeira ligada à capital do Peru; o segundo mexicano.

Ambos responderam com decisão exemplar à chamada de Deus, embora em situações muito diferentes.

Assim, Santa Rosa de Lima, jovem de uma rara beleza física – por isso, lhe deram o nome de Rosa, que não era o nome de Baptismo - passava horas e horas em adoração contemplativa diante do Santíssimo Sacramento. Fez voto de castidade, apesar da oposição de seus pais que queriam, à força, que ela fosse para o casamento. Desejou entrar num convento, mas devido à oposição dos pais, entrou na ordem terceira de S. Domingos. Fazia oração e penitência constantes numa gruta que ela própria construiu.

E foi esta sua relação forte com Deus que a motivou para prestar serviço aos outros, particularmente aos mais necessitados, os pobres. Desfez-se de objetos valiosos que tinha para auxiliar os pobres.

Lembro, a propósito, que o Papa Francisco, na sua mensagem para esta jornada mundial da juventude, refere como grande sinal da tal “revolução do serviço”, na vida dos jovens de hoje, que muitos deles, uns crentes e outros não, mesmo durante o período dos estudos, mostram desejo de dedicar tempo e energias para ajudar os outros. E está aqui a “grande força dos jovens” para utilizar a expressão do Papa na vídeo mensagem para estas jornadas.

Por sua vez, São José Sanchez del Rio é um santo quase dos nossos dias. Foi canonizado no ano de 2016 pelo Papa Francisco. Mexicano e mártir da revolução mexicana de 1926. Em tempos de perseguição religiosa contra a Igreja e contra os cristãos, não teve medo de afirmar a sua Fé em público, apesar de saber que isso o levaria ao martírio. E foi o que aconteceu. Com 15 anos, foi preso, encarcerado e depois martirizado. No meio das perseguições, teve expressões como esta – “nunca foi tão fácil como agora alcançar o céu”.

Exemplos como este dizem-nos que só vale a pena viver, quando se dá a vida por causas nobres. Só assim seremos nós próprios, capazes de deixar rasto positivo na história que estamos a construir juntamente com os outros.

A este propósito de cumprirmos a missão de marcar a história de forma positiva, cito um jovem anglo-italiano, de nome Carlo Acutis, que morreu com 15 anos também, vítima de leucemia.

Com esta idade, era um apaixonado pela Internet e pela Eucaristia, realidades que nos podem parecer tão díspares, mas que para ele não eram. Teve, em dada altura, este desabafo, que vale a pena registar: “Todos nascem como seres originais, mas muitos morrem como fotocópias”.

Nós não queremos ser fotocópias das culturas dominantes que nos querem impor e por meios geralmente sofisticados, fazendo de nós instrumentos para objectivos que não são nossos, mas que servem geralmente interesses encobertos.

Nós queremos ser sempre e até ao fim originais, respondendo com originalidade e criatividade, às situações variadas que nos aparecem no caminho da vida.

E queremos sê-lo com o Maria, a Serva do Senhor, modelo da autêntica “revolução do serviço”.

Tempo para alguma partilha e, se necessário, perguntas.

24.1.2018, festa S. Francisco de Sales
+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. 6ª Escola de Verão sobre Direitos Humanos

Promovida pela Conferência das Igrejas Europeias em parceria com o COPIC

Com o tema: liberdade de expressão e populismo

Realizada em Lisboa, Seminário da Torre d’Aguilha (Espiritanos) de 17 a 20 de junho de 2019

Ex,mos Senhoras e Senhores participantes nesta sexta Escola de Verão sobre Direitos Humanos:

Em nome do Departamento do Diálogo Ecuménico da Conferência Episcopal Portuguesa, da Igreja Católica, desejo, antes de mais, felicitar a Conferência das Igrejas Europeias (KEK) e o Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC) por esta iniciativa de trazerem para Portugal, nesta cidade de Lisboa, a sexta escola de verão sobre direitos humanos.

Estamos todos muito honrados pela realização deste evento entre nós, o que acontece pela primeira vez.

Congratulo-me também com escolha do tema para este sexta Escola de verão sobre direitos humanos, que de facto envolve três eixos, cada um dos quais muito importante, como também é importante a relação entre eles, a saber, a Teologia, a liberdade de expressão e o populismo.

Caminhando do último para o primeiro, todos estamos a sentir o perigo que constitui para as actuais democracias o avanço do populismo, que, de facto está a conquistar terreno nos processos eleitorais da Europa Ocidental.

Basta dizer que, no conjunto das forças representadas no actual parlamento europeu saído das últimas eleições, aquelas mais ligadas ao populismo cresceram de 30 lugares para mais do dobro.

E temos de atribuir este fenómeno principalmente ao facto de as populações começarem a ficar cansadas com os erros cometidos pela democracia tradicional, nomeadamente os escandalosos actos de corrupção que se multiplicam. Por isso, soluções que são do agrado das pessoas, embora irrealistas, quando propostas por líderes mais ou menos carismáticos, conquistam terreno, como o estamos a verificar. Não podemos esquecer que foram propostas desta natureza que levaram ao poder as ideologias radicais que estiveram na origem à segunda guerra mundial.

Por sua vez o direito à liberdade de expressão é a base das modernas democracias e constitui mesmo o artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada há 61 anos. Aí se diz que todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão. Este direito supõe que as pessoas têm acesso aos meios considerados necessários e convenientes para o seu exercício, sem que haja qualquer represália, o que supõe a recusa de qualquer forma de censura.

Entre esses meios estão os meios de comunicação e informação, mas também o acesso a níveis básicos de cultura. Sem estes meios o direito referido fica sem conteúdo e não pode ser exercido.

Felicito a organização por introduzir no assunto desta Escola de Verão também a Teologia. E outra coisa não era de esperar, sendo os promotores duas instituições empenhadas em dar voz à mensagem evangélica – o COPIC e a KEK. De facto a Teologia, enquanto ciência da Fé, a partir da Palavra Evangélica, tem muito a dizer sobre as grandes questões que condicionam e às vezes determinam a vida dos homens e das mulheres de todos os tempos e também do nosso tempo. De facto, foi para dar dignidade a esta vida que o Filho Único de Deus tomou a condição humana e se fez um de nós, entregando a sua vida pelo bem fundamental das pessoas.

Por isso, a relação com Deus, por mais desconfiança que ela continue a suscitar em muitos sectores da cultura actual e nomeadamente no espaço desta Europa Ocidental, é factor decisivo para que o ordenamento da vida em sociedade se faça com o equilíbrio e a dignidade devidos.

Felicito, mais uma vez, a organização pela iniciativa de organizar esta escola de verão entre nós e sobre um tema de tão candente actualidade, como este.

Saúdo todos os participantes e desejo o maior êxito para os trabalhos que a partir de agora se vão realizar.

17.6.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4. Notícias da Covilhã - há cem anos

Depois de seis anos a chamar-se “Democracia”, o “Notícias da Covilhã” passou a publicar-se com o título atual.

São, de facto, cem anos e mais seis a servir dedicadamente esta cidade e a região; e com o propósito de continuar a honrar os seus compromissos, olhando o futuro com responsabilidade e fundada esperança.

Para isso, propõe-se este “Notícias”, em diálogo com todas as forças viva da nossa terra, usar o valioso potencial da sua experiência mais que centenária para percorrer os caminhos de inovação que a atual conjuntura está a exigir.

E quando falamos de inovação, referimo-nos à necessidade de conjugar diferentes formas de comunicar, nomeadamente aquelas que as novas tecnologias recomendam, mas também as formas renovadas de garantir a sustentabilidade necessária, sem pôr em causa o seu estatuto editorial de imprensa independente e livre, e ainda ao desejo de avançar sempre com novas propostas verdadeiramente definidoras do desenvolvimento sustentado e ajustado aos legítimos interesses dos nossos meios.

A proximidade aos acontecimentos que marcam a vida das nossas gentes, mas também a atenção ao tecido das variadas instituições que preenchem a vida social da Covilhã auguramos que continuem a identificar o serviço do nosso “Notícias”.

Desejamos que todas as comunidades covilhanenses e mesma da região mais alargada da Cova da Beira sintam este jornal como sendo verdadeiro intérprete dos seus anseios e paladino na defesa dos seus legítimos direitos.

De facto, o “Notícias da Covilhã” sempre foi e deseja continuar a ser cada vez mais a voz dos que não têm voz; seja das populações em geral junto dos poderes locais, seja da conjuntura da nossa região, claramente marcada pelo síndrome da interioridade e da baixa densidade populacional, junto dos poderes centrais.

Para além de comunicar com rigor, sempre no respeito pela verdade dos factos acontecidos, pertence a este “Notícias” o dever de contribuir para criar uma sã opinião pública, na qual, por um lado, as nossas gentes se revejam, mas também, por outro, com ela possam contar para, sempre no respeito pelos valores fundamentais que regem a nossa vida pessoal e colectiva, poderem orientar os seus procedimentos.

Estamos em tempos de grandes mudanças sociais e muito rápidas que exigem dos cidadãos capacidade para as compreenderem e depois poderem ajustar os comportamentos às novas conjunturas, sem prejuízo de exercerem o direito de pensar e escolher por cabeça própria. Também

aqui a ajuda de um órgão de imprensa como o nosso, que tem no seu estatuto editorial o propósito de acompanhar as pessoas em todos os processos que levem à definição de caminhos bons para todos é da maior importância.

Por tudo isto e muito mais, ao mesmo tempo que damos ao “Notícias da Covilhã” os nossos parabéns pela firmeza do percurso feito até agora, também lhe desejamos coragem e a necessária ousadia para abrir os novos caminhos que as circunstâncias atuais impõem e a responsável construção do futuro lhe está a pedir.

16.5.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

5. Convívios Fraternos em peregrinação a Fátima

Somos peregrinos de Fátima, num dia em que celebramos também o aniversário natalício da nossa Mãe do Céu, o dia de hoje, 8 de setembro.

Com esta razão acrescida, saúdo todos os peregrinos aqui presentes, de forma particular os grupos de peregrinos vindos das mais variadas procedências, tanto de Portugal como do estrangeiro e que de qualquer forma se fizeram anunciar; saúdo particularmente os jovens dos Convívios Fraternos que hoje fazem também a sua peregrinação nacional acompanhados pelo sacerdote, Rev.do Padre Valente Matos, seu fundador, há 50 anos, celebrados precisamente há um ano atrás.

Quando todos os nossos olhares se dirigem já para a Jornada Mundial da Juventude, que, por graça de Deus, se realizará em Portugal daqui a três anos, queremos dizer a todos os jovens aqui presentes quanta esperança neles colocamos e quanto desejamos que a preparação e realização desta jornada Mundial da Juventude possa despertar novo entusiasmo em todos e nas comunidades que os acompanham.

Caros jovens dos convívios fraternos, na vossa memória estão certamente aqueles três dias de experiência forte de encontro vivo com a Pessoa de Cristo, em clima de festa, de partilha fraterna, de oração e de silêncio. E também lembrais como eles modificaram profundamente a vossa vida, fazendo do quarto dia aquela novidade de entrega generosa ao serviço dos irmãos, quer nas comunidades paroquiais, quer nos diferentes ambientes, que, de facto, esperam sobretudo de vós, a novidade e a diferença do Evangelho.

A nossa oração de hoje é em particular por vós e por todos os jovens, porque – e lembramos as recomendações do Papa Francisco a milhares de jovens recentemente em Moçambique, num encontro inter-religioso –

“É preciso viver a vida com alegria e muita esperança; e este é o grande presente que o mundo espera de vós”.

Com Maria, nossa Mãe Santíssima, neste dia do seu aniversário natalício, queremos aprender, antes de mais a escutar e meditar a Palavra de Deus que acaba de ser proclamada nesta nossa assembleia.

Assim, o Evangelho de S. Lucas convida-nos a seguir Jesus sem condições. E nós queremos dizer sim, como Maria, ao convite que o próprio Jesus nos faz para o seguirmos muito de perto, colocando a Sua Pessoa acima de tudo, incluindo os bens mais sagrados, como é o caso da Família. O mesmo se deve dizer dos bens materiais, que a nossa condição humana não pode dispensar, mas devendo nós saber colocá-los sempre no devido lugar.

Ora, este seguimento de Cristo não dispensa o uso das nossas capacidades, como o fazem quantos organizam projectos humanos e sociais concretos seja o construir uma casa ou uma torre ou mesmo para organizar uma estratégia militar.

Só que nós empenhamo-nos em que todas aquelas capacidades que o próprio Deus nos concede sejam usadas sempre para colaborar com Ele, na construção de um mundo melhor.

E quando sabemos conjugar as nossas capacidades humanas com a luz que nos vem do alto e com o dom do Espírito Santo, não só ficamos mais capazes para perscrutar os desígnios de Deus, mas também para compreender melhor o mundo que nos envolve enquanto criação de Deus e seu espelho e igualmente para dar a devida atenção às nossas relações humanas em sociedade.

É também nessa sabedoria e luz do alto, frutos do Espírito Santo que está em nós que o Apóstolo S. Paulo recomenda ao seu amigo pessoal Filémon para receber aquele irmão na Fé, chamado Onésimo, o qual tinha um estatuto social de escravo, mas agora há-de passar a tratá-lo como irmão, enquanto discípulo de Cristo assim constituído pelo Baptismo, embora o mesmo estatuto social lhe dê o direito de ser o senhor dele.

Nós não temos dúvida de que a luz da Fé e a força do Espírito Santo, atuando na Igreja e mesmo fora dela, influenciaram e continuam a influenciar a cultura e as instituições das sociedades para que bens tão essenciais como a dignidade de cada pessoa e os direitos humanos se impusessem e hoje, pelo menos em teoria, sejam já um dado adquirido no mundo civilizado.

Desejo agora lembrar que estamos a viver o nosso estatuto de discípulos de Cristo em ano missionário e tendo à porta o especial outubro missionário.

Somos convidados a levar a sério o mandato de Jesus Cristo para irmos e levarmos a Boa Nova a todos.

O exercício desta responsabilidade missionária, como lembra o Papa Francisco, começa necessariamente pelo encontro vivo com a Pessoa de Jesus Cristo, sem o qual nada vale a pena e tudo é vazio de valores e de sentido. Depois lembra-nos a necessidade de revisitarmos a vida de tantos santos que se deram sem medida e por inteiro à grande causa das missões e alguns até ao martírio.

Este ano missionário é também oportunidade para aprofundarmos ou mesmo retomarmos os caminhos de formação na Fé. O Papa lembra-nos ainda o dever da partilha missionária, em meios materiais e humanos, com a Igrejas mais carenciadas.

Estamos também a iniciar um novo ano pastoral. Confiamo-lo à proteção maternal de Maria Santíssima, Senhora de Fátima, que tão bem nos acolhe neste seu Santuário

8.9.2019

+Manuel R. Felício

III - Clero

1. Ordenação de um novo sacerdote, na nossa Diocese da Guarda

a)Preparação: Sacerdotes ao serviço de uma Diocese em renovação

Aspectos da realidade da nossa Diocese

A Diocese da Guarda é uma Diocese com muita história e importante tradição de Fé.

A vida das Paróquias, com as suas celebrações, incluindo festas religiosas, os serviços de apoio aos mais carenciados, a formação cristã sobretudo das novas gerações a partir da mensagem do Evangelho, a boa administração do património que nos está confiado são as nossas grandes preocupações.

Isto para além de procurarmos sempre motivar a melhor vivência comunitária que é factor decisivo para o bem estar das pessoas.

A fim de conseguirmos estes e outros objectivos para os quais a Fé nos orienta sentimos que as nossas formas de vivência comunitária e os nossos serviços têm de renovar-se para responder às novas realidades do mundo e da Igreja.

Se, por um lado, a mensagem evangélica permanece a mesma, por outro, as realidades do mundo e da própria Igreja não estão paradas, mas em

constante mudança, como é o caso da demografia e a distribuição da população, mas também das novas culturas e mentalidades que elas inspiram, as quais chegam a todos e condicionam a vida de todos.

A organização da Diocese e o Ministério Sacerdotal

Em assembleia diocesana, decidimos entrar por caminhos de reorganização pastoral da Diocese.

E, na verdade, o Ministério Sacerdotal é decisivo para que essa renovação seja devidamente pensada e posta em prática.

Porém, a diminuição do número de sacerdotes nos últimos tempos também nos obriga a repensar e a reorganizar o serviços que eles são chamados a prestar às comunidades e á Diocese no seu todo.

De facto, temos menos sacerdotes do que há décadas atrás, mas temos também diáconos permanentes, ordenados no primeiro grau do Sacramento da Ordem, que não tínhamos.

Temos menos sacerdotes, mas temos número considerável de Ministros Extraordinários da Comunhão e agora também Coordenadores das Assembleias Dominicais na ausência do Presbítero.

Temos menos sacerdotes, mas a responsabilidade e a preparação dos nossos catequistas têm crescido, graças a Deus.

Temos menos sacerdotes, mas todas as paróquias, com raras exceções, têm o seu Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos, vulgarmente chamado Comissão da Fábrica da Igreja, que havemos de saber formar e responsabilizar para assuntos de administração, libertando assim mais os párocos para outros fins.

É verdade que o número de sacerdotes que hoje temos não nos permite celebrar a Eucaristia, ao domingo, em todas e cada uma das 365 Igrejas paroquiais que existem na nossa Diocese.

Mas também não é menos verdade que as populações nos nossos meios diminuíram drasticamente, nos últimos tempos e pelo menos algumas das nossas paróquias, de facto, não são capazes de garantir, sozinhas, número de participantes que justifique a celebração da Missa Dominical.

Isto significa que as paróquias têm de saber congregar-se para poderem celebrar com dignidade, mas também programar conjuntamente a formação da Fé, a começar pela catequese das primeiras idades; enfim para dar resposta condigna às exigências da caridade cristã e mesmo quanto á administração do seu património.

É neste contexto que o Senhor Jesus vem oferecer um novo sacerdote ao nosso Presbitério.

O diácono Daniel Barroso vai ser ordenado sacerdote no próximo dia 23 do corrente mês de junho, na nossa Sé da Guarda, às 16H00.

Rezamos, por isso, para que o novo sacerdote, mas também aqueles que já o somos, possamos organizar-nos da melhor maneira para dar as

devidas respostas às novas necessidades da nossa Diocese e sobretudo ajudando a fazer as opções certas para a vivência da Fé nas nossas comunidades e na vida dos nossos fiéis.

Para tal, lembramos pontos essenciais da nossa vida de sacerdotes ao serviço da Igreja.

Assim, o Sacerdote é, antes de mais, o que preside à Eucaristia e a outras celebrações da Fé. Por isso, sobretudo a Eucaristia Dominical precisamos de a cuidar bem, com preparação adequada e condições de tempo e lugar para ser vivida com serenidade, ajudando, assim, os participantes a fazerem a verdadeira experiência do encontro com o Senhor Jesus e a sua Palavra. Através da Eucaristia e dos outros sacramentos, mas também da celebração diária da Liturgia das Horas e de outras formas de oração, o Padre é o Homem visivelmente preocupado em rezar por si e pela porção de Povo de Deus que lhe está confiado.

O Padre é o Homem da reconciliação e do acompanhamento dos fiéis nas suas várias situações de vida. Por isso, as comunidades compreenderão que ele deve dedicar parte significativa do seu tempo para acolher, acompanhar e orientar, incluindo com celebração do sacramento da Penitência, aqueles que o procuram e outros que ele também saberá procurar.

O Sacerdote é o Homem da Palavra de Deus, procurando ele próprio fazer a experiência do encontro com a Palavra e motivando os fiéis para fazerem igual caminho.

Por isso, pertence-lhe também, a começar pela catequese das primeiras idades, tudo fazer para que as comunidades que lhe estão confiadas, cada uma por si ou em cooperação com outras, organizem devidamente os seus programa de formação cristã.

O Sacerdote é o que preside à comunidade e, como tal, tem o encargo de motivar, formar e coordenar bem os diferentes ministérios e serviços dos quais depende a vida das comunidades. Alguns desses serviços são estruturantes e, por isso, têm de existir necessariamente, como são os ligados à Liturgia, à Catequese, à Caridade organizada e à Administração. Há outros que podem existir ou não. Tanto uns como outros pedem o seu acompanhamento e a sua coordenação.

O Sacerdote é o Homem sempre empenhado em cuidar a máxima participação de todos os fiéis na vida da sua comunidade. Por isso, sobretudo através da rede dos seus mais directos colaboradores, procurará motivar para essa participação, ao mesmo tempo que cuida os instrumentos necessárias para o efeito.

Entre esses instrumentos, estão os Conselhos Paroquiais para os Assuntos Económicos, que, salvo raras excepções, de facto, já existem em todas as paróquias; mas está também o Conselho Pastoral Paroquial ou Interparoquial, que precisamos de valorizar cada vez mais. E aqui

temos longo caminho a percorrer até atingirmos o objectivo fazermos caminhada sinodal, como insistentemente nos recomenda o Santo Padre, o Papa Francisco.

Motivar para a reorganização pastoral

Neste momento nós sacerdotes temos pela frente uma preocupação acrescida, que é levar à compreensão e posterior aceitação dos fiéis a reorganização pastoral da Diocese que temos em marcha.

E esse esforço tem pontos concretos que se impõem com evidência, embora exigindo de todos nós coragem para não vivermos só do passado, mas procurarmos abrir convenientemente os caminhos do futuro.

Um desses pontos é a verificação de que poucas são as nossas paróquias que têm capacidade para sozinhas darem a devida resposta á missão que lhes está cometida.

Outro é que nos nossos arciprestados precisamos de aumentar a massa crítica para podermos tomar as decisões pastorais ajustadas e as levarmos à prática. E a maior parte dos arciprestados que hoje temos não satisfaz esta exigência.

Outro ainda é que precisamos de operacionalizar mais os nossos serviços diocesanos estruturantes, como são aqueles que se destinam a apoiar, por toda a Diocese, a Liturgia, a Catequese e a formação da Fé, a Caridade organizada que tem de existir em cada paróquia ou conjunto de paróquias, a administração e ainda sectores especialmente importantes na nossa acção pastoral como os jovens e as famílias.

Para além destes serviços que consideramos estruturantes da vida da Igreja presente nas nossas comunidades, é bom que haja outros, com carismas e finalidades específicas, que possam ajudar os fiéis na sua vida de oração, na sua formação, na atenção às grandes preocupações da Igreja espalhada pelo mundo.

Cuidar a nossa formação pessoal e a vida em Presbitério

Para cumprirmos estas e outras dimensões do Ministério Sacerdotal que nos está confiado, nós sacerdotes também não podemos descurar as nossa formação pessoal, seja a formação espiritual, seja a formação pastoral e doutrinal seja em outros aspectos que ajudam o nosso trabalho pastoral.

Por isso as comunidades compreenderão que todos os tempos que nós dermos quer ao nosso retiro anual e a outros momentos de oração pessoal quer às iniciativas de formação permanente que nos são propostas, longe de as empobrecerem são para elas sempre ajuda importante e valor acrescentado.

Finalmente não é demais lembrar que o nosso serviço sacerdotal nunca pode ser prestado a título individual, mas a Igreja pede-nos que o prestemos sempre em Presbitério, ou seja com critérios comuns a todos os sacerdotes, nomeadamente aos que trabalhamos na nossa Diocese da Guarda.

Quando preparamos a Ordenação sacerdotal do agora diácono Daniel Barroso, peçamos ao Senhor para os nossos sacerdotes a graça de prestarem bem este serviço às comunidades e aos fiéis que o Senhor lhes confia.

Guarda, 10 de junho de 2019
+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

b) Ordenação sacerdotal Homilia

Celebramos já, nesta tarde, a solenidade do Nascimento de S. João Baptista, o Precursor, e grande modelo de quanto havemos de realizar no cumprimento da missão que recebemos do Senhor Jesus.

Hoje damos abundantes graças a Deus pelo dom não apenas desta Ordenação Sacerdotal, mas também do Ministério Ordenado enquanto tal que prolonga no tempo e no meio de nós o serviço do Único Bom Pastor.

Louvemos, por isso, o Senhor, que hoje nos dá mais uma importante prova de amor e a garantia de que nos acompanha e guia a sua Igreja pelos caminhos da história no cumprimento da missão que ele mesmo lhe confiou.

A solenidade do nascimento de S. João Baptista remete-nos para o mistério de toda a vocação já experimentado na vida dos profetas.

Anunciado pelo Anjo, enquanto Zacarias cumpria as suas funções sacerdotais e o Povo orava no exterior do santuário, este nascimento foi resposta à oração intensa daquela família e constituiu motivo de grande alegria não só para os pais do menino, mas também para muita outra gente. Aquele que vai nascer, como diz o Anjo, será grande aos olhos do Senhor e com notável missão a cumprir.

Como o grande Elias, ele vem para promover a conversão e a reconciliação, trazendo o coração dos pais para os filhos e em geral aproximando as pessoas entre si, como sinal antecipador do Messias esperado e que estava para vir.

E, de facto, foram a conversão e o arrependimento a nota mais marcante do seu ministério, quando começou a pregar no deserto e a batizar, anunciando a chegada do Messias.

Incluído nos desígnios de Deus desde antes do seu nascimento, este João Batista João Batista faz-nos pensar na experiência e na história pessoal do profeta Jeremias, como refere a primeira leitura hoje escutada.

Também este foi escolhido antes de começar a existir e consagrado desde o ventre materno. A sua vocação está definida desde o início.

Sente-se enviado para anunciar a Boa Nova. E nem a experiência das próprias limitações o pode eximir do cumprimento deste mandato. Isto porque na sua boca estão as palavras do próprio Deus, que o envia com poder, para atuar sem medo, diante de povos e nações.

E hoje a história repete-se com todos os evangelizadores, no número dos quais nós nos queremos incluir.

De facto, como lembra a I carta de Pedro, amamos a Jesus sem o termos visto, e assim anunciamos a Fé e a Salvação como anteriormente o fizeram também anteriormente tantos outros, a começar pelos profetas.

Como discípulos de Cristo, sentimo-nos enviados hoje para sermos ministros do Evangelho, como João Batista o foi para cumprir a missão de Precursor.

E dele recebemos importantes incentivos de coragem e verticalidade para cumprirmos a missão evangelizadora que nos está confiada.

Damos, por isso, graças a Deus porque o Senhor continua a enviar mensageiros da Boa Nova e servidores das comunidades da sua Igreja chamadas a cumprir o mesmo mandato evangelizador e missionário.

Estimado Daniel,

Damos-te as boas vindas ao cumprimento do mandato que o Senhor Jesus hoje, pela imposição de mãos, te confia.

De facto, és escolhido para, em nome do único Bom Pastor participares no serviço da condução do Povo de Deus e das suas comunidades.

E se é verdade que todo o Santo Povo de Deus participa, pelo Baptismo, no único sacerdócio de Cristo, o certo é que Ele também escolheu e continua a escolher especialmente alguns para desempenharem na Igreja, em seu nome, o Ministério Sacerdotal.

Entre eles, a partir de hoje, estás também tu, Daniel, enquanto presbítero integrado num presbitério e cooperador da ordem dos Bispos.

Ao seres especialmente configurado Com Cristo pelo Sacramento da Ordem ficas, de facto, investido na especial responsabilidade de anunciar o Evangelho, mas também apascentar todo o Povo de Deus e celebrar os santos mistérios principalmente no Sacrifício Eucarístico, que é oferecido sobre o altar pelas tuas mãos a partir de hoje.

Completarás a missão de santificar todo o Povo de Deus pela celebração dos outros sacramentos, nomeadamente o Baptismo, a Penitência, a Santa Unção e também pela celebração da Liturgia das Horas de cada dia.

Seja por isso o teu ensino, mas também todo a tua forma de viver, edificante e dedicada à causa de Jesus Cristo e do seu Evangelho, verdadeiro alimento para o Povo de Deus e motivo de alegria para todos os fiéis.

Conserva sempre diante de ti o modelo da Pessoa de Jesus, que veio para servir e não para ser servido.

Por isso, desempenharás, a partir de hoje o Ministério Sacerdotal nunca movido pelos teus interesses, mas procurando sempre os interesses de Cristo. Ele é, de facto, o Bom Pastor que veio para a todos congregar numa única família, e se mostrou especialmente empenhado em procurar e salvar o que estava perdido.

Daniel,

És ordenado sacerdote e inicias este ministério quando continuamos a sentir os efeitos da diminuição do número de sacerdotes, o que nos obriga a repensar e reorganizar o serviço do ministério sacerdotal na vida das nossas comunidades.

De facto, temos hoje menos sacerdotes do que tínhamos há algumas décadas atrás, mas temos também diáconos permanentes ordenados no primeiro grau do Sacramento da Ordem, que antes não tínhamos.

Temos menos sacerdotes, mas temos número considerável de Ministros extraordinários da comunhão e agora também coordenadores de assembleias dominicais na ausência do Presbítero.

Temos menos sacerdotes, mas, graças a Deus, tem crescido a responsabilidade e a preparação dos nossos catequistas.

Temos menos sacerdotes, mas também tem crescido a responsabilidade dos leigos na administração paroquial.

É verdade que o número de sacerdotes que hoje temos não nos permite celebrar a Eucaristia ao domingo em todas e cada uma das nossas Igrejas paroquiais. Mas também não é menos verdade que as populações nos nossos meios têm diminuído drasticamente, nos últimos tempos, e é significativo o número das nossas paróquias que não são capazes de garantir sozinhas a dignidade que se requer nas celebrações dominicais.

Isto significa que as paróquias têm de saber congregar-se para poder realizar celebrações dignas, mas também para outros serviços como é o caso da formação da Fé, a começar pelas primeiras idades, para dar condigna respostas às exigências da Caridade Cristã organizada e mesmo quanto à administração do seu património.

Claro que implementar estas e outras vertentes da renovação das nossas comunidades exige significativa mudança de mentalidade nos fiéis em geral, mas também em nós próprios sacerdotes.

E contamos, desde já contigo, no esforço para sabermos discernir conjuntamente os caminhos do Espírito para a Igreja nos dias de hoje.

E na medida em que viveres com entusiasmo e verdadeira alegria o Ministério que o Senhor hoje te confia, outros jovens ouvirão também a voz do mesmo Senhor que continua a chamar e corajosamente lhe vão-de responder e lhe vão dar o seu sim.

Que Deus seja louvado e o Seu desígnio de Salvação para o mundo de hoje se cumpra cada vez mais e melhor no meio de nós.

23.6.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. Nota pastoral sobre a Semana dos Seminários

A Semana dos Seminários decorre de 10 a 17 de novembro.

Despertar vocações para o Ministério Sacerdotal, acompanhá-las e formá-las para depois serem enviadas é responsabilidade de toda a Igreja, a começar pelos sacerdotes, diáconos e outros serviços e ministérios.

E não devemos esquecer que esta tem de ser a prioridade da nossa acção pastoral, para garantir a todos os fiéis e comunidades sobretudo a celebração da Eucaristia e do Sacramento do Perdão, a que têm direito.

O Seminário é tempo e espaço de vida comunitária indispensáveis para que os candidatos façam bem o seu discernimento vocacional e se preparem para a sua futura inserção no Presbitério Diocesano.

O Seminário há-de ajudar sobretudo a construir uma sólida configuração com Cristo por parte daqueles discípulos que se destinam a ser enviados em missão como pastores, em Seu nome.

O Seminário é também escola de silêncio e de oração, factores determinantes para o verdadeiro encontro com Cristo e para a iniciação na autêntica espiritualidade sacerdotal.

Aos sacerdotes mandatados para estarem à frente do Seminário pede-se sobretudo que procurem transmitir, aos seminaristas o entusiasmo pelo seguimento de Cristo, sempre em diálogo com o Bispo e o Presbitério Diocesanos.

Isso não dispensa o apoio e o carinho de todos os fiéis e comunidades cristãs pelo Seminário; apoio espiritual na oração e mesmo no acompanhamento personalizado dos seminaristas, mas também apoio material. Por isso, para além de generosidades especiais de alguns fiéis para com o Seminário, que graças a Deus vão existindo, os ofertórios das assembleias do domingo que encerra esta Semana destinam-se à sustentação dos seminários.

Em todo o processo de promoção das vocações sacerdotais, de chamamento explícito para entrar no Seminário e nele continuar até à decisão pela Ordenação sacerdotal, é de primeira importância o empenho dos sacerdotes, com a sua palavra, o entusiasmo da sua vida sacerdotal, a sua oração e, no momento oportuno, com o chamamento expresso para entrar no mesmo Seminário. Na história pessoal de qualquer um de nós sacerdotes houve certamente algum exemplo, com o qual estabelecemos relação de empatia, que pode ter sido o Pároco, um missionário ou outro modelo, que se distinguiram pelo zelo e pela dedicação e nos motivaram a dar o passo para entrar no Seminário. Este é o processo normal de decisões como a nossa e hoje continua a repetir-se.

Por isso, aos sacerdotes directamente mandatados para acompanharem os seminaristas e, sobretudo através do Pré-Seminário, procurarem identificar, acompanhar e formar os candidatos ao Seminário pede-se constante contacto com os outros sacerdotes do Presbitério, com as comunidades e com os candidatos identificados e suas famílias.

A todos os que intervêm, exercendo diferentes responsabilidades, na vida das comunidades, sobretudo catequistas e outros formadores, pede-se que a vocação sacerdotal seja lembrada e, em momentos determinados, seja proposta.

Aos jovens que estão em idade de decidir a sua vocação lembramos que não tenham medo de dizer sim ao chamamento de Cristo e, se for o caso, para entrarem no Seminário e se prepararem para serem Seus representantes, no exercício do Ministério Sacerdotal. Graças a Deus, não nos faltam exemplos de Padres felizes e merecedores do apreço e admiração tanto dos fiéis como das pessoas em geral.

Como lembra aos jovens o Papa Francisco, na exortação apostólica *Cristo Vive*, “Cristo não pensa apenas naquilo que tu és, mas naquilo que poderás vir a ser” (nº 289).

Em termos práticos, quando Deus chama para uma missão determinada, e também para o exercício do Ministério Sacerdotal, garante as condições necessárias para o desempenho dessa missão. Mais ainda, sabemos que muitas vezes Deus não chama os mais capacitados, mas capacita os chamados.

Que Nossa Senhora, Rainha do Clero e Mãe da Igreja, inspire os nossos jovens para darem passos corajosos na resposta ao chamamento de Deus, também para o Ministério Sacerdotal.

Guarda, 6.11.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

4. Novo Cardeal português

Ontem recebemos a alegre notícia da criação de um novo cardeal português na pessoa de D. José Tolentino Mendonça.

Com 53 anos de idade, tem pela frente a esperançosa tarefa de colaborar diretamente com o Santo Padre na renovação da Igreja em todo o mundo. E nós manifestamos o nosso grande regozijo pela nomeação de D. José Tolentino para este relevante serviço à Igreja Universal em estreita ligação com o Santo Padre.

Alegramo-nos igualmente porque a Igreja em Portugal passa a contar a partir de agora com cinco Cardeais no Colégio Cardinalício, a saber: D. José Saraiva Martins, nosso conterrâneo, D. Manuel Monteiro de Castro, D. Manuel Clemente, D. António Marto e D. José Tolentino Mendonça”. Rezamos para que o novo cardeal português, como homem de cultura e de profundo amor à Igreja que é, possa cumprir a importante missão que lhe está confiada a partir de agora.

Guarda, 2.9.2019

+Manuel R. Felício Bispo da Guarda

5. Novo Núncio Apostólico em Portugal

Sua Santidade o Papa Francisco nomeou, no passado dia 29 de agosto, um novo Núncio Apostólico em Portugal.

A escolha recaiu em Sua Exc^a Rev.ma D. Ivo Scapolo, de nacionalidade italiana, que, até agora, exercia as mesmas funções no Chile.

Com 66 anos de idade, sucede a D. Rino Passigato, que apresentou a sua renúncia por limite de idade.

No currículo deste novo Núncio está o exercício das mesmas funções de Núncio Apostólico, antes do Chile, na Bolívia e no Ruanda.

Congratulamo-nos desde já com esta nomeação e desejamos a D. Ivo Scapolo, um frutuoso ministério pastoral como representante da Santa Sé junto da Igreja em Portugal e nas relações diplomáticas com o Estado Português.

Guarda, 2.9.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3.6. Novos diáconos

Ordenação na Sé da Guarda

Homilia

Celebramos a festa da Padroeira; padroeira do Reino de Portugal, desde o tempo de D. João IV, que decidiu retirar a coroa de Rei da sua cabeça e entregá-la à Padroeira, Senhora da Conceição, no Santuário de Vila Viçosa. Interpretando as

raízes profundas da Fé do povo português, com o reconhecimento da Conceição Imaculada de Maria Santíssima, o Rei da Restauração também antecipava o pronunciamento da Igreja sobre este privilégio mariano, que só viria a acontecer no ano de 1854, em Roma, com a proclamação do dogma da Imaculada pelo Papa Pio IX e rodeado de Bispos vindos praticamente de todo o mundo de então.

Pelo meio fica o empenho da universidade de Coimbra, a única então existente em Portugal que decidiu, em claustro pleno, aceitar este privilégio mariano, e integrá-lo no juramento que os seus professores faziam no início de cada ano letivo. E ainda hoje a Solenidade da Imaculada Conceição é celebrada na capela da universidade de Coimbra. E que este Privilégio Mariano faz parte da Fé tradicional do Povo Português sentimo-lo também nas muitas ermidas e Igrejas que, desde há muitos séculos, temos dedicadas a Maria Santíssima com este título; e em muitas das nossas Igrejas e outros lugares públicos, encontramos recorrentemente placas comemorativas do acontecimento protagonizado por D. João IV, que declarou Maria Santíssima, em sua Imaculada conceição, como Padroeira do Reino.

A Palavra de Deus hoje proclamada coloca-nos diante do sim de Maria dado incondicionalmente ao embaixador de Deus, arcanjo S. Gabriel, que lhe anuncia o surpreendente desígnio de Deus e a convida para Mãe do Salvador.

Deus surpreendeu Maria, como continua hoje a surpreender cada um de nós, assim estejamos atentos à sua passagem pela nossa vida, como Maria esteve atenta.

E não só reconheceu a passagem de Deus pela sua vida, como sobretudo lhe deu resposta pronta, colocando-se inteiramente nas suas mãos. Isso não envolveu que deixasse de lado a sua liberdade, pois houve espaço para perguntar – “como será isso de eu vir a ser a Mãe do Salvador, se eu não conheço homem?” Esta foi a oportunidade para o Arcanjo completar a explicação, com palavras ainda mais surpreendentes - “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o Santo que vai nascer de ti será chamado Filho de Deus”.

E depois de toda esta explicação, Maria, certamente de joelho em terra, dá a resposta, que hoje pedimos seja modelo também da resposta de cada um de nós, nas variadas circunstâncias da nossa vida- “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Ao contemplarmos hoje o mistério da Imaculada Conceição, queremos compreender que este sim decidido de Maria Santíssima não aconteceu por geração espontânea, mas foi um sim trabalhado pela graça de Deus desde o primeiro momento da sua existência, da sua conceição. Nisso consiste o privilégio de Maria que, contrariamente aos outros seres humanos, esteve sempre liberta do peso do mal e do pecado.

E também temos de saber comparar este maravilhoso sim de Maria, que abriu novo horizonte de bem para toda a humanidade, com o não da primeira mulher, que pôs em causa o futuro de bem igualmente para toda a Humanidade.

O livro do Génesis, que acabámos de escutar, remete-nos para o drama da humanidade colocada fora de Deus, por força do primeiro pecado, com as consequências que esse afastamento de Deus implica para as relações humanas e também para as relações com a natureza.

O Salvador nascido de Maria veio para desfazer esse drama e restabelecer o equilíbrio das pessoas e da própria humanidade, que a entrada do pecado no mundo havia prejudicado. Com o sim de Maria fica também restabelecida a nossa esperança; essa esperança de que nos fala hoje a carta de S. Paulo aos Romanos. E essa esperança concretiza-se nas nossas relações e na ordem do próprio mundo, quando sabemos interpretar os sentimentos do próprio Jesus Cristo, justificando a recomendação que S. Paulo nos faz – “acolhei-vos uns aos outros como Cristo vos acolheu”.

Caros candidatos ao Ministério Ordenado de diáconos permanentes, damos graças por este dia e pela vossa escolha de aceitardes o convite que o próprio Jesus Cristo vos faz para serdes servidores do Povo de Deus como Ele o serviu.

Maria, diante do Senhor, como nos lembra hoje a Palavra de Deus, apresentou-se como serva humilde, disposta a cumprir a vontade de Deus, sem condições. Ela é assim exemplo para todos nós e também para o diácono que se dispõe a assumir, com todas as consequências, o modelo de serviço à Igreja que encontramos no próprio Jesus. Ora, vós apresentais-vos para o Sacramento da Ordem no 1º grau, porque quereis exercer a mesma diaconia de Jesus, em suas várias dimensões para construção e crescimento da comunidade eclesial.

E o que Ele mesmo hoje vos pede, é, antes de mais, a diaconia da Palavra ou seja o máximo empenho para anunciar a Palavra de Deus, não apenas com a sua proclamação na assembleia litúrgica dominical ou outra, mas também no serviço da Evangelização e da Catequese, não só exercendo o ministério de catequista, mas também como formadores dos outros catequistas e organizadores da catequese.

Exercendo a diaconia da Liturgia, no serviço do altar, é-vos confiado o ofício de servir o Bispo e o Presbítero nas celebrações, sobretudo da Eucaristia, mas também a presidência de assembleias dominicais na ausência do Presbítero, a presidência de outros sacramentos e da Liturgia das Horas, com participação de outros fiéis e ainda organizar a formação e acompanhamento dos diversos ministérios litúrgicos, tais como leitores e acólitos.

A diaconia da caridade é aquela que, desde o início, mais identificou a missão dos diáconos com a expressão bíblica do serviço das mesas. Por isso, vos é pedido que participeis na organização do serviço paroquial ou interparoquial de

apoio aos pobres, doentes e mais abandonados, além de procurardes combater outras formas de pobreza, organizando e orientando grupos de oração, apoio às famílias e aos jovens ou simplesmente tomando iniciativas para promover e defender os valores fundamentais da vida em todas as suas fases.

Simultaneamente, pede-se-vos o exercício da diaconia da administração; isto porque, como refere o *Diretório para o Ministério e a vida do diácono permanente*, “a função caritativa do diácono comporta também um oportuno serviço na administração dos bens e das obras de caridade na Igreja”.

E aqui há um amplo trabalho a desenvolver na vida das nossas comunidades, sobretudo quanto ao serviço de formar, cuidar e acompanhar as comissões de festas e comissões de Fábricas da Igreja, assim como o velar pelo património das paróquias.

Estas quatro diaconias abrangem praticamente todo o leque da vida das nossas comunidades cristãs.

O que significa que temos de estar todos preparados para que ao diácono seja entregue a condução da vida das comunidades, cabendo aos presbíteros, de forma conjugada com o trabalho dos diáconos, os serviços que lhes são específicos, nomeadamente a celebração dos Sacramentos da Eucaristia, da Penitência e da Unção dos doentes.

A reorganização da Diocese em que estamos empenhados conta convosco para o exercício da responsabilidade de condução da vida das nossas comunidades.

Nesta hora, peço para mim e para vós a luz do Espírito Santo, para que, de forma bem conjugada com as responsabilidades do nosso Presbitério, possamos definir bem os caminhos do futuro para as nossas comunidades.

8.12.2019

+Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda

7. Diácono Permanente – regulamento de estágio

Depois da formação inicial, o Diácono cumpre um tempo de estágio pastoral sob orientação de um sacerdote.

Neste estágio pastoral pretende-se que o Diácono seja iniciado e acompanhado nas 4 diaconias previstas no *Diretório para o Ministério e a Vida do Diácono Permanente*, sempre na atitude recomendada pela *Lumen Gentium*, 29, quando diz que “a função principal do diácono é colaborar com o Bispo e o Presbítero no exercício do Ministério”.

1.diaconia da Palavra

Na Ordenação Diaconal foi-lhe dito “Recebe o Evangelho de Cristo do qual te tornas anunciador”.

Tenham-se em conta:

- a)A preparação e o fazer da homilia;
- b)O serviço da catequese, não só como catequista, mas também como formador de catequistas e organizador da catequese;
- c)Iniciativas que possam levar o anúncio do Evangelho aos mais afastados.

2.Diaconia da Liturgia

Diz o Diretório: “O rito da Ordenação lembra um outro aspecto do Ministério Diaconal – o serviço do altar” (nº 28).

Tenham-se em conta:

- a)O serviço litúrgico de ajudar o Bispo ou o Presbítero nas celebrações, sobretudo da Eucaristia;
- b)A presidência de celebrações dominicais na ausência do Presbítero;
- c)Presidência de outros sacramentos;
- d)Presidência da Liturgia das Horas, com participação de outros fiéis;
- e)Organizar e formar os ministérios litúrgicos, como leitores e acólitos.

3.Diaconia da caridade

Na oração consecratória da Ordenação, foi pedido: “Brilhe nele (diácono) a caridade verdadeira, a solicitude pelos pobres, e doentes... de modo que, imitando na terra o Vosso Filho que não veio para ser servido, mas para servir, com Ele mereça reinar nos céus”.

Tenham-se em conta:

- a)Organização do serviço paroquial ou interparoquial de apoio a pobres, doentes e mais abandonados;
- b)Promover e orientar grupos de oração, de jovens, movimentos familiares, grupos preocupados com a defesa dos valores essenciais da vida em todas as suas fases e outros.

Nota: Porque estas e outras formas de exercício da caridade cristã, em muitas circunstâncias, são os parentes pobres da nossa acção pastoral, mais atenção exigem.

4.Diaconia da administração

Diz o referido Diretório: “A função caritativa do diácono comporta também um oportuno serviço na administração dos bens e nas obras de caridade na Igreja ...Os diáconos têm a função de exercer, em nome da hierarquia, os deveres da caridade e da administração, incluindo as obras de serviço social” (nº38).

Tenham-se em conta:

- a) O serviço de formar, cuidar e acompanhar, sob orientação do Presbítero, comissões de festas e comissões de fábrica da Igreja;
- b) Velar pelo património das paróquias.

30.11.2019

8. Avenida com nome de Cardeal José Saraiva Martins

Eucaristia de Acção de Graças - Sé da Guarda

Reunimo-nos nesta nossa catedral em Eucaristia de acção de graças pela vida e obra de Sua eminência, o Sr. Cardeal José Saraiva Martins. Vida e obra essas que a partir de hoje ficarão ligadas a uma das avenidas da nossa cidade.

De facto, o Sr. Cardeal Saraiva Martins é, na realidade lídimo representante da nossa cidade e do nosso concelho nas mais altas instâncias académicas e Eclesiásticas da Igreja, mais propriamente na cidade de Roma, essa Roma eterna, onde ele viveu praticamente toda a sua vida, desde os tempos da formação para a vida sacerdotal, passando pelas funções de professor universitário e reitor da universidade urbaniana, até chegar às responsabilidades de Prefeito da Congregação das Causas dos santos, que exerceu durante 10 anos e à dignidade cardinalícia, tendo sido feito cardeal pelo Papa João Paulo II, agora S. João Paulo II.

O reconhecimento do seu valor enquanto cidadão da Guarda, que a partir de hoje fica ligado a uma avenida da nossa cidade teve já anteriormente outras importantes expressões e entre elas permito-me lembrar a atribuição da medalha de ouro da cidade da Guarda por parte do mosso executivo camarário, medalha essa que lhe foi entregue na Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, cerimónia na qual eu tive a honra de também marcar presença. É de bom tom lembrarmos neste momento também o amor e a ligação do Sr. Cardeal Saraiva Martins à cidade da Guarda e à sua terra natal. De facto todos os anos ele dedica alguns dias para nos visitar e permanecer entre nós durante o mês de Agosto como agora está a acontecer. É notável ao longo do seu percurso como académica a produção literária do Cardeal Saraiva Martins no âmbito da teologia, com mais de 20 livros publicadas assim como mais de 2 centenas de artigos científicos publicados em revistas internacionais.

Dentro da sua carreira ligada á Cúria Romana

Em 1988 é nomeado pelo Papa João Paulo II prefeito da Congregação para a causa dos santos e, como dissemos, em 2001 elevado à dignidade cardinalícia, pelo mesmo Papa João Paulo II, com o título de cardeal

Diácono de Nossa Senhora del sacro Cuore. Já depois de ter resignado das funções de Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, com 7 anos de idade, o Papa Bento XVI elevou-o ao estatuto de Cardeal Bispo, no ano de 2009 , com o título de cardeal Bispo de Palestrina.

Temos aqui muitos motivos para dar graças no dia de hoje e pelas razões que foram enunciadas e aqui nos congregam. O nosso muito obrigado a Sua Eminência pela honra que constitui também para todos nós seus amigos e conterrâneos este seu notável percurso.

Coincide esta nossa Eucaristia de acção de graças com a festa de uma outra figura notável e que marcou profundamente a cultura europeia pelo seu percurso de Fé a partir do pensamento desenvolvido na âmbito da universidade. Refiro-me a Santa Teresa Benedita da Cruz, nome que tomou em religião, após a entrada no Carmelo, Edith Stein. Nasceu e cresceu em ambiente judaico, a sua família era judia, primeiro a viver na Alemanha e depois na Polónia. Na adolescência abandonou a religião judaica.

Sendo uma intelectual por vocação, frequentou primeiro aulas de Fenomenologia na Universidade de Goetingen onde conheceu filósofos notáveis como Husserl e Martin Heideger e obteve diploma em Filosofia na Universidade de Freiburg.

Durante a I guerra mundial alistou-se na Cruz Vermelha como enfermeira para prestar cuidados aos peritos da guerra. Ela tinha nascido em 1891.

A sua inquietação por Deus e pela Fé nunca deixou de existir, apesar de ter abandonado na adolescência a ligação às convicções religiosas da sua família.

Até que em 1921 encontra uma amiga que, apesar dos sofrimentos que a estavam a atingir apresentava-se sempre com uma visível serenidade e paz interior. Resolve averiguar onde estava a fonte desta paz e tranquilidade. Leu a biografia de Santa Teresa de Jesus, a grande reformadora do Carmelo, buscou a ajuda de um sacerdote e no ani de 1922, com 31 anos de idade pede o batismo e é batizada.

Ainda aqui a sua inquietação não parou, voltando-se agora para o percurso vocacional e acabou por entrar no Carmelo, como Religiosa contemplativa, mudando o nome de Edith Stein para Teresa Benedita da Cruz.

A perseguição e a deportação de judeus e católicos para fora da Alemanha atingiu também Edith Stein.

Levada primeiro para o Campo de concentração de Westerbork, foi depois transferida para Auschwitz, no ano de 1942 em plena II guerra Mundial.

Como tantos outros judeus e cristãos foi levada para a câmara de gás, neste campo de concentração. Ainda teve possibilidade de manifestar os seus sentimentos e dizer que oferecia a sua vida pela salvação das almas, a libertação do seu povo e a conversão da Alemanha.

Foi canonizada pelo Papa João Paulo II em 1998 e em outubro de 1999 foi pelo mesmo Papa declarada padroeira da Europa.

E agora perguntamo-nos: Onde está a fonte desta serenidade e desta paz reencontradas por Santa Teresa Benedita da cruz e que nunca mais a abandonaram, mas a levaram a pedir o Batismo e a entrar no Carmelo e depois a aceitar com invulgar coragem o martírio, nas câmaras de gás do campo de concentração de Auschwitz? A resposta dá-no-la hoje o profeta Oseias, quando refere os propósitos de Deus para com o seu Povo e nos seguintes termos: “hei-de conduzir Israel ao deserto e falar-lhe ao coração...Naqueles dias farei de ti minha esposa para sempre...Desposar-te-ei com fidelidade e tu conhecerás o Senhor.

De facto o encontro com Deus, principalmente depois que leu a biografia de santa Teresa de Jesus revolucionou a vida de Edith Stein. Como continuará a revolucionar a vida de quantos se dispõem a fazer este encontro. Ao designá-la como Padroeira da Europa, o Papa João Paulo II quis também apresentar-nos o exemplo de um intelectual, que através das suas investigações particularmente em ambiente chegou ao ponto de abrir o seu coração a Deus e continuar a deixar-se conduzir por Ele. Claro que este encontro com Deus, sendo em si mesmo um dom gratuito que nos vem do alto, não dispensa o empenhamento e o compromisso de cada um de nós, no esforço de procurar sempre até encontrar. No relato do Evangelho que hoje escutámos as virgens prudentes cuidaram da sua parte tudo o que era preciso e estava ao seu alcance para garantir o encontro com Cristo, aqui representado na figura do esposo. O mesmo não aconteceu com as outras que não fizeram o que estava ao seu alcance e dependia delas e por isso ficaram na rua.

A oração e a vigilância continuam a ser factores determinantes para o encontro com Deus que vem ao nosso encontro e para o cumprimento da missão que Ele confia a cada um de nós.

Sr. Cardeal Saraiva Martins alegramo-nos porque na especial Eucaristia da acção de graças pela vida e obra da sua pessoa temos a acompanhar-nos o magnífico exemplo de Santa Teresa Benedita da Cruz.

Também o seu percurso de vida como intelectual, académico e dedicadamente entregue às grandes causas da Igreja para serviço da sociedade é importante referência para todos nós, o que do fundo do coração lhe agradecemos.

9.8.2019

IV - Comunicações

1. IPSS de inspiração cristã

1. Natureza e identidade

São instituições criadas com a finalidade de dar cumprimento aos imperativos da caridade cristã. O serviço dos pobres, o acolhimento e a atenção aos afectados pelas mais variadas carências têm de estar na primeira linha das suas preocupações.

Prestam serviço dirigido aos mais necessitados e sem fins lucrativos. Mas a motivação deste serviço tem uma marca específica, que são as exigências evangélicas da partilha e da comunhão de bens. E estas fazem a diferença.

Sendo instrumentos ao serviço da caridade cristã, os seus objectivos não se podem ficar pela assistência, oferecendo meios de subsistência a quem os não tem. Este, já por si mesmo, é um objectivo válido. Mas a meta da caridade está muito acima, apontando sempre para a promoção humana dos indivíduos e das comunidades. É por isso que estas instituições se sentem chamadas a trabalhar para desfazer as muitas situações de fragilidade humana e social, onde quer que se verifiquem, sobretudo combatendo a exclusão social, por todos os meios ao seu alcance e promovendo a total inclusão e integração na comunidade. Pretendem ser expressão visível e organizada do dever moral de promover a solidariedade e a justiça entre todos, a começar pelos mais próximos.

No cumprimento desta sua missão, impõe-se que estejam atentas às novas formas de pobreza e procurem os meios adaptados para as combater.

Como estamos a constatar, as atividades destas instituições de inspiração cristã têm-se concentrado em respostas sociais predominantemente voltadas para os idosos e as crianças. Mas há outras necessidades que aguardam vez nas suas preocupações, como sejam o acompanhamento dos jovens e das famílias, como também as muitas situações emergentes de comprovada necessidade, sobretudo ligadas ao desemprego, incluindo dificuldades de jovens à procura do primeiro emprego que precisam de ser atendidas. O mesmo se diga da sua colaboração nos serviços de saúde devidamente articulados com outras redes já existentes e ainda o empenho na formação profissional dos cidadãos e ainda a necessidade de dar respostas organizadas a problemas básicos de higiene e habitação que existem nos nossos meios.

Estas são importantes áreas da promoção humana e social que não podem faltar na prática da caridade cristã.

2.A caridade cristã razão de ser destas instituições

Elas inserem-se no processo de dar cumprimento à missão da Igreja. E, como sabemos, a Igreja, por mandato do seu fundador Jesus Cristo, com dois mil anos de história, por natureza tem o estatuto de ser sinal e presença do amor e da misericórdia de Deus no meio do mundo e para o mundo.

Por isso, ela ensina que o valor e a raiz da dignidade de cada pessoa está na sua relação com Deus, no facto de ser uma criatura que transporta em si mesma a imagem e semelhança do criador. Daqui tira consequências para a vida prática das pessoas e também para os critérios que hão-de presidir à organização da vida em sociedade. De forma coerente, a Igreja celebra esta relação com Deus na Liturgia.

De forma igualmente coerente, a Igreja ensina e procura levar á prática o mandamento do amor. Como sabemos, Jesus Cristo resumiu toda a lei neste mandamento. É um mandamento duplo, porque a sua dimensão horizontal, o amor dos irmãos, tem como fundamento a dimensão vertical, ou seja o amor de Deus. De facto, é o amor de Deus que fundamenta e dá consistência ao amor fraterno. Sem o amor de Deus, o amor fraterno seria sempre uma amor a prazo, ou seja, sujeito a toda a espécie de exceções impostas pelos interesses de quem tem o poder. E os mais fracos ficariam sempre de fora.

Por isso, segundo a lógica do duplo amor, nós amamos a pessoa, porque é imagem viva do mesmo Pai comum e criador de todos. Habitamos uma casa comum e sentamo-nos à mesma mesa que o pai comum nos prepara.

Estas certezas impõem que se repensem os modelos de economia e a correspondente organização social para darem lugar a todos. Pois, como sabemos, a economia é a lei da casa, a casa comum que coincide com o mundo e a natureza, que todos somos chamados a habitar como irmãos; e igualmente a participar na sua organização e melhor aproveitamento. Uma economia assim entendida e levada à prática promove a colaboração de todos e a todos procura mobilizar para participarem nas decisões e nos programas que é necessário levar por diante. De cada um pede o máximo empenhamento, com aplicação das suas capacidades para que a ninguém falte o necessário. Por este caminho combatem-se as exclusões, valoriza-se a participação de cada um na vida da comunidade através de trabalhos concretos, inseridos ou não em sistemas de emprego estável.

Claro que em vez de uma economia inspirada nestas certezas, constatamos modelos económicos, segundo os quais tudo se sujeita ao lucro, à prossecução de objectivos materiais. Desde que se consigam atingir estes objectivos materiais, mesmo que grande número de pessoas fiquem pelo caminho, atiradas para a exclusão social através do desemprego ou de outras formas, o modelo está justificado. Mas, de facto, não está nada justificado, porque as pessoas em geral não estão contentes. E a crise que teima em persistir tem de obrigar os cidadãos em geral, mas em particular os responsáveis pela governação a repensar o modelo de economia que está a ser aplicado. No nosso caso concreto de portugueses, parece que os únicos que estão contentes com esse modelo são os nossos credores, porque emprestaram e continuam a emprestar

dinheiro a juros altos e com garantias absolutas de que o deles está certo, apesar de sentirmos que o nosso povo sofre cada dia cargas mais pesadas.

Impõe-se, portanto, pensar em novos caminhos e para eles aponta a caridade cristã, que nós, enquanto colaboradores de instituições ligadas à Igreja, queremos ajudar a interpretar para bem das pessoas em geral e da sociedade.

3. A Doutrina Social da Igreja carta magna inspiradora das instituições sociais de inspiração cristã

A ação social das instituições que se reclamam de inspiração cristã baseia-se sempre na Doutrina Social da Igreja. Este corpo de doutrina que pretende apontar os caminhos de aplicação do Evangelho às diferentes situações da vida de relação pessoal e social está reunido no Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Recomenda-se que ele seja conhecido por todos os que orientam, trabalham ou de alguma maneira estão ligados à vida destas instituições, a começar pelos que as dirigem

Para conduzir processos que levem ao bem estar das pessoas todas, sem deixar ninguém de fora, há princípios orientadores que a doutrina social da Igreja enuncia e propõe.

Assim, no centro está sempre cada pessoa enquanto sujeito de direitos e de deveres.

Por sua vez, a Família, enquanto referência básica da vida em sociedade, é factor determinante para o bem estar das pessoas. Realmente, como a experiência o diz, da coesão e saúde das famílias depende, em grande medida, a saúde da sociedade em geral. Porque a família é a primeira sociedade natural e a primeira escola sem qual as outras não funcionam, a Doutrina Social da Igreja propõe que se criem mecanismos para fazer das famílias as primeiras protagonistas da vida social.

O trabalho humano, a vida económica, a comunidade política, a promoção da paz a todos os níveis são outros bens essenciais sempre ao serviço das pessoas e das famílias para termos uma sociedade equilibrada.

Acabámos de apontar alguns pontos da Doutrina Social da Igreja que precisam de ser conhecidos e aplicados nas instituições a que nos estamos a referir para que elas possam cumprir a sua missão.

4. Por isso, recomendamos às instituições sociais de inspiração cristã:

Que os seus estatutos e respectivas motivações sejam conhecidos não só pelas respectivas direcções e outros corpos sociais, mas também por todos os intervenientes na sua vida interna e de relação com o exterior.

Que todos estes intervenientes se empenhem em fazer revisões periódicas da vida da instituição à luz das normas estatutárias e outros regulamentos delas emanados.

Que a doutrina social da Igreja seja cada vez mais conhecida por todos os que participam na vida destas instituições. Por isso, é recomendável que o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* possa ser consultado e usado em cada instituição. Recomenda-se mesmo que periodicamente possa haver formação sobre os diferentes temas da doutrina social da Igreja propostos por este compêndio.

Que também tenham disponibilidade para colaborar com outras instituições, tanto para fazer melhor o que já fazem como também para discernir em conjunto as novas áreas de intervenção social que a conjuntura do momento impõe.

Há sobretudo duas áreas em que esta colaboração é especialmente desejável, no imediato. Uma delas é a formação de todos os agentes das instituições e outra é o progresso na qualidade dos serviços prestados, incluindo a possibilidade de certificação dos mesmos, o que constitui importante mais valia para todas.

Precisamos de ser capazes de repensar permanentemente a realidade social que nos envolve para fazermos as opções que em cada momento mais servem o bem das pessoas e a saúde das próprias instituições.

Guarda, 28.11. 2019

2. Fazer ação social no interior do nosso país, cada vez mais envelhecido

Há um conjunto de boas intenções publicadas com a finalidade da valorização do interior do nosso país. Honra seja feita a quem se empenhou na definição dessas medidas.

E para dar cumprimentos a essas boas intenções, entre as atividades que continuam a dar resposta a grandes necessidades das populações estão as iniciativas da ação social, em grande parte tomadas por particulares, com o apoio do Estado através dos Centros Distritais da Segurança Social.

E, de facto, estas iniciativas no âmbito da ação social são determinantes para a vida dos meios do interior do nosso país, sobretudo por duas razões:

1ª) Porque as populações, percentualmente muito mais envelhecidas do que nos grandes centros, precisam deste apoio;

b) Porque em muitas freguesias, uniões de freguesias e simples povoações, o centro social é praticamente a única instituição que dá emprego.

De facto, estas unidades, que alguma linguagem vai enquadrando na dita economia social, são determinantes para a vida das nossas terras, cada vez mais despovoadas, pelo menos de pessoas no ativo.

Mas há algumas dificuldades emergentes, que cada vez vão pesando mais e pondo em risco a sustentabilidade das instituições, como são, entre outras, as seguintes:

1ª) Garantir a qualidade dos serviços, nomeadamente respeitando a legislação em vigor, cada vez mais exigente, quer quanto à logística das instalações quer quanto à admissão de pessoal qualificado, impõe a estas instituições encargos cada vez mais pesados e desproporcionados com as receitas;

2ª) As populações dos nossos meios têm reformas muito reduzidas, salvo raras exceções e portanto não podem custear esses encargos;

3ª) Os apoios da Segurança Social têm diminuído ou pelo menos não têm acompanhado os encargos crescentes, conforme anteriormente referido, e em particular na atualização dos salários;

4ª) Muitas destas instituições estão hoje a viver de poupanças que elas próprias fizeram quando os apoios do Estado eram mais significativos. Mas estas poupanças vão-se acabando e depois acabam também as instituições.

Portanto, se o Estado entende que deve continuar a contar com os serviços destas instituições particulares de ação social, impõe-se:

1º) Mandatar quem venha dialogar com as instituições, caso a caso, sobre a sua sustentabilidade;

2º) Uma vez consideradas as possibilidades dos utentes, os ativos das instituições e os seus encargos, ajudar a encontrar caminhos de sustentabilidade.

E, como se disse no início, estas instituições são da maior importância para se conseguir a devida “Valorização do interior”.

Guarda, 25.9.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

3. Trabalho digno e dignidade do trabalhador na Doutrina Social da Igreja

Alegro-me por participar na abertura das Jornadas do Conhecimento que já cumprem este ano a sua 12ª edição, as quais se propõem tratar uma temática da máxima importância como é a do trabalho humano, com a seguinte formulação: “Trabalho digno- novos contextos e realidades”.

Cumprimento o gestor de programas da Organização Internacional do Trabalho, em Lisboa, Sr. Fernando Sousa Júnior e felicito-o pela temática específica que nos traz sobre o papel do diálogo social no futuro do trabalho.

Saúdo igualmente a Organização Internacional do Trabalho, uma agência multilateral da ONU, especializada em questões do trabalho que, este ano de 2019, celebra o seu centenário. Apareceu fruto do tratado de Versailles que pôs fim à I Guerra Mundial, na célebre conferência de paz realizada em Paris, de janeiro de 1919 a janeiro de 1920. Actualmente actua no âmbito do Conselho Económico e Social das Nações Unidas.

E congratulo-me não só por estas jornadas do Conhecimento se voltarem para o mundo do trabalho. Mas também pelas vertentes específicas que nelas vão ser tratadas.

Todos sabemos que as escolas têm responsabilidade acrescentada na preparação dos nossos jovens para o mundo do trabalho e, por isso, é de louvar que estas jornadas anunciem o tratamento de temáticas específicas como as seguintes: “Trabalho voluntário e solidário: exigências específicas para a actualidade”, na Escola Abranches Ferrão, aqui em Seia e “Trabalho digno no contexto das novas tecnologias”, numa escola da Covilhã.

Esta é sem dúvida uma louvável forma de se cumprir a obrigação de preparar as gerações mais novas para o mundo novo onde haverá também novas formas de aceder ao trabalho e de o realizar.

De facto, temos consciência das grandes transformações sociais e económicas que estão a acontecer no mundo do trabalho e das grandes mudanças que se esperam para o futuro próximo e com repercussões imediatas entre nós. Lembro apenas e a propósito as notícias recentes que dão como certa a perda mais de um milhão de empregos, em Portugal, com a introdução das novas tecnologias no tecido empresarial.

E como preparar as novas gerações não apenas para procurarem trabalho oferecendo aos empregadores as suas competências devidamente certificadas com diplomas próprios, mas principalmente para virem a ser elas próprias criadoras de trabalho e de empregos?

Mais uma vez, felicito a Galeria “Paz de Espírito” pela iniciativa destas jornadas do conhecimento, na pessoa do seu proprietário e mentor, Dr. Paulo Caetano.

Breve apontamento de história

Antes de mais deixo um breve apontamento histórico sobre a série de documentos em que se expressa a Doutrina Social da Igreja e em particular os seus indicadores sobre o trabalho enquanto factor decisivo para garantir a felicidade das pessoas.

É do conhecimento geral que o liberalismo económico, assente sobretudo nas teses do economista britânico do século XVIII Adam Smith foi a grande ideologia mentora da 1ª Revolução Industrial, que começou na Inglaterra. Teve efeitos perversos, sobretudo com a aparição do proletariado, essa massa de operários que trabalhavam pelo mínimo de subsistência, sem que tivessem qualquer defesa legal dos seus direitos, pois segundo a tese de Smith os contratos de trabalho não tinham qualquer intervenção do Estado nem das suas leis. Os operários estavam completamente e só sujeitos aos interesses dos patrões. Claro que em reação ao liberalismo económico surgiram as teses do colectivismo, que não sacrificavam menos os trabalhadores.

Foi neste contexto que apareceu a Doutrina Social da Igreja sobre a dignidade da pessoa humana, o direito ao trabalho digno e a função da propriedade privada em todo este processo. A Igreja, através do Magistério dos Papas, deu orientações sobre esta matéria e assim surgiram as grandes encíclicas da Doutrina Social da Igreja. A primeira delas apareceu no ano de 1891, com o nome de “Rerum Novarum”; quarenta anos depois veio a “Quadragesimo anno”, em 1931; em 1961, em vésperas do Concílio Vaticano II, João XXIII publicou a “Mater et Magistra” e em 1963, a “Pacem in terris”; Em 1967, o Papa Paulo VI publicou a “Populorum Progressio” e em 1971, a “Octogesima adveniens para assinalar os 80 anos da publicação da “Rerum Novarum”. O Papa João Paulo II ofereceu-nos em 1981 a “Laborem exercens” e em 1991 a “Centesimus annus, esta precisamente para comemorar os 100 anos da publicação da “Rerum Novarum” e pelo meio apareceu a “Sollicitudo Rei Socialis, em 1987, 20 anos depois da “Populorum progressio”.

Vemos, assim, que a primeira encíclica social marcou claramente o ritmo posterior das intervenções da Igreja em assuntos sociais, e nomeadamente o tratamento do trabalho humano como factor decisivo para a promoção verdadeira da dignidade humana

Grandes preocupações e propostas da Doutrina Social da Igreja

Saber quais são as grandes preocupações e propostas destes documentos e em que termos as devemos traduzir hoje para responder às questões da atualidade sobre matéria tão sensível como é o ordenamento do direito ao trabalho é o que vamos agora tentar fazer.

1.A dignidade da pessoa que trabalha faz digno o trabalho

Esta é a mensagem bíblica desde as suas origens. O valor e a dignidade do trabalho são uma exigência da pessoa que trabalha.

E a dignidade da pessoa vem-lhe de ser criada à imagem e semelhança de Deus e conseqüentemente de, pelo seu trabalho, assumir a condição de parceria com o próprio Deus.

De facto, segundo primeiro livro da Bíblia, o Génesis, Deus criou o mundo e confiou-o aos cuidados do homem e da mulher. Confiou-lho para que eles intervenham na sua transformação e aperfeiçoamento, aproveitando os seus recursos, sem deixar de respeitar a sua integridade, a suas finalidades e os mecanismos que o regulam. Isto quer dizer que, pelo trabalho homem e mulher procedem em parceria com Deus criador para garantirem o desenvolvimento sustentável. Desta forma, assumem a responsabilidade de contribuir para proteger a nossa casa comum, como lembra o Papa Francisco na recente encíclica “Laudato si”.

Começamos, assim e desde já, a vislumbrar a dupla importância do trabalho humano na medida em que, por um lado ele conduz a mais valias de desenvolvimento e à criação de riqueza; por outro, é o instrumento privilegiado pelo qual se cumpre a si mesmo como parceiro de Deus na obra da criação, que, de facto, e por vontade do criador, não está acabada, mas está em curso.

Estas duas dimensões do trabalho humano, a saber a criação de riqueza e a oportunidade que dá ao ser humano de se realizar a si próprio como tal, constituem aquilo que a “Laborem exercens” chama trabalho em sentido objectivo, isto é, criador de riqueza e trabalho em sentido subjectivo, ou seja oportunidade de realização para a própria pessoa. E de tal modo é importante esta dimensão subjectiva do trabalho que, como diz a experiência imediata, quando a pessoa deixa de trabalhar, embora com reforma que lhe permite viver desafogadamente, se não encontrar actividade alternativa, fica insatisfeita e por vezes até a morte lhe sobrevem mais cedo. Por isso as sociedades não podem preocupar-se apenas com a oferta dos meios materiais indispensáveis à vida das pessoas; têm de saber oferecer-lhes inclusão social, o que envolve a participação em actividades que as dignifiquem.

2. Pelo trabalho a pessoa exerce a responsabilidade de gerir bem os recursos da natureza

Nunca como hoje sentimos tão ao vivo como é grave a responsabilidade de gerir os recursos naturais para as finalidades com que foram criados.

E de facto, estes recursos foram criados para todos, como lembra a Doutrina Social da Igreja, por mais estranho que pareça a sua progressiva concentração em apenas alguns e cada vez em número mais reduzido.

De facto, Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso de todo o género humano, de todos os povos e de todas as pessoas.

E nestes todos – povos e pessoas – estão incluídas as gerações actuais espalhadas por toda a extensão do planeta, onde as desigualdades e injustiças continuam a ser gritantes, mas também as gerações futuras. Daqui resulta a responsabilidade acrescentada, no exercício do direito ao trabalho entendido em sentido objectivo, isto é como intervenção sobre a

natureza tanto para fruir os seus recursos, como também para os saber respeitar. A propósito é bom lembrar que o Papa Francisco na sua recente encíclica “Laudato si” insiste na nossa obrigação de cuidar da natureza entendida como casa comum e que não nos é lícito fazer consumos desmesurados e sem respeito pela sustentabilidade dos seus recursos. Esta encíclica foi publicada sensivelmente meio ano antes da cimeira do clima de Paris (Dez. 2015), onde praticamente foram assumidas as suas propostas. O problema que está a ser sentido ao nível global é que os países e as empresas estão a ter dificuldades quanto à realização das mudanças que estas propostas implicam. E o facto é que até agora não se conseguiram os progressos desejáveis, apesar de o Secretário Geral das Nações Unidas ter avisado que só temos à nossa frente escassos anos para manter o aquecimento global em níveis sustentáveis para o planeta. E, também a esse propósito, começam a definir-se como factor decisivo das eleições americanas do próximo ano as propostas que os candidatos forem capazes de apresentar sobre medidas energéticas que permitam respeitar a natureza.

3. Pelo trabalho, cada pessoa sente-se senhora e dona do mundo. Antes de mais convém lembrar que tudo o que se decide e se faz nas sociedades tem de ter como objectivo o bem de cada pessoa e de todas as pessoas, devendo este bem contemplar toda as dimensões do ser humano, incluindo as suas relações com o mundo e com os outros, contribuindo, assim, para aumentar o património material, social, cultural e espiritual da Humanidade, ao que se costuma dar o nome de Bem Comum (L.E., 10).

E cada pessoa, no exercício da sua actividade pelo trabalho, é beneficiária do conjunto dos bens que integram este Bem Comum, mas também responsável pela sua construção através da actividade que desenvolve

a) Uma primeira consequência deste princípio elementar da vida em sociedade é que o direito ao trabalho é um direito fundamental e inalienável, enquanto elemento constitutivo da dignidade da pessoa. O trabalho digno deve permitir a cada pessoa ter acesso a tudo aquilo de que precisa para viver uma vida verdadeiramente humana, como seja o alimento, o vestuário, a habitação, o acesso à educação e à saúde, o exercício dos seus direitos de consciência e de religião (G.S., 26).

Isto é o que a encíclica “Octogesimo adveniens” chama de remuneração equitativa, que permite ao próprio e sua família levar uma vida digna nos aspectos material, social, cultural e espiritual (O. A., 14).

b) O trabalho digno também há-de permitir a cada pessoa sentir-se construtora da sociedade, em parceria com as outras pessoas e instituições sociais. Nesta linha o Papa Paulo VI, na encíclica “Populorum Progressio”, afirma que “vivido em comum, na esperança, no sofrimento,

nas aspirações e na alegria partilhada, o trabalho une as vontades, aproxima os espíritos, liga os corações e realizando-o as pessoas descobrem que são irmãs” (P.P., 27).

Pronunciando-se na mesma linha, a encíclica “Laborem Exercens” diz que o trabalho “não é só um bem útil, isto é de que se pode usufruir. Mas é um bem digno, isto é, que corresponde à dignidade humana, um bem que exprime e aumenta esta dignidade, isto porque pelo trabalho o ser humano não só transforma a natureza, mas realiza-se a si próprio, tornando-se assim mais humano” (L.E., 9). Portanto, segundo estes e outros indicadores, o trabalho há-de ser encarado e promovido não apenas como meio de produção, mas também e sobretudo como meio que expressa a criatividade e os ideais da pessoa, o mérito das suas iniciativas e o facto de ser educativo para o próprio e para os outros.

3. Pessoa – Trabalho – Propriedade

Cada pessoa realiza-se como pessoa na medida em que cresce na sua autonomia e cria espaços para realizar essa autonomia, manifestando a sua criatividade.

Dissemos que a pessoa foi criada para dominar a terra, isto é, para intervir no desenvolvimento e no aperfeiçoamento da natureza criada e respeitando os seus ritmos.

Portanto as sociedades devem criar condições para que todas as pessoas possam participar com o seu contributo activo no melhor aproveitamento da terra com seus recursos. Por sua vez, o trabalho é a forma mais comum de cada pessoa, em colaboração com as outras, poder contribuir para o exercício desta responsabilidade.

Ora, acontece que a propriedade, seja ela material, seja intelectual, seja mesmo virtual, constitui aquele espaço próprio em que cada pessoa, sozinha ou acompanhada, se desempenha desta responsabilidade.

A Doutrina Social da Igreja, para ser fiel a dois princípios – um deles, o destino universal dos bens e o outro, o direito de todas as pessoas a participar no processo de definir os caminhos para se atingir esse objectivo – considera que o princípio da propriedade privada, sujeito ao outro princípio do destino universal dos bens, é caminho ajustado.

A pergunta que está por trás da propriedade privada é sempre esta: quem administra o quê e para que fins?

Na história recente, houve duas respostas diametralmente opostas a esta pergunta, que foram as seguintes: 1)O Estado é o único administrador e também o proprietário. Isso levou à colectivização de todos os bens, principalmente dos bens de produção. 2)A outra resposta de sinal contrário considera que só as pessoas, enquanto indivíduos ou constituídas em sociedades, são proprietários e administradores dos bens,

exercendo o Estado, quando muito, uma função reguladora das tutelas individuais.

Claro que qualquer destas opções, assumidas na sua radicalidade, deixa por resolver muitas questões que são essenciais para o bem estar das pessoas.

Assim, vejamos. S é o Estado o único dono e administrador, onde fica o direito inalienável que cada pessoa tem, individualmente ou em grupo, a participar na definição do desenvolvimento enquanto tal? Os resultados de várias experiências feitas levam à conclusão de que, eliminando a responsabilidade individual e das estruturas intermédias, não só as pessoas são prejudicadas, mas a sociedade fica mais pobre.

Também é verdade que, se colocamos a responsabilidade pelo desenvolvimento apenas nos indivíduos e nas suas associações livres, muitas questões ficam em aberto e sem resposta, como é o caso de grandes investimentos que a sociedade precisa de fazer em bens essenciais e comuns a todos os cidadãos, como são os casos da saúde, da educação e outros.

A propriedade privada limitada e regulada pelo princípio do destino universal dos bens é caminho para que estes vários factores do desenvolvimento possam ser devidamente equacionados.

Concomitantemente a estas questões, a partir da primeira revolução industrial surgiu em primeiro plano a relação de conflito entre o capital e o trabalho. Passou por várias fases este conflito e temos de convier em que hoje persiste, embora com novos contornos

O caminho devidamente equilibrado para encontrar a solução para este conflito tem de partir sempre da centralidade da pessoa humana e da sua dignidade. Claro que a pessoa e a sua dignidade nunca estão isoladas, mas sempre inseridas na complexa rede das relações sociais.

Na procura das melhores soluções, há-de ser reconhecido, por um lado, o valor tanto do mercado como da empresa, mas também por outro a necessidade de existir sempre uma regulamentação baseada em valores éticos e leis positivas que garantam o seu serviço à pessoa humana na sua integralidade e ao bem comum.

Concluimos dizendo que a propriedade privada é indispensável como espaço e lugar onde cada pessoa individualmente ou associada exerce a sua responsabilidade de intervenção quer no aproveitamento dos recursos da natureza quer no desenvolvimento da sociedade.

A propriedade privada, porém nunca pode ser considerada um direito absoluto, pois está sujeita ao valor superior do Bem comum.

Por sua vez, ao procurar equacionar-se a relação capital-trabalho, o trabalho, porque expressão mais direta do agir da pessoa, deve ocupar sempre o primeiro lugar. A verdade, porém, é o que capital, enquanto acumulação de riqueza vinda de muitos trabalhos anteriormente

realizados, é indispensável para que a pessoa, através da empresa ou de outros meios, possa realizar o seu direito de, pelo trabalho, marcar presença no processo do desenvolvimento.

Aos mesmos seres humanos pertence encontrar caminhos para dar cumprimento a este desígnio, que pode assumir formas muito diversas de exercício do direito à propriedade tuteladas pela lei e pelas instituições.

Para regular esta tensão que sempre existirá entre o direitos individuais e a defesa do bem comum, a Doutrina Social da Igreja não apresenta nenhum sistema de regulação concreto, mas deixa às sociedades e seus responsáveis a obrigação de procurar o melhor sistema adequada a cada caso concreto.

15.3.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

V - Programa pastoral e nomeações

1. Abertura do ano pastoral 2019-20

Iniciamos oficialmente o nosso ano pastoral 2019-20 dentro do “Outubro Missionário Extraordinário” pedido pelo Papa Francisco há mais de um ano atrás, o que permitiu à nossa Conferência Episcopal declarar um ano missionário preparatório deste outubro missionário.

1. Objectivos do Outubro Missionário

Os objectivos colocados pelo Papa para este especial outubro missionário pretenderam fazer despertar as nossas comunidades e fiéis para uma maior consciência da missão e retomar, com novo impulso, a transformação missionária da vida e da pastoral.

Ora, o gosto do papa por este renovado impulso missionário vem já pelo menos da sua exortação apostólica “A alegria do Evangelho”, onde ele praticamente apresenta o programa pastoral para o seu pontificado. Aí nos fala das verdadeiras motivações para este renovado impulso missionário.

E a primeira delas é o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva.

Outra é o facto de sabermos que o Evangelho de Jesus é um tesouro de vida e de amor, que todos necessitam e esperam; é aquela resposta que desce ao mais fundo do ser humano enquanto tal para o sustentar e elevar; é a verdade que não passa de moda e pela qual todos aspiram.

Outra ainda é o amor que temos ao Povo de Deus, ou como o Papa diz, o prazer espiritual de sermos povo. De facto, sem este amor à Igreja não há discípulos de Cristo e muito menos discípulos missionários. Por isso, grande motivação missionária há-de ser para todos nós o desejo de sair

ao encontro das pessoas, para as conhecermos nas suas situações concretas e culturas próprias, assim como os modos diferentes de encarar a vida e lhes testemunharmos a esperança nova que nos vem do encontro com Cristo

Sendo assim, compreendemos que ser missionário não é um qualquer acrescento à nossa vida. Pelo contrário, como sublinha a “Alegria do Evangelho” é algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. De facto, eu sou missão nesta terra e, por isso, estou neste mundo para iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Estas são palavras do Papa sobre o nosso estatuto de discípulos missionários (cf. E.G., 273).

Por sua vez, na carta pastoral titulada “Todos, tudo, sempre em missão”, com data de maio de 2018, os Bispos portugueses indicaram como grande objectivo para o ano missionário preparatório deste outubro missionário, o seguinte: “Colocar a missão de Jesus no coração da própria Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia das estruturas, o resultado do trabalho, a fecundidade dos seus ministros e alegria que são capazes de suscitar, porque sem alegria não se atrai ninguém”.

Por isso, eles convidam toda a Igreja, em cada uma das nossas comunidades, a manter-se em estado permanente de missão. E convidam para que, ao longo de todo o ano missionário, que encerra no próximo dia 20 deste mês, Dia Mundial das Missões, com peregrinação nacional a Fátima, façamos todos – bispos, padres, diáconos, consagrados e consagradas, adultos, jovens, adolescentes e crianças – a experiência da missão. E os Bispos concretizam ainda mais, convidando a sair, a irmos até outra paróquia, outra Diocese, ou outro país, em missão, para sentirmos que temos responsabilidade não só sobre a nossa comunidade, mas também sobre o mundo inteiro.

2. Espírito missionário no novo ano pastoral

Estas são algumas das razões pelas quais me alegro por estarmos a começar o novo ano pastoral voltados para o Papa Francisco e para a missão que ele insistentemente nos recomenda.

Por isso, agradeço, desde já ao Rev.do Padre Vítor Hugo Mendes a colaboração que nos vai dar quer apresentando-nos o célebre documento de Aparecida cuja redação final leva marcas bem visíveis do então Cardeal Bergoglio e que motivou a missão continental em toda a América Latina; quer para a grande intuição do mesmo Papa Francisco, quando nos propõe uma Igreja em saída, missionária.

Agradeço também e desde já ao Rev.do Padre Amaro Gonçalo a experiência que nos traz de uma paróquia missionária.

E desejamos que toda a reflexão deste dia nos ajude a interpretar o programa do nosso ano pastoral e do triênio em que ele se insere numa verdadeira clave missionária.

E isto, porque o cuidado pastoral dos jovens e das famílias, por si mesmo, queremos vivê-lo em verdadeiro espírito missionário.

Sim, porque, como nos lembrou o Papa Bento XVI, na sua viagem apostólica ao nosso país, a geografia da missão mudou e hoje entrou nas nossas fronteiras, nos nossos ambientes e até nas nossas famílias.

E a propósito, é bom lembrarmos as recomendações que nos fez a nossa assembleia diocesana realizada em 2017, quando apela à responsabilidade missionária. E concretiza esse apelo convidando-nos a progredir para uma Igreja Diocesana, enquanto comunidade de comunidades em missão. E concretiza ainda mais esse apelo sugerindo a criação de núcleos de dinamização missionária nas paróquias e conjuntos de paróquias, fazendo possível geminação com outro território especificamente de missão “ad gentes” e motivando a comunhão das nossas comunidades entre si, com partilha de ministérios e de iniciativas pastorais variadas (Ver carta pastoral “Guiados pelo Espírito, Igreja em renovação”).

3. Reorganização da Diocese

Esse mesmo espírito missionário queremos levar para o esforço conjunto que estamos a fazer no sentido de dar passos consistentes rumo à almejada reorganização pastoral da Diocese pedida pela nossa assembleia diocesana e que agora já tem um estudo feito com propostas concretas.

Sentimos que devemos levar para este esforço de reorganização a recomendação que o Papa Francisco nos faz para sermos cada vez mais Igreja em caminhada sinodal, ou seja o esforço de todos com todos procurarmos os melhores caminhos e depois nos empenharmos também todos em percorrê-los.

Para isso, há critérios de vida e acção que temos de ter sempre presentes. Um deles é que a Igreja é sacramento e que o diálogo entre todos nós e com Deus é a melhor manifestação da sua natureza sacramental. Por isso, nos é recomendada a pedagogia da conversação, que se opõe a todas as formas de monólogo, seja o académico e escolar, seja o social baseado na autoridade poder, seja o religioso, no nosso caso, com a instância da hierarquia e do magistério eclesial.

Precisamos de ser uma Igreja que se apresenta a si mesma como Igreja do diálogo tanto para dentro – entre nós os fiéis – como para fora, com o mundo, suas preocupações e interpelações.

Todos temos muito a aprender uns com os outros – sejam os fiéis em geral, sejam os bispos e outros sacerdotes, seja o papa – através da escuta mútua, pela qual vamos discernindo o que o Espírito diz às Igrejas. De facto, o Espírito Santo fala a cada um de nós pelo “sentido da Fé” (sensus fidei) e fala a toda a Igreja através do “sentido dos fiéis” (sensus fidelium) no seu conjunto. Daí que a hierarquia e instâncias de decisão dentro da Igreja precisem de auscultar o que o Espírito Santo diz a cada um, através do “sentido da Fé” e o que diz a cada comunidade, através do “sentido dos fiéis”.

Esta forma de entender a Igreja, toda ela animada pelo Espírito Santo, que fala a cada um e às comunidades enquanto tais, exclui todas as formas de obediência passiva, no nosso caso, da parte dos fiéis em relação à hierarquia e faz-nos concluir que a Igreja escuta o Espírito Santo na medida em que nós sabemos escutar-nos uns aos outros.

E chamamos discernimento, termo muito querido do Papa Francisco, ao esforço tanto pessoal como conjunto, para avaliarmos em que medida as opções que tomamos, os nossos propósitos de mudança e reforma correspondem ou não aos apelos dos Espírito.

E aqui há uma cautela que nunca podemos dispensar. É que todos nós somos tentados a fazer dizer a Deus e ao Espírito Santo aquilo que nós queremos, o que nos agrada. Mas o que interessa é a novidade do Evangelho, mesma que venha contrariar alguns dos nossos gostos pessoais.

É por isso que o discernimento envolve sempre algum apagamento pessoal para que apareça diante de nós a autêntica vontade de Deus a interpelar-nos para o cumprimento da missão da Igreja no mundo (Gaudete et exultate, 175).

5.10.2019

2. Nomeações - ano pastoral 2019-20

1. Rev.do Padre Carlos Manuel Dionísio de Sousa – Vigário Episcopal para o Clero (sacerdotes), substituindo nestas funções o anterior Vigário Episcopal, presentemente Bispo de Viseu, a quem expressamos o nosso reconhecimento por todo o serviço prestados aos nossos sacerdotes

2. Rev.do Padre Hélder José Tomás Lopes – Pároco da Paróquia de S. Martinho do Fundão, substituindo o Rev.do Padre Jorge Manuel Tavares Colaço.

3. Rev.do Padre Luís Miguel Pardal Freire – Pároco das Paróquias de S. Martinho (Covilhã) e S.to André da Boidobra, substituindo o Rev.do Padre Hélder José Tomás Lopes

4. Rev.do Padre Celso Rocha Marques – Pároco da Paróquia de Santa Maria Madalena do Peso, substituindo o Rev.do Padre Hélder José Tomás Lopes e com a colaboração pastoral do Rev.do Diácono José Marques Pereira Martins

5. Rev.do Padre Jorge Manuel Tavares Colaço, com a cooperação pastoral do Rev.do Diácono Pedro Inácio Fernandes – Pároco das Paróquias de Lajeosa do Mondego (S. Martinho), Ratoeira (S. Sebastião), Açores (Nossa Senhora do Açor), Velosa (Nossa Senhora dos Prazeres), Baraçal (Imaculada Conceição) Maçal do Chão (Santo Estêvão), Minhocal (S. João Baptista) e Fornotelheiro (Nossa Senhora da Graça), substituindo, nas duas primeiras, os Rev.dos Padre Vítor Manuel de Paiva Ramos e Diácono Júlio César Silva e, nas seguintes, o Rev.do Padre Manuel Elias Ferreira. Assistente eclesiástico da Liga dos servos de Jesus, substituindo o Rev.do Padre Alfredo Pinheiro Neves e também do Instituto de S. Miguel.

6. Rev.do Padre Daniel Lopes Barroso, com a supervisão e a coordenação do Rev.do Padre José Manuel Martins de Almeida - Administrador Paroquial das paróquias de Linhares da Beira (Nossa Senhora da Assunção), Salgueirais (Nossa Senhora das Neves), Cortiçô da Serra (Imaculada Conceição), Vide-entre-Vinhas (Nossa Senhora da Anunciação), Prados (Nossa Senhora da Assunção), Rapa (Santo André), Cadafaz (São Sebastião) e Vale de Azares (Nossa Senhora da Consolação), substituindo, nas quatro primeiras, o Rev.do Padre José Manuel Martins de Almeida e nas 4 últimas os Rev.dos Padre Vítor Manuel de Paiva Ramos e Diácono Júlio César Silva.

7. Rev.do Padre Francisco Monteiro Martins Mata*, do Presbitério da Diocese de Bayonne (França) e natural desta Diocese da Guarda –Pároco das Paróquias de Manteigas (Santa Maria e S. Pedro), Sameiro (S. João Baptista), Vale de Amoreira (Nossa Senhora da Anunciação) e Valhelhas (Santa Maria Maior), substituindo o Rev.do Padre Luís Miguel Pardal Freire.

8. Rev.do Padre João Mário Duenes Muños (missionário colombiano) – Pároco de Almeida (Nossa Senhora das Candeias), Malpartida (Nossa Senhora da Assunção), Junça (Santa Maria Madalena) Naves (S. Tiago Maior), Aldeia Nova (Santa Maria Madalena), Leomil (Nossa Senhora da

Anunciação), Azinhal (Nossa Senhora do Rosário), Peva (Santa Maria Madalena), Valverde (Nossa Senhora da Graça), substituindo o Rev.do Padre Francisco Inácio Fernandes Vilar.

9. Rev.dos Padres Devandra Buria e Elísio do Rosário Gama (dos Missionários do Verbo Divino) – Párcos “in solidum” das Paróquias de Nossa Senhora da Oliveira de Tortosendo, S. Roque das Cortes e Santo Aleixo de Unhais da Serra, sendo moderador o primeiro e substituindo, nas mesmas funções o Rev.do Padre Jacek Cesary Baginski (também dos Missionários do Verbo Divino).

10. Rev.do Padre Jacek Cesary Baginsky (dos Missionários do Verbo Divino) – Confirmado Reitor do santuário de Nossa Senhora das Dores (Paul) e Pároco de Paul (Nossa Senhora de Anunciação), Erada (S. Pedro), Sobral de S. Miguel e Casegas (S. Pedro ad vincula), sendo nomeado seu vigário paroquial o Rev.do Padre Nicodemus Moruk (igualmente dos Missionários do Verbo Divino).

11. Rev.do Padre José Manuel Martins de Almeida – Pároco de Vila Boa do Mondego (Transfiguração do Senhor Jesus Cristo), substituindo os Rev.dos Padre Vítor Manuel de Paiva Ramos e Diácono Júlio César Silva.

12. Rev.do Padre Vítor Manuel de Paiva Ramos – Assistente Espiritual e Religioso (Capelão) do Hospital Sousa Martins, na Guarda, continuando a colaborar nessas mesmas funções o Rev.do Padre Joaquim Álvaro de Bastos.

13. Rev.do Padre Rui Miguel Manique Nogueira – Assistente Diocesano do Corpo Nacional de Escutas, substituindo o Rev.do Padre José Manuel Dias Figueiredo.

Rev.do Padre Manuel Fernando Presa Valente – Diretor do Departamento do Ensino da Igreja nas Escolas e a Irmã Ascensão Pires dos Santos, sua adjunta

14. Dr.a Maria Alice de Matos Rosa –Presidente da Direcção da Obra de Socorro Familiar – Abrigo de S. José, com sede na cidade do Fundão

15.Rev.do Padre Nuno Maria Almeida Silva – autorizada a sua nomeação pelo Arcebispo de Freiburg, Alemanha, para uma missão pastoral de apoio aos emigrantes portugueses, que começa em 01.09.2019 e termina em 31.08.2024

Reverendo Diácono António Bernardino dos Santos Diogo cooperador pastoral nas referidas paróquias confiadas ao mesmo Rev.do Padre Ângelo Miguel Nabais Martins

16. Reverendo Diácono José Luís Carvalho Ferreira Leão cooperador pastoral nas referidas paróquias confiadas ao mesmo Rev.do Padre Henrique Manuel Rodrigues dos Santos

17. Reverendo Diácono Júlio César Silva cooperador pastoral nas referidas paróquias confiadas aos Rev.dos Padres Carlos Alberto Correia Lages e Alfredo Pinheiro Neves

18. Reverendo Diácono Carlos Manuel Frias cooperador pastoral na referida Paróquia de S. Bartolomeu de Nave de Haver, confiada ao Rev.do Padre António da Cruz Marcos Vaz

19. Reverendo Diácono José Marques Pereira Martins cooperador pastoral, nas Paróquias de Peraboa e Ferro, arceprestado da Covilhã, Diocese da Guarda, sob a orientação do Pároco, Reverendo Padre Celso Rocha Marques

*Nota:

O Rev.do Padre Francisco Monteiro Martins Mata é um sacerdote natural da nossa Diocese (Inguias). Com os pais emigrados em França, frequentou o Seminário e foi ordenado Sacerdote, no ano de 2005, na Diocese de Bayonne e integrado no seu Presbitério. Agora solicitou ao seu Bispo, D. Mark Aillet, autorização para acompanhar os pais, que desejaram vir para Portugal. Há um acordo assinado entre o Bispo da Guarda e o Bispo de Byonne sobre a permanência deste sacerdote na nossa Diocese sem deixar de pertencer ao Presbitério de Bayonne. Segundo este acordo, o Padre Francisco Mata permanece ao serviço da nossa Diocese durante três anos, podendo ou não essa permanência ser renovada, a contento das partes.

22.7.2019

*Nota:

O Rev.do Padre Francisco Monteiro Martins Mata é um sacerdote natural da nossa Diocese (Inguias). Com os pais emigrados em França, frequentou o Seminário e foi ordenado Sacerdote, no ano de 2005, na Diocese de Bayonne e integrado no seu Presbitério. Agora solicitou ao seu Bispo, D. Mark Aillet, autorização para acompanhar os pais, que desejaram vir para Portugal. Há um acordo assinado entre o Bispo da

Guarda e o Bispo de Byonne sobre a permanência deste sacerdote na nossa Diocese sem deixar de pertencer ao Presbitério de Bayonne. Segundo este acordo, o Padre Francisco Mata permanece ao serviço da nossa Diocese durante três anos, podendo ou não essa permanência ser renovada, a contento das partes.

22.7.2019

+Manuel R. Felício, Bispo da Guarda